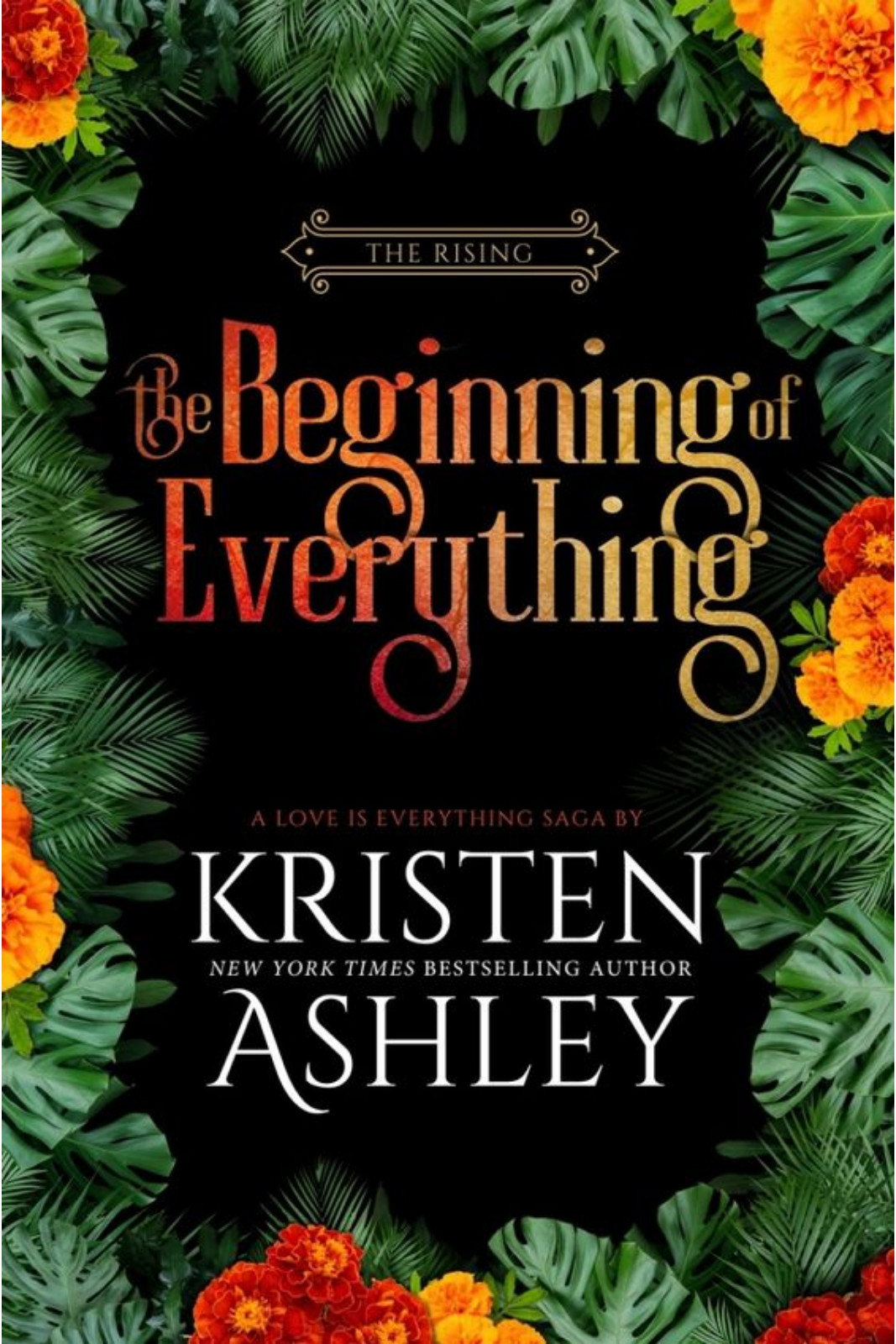




THE RISING

the Beginning of
Everything

A LOVE IS EVERYTHING SAGA BY

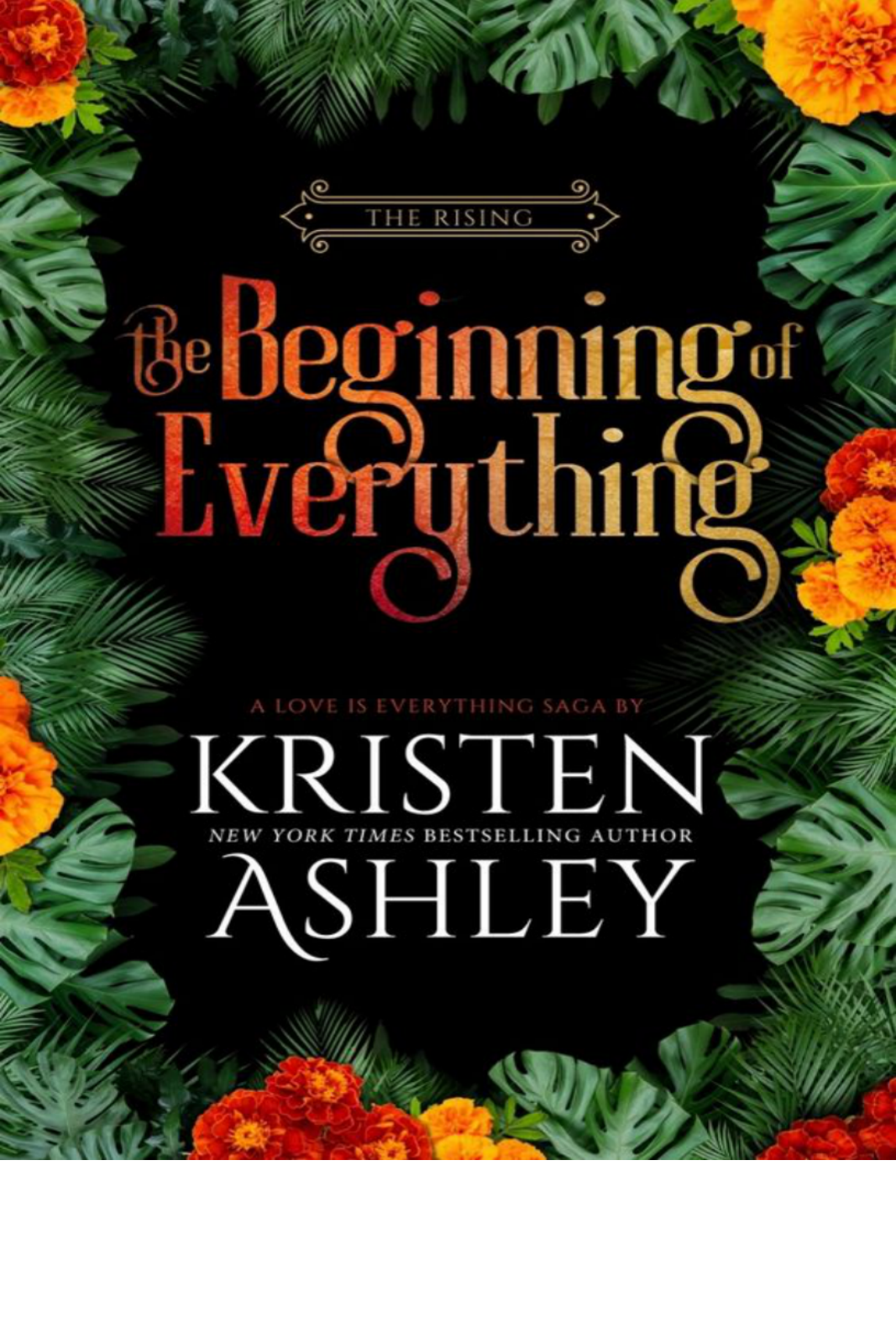
KRISTEN

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ASHLEY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



THE RISING

the Beginning of
Everything

A LOVE IS EVERYTHING SAGA BY

KRISTEN
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
ASHLEY



THE RISING SERIES





THE
BEGINNING OF
& EVERYTHING



KRISTEN
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
ASHLEY

PRÓLOGO



A Profecia

Era uma vez, em um universo paralelo, uma abundância de beleza e riquezas no continente de Tritão¹.

No entanto, durante milênios, os povos desse continente não conheceram nada além de desconfiança, opressão e guerra.

A paz não era o destino escolhido pelos governantes.

As diferenças eram insultadas.

A subjugação era observada.

Buscava-se o conflito.

Em uma noite fria na Cidadela do Céu², quebrada por séculos de exploração e sem alternativa, as mulheres reuniram suas magias e fizeram o sacrifício final.

Elas mataram os homens que eram seus mestres.

Deixando seus filhos e reunindo suas filhas, elas fugiram da cidade e criaram Os Encantamentos³ da Irmandade Guerreira dos Nadirii⁴.

Na floresta mágica, verde e ensolarada de Os Encantamentos, árvores poderosas encantadas por suas bruxas cresceram altas e fortes,

forneendo casas na árvore para a irmandade de guerreiros habilidosos dos Nadirii. A irmandade acolhia todos os que imploravam aos Encantamentos para escapar de seus opressores e, assim, crescia e prosperava por meio da lealdade e da confiança.

E ganhou a ira dos homens que tentavam coletá-las.

O restante de Tritão se fragmentou, dividindo-se em diferentes reinos.

Havia as dunas e montanhas ensolaradas da região sul de Firenze⁵, rica, devassa e bárbara, cujas minas de joias e campos de especiarias e seda rara no norte faziam dela a nação mais rica de Tritão.

E suas riquezas eram cobiçadas por outros.

Depois, havia as florestas úmidas, férteis e arborizadas, os dells e as planícies da virtuosa região noroeste de Wodell⁶, cujas ovelhas produziam a melhor lã do planeta e cujas plantações e pomares alimentavam o continente.

E cujo povo estava cansado da guerra e se irritava com um rei fraco.

Além disso, havia os penhascos negros da costa norte e os campos ondulados no interior da nação culta de Airen⁷, que produzia azeitonas e vinho e o melhor couro e armas do continente.

E povoada por homens que não aprenderam.

E havia o continente insular de Mar-el⁸. Suas costas estéreis de rocha e praia forçaram seu povo a viver à beira-mar e a se tornar pescadores, marinheiros... e piratas. Mas, dentro de suas fronteiras, havia um segredo.

E seus povos permaneceram afastados do resto por decreto de seu rei.

Por último, havia a Cidade da Cúpula⁹. Conhecida por suas resplandecentes cúpulas douradas, a cidade-estado era o local da religião e dos praticantes de Go'Doan¹⁰. Os sacerdotes e suas misteriosas acólitas¹¹ mantinham-se firmes em três missões sagradas: educação, cura e, acima de tudo, a extensão de suas crenças.

Mas mesmo após a Noite dos Mestres Caídos, que viu o nascimento dos Nadirii...

Dissensões, assassinatos, rebeliões e conflitos reinavam em todo o continente de Tritão.

E então havia aqueles...

Aqueles que veriam o domínio de todos em todas as terras, os povos das nações de Tritão acovardados aos seus caprichos e controlados por novos mestres.

E foram esses que conspiraram para despertar a Besta, uma criatura temível que causou tragédia e devastação em todo o continente que havia sido vencido séculos antes.

Previendo isso, um poderoso grupo de bruxas proclamou a profecia.

Os quatro guerreiros mais fortes de Tritão devem se casar com suas quatro bruxas mais poderosas, unindo todas as nações.

Há a donzela silenciosa, Silence, nascida de Wodell.

E o rei selvagem, Mars, nascido de Firenze.

E o guerreiro frio, Cassius, nascido de Airen.

E a bruxa feroz, Elena, nascida dos Nadirii.

E o soldado inabalável, True, nascido de Wodell.

E a beleza banida, Farah, nascida de Firenze.

E o rei pirata, Aramus, ascendeu em Mar-el.

Para fazer de Ha-Lah, a cruzada, sua rainha.

Se esses homens e mulheres conseguissem enxergar além de suas diferenças de cultura e história, orgulho, política e passado - e o amor pudesse prevalecer -, sua força e magia floresceriam...

Então, eles poderiam enfrentar a Ascensão.

E talvez derrotar a Besta.

A hora chegou.

Ele foi despertado...

E está se levantando...



A Alimentação

O Padre

Campo de Rituais Antigos¹², Pequena Floresta de Thicket¹³
WODELL

Ele se afastou de seus quatro irmãos enquanto eles faziam seu trabalho.

Não é que ele não tivesse estômago para isso.

Bem, não *essa* parte do trabalho.

No entanto, a parte que acabara de ser concluída...

A parte que significava que a virgem estocada nua na terra, com os braços abertos para cima e as pernas abertas, não era mais virgem. A semente de quatro homens fluía dela para a terra.

Ele não tinha estômago para essa parte.

Foi a parte seguinte que ele gostou bastante.

Ele ficou feliz ao notar que ela já havia parado de gritar há muito tempo.

—Continue— ele ordenou quando um dos homens que havia vestido novamente sua túnica cinza-escura virou a cabeça na direção

do sacerdote para receber instruções.

Foi quando tudo aconteceu. Quando o ritual fez seu sangue se acelerar. Sua pele se aqueceu.

Foi quando os homens se aproximaram dela com seus punhais desembainhados e, quando eles ganharam seus lugares, caíram de joelhos.

Ela não conseguiu mais do que um mero gemido quando a primeira lâmina entrou em seu lado esquerdo, na cintura.

E depois saiu, com o sangue saindo do ferimento, ondulando em direção à terra.

Outro gemido, ainda mais leve, quando a outra lâmina atingiu seu lado direito.

E saiu.

A próxima lâmina deslizou com precisão, perfurando seu coração, causando um verdadeiro suspiro.

E depois saiu.

E a próxima, o útero com um corte para cima e, nesse ponto, nenhum som.

O punhal foi retirado.

Foi então que o sacerdote se moveu em suas vestes brancas em direção a ela, seus dedos envolvendo carinhosamente sua própria adaga em seu cinto dourado.

Não havia mais nada nela que pudesse sequer virar a cabeça e olhar para ele, mesmo que ainda respirasse. Ela não fez nada além de olhar para o céu estrelado por entre as árvores frondosas. As bombadas de sangue que saíam de seu peito à medida que o órgão perdia a força eram a indicação de seu corpo do desejo desesperado de

permanecer preso a esse reino, mesmo que, talvez, ela não compartilhasse desse desejo.

Ela encontraria a paz.

Ele não tinha certeza disso, mas, a essa altura, isso realmente importava?

Ele se agachou perto dos cabelos castanhos brilhantes dela, que agora estavam cheios de sujeira, lama, galhos e folhas, emaranhados e até mesmo com ratos em alguns lugares, devido às suas lutas naquela noite.

Ela tinha sido muito animada.

A Besta gostava mais delas.

—Sinto muito, minha querida. Precisamos alimentar a Besta— ele murmurou antes de passar a lâmina pela traqueia dela, abrindo a carne e criando uma onda de sangue.

Um gorgolejo saiu de seus lábios.

Depois, dois.

Depois disso, o sacerdote observou a luz se apagar de seus adoráveis olhos azuis.

Ele se levantou, deu um passo para trás e ordenou: —Desamarre-a e vire-a para que ela drene diretamente.

Os quatro homens agiram conforme a ordem.

O padre ficou separado, observando, esperando.

E, quando veio, foi mais do que satisfatório.

Muito mais.

O estrondo, o rugido, o rolar da terra sob seus pés foi tão poderoso que quase o tirou de si mesmo.

Não havia sido assim quinze dias antes.

Definitivamente, não foi assim na quinquena anterior.

Décadas atrás, quando ele assumiu seu papel de supervisor do ritual, não havia quase nenhum estrondo, nenhum rugido.

Mas agora, ele se tornou forte.

E faminto.

—Meu senhor— disse um dos homens, com os olhos arregalados e voltados para o sacerdote.

—Não falta muito— anunciou o sacerdote.

—Então, toda semana— declarou outro dos homens. —Séculos de ritual. Os sacrifícios. Tão perto. Posso sentir sua força. Sua fome. Toda semana nos reuniremos neste lugar sagrado e...

—Não— negou o sacerdote. —Todo mês.

—*Mês?*— perguntou outro homem com incredulidade. —Tem sido a cada quinze dias por dois séculos *e meio*.

—Você vai enfurecer a Besta— disse o colaborador impaciente.

—Ele precisa entender quem é o seu mestre— lembrou o sacerdote.

—Quem *são* seus mestres— o homem o corrigiu, e o sacerdote estreitou os olhos.

Quando a besta fosse dele, ele seria o primeiro.

—É claro— murmurou o sacerdote.

—Parece que todo mês...

—*Nós* a alimentamos. *Nós* a nutrimos. *Nós* lhe damos o que ele precisa. *Nós* o fazemos crescer forte. Seremos *nós* que o libertaremos. Ele precisa aprender a ter paciência. Ele precisa aprender a ser grato. Ele deve aprender— ele se inclinou na direção dos homens, —*servidão*.

O padre se inclinou para trás e passou o olhar pelos quatro homens, avaliando cada um deles.

No entanto, ele se deteve em seu favorito, como era de seu costume, pois havia muito para se deter.

Eles haviam sido escolhidos cuidadosamente. Foram treinados adequadamente. Eles, e aqueles que vieram antes deles, viveram, conspiraram, planejaram, estupraram e assassinaram por um objetivo.

O objetivo que eles alcançariam enquanto os pés desses homens andassem sobre a terra.

Enquanto *seus* pés andassem sobre a terra.

E o que ele viu então foi que esses homens sabiam disso.

O padre teria paciência. Eles a dariam a ele.

Pois se o fizessem, todos seriam reis.

(Exceto um, mas ele sempre foi incômodo).

—*Nós* sabemos, assim como nossos irmãos antes de *nós*, e aqueles antes deles, e de trás para frente, há mais de duzentos anos, o que desejamos— declarou o padre. —A tradição não é tradição. A Besta habita no submundo. Foi banida para lá após sua última ascensão. Ele se levantará novamente. Ele será nosso.— Ele fez uma pausa para dar efeito, algo em que ele se sentia muito bom, antes de declarar grandiosamente: —E então *Tritão* será *nosso*.

Houve um baixo ‘Huzzah’ de seus conspiradores, mas, por outro

lado, um rugido alto não seria o ideal. Eles estavam nas profundezas da floresta. Não havia ninguém por perto.

Mas não seria bom que seu local sagrado, que havia permanecido secreto por mais de duzentos anos, fosse descoberto tão tarde.

Obviamente, ainda mais depois de um ritual.

—Ela certamente está esgotada— observou o padre. —Levem-na. Esta noite, nosso trabalho está concluído. Nós nos encontraremos novamente em um mês. E é— seu olhar recaiu sobre o cúmplice impaciente, —sua vez de encontrar o candidato.

Seus irmãos menos queridos lançaram ao padre um olhar que dizia que ele queria abrir a boca e contar alguma coisa.

Sabidamente, ele não o fez.

Com a facilidade da prática, o sacrifício foi embrulhado em um lençol, carregado em um cavalo e, com despedidas rápidas, três dos quatro homens foram embora.

Deixando o padre com seu favorito.

—Tem certeza de que devemos esperar um mês inteiro?— perguntou seu escolhido quando o padre se aproximou dele. —Aquele rosnado parecia...

—Abra suas vestes— ordenou o padre em voz baixa.

Olhando para cima, ele viu os olhos de seu irmão arderem.

Com satisfação, ele então abriu suas vestes e se expôs.

Foi gratificante, pois foi logo depois que ele se esgotou dentro do seu corpo.

E foi gratificante porque era muito bonito de se ver.

O padre se ajoelhou e levou seu eixo até o fundo da boca.

E mais gratificação com o gemido estrondoso.

Ele a saboreou por apenas alguns golpes.

Depois disso, ele provou apenas o sabor do homem.

Mais tarde, com as vestes nevadas postas de lado, nu de quatro ao luar, com o pênis duro e grosso enfiado no traseiro, com as mãos e os joelhos na terra encharcada de sangue, a cabeça do padre balançou para trás e ele gritou seu prazer na noite enlutarada, enquanto despejava sua semente na terra.

Sua escolhida o ordenhou até secar, antes que suas investidas se tornassem mais violentas e ele disparasse para o fundo.

Terminado, ele ficou ali, murmurando: —Deuses, mas seu traseiro é apertado e quente.

—Você realmente precisa se lembrar de trazer óleo, Rupert— murmurou o padre.

Ele sentiu seu amante se curvar sobre ele, ainda duro por dentro.

—Você gosta da dor— ele sussurrou no ouvido do padre.

De fato.

—Retire. É preciso que a gente vá embora.

Sabendo exatamente como ele gostava, o final da penetração foi duro, fazendo o padre gemer.

—Ah, sim, ele gosta da dor— foi sussurrado acima dele.

O padre ignorou isso enquanto esfregava sua semente na terra.

Não houve nenhum rosnado nisso.

Apenas um zumbido.

E tendo feito isso, exatamente assim (embora com parceiros diferentes), por mais de uma década, o padre sabia que ele era o único que sentia o zumbido.

Portanto, ele sabia quem seria o verdadeiro mestre da Besta.



As Pedras Paradas

O Grande Coven¹⁴

Silbury Henge¹⁵, Floresta de Argyll¹⁶

AIREN

Na clareira da floresta, o primeiro lampejo de luz surgiu diante da primeira das cinco pedras de pé.

Era azul-marinho.

Quando a mulher deu um passo à frente do clarão, imediatamente a pedra ao lado dela se iluminou com luz vermelha.

E essa mulher deu um passo à frente.

Na próxima, a luz era verde.

E depois que a mulher deu um passo à frente, um flash de branco brilhante.

Essa mulher se juntou às outras na laje no centro do círculo.

Uma laje que, nos tempos antigos, havia conhecido o sangue de humanos e depois o sangue de animais.

Mas, por milênios, ela não conheceu nenhuma oferta além do vento que cortou suas bordas curvas e lisas, a chuva que bateu sua

altura na terra, o sol que descoloriu sua cor.

Assim como as pedras ao seu redor. Outrora altas e orgulhosas, com mais de dois andares em direção ao céu, agora elas estavam a pouco mais de um, com as bordas embotadas, uma delas tendo sido atingida por um raio que a enfraqueceu, de modo que um fragmento se quebrou e despencou, enterrando-se na terra ao lado de sua irmã.

As quatro mulheres se viraram.

A quinta luz brilhou como coral e, através dela, surgiu Ophelia, a Rainha da Irmandade Nadirii.

—Irmã.

—Irmã.

—Irmã.

—Irmã.

—Minhas irmãs— murmurou Ophelia em saudação, tomando seu lugar entre suas irmãs na laje.

—Tudo de bom para você?— Rebecca dos Dellish¹⁷ perguntou, com o olhar fixo na rainha.

—Esta noite não. O distúrbio voltou a ocorrer, bem na hora certa — respondeu Ophelia.

Essa não era a resposta para a pergunta de Rebecca e Ophelia sabia disso.

Rebecca não respondeu.

—Temos trabalho a fazer— observou Lena de Mar-el, aproximando-se do altar.

Os outros seguiram o exemplo.

Lena começou.

Tocando a pedra com a ponta dos dedos, ela disse claramente: —
A lua.

Nandra dos Firenz¹⁸ tocou a pedra. —O sangue.

Fern, dos Airenzianos¹⁹, tocou a pedra. —A estrela.

Rebecca seguiu o exemplo. —A terra.

Ophelia foi a última. —A irmandade.

Um frisson de energia subiu por seus braços, cantando sob seus pés, vibrando nas pedras, e o ritual simples se completou, o círculo se uniu, o coven se fez presente, e elas tiraram as mãos.

—Eles despertam a Besta— Rebecca lhes disse o que todos eles já sabiam e tinham, há alguns anos.

—Eles estão camuflados. Com o poder do último despertar, passei quinze dias tentando encontrá-los e nada mais. Sem dormir, sem comer, em meditação profunda, lançando feitiços que não eram tentados há séculos. E não consegui— declarou Lena.

—Eles têm um feiticeiro poderoso entre eles— murmurou Ophelia.

—Go'Doan?— Nandra perguntou de forma mordaz.

Ophelia olhou para a irmã, compartilhando sua antipatia pelos Go'Doan, pelo menos alguns deles (bem, na verdade, a maioria deles), mas sem demonstrar. —Eu suspeito, mas não tenho certeza. Também não consigo senti-los.

Isso foi uma surpresa.

Especialmente depois de todos esses anos de tentativas.

Elas eram as bruxas mais poderosas de suas terras, Ophelia era de longe a mais poderosa entre elas.

Isso não era bem verdade.

Elas eram as bruxas mais poderosas que qualquer pessoa de suas terras conhecia.

No momento.

Parece que as outras precisariam ser reveladas.

—A profecia deve começar— Fern compartilhou.

Todas as bruxas observaram Ophelia atentamente depois que isso foi dito.

Mas era verdade.

Quando a Besta foi banida, o coven se ergueu.

E a cada geração, durante milênios, as filhas eram selecionadas.

E os filhos.

Apenas para esse acontecimento.

Para que pudessem bani-la de volta.

—Não podemos nos atrasar mais, Ophelia— disse Rebecca gentilmente. —Todos nós tentamos encontrá-los. Todos nós tentamos repetidamente detê-los. Passamos os últimos dois anos nessas tentativas. Mas isso já foi longe demais. A Besta acordou. Ele se aproxima da superfície. Não preciso mais sentir a terra se mover para saber que isso é verdade. Eu sinto... isso quando eles o alimentam.

—Você se preocupa com sua filha— observou Lena, ainda observando Ophelia com atenção.

—Eu me preocupo com todas as nossas filhas— respondeu Ophelia.

—É bem verdade. Nada disso será aceito prontamente— disse Fern sem fôlego.

—Você quer dizer que nenhuma delas será prontamente aceita— declarou Nandra, irritada. —Como sempre, é costume da mulher buscar e construir seu lugar com o homem. Especialmente em sua terra.

Fern desviou o olhar, com as bochechas coradas, mas Ophelia falou.

—Não devemos nos desentender entre nós. Isso não servirá para nada. Fern, mais do que qualquer um de nós, até mesmo os Nadirii, está ciente do que acontece em sua terra.

Nandra fechou a boca.

—Das filhas enviadas, temo que a sua, minha irmã, minha amiga, terá o caminho mais difícil a percorrer— comentou Rebecca com Ophelia. —Nós, nenhuma de nós, temos sangue nesse jogo. Não é ninguém de nosso próprio ventre que vai para essa tribulação. Somente o seu.

—Estou ciente disso— respondeu Ophelia. —Mas minha Elena, como sempre, caminhará com os ombros erguidos para fazer seu sacrifício.— Ophelia deu uma olhada entre suas irmãs. —Todas elas o farão. A tradição perdura há milênios. A devastação que a Besta causou a esta terra e a seus povos pode ter se transformado em histórias que os pais contam aos filhos para lhes dar um tipo diferente de frio em uma noite fria de inverno. Mas os Go'Doan terão sentido isso. As bruxas. Os videntes. Os feiticeiros. O véu da magia cresce inquieto em Tritão. Nenhum deles desistirá. Todos concordarão. E não é uma mão totalmente ruim a que receberam.

—Você está falando, é claro, dos guerreiros— disse Lena, irritada.

—Ou dos guerreiros com cajados que só seguram nas mãos para fins pessoais— murmurou Rebecca.

Ophelia inspirou pelo nariz como uma forma de afirmação.

—Devemos jogar as peças, fazer as combinações e acabar com isso — declarou Nandra. —Todos nós temos governantes com os quais precisamos conversar e convencer sobre seus futuros. E o lançamento das peças será, de longe, o menos oneroso de nossos esforços.

Ela estava certa.

Em todos os aspectos.

Incluindo o fato de que eles devem jogar as peças.

Ophelia sentiu seu coração apertar.

—A Cabeça²⁰ já está acasalada com o Cristal²¹, então não devo jogar— ressaltou Lena. —E é melhor lembrar que isso aconteceu.

—E por que isso acontece?— perguntou Nandra.

—Porque ela compartilha que esse é o destino. Eles foram feitos para ficar— respondeu Lena. —Eles se acasalaram sem nossa intervenção, assim como os outros, se lhes fosse dado tempo, também o fariam.

Ah, Lena.

Brusca com a testemunha, mas suave por dentro.

Ela tentou fazer com que Ophelia não temesse tanto o que poderia estar por vir, especialmente em seu estado atual.

Mas não havia nada que pudesse fazer Ophelia temer menos o que poderia estar por vir, não importava o que as telhas decretassem.

Ela esperava que sua filha fosse sua sucessora.

A segunda filha.

Mas nascida para governar.

—Pelo que sei, Aramus e Ha-Lah se detestam— respondeu Nandra. —Seu rei chegou a consumir a união?

—Não por falta de tentativa— retrucou Lena.

—A semente dele gasta em seu estômago é o motivo pelo qual não sentimos o poder crescente deles— observou Nandra.

—Não tenho certeza de que, quando ele passa a semente, é no estômago... pelo menos não regularmente— murmurou Lena.

—Isso é pior— disse Rebecca, de forma inusitada.

—Ah, os Dellish e seus costumes peculiares— murmurou Nandra, com os lábios cheios fazendo uma careta.

Talvez a Cristal esteja mais disposta a seus encantos se souber que o acasalamento com ele salvará a terra— Lena replicou rapidamente, antes que Rebecca pudesse fazê-lo. —Ouvi dizer que ela é muito feia.

—Ouvi dizer que ela é muito briguenta, então talvez nem isso funcione— Fern murmurou enquanto se inclinava para Rebecca.

—Tragam as pedras— Ophelia disse com um suspiro.

Rebecca procurou as padras no bolso de sua saia e olhou para Ophelia, com um tom novamente gentil.

—Você gostaria de ir primeiro, minha irmã?— ela ofereceu.

—A partida de minha filha será a última— recusou Ophelia. —Ela ficará com o que sobrar.

Todas acharam que isso era sensato. Se Ophelia jogasse as peças, a magia faria a seleção, mas seria diretamente de sua mão, para onde o destino apontou sua Elena.

No entanto, antes que eles pudessem decidir quem iria primeiro - Wodell, Firenze ou Airen - Rebecca bagunçou as peças em sua mão.

Ou...

Ela não as derrubou.

De qualquer forma, eles saíram de sua mão e bateram na laje.

Rebecca e Fern arfaram.

Os olhos de Nandra se arregalaram.

Lena sorriu.

Ophelia observava atentamente.

Fagulhas de marinho frio, vermelhão brilhante, verde folha, branco marcante e coral profundo dançavam enquanto as padras retangulares creme dançavam.

Aquele com o arco e a flecha cruzados impressos em preto nos dois lados.

O Guerreiro²².

Significando Elena dos Nadirii. Princesa da Irmandade. Filha de Ophelia.

O que tem a forma de diamante.

O Cristal.

Ha-Lah dos Mar-el. Nova rainha do Rei Aramus da ilha-nação dos piratas.

A que tem a mortalha.

A Sombra²³.

Silence dos Dellish. Condessa de Arbor. Sobrinha do rei.

O que tem a mão com o olho na palma.

O Sábio²⁴.

Farah de Firenze. Filha de um traidor. Despojada de status e posses. Vivendo no deserto em exílio.

Depois, havia aquele com um triângulo de cabeça para baixo no círculo, no qual havia asas em dois lados.

A Cabeça.

Aramus. Rei de Mar-el. Pirata. Protetor dos mares.

E aquele com um triângulo sobre o outro em um círculo, ao redor do qual havia uma flor.

O Coração²⁵.

True. Príncipe dos Dellish. Herdeiro do trono.

E aquele com a lua crescente no topo, cercado por dois círculos, rodeado por pétalas de lótus.

O Galo²⁶.

Mars. Rei de Firenze. Ascendeu ao trono após o assassinato de seu pai. Agora governa e é amado por seu povo.

E o último, outro triângulo de cabeça para baixo, no qual havia uma chama sobre uma lâmpada, encaixada em um quadrado, cercada por um círculo, do qual, ao norte, sul, leste, oeste, brotavam pétalas de lótus.

Cassius. O segundo filho. Príncipe de Airen. Nascido como um soldado e agora herdeiro do trono.

Com um estrondo, o Cristal e a Cabeça se juntaram, fizeram um barulho alto, soltaram faíscas de fogo marinho e caíram como uma só pedra, agora com o cristal no centro da insígnia.

Os outros estalaram e chacoalharam.

E, com um toque de vermelhão, o Sábio se uniu ao Coração e caiu no altar, com a mão sábia agora embutida no centro do triângulo da insígnia.

E então houve um lampejo de verde, A Sombra se uniu ao Galo e caiu no altar, a mortalha desapareceu, um rosto com os olhos bem abertos, os lábios curvados em um pequeno sorriso onde a lua crescente estava.

Foi isso que fez com que Ophelia emitisse um gemido abafado que ela não conseguiu controlar antes que a chama do coral levasse o a pedra do Guerreiro direto para as Esferas e, com uma explosão silenciosa, eles caíssem na laje, a vela desaparecida, um unicórnio agora orgulhoso no centro do símbolo.

A magia recuou e o altar ficou iluminado apenas pelo luar, enquanto as bruxas olhavam para baixo.

Elas conheciam Aramus e Ha-Lah.

Mas agora eram Farah e True.

Silence e Mars.

E Elena e Cassius.

Não poderia haver um casal pior para Ophelia.

Para Elena.

Era seu medo mais profundo.

Realizado.

Rebecca falou primeiro.

—Sinto muito, minha irmã.

—Assim como eu.

—Assim como eu.

—Assim como eu.

Ophelia olhou para o unicórnio na última pedra por longos momentos, esperando que sua magia e abundância significassem algo promissor, antes de levantar os olhos para suas irmãs.

—Está feito— ela anunciou.

Não está.

Ainda não.

Mas será.

Por todas as deusas e todas as coisas sagradas.

Ophelia apenas desejava, no fundo de seu coração, que nenhuma daquelas filhas sofresse.

Demasiado.

Especialmente a sua.

Mas, infelizmente, para sua própria filha, ela temia não estar lá para ver.



O Segundo Filho

Príncipe Cassius Laird

Quarto do Príncipe Herdeiro, Cidadela do Céu, Baía do Céu
AIREN

Cassius mantinha a mão sobre a boca da criada enquanto a empurrava para dentro, com a outra mão enfiada entre as pernas dela, o dedo médio ocupado.

E eficaz, se a dificuldade que ele estava tendo para conter os gemidos, as lamúrias e os 'por favor', 'mais' e 'mais forte' dela pudesse ser considerada.

Felizmente, em pouco tempo, ela chegou ao clímax.

Agora, finalmente, ele podia ver a si mesmo.

Ele fez isso o mais rápido possível e com um grunhido que não tentou abafar, e não apenas porque não era alto.

O que havia acabado de acontecer tinha sido...

Adequado.

Ele não se curvou contra ela quando terminou para se recuperar, principalmente porque não havia muito do que se recuperar.

Respirando fundo, ele se afastou, deixou cair as saias dela, que ele estava segurando com um antebraço na frente, enquanto os quadris dela faziam isso atrás, e se afastou dela, onde ela se segurou em uma das colunas da cama.

Ele colocou as duas mãos nos botões de seu couro depois de enfiar o pênis ainda molhado e duro dentro dele. Ele a lavaria dele mais tarde, quando ela não pudesse ver.

—Vossa Senhoria— sussurrou ela, com a voz trêmula.

—Obrigado— murmurou ele, indo em direção à porta, continuando a abotoar as calças.

—Vossa Senhoria!— ela chamou.

Pelos malditos deuses, essa era a parte que ele mais odiava.

Ele olhou para ela e viu que ela estava com os olhos lânguidos, mas brilhantes e esperançosos.

—É... sempre tão rápido. Eu poderia... visitá-lo durante a noite— ofereceu ela, hesitante.

—Não— Cassius recusou abruptamente, virou-se e saiu da sala.

Só que praticamente esbarrou em Mac quando ele entrou na passagem, pois o homem estava encostado com os ombros na pedra negra da cidadela, bem ao lado da porta do quarto de Cassius, com a cabeça voltada para Cassius e um sorriso malicioso na boca.

—Deveríamos arranjar um profissional para você, meu irmão. Você teria um clímax muito mais alto— ofereceu Mac, ou como seu pai o chamava, Macrinus.

—Estou cansado da minha mão— murmurou Cassius, continuando a caminhar pela ampla passagem, com as botas silenciadas pelo grosso corredor, que tinha cores escuras, do preto ao

carvão e à meia-noite, com leves toques de prata.

Se você tivesse tempo, o que ele raramente tinha, e ficasse parado no corredor e permitisse que seus olhos o absorvessem, a longa extensão do corredor parecia uma faixa interminável do céu noturno.

Na verdade, tudo ao redor dele era escuro. A pedra negra do castelo. O carpete. O ferro forjado ao redor dos grandes, grandiosos e ostentosos lustres pendurados em correntes ao longo do teto. As longas e pesadas cortinas de veludo da meia-noite que cobriam as laterais das janelas largas e pontiagudas à sua direita. A camisa de couro preto, as calças e as botas que cobriam seu corpo e o de Macrinus.

Muito escuro.

Tudo isso.

Uma metáfora física para a vida de Cassius.

Mac entrou no mesmo passo que ele. —Você sabe, não é apenas uma função corporal.

Isso ele sabia.

Muito bem.

Cassius apenas se conteve para não fechar os olhos ao ver o quanto ele sabia exatamente isso e continuou sem perder o ritmo.

O tom de Macrinus estava muito alterado quando ele começou: —Irmão...

—Fale mais sobre esse assunto, você o fará engolindo os dentes— disse Cassius.

Mac deu um tempo, caminhando ao lado dele, antes de dizer: —Eu não estava do lado de fora do seu quarto para fazer um teste audível da bela criada que você escolheu, Cass. Seu pai me mandou

buscá-lo.

Com isso, Cassius parou e se virou para o amigo.

—Pelo amor de Deus, *por quê?*— perguntou ele.

—Não sei— respondeu Mac. —A Terra é redonda. O céu é azul. Seus ovos não foram feitos a seu gosto hoje de manhã. Ele respira. Você respira. Eu respiro. Gallienus precisa de um motivo para exigir sua presença?

Infelizmente, seu pai não precisava e nunca precisou.

Isso não só porque o homem era seu pai, mas também porque era rei.

Cassius continuou a andar.

Mac também o fez.

—O tremor aconteceu novamente na noite passada— observou Macrinus desnecessariamente.

—Eu sei, Mac— disse Cass em um suspiro. —Eu o senti. Os trolls, as fadas e os gnomos sentiram. Até as sereias e os gogmagogs²⁸ provavelmente sentiram.

—Bem, meu palpite é que os terremotos não acontecem a cada quinze dias, de hora em hora, durante meses— declarou Mac.

Sem perder um passo, Cassius lhe deu uma olhada, perguntando: —Você acha?

As sobrancelhas pesadas de Mac se juntaram. —Você está de mau humor para um homem que acabou de usar uma criada para um bom propósito.

Cassius parou.

Mac também, e sua sobrançelha não havia se franzido.

—Você precisa...— começou o amigo.

—Cuidado com a forma como você termina isso— Cassius rosnou.

—Cass, já se passaram seis anos— respondeu Macrinus.

Cassius se virou totalmente para ele, erguendo as sobrançelhas e cruzando os braços sobre o peito. —E isso? Isso é algo que você sabe? Esse é o tempo que leva para se curar depois de ver sua esposa grunhir, suar, gritar, empurrar, rezar e sangrar enquanto expulsa sua filha em suas próprias mãos ensanguentadas, condenadas pelos deuses? E então a última coisa que ela faz nesta terra é sorrir para sua querida filha, sorrir para você e depois morrer?

—Você sabe que não tenho esposa e sabe que não consigo imaginar...

—Não— grunhiu Cassius, virando-se, baixando os braços e retomando o passo. —Você não pode. Então pare de falar sobre isso.

—Liviana não gostaria que você continuasse assim...

Seu amigo não terminou, principalmente porque tinha a mão de Cassius em volta de sua garganta e ele havia sido jogado contra a parede de pedra negra em uma passagem da Cidadela do Céu, o castelo do Rei de Airen, situado na capital daquele grande e terrível reino.

—Não— ele murmurou, com o rosto a centímetros do de Mac, — fale sobre o que Liviana desejaria.

Mac não lutou.

Ele também não desistiu.

—Ela não desejaria isso e você sabe disso. Ela gostaria que você encontrasse a felicidade e não com uma maldita criada.

Como se o que ele fez com aquela criada tivesse lhe trazido felicidade.

Ele não se sentia verdadeiramente feliz, infelizmente nem mesmo na presença de sua filha, há seis anos.

Os dedos de Cassius se apertaram. —Estou lhe avisando, Mac.

—E Aelia precisa de uma mãe— cuspiu Macrinus.

Deuses queridos, ele podia realmente sentir o sangue se acumulando em sua cabeça.

—Pelo amor de Deus, vocês dois podem parar com isso?— Nero gritou, e os dois homens olharam para o lado e viram o irmão caminhando na direção deles. —Gallienus está irritado. Seja lá o que for, terminem isso depois.

Cassius deixou a mão cair e se afastou de Mac. —Ele mandou você também?

—Ele chamou todos os seus tenentes e, quando você não chegou, cerca de dois segundos depois que Mac saiu para buscá-lo, ele começou a ficar irritado— respondeu Nero. —Ou... mais irritado.

A cabeça de Cassius se voltou novamente para Mac. —Você não compartilhou isso.

—Desculpe, eu estava muito ocupado sendo abordado para me aprofundar nas notícias desta manhã— retrucou Macrinus.

Cassius voltou sua atenção para Nero, que havia se juntado a eles. —Por que vocês estão todos aí?

—Não faço a menor ideia. Também não me importo muito, além do fato de ter coisas para fazer esta manhã, de querer fazê-las e, portanto, de querer que o que quer que seja seja feito, eu possa continuar fazendo. Em outras palavras, vocês dois podem parar de

perder tempo?

Com isso, Nero se virou e seguiu na direção em que havia chegado.

—Terminaremos mais tarde, não com sua mão em minha garganta — murmurou Mac.

—Não falaremos mais sobre isso, com minha mão em sua garganta ou de outra forma— Cassius murmurou em retorno e continuou a andar, agora seguindo Nero.

Macrinus foi sábio o suficiente para ficar em silêncio.

De fato, ele era sábio na maior parte do tempo.

Parece que quando ele se cansava de ver o irmão sofrer, sua sabedoria diminuía.

Para ser justo, se a mesa estivesse virada, ele poderia se ver intervindo com Mac.

Essa mesa, no entanto, não estava virada.

Eles desceram as escadas e chegaram à grande porta de entrada com seu ameaçador candelabro de ferro forjado, com pontas e intrincado, que tinha a altura de dois homens - *dois* homens altos - pendurado sobre ela.

Eles viraram à esquerda, como Nero havia feito, e entraram no Grande Salão, onde Gallienus fazia a corte, como seu pai havia feito antes dele, e o dele, e, de forma deprimente, durante séculos antes, os pais deles.

O rei se sentou em uma grande cadeira de madeira escura, com almofadas de veludo à meia-noite, esculpida de forma intrincada, com altos degraus de cada lado, vários metros acima da cabeça de seu pai. Atrás de uma longa mesa posta em um estrado elevado, onde, durante

os banquetes ou jantares obrigatórios convocados pelo rei (o que acontecia com frequência), Cassius sentava-se à direita do pai.

E suas três esposas os rodeavam.

Era nauseante, não apenas estar na presença do pai nessas ocasiões (ou em todas), mas também o fato de que o pai era um homem tão pouco homem que não conseguia encontrar o que precisava em uma única esposa.

Ele não tinha o amor delas.

Apenas a ganância, a necessidade de status, o medo, ou todos os três.

Felizmente, após a primeira tentativa de seu pai, ele não exigiu que a neta o acompanhasse até lá.

Ele teve um segundo filho, um substituto para o trono.

Quando ele tentou fazer com que seu governo incluísse a neta, descobriu que não teria nem mesmo isso.

Gallienus nunca mais fez essa tentativa.

Enquanto caminhava pelas mesas onde o número assustador de cortesãos se sentava para jantar quando seu pai estava em pleno modo rei, o que acontecia quase todas as noites, Cassius viu que, de fato, todos os seus homens estavam por perto. Sua guarda pessoal. E isso era verdade mesmo quando eles eram apenas soldados.

Por outro lado, cada um deles considerava todos como sua própria guarda pessoal.

Como deveria ser com os soldados.

Macrinus, é claro. Nero também. Otho. Antonius. Severus. E Hadrian.

Cada um deles era um general.

Todos tinham coisas a fazer.

Cassius sabia que o que quer que estivesse por vir não seria uma bênção.

Ele parou bem na frente do pai, mas não fez nenhuma reverência e, em vez disso, disse: —Você foi convocado?

Cassius suportou o brilho de desagrado dos olhos do pai e não foi difícil fazer isso.

—Antes mesmo de me servirem o café da manhã, a bruxa Fern exigiu uma audiência— começou o pai.

—Ela ainda está viva? Ou você mandou decapitá-la por sua insolência?— Cassius perguntou com ar de desdém.

—Posso mandar decapitá-lo por causa da sua— retrucou Gallienus.

—Na verdade dos deuses, eu até aceitaria isso, pois acabaria com meu sofrimento— murmurou Cassius.

—E quanto a Aelia?— insistiu Gallienus de forma sarcástica.

Cassius sentiu uma pontada aguda em seu coração.

—Ela tem seis pais. Ela vai ficar bem— ele respondeu.

—Isso não está nos levando para onde eu gostaria que estivéssemos— observou Gallienus com hostilidade.

—Por favor— Cassius abriu a mão, —prossiga.

—Estou muito feliz por ter sua permissão— disse Gallienus.

Cass suspirou.

—A bruxa Fern disse que os tremores significam que a Besta está sendo despertada— anunciou Gallienus.

As costas de Cassius se endireitaram e ele sentiu o ar da sala se tornar denso quando seus homens ficaram em alerta.

—Você está brincando— Cass sussurrou.

—Eu gostaria de estar. Infelizmente, não quero. Todas as bruxas se reuniram. Elas estão tentando pôr um fim a isso e descobrir quem está por trás disso. Alguém está despertando a Besta. Eles querem que ela se levante. Que venha à tona. Não sei com que propósito, e isso não importa. Como parece que eles não podem impedir que isso aconteça, precisamos estar preparados.

—E como exatamente vamos nos preparar?— Cass exigiu. —Se a tradição for verdadeira, quase toda a população do continente de Tritão caiu nas mãos dessa Besta antes de fugir para Mar-el. Foi apenas a aversão da Besta à água que os manteve a salvo. Mas já faz tanto tempo, e há tantas encarnações dessa história, que não podemos começar a saber realmente como isso aconteceu. Alguns dizem que forças mágicas o baniram. Alguns dizem que a água a feriu e ela voltou para casa para se recuperar. Outros dizem que...

—Eu conheço a história, Cassius— seu pai o interrompeu. —Também sei que o Grande Coven foi formado naquela época exatamente para esse propósito. Eles se reuniram ao longo dos milênios por outros motivos, mas há um plano que eles elaboraram naquela época antiga e que cultivaram cuidadosamente ao longo dos séculos. E está chegando a hora de colocá-lo em ação.

—E o plano é?— perguntou Cassius.

—O Rei Mars se casará com a sobrinha de Wilmer, uma garota chamada Silence.

Cass não gostou nem um pouco de como isso começou.

E ele sabia, irrefutavelmente, que Mars ia enlouquecer por ter que se casar com uma Wodell.

—E como é esse casamento?

—E o Príncipe True se casará com uma mulher de Firenze chamada Farah.

Triste para True, que muitos diziam estar profundamente apaixonado pela segunda filha dos Nadirii.

No entanto, ele não conseguia pensar em True porque isso não estava melhorando.

—Oh, merda— Cass ouviu Otho murmurar atrás dele.

Sim, a situação não estava melhorando.

Gallienus não hesitou.

Mas parecia que dizer as palavras o deixava doente.

—E você se casará com Elena, a segunda filha de Ophelia dos Nadirii.

Ele sentiu seus irmãos se aproximarem mais de suas costas, mas, mesmo assim, não havia nenhum som em uma sala que parecia não ter capacidade de fazer barulho, tão pesado era o silêncio.

Finalmente, Cass conseguiu controlar sua fúria o suficiente para declarar: —Isso não pode acontecer.

—Aparentemente, deve acontecer.

—Ela é Nadirii.

—Nauseantemente, ela é— seu pai cuspiu. —E a irmã dela matou seu irmão, meu filho, o herdeiro do meu trono.

Isso Cassius poderia contestar e todos os homens naquela sala, exceto seu pai, contestariam.

Trajan morreu de orgulho.

Serena, a princesa primogênita da irmandade Nadirii, havia, de fato, infligido a Trajan um ferimento que acabou sendo mortal.

Mas se ele tivesse limpado, costurado, cuidado, tratado e o tolo orgulhoso tivesse descansado, talvez um dia, ou melhor, três, ou melhor, duas semanas, ele seria desta terra.

Enfurecido por ter sido ferido por Serena, ele recusou até mesmo uma limpeza, continuando uma batalha que estava totalmente perdida, fazendo isso por três dias, perdendo dezenas de homens, enfraquecendo à medida que o veneno se instalava no ferimento e, depois de sofrer muito, morrendo.

Serena poderia se gabar o máximo que pudesse de ter matado o herdeiro de Airen, e ela se gabou, como era de seu feitio.

Mas Trajan havia morrido, se não por suas próprias mãos, por suas próprias decisões orgulhosas, imprudentes, insensatas e irresponsáveis, o que era poético, de certa forma, já que em sua vida ele havia tomado muitas.

Não havia muito amor perdido entre irmãos. Os irmãos de Cass não eram de seu sangue.

E todos eles estavam naquela sala.

Mas isso significava que Cassius Laird não era o que desejava ser, um general no exército de seu pai, livre (na maior parte do tempo) para viver sua vida como quisesse, sem o jugo dos desejos de seu pai pesando em seu pescoço antes que o jugo do governo se abatesse sobre ele.

Agora, ele era o herdeiro do trono e enfrentaria exatamente isso

até o último suspiro.

—Não vou me casar com ela— disse Cass em voz baixa.

Seu pai lhe deu um sorriso doentio. —Aparentemente, ela é uma bruxa poderosa cujo poder crescerá momentaneamente com a injeção de sua semente.— Seu sorriso morreu. —E há a questão de você me dar um neto para garantir o trono na linha direta para a próxima geração.

Aelia era inteligente, observadora, aprendia rapidamente, tinha um coração bondoso, um espírito generoso, uma lógica sólida e, portanto, seria uma rainha estupenda.

Cassius nunca sugeriria isso enquanto seu pai estivesse respirando, ou ele de fato enfrentaria uma força.

Ou uma guilhotina.

—Você sugeriu que o próximo na linha de sucessão tivesse sangue Nadirii— lembrou ele a Gallienus.

—A essa altura, não me importa se ele tem sangue de sereia²⁹— retrucou Gallienus.

—Os Nadirii não toleram filhos homens— continuou Cassius.

—Ela não pode exatamente colocar um futuro rei em uma cesta e deixá-lo do lado de fora da casa de algum camponês, não é mesmo?— Gallienus respondeu.

—Eles pararam de fazer isso há um século, pai. Agora aprenderam a usar magia para impedir a concepção de um filho homem.

—Bem, você terá que encontrar uma maneira de impedi-la de fazer isso, não é?— disse Gallienus. —E eu me atrevo a dizer que Fern pode ajudá-lo a lidar com isso. Ela sabe como servir bem ao seu rei.

Foi o que ela fez.

Não havia uma única mulher em Airen que não soubesse exatamente como servir bem a seus senhores.

Mesmo, e talvez especialmente, uma bruxa poderosa.

—Os airenenses nunca aceitarão uma rainha nadiriana— disse Cassius.

Seu pai fez um gesto de mão. —Eles não terão escolha. Eles podem aceitá-la ou podem fugir da Besta.— Ele balançou a cabeça. — Mas, na verdade, não importa se eles a aceitarem. Quando a Besta for eliminada, ela poderá ficar nas masmorras e sua boceta ainda estará lá. Você pode visitá-la, gerar um filho, levá-lo, e ela pode apodrecer lá, não me importa.

Cassius respirou pelo nariz e se perguntou, não pela primeira vez, se sua mãe havia encontrado um homem que se parecia muito com seu pai e que era seu verdadeiro pai.

Ela estava muito morta, portanto ele nunca saberia.

Estranhamente, o tom de Gallienus se acalmou. —Está feito, meu filho. Não há nada a fazer a respeito. Os outros já devem ter recebido essa notícia ou a receberão em breve. Não temos escolha. Devemos partir para Firenze em breve, deixando nossa equipe para trás para preparar um casamento real.

A decisão de Trajan de continuar lutando, ferido por uma mulher, significava que essa era a vida de Cassius.

Ele não tinha escolha.

Em nada.

Mas, com uma fúria que começava a ferver dentro dele, a força que ele não sentia desde que bradou seu lamento quando a vida deixou o corpo de sua esposa, ele percebeu que era herdeiro de um maldito trono e, ainda assim, totalmente impotente.

Incluindo quem ele tomaria, ou *não*, como esposa.



A Intelectual

Lady Silence Mattson

Corredor dos estúdios³⁰, primeiro andar, Bower Manor³¹, Arbor WODELL

Caminhei pelo corredor, meus pés em seus chinelos silenciosos sobre os carpetes.

Eu havia sentido o tremor durante a noite. Ele trouxe um calafrio de medo e pressentimento, como vinha fazendo há meses.

Mesmo quando a sensação de movimentação da terra estava ficando mais forte, esses sentimentos normalmente recuavam, talvez lentamente, mas recuavam.

Dessa vez, eles aumentaram. Tanto que não consegui voltar a dormir.

Agora era o início da noite do dia seguinte e a casa de meu pai havia sido muito movimentada.

Inclusive a visita de um mensageiro real, diretamente do rei, o que causou uma agitação não apenas dos criados, mas também de minha mãe e meu pai.

Como sempre, eu não participei disso.

Então, como de costume, tive que usar certos meios para descobrir o que estava acontecendo.

Foi o que fiz, dirigindo-me ao escritório de meu pai, onde ouvi sua voz, sempre alta e, portanto, estridente, bem como a de minha mãe, que não era nenhuma delas.

Eu ouvia isso muito antes que qualquer pessoa que eu conhecesse pudesse ouvir.

Era uma peculiaridade minha, uma de muitas, essa audição não natural.

Há muito tempo aprendi a escondê-la, assim como há muito tempo aprendi a fazer o que fazia quando roubava ainda mais perto.

Ao entrar em um recesso no corredor do castelo de meu pai, que continha uma mesa com um busto de algum antepassado meu, orgulhoso e inchado, que por algum motivo encomendou a um escultor que o esculpisse enquanto seus lábios zombavam, concentrei minha mente, senti um formigamento na espinha e cobri minha capa.

Ele tremeluziu apenas um momento antes de eu sentir a sombra etérea me envolver, quente e aconchegante.

Truth, eu viveria envolto em minha preciosa sombra se pudesse.

Para não ser visto.

Não ser conhecido.

Nada que se esperasse de mim.

Nada para que os outros se decepcionem comigo.

E, principalmente, nada para que eu me decepcione com os outros.

—Johan, simplesmente não podemos pedir isso para Silence—

disse minha mãe, trêmula, tirando-me de meus pensamentos, e concentrei minha atenção na conversa deles.

—Não vamos *pedir* nada— retrucou meu pai. —É seu dever para com seu rei, seu pai, seu título, esta mesma casa. E Vanka, não dá para suportar que você não perceba o quanto isso é oportuno. A garota demonstrou que nunca encontraríamos um par para ela, até agora, e não é de surpreender que não tenha sido *ela* quem o fez.

Minha respiração ficou presa.

Um par?

Meu pai continuou.

—Agora ela vai se casar com um rei.

Oh, pelas deusas, não.

O rei Gallienus estava procurando outra esposa?

Ele parecia estar procurando outras com uma frequência alarmante, cada uma mais jovem que a outra.

Será que ele...?

Minha mãe interrompeu meus pensamentos desenfreados.

—Foi somente no reinado de seu pai, antes dele, que a terra se tornou um pouco civilizada. Eles ainda são bárbaros.

Mas... o quê?

Os Airenzianos poderiam, de fato, ser considerados bárbaros, se pressionados. O tratamento que davam às mulheres deixava muito a desejar. Se a história fosse verdadeira, era de fato pior agora, depois da Noite dos Mestres Caídos, séculos atrás, quando a Irmandade Nadirii nasceu.

Mas, em sua maior parte, era civilizado. Eles tinham leis (porém, não razoáveis para as mulheres). Eles tinham impostos. Escolas. Hospitais. E eles tinham os melhores engenheiros e arquitetos de Tritão, de modo que até tinham água corrente em suas residências e, em algumas, era possível girar uma alavanca e a água ficava quente.

Em minhas várias viagens para lá, eu não poderia dizer que não era austera (embora a paisagem fosse adorável, os vinhedos, os olivais, os vastos campos de grãos e o grande e adorável lago Cairngorms³² eram incrivelmente bonitos).

No entanto, a Baía do Céu era realmente aterrorizante, a cidade inteira construída com aquela pedra negra brilhante. É claro que os edifícios eram bonitos, à sua maneira, considerando o talento dos arquitetos que os projetaram. Ainda assim, eram assustadores.

E a cidadela severa esculpida na lateral do pico mais alto com vista para a baía era *definitivamente* aterrorizante (embora também bastante adorável, de uma maneira assustadora).

Mas, para todos os efeitos, Airen era ainda mais civilizada do que Wodell.

A menos que você fosse mulher.

No entanto, mesmo as mulheres em Wodell (e, segundo ouvi dizer, em Firenze) não eram como os Nadirii.

Ah, ser um Nadirii.

Eu sempre pensei que me daria muito bem com a Irmandade.

Embora eu não achasse que seria muito boa com uma espada.

Ou com um arco.

Ou com um bastão.

Ou com adagas.

Infelizmente, talvez a Nadirii não fosse para mim.

—Eles também são a nação mais rica de Tritão— disse meu pai, interrompendo meus pensamentos.

Pisquei os olhos para minha sombra.

A nação mais rica de Tritão era...

—Os Firenze não praticam a fidelidade a seus companheiros— minha mãe observou com severidade.

...Firenze!

—Nem os homens, *nem* as mulheres— continuou ela. —E eles têm aqueles banhos comunais repugnantes onde todos, *mulheres* e homens, tomam banho nus... *juntos*. Eles se envolvem livremente nessa *terrível* prática da fumaça³³. E a violência praticada lá é irracional. Eles brigam entre si, *livremente*. Desde sua ascensão, o próprio rei reprimiu *três* tentativas de golpe. Isso aconteceu nos dois primeiros anos depois que ele assumiu o trono. Mas mesmo que nos últimos três anos não tenha havido rebeliões, ainda assim houve brigas. Seus clãs regularmente...

—Você não precisa morar lá— observou meu pai.

Surpreendentemente, a voz da minha mãe estava aumentando. — Mas *minha filha vai!*

—Pela deusa— eu respirei.

O mensageiro do rei.

Eu iria me casar com o Rei Mars de Firenze.

Bolas e mais bolas!

Como isso aconteceu?

—Pela deusa— repeti em um sussurro.

—Sim, ela vai— declarou meu pai.

Oh, pela deusa.

Eu iria me casar com o Rei Mars de Firenze.

—Ele não vai gostar dela— disse minha mãe, e meu coração disparou.

Meu pai tinha muito pouca utilidade para mim.

Isso porque minha mãe não podia lhe dar o que ele queria, um filho, ou mesmo um segundo filho que fosse mais do seu agrado do que eu. Ele havia tentado, à sua maneira (que não era agradável), fazer de mim a filha que ele queria que eu fosse, a Condessa de Arbor que ele achava que se encaixava no título.

Mas, para falar a verdade, eu preferia minha própria companhia. Ou, se tivesse, a companhia de minha mãe, que me era muito querida e, a seu modo, mostrava que eu era igual a ela. Ou de Estrilda, minha Tril, que era minha dama de companhia há anos.

Eu gostava de pessoas.

A companhia me animava.

Só não gostava de grupos e muito menos de multidões. Era divertido observar, por um tempo, mas depois se tornava entediante e, às vezes, podia parecer opressivo.

Portanto, eu preferia ler a participar de grandes jantares. Não gostava de dançar a'tall. Também não gostava de fazer discursos banais com pretendentes (ou, na verdade, com qualquer pessoa).

Isso, de fato, talvez fosse o que eu menos gostava no mundo. E há muito tempo aprendi que se eu tentasse algo não banal, expondo que havia lido muitos livros, viajado por Wodell, Airen e até mesmo

estado entre os Encantos dos Nadirii uma vez em uma visita de estado com meu primo, o Príncipe True. Ou se eu contasse sobre as muitas vezes em que estive na presença ou nos assuntos da corte de nosso próprio rei Wilmer, e que observei e ouvi bem, aprendendo muito, meus companheiros de jantar ou de dança ficavam chocados.

Eu me tornei conhecida como ‘A Intelectual’.

Quando não era conhecida como ‘A Ratinha’.

Eu não achava isso um insulto (embora o segundo não fosse o meu favorito).

Meu pai achava isso irritante.

Ele queria uma filha brilhante e animada (mas de cabeça vazia) que fizesse uma partida espetacular para construir o poder de seu título, que seria transmitido ao meu filho por meu intermédio.

Em vez disso, ele me teve. Um rato quieto e atento, cuja cabeça estava longe de ser vazia.

Mas agora parecia que nem mesmo minha mãe achava que eu poderia virar os olhos de um rei.

Pela deusa, eu não era tão difícil de olhar, era?

Eu achava meu cabelo de ébano muito bonito. Muito longo, não era liso, tinha cachos bonitos. Ele também tinha um brilho impressionante.

E eu sempre gostei de meus olhos. Até meu pai dizia que eu tinha olhos extraordinários (embora ele dissesse isso a contragosto). Eu nunca tinha visto meus olhos no rosto de outra pessoa, nunca.

Prateados.

Não um azul que pudesse ser interpretado como cinza.

Prateados.

Polidos.

Brilhante.

Aatrevo-me a dizer que eu mesma... sou *luminosa*.

Eu sabia que os criados (e outros) sussurravam que algum ancestral masculino meu tinha conseguido encantar uma sereia (ou, talvez, mais chocantemente, minha mãe, uma sereia), pois não havia outra explicação para meus olhos.

(A propósito, não me importei com esses sussurros. Se eu tivesse sangue de sereia, isso explicaria muita coisa).

Sem mencionar que minha pele não era ruim. Nem uma mancha. De pálida a porcelana, se eu estivesse ao ar livre, ou se tivesse feito algum esforço, o que eu achava que era um rosa que estava se tornando rosa tingiria minhas bochechas.

Eu não era feio e a abundância de pretendentes que ainda tinha, independentemente do fato de eu demonstrar que tinha um cérebro entre as orelhas, demonstraria isso como Truth.

Pelo menos para o meu pensamento.

—Pelo que sei, ele não tem escolha— respondeu meu pai.

—As mulheres de Firenze são conhecidas por sua beleza chocante. Elas são altas. Exuberantes. Ele não ficará muito satisfeito com a beleza que nossa Silence pode lhe proporcionar, mesmo que ela seja notável em vários aspectos.

Eu me conformei com o fato de que aquela gentileza, vinda de minha mãe, não era surpreendente e parte dela não ser surpreendente era o fato de ser adorável.

Minha mãe costumava ser gentil e atenciosa assim, comigo e com

todo mundo.

Ou seja, ela era assim quando meu pai não estava por perto.

—Rezei aos deuses durante anos para que lhe dessem pelo menos mais um centímetro, embora eu preferisse cinco— murmurou meu pai.
—Nos melhores momentos, você mal consegue ver a garota.

Infelizmente, ele não havia notado que isso se devia a um esforço que eu fazia, e não simplesmente ao fato de eu ser pequena.

Mas eu tinha visto alguns Firenz de vez em quando, homens, muitas vezes com suas mulheres, que tinham passado por Wodell para caçar ou comprar lã ou atender nossos comerciantes.

Todos eles eram excepcionalmente altos, como a nação irmã de Airen.

De fato, embora eu só o tivesse visto de longe - e embora True fosse excepcionalmente alto, sua constituição era magra -, o príncipe Cassius, com sua altura e volume, parecia um verdadeiro gigante.

Os homens de Firenze eram exatamente assim.

E suas mulheres estavam longe de ser delicadas.

—No entanto, se eu conheço um Firenz, no mínimo ele vai gostar das curvas dela— continuou meu pai.

Pode-se dizer que eu tinha curvas.

—Johan, eu lhe imploro— minha mãe de fato implorou. —Fale com meu irmão. Peça a ele que encontre outra pessoa para fazer essa aliança. Sei que ele irritou o Rei Mars...

Isso ele fez.

O Rei Wilmer, meu tio, havia irritado o Rei de Firenze. Repetidamente.

Foi uma coisa estúpida de se fazer.

Todos sabiam que seus guerreiros eram imbatíveis. Eles podiam brigar entre si, mas, quando ameaçados, seus clãs se aliavam e a frente que formavam era invencível.

Até mesmo Serena, dos Nadirii, que não parecia ter problemas para brigar com ninguém, não era estúpida o suficiente para enfrentar os Firenz.

O tio Wilmer brigava com eles o tempo todo.

—...mas os Firenz são barulhentos e desordeiros— continuou minha mãe. —Eles fazem mais comemorações em um mês do que Wodell e Airen juntos fazem em um ano. Eles vivem de forma muito diferente da nossa. O choque da mudança cultural seria difícil de ser enfrentado por nossa Silence. Ela não se adaptaria. Ela está segura aqui, comigo, com você, com Tril, com suas diversões. Ela é nossa filha. É nosso dever mantê-la segura.

—Ela é nossa filha. É seu dever fortalecer nosso título— respondeu meu pai. —Mas você ouviu o mensageiro, Vanka. A Besta se levanta. O clã fez as combinações. Está fora das mãos de Wilmer. Nem mesmo está nas mãos de Mars. Definitivamente não está em nossas mãos. Ela deve se casar com Mars. Não é apenas seu dever para comigo, seu rei, seu país, mas para todo o Tritão.

Eu ouvi meu pai, mas estava com dificuldade para respirar.

A Besta se levanta?

Os tremores.

Oh, fé, a Besta se levanta.

E eu, de alguma forma, no infortúnio que parecia constituir a totalidade da minha vida, tive que me casar com o rei de uma nação bárbara, mas rica, para... o quê?

Não me passou despercebido que eu podia ouvir muito bem. Também aprendi, há algum tempo, que eu lia mais simplesmente a expressão de uma pessoa do que qualquer outra pessoa que eu conhecia. E, testando essa teoria da sereia, eu era, de fato, capaz de mergulhar a cabeça na banheira e prender a respiração por longos períodos de tempo.

E havia também a minha sombra.

Mas eu não era uma Nadirii, isso era certo. Essa Irmandade de Guerreiros carregava a maior parte da magia de toda a terra. Eles acumularam há muito tempo para instigar a Noite dos Mestres Caídos. Até mesmo a mais fraca de suas bruxas era mais forte do que qualquer feiticeira de Wodell.

Mas eu não sabia que possuía magia.

E essa deve ser a razão pela qual eu estava destinada a ser a consorte de um rei bárbaro.

—Mas temos uma oportunidade— decretou meu pai. —Vamos tirar o melhor proveito possível desse casamento. Nossa filha será sua esposa, e é de conhecimento geral que, mesmo que não se espere fidelidade, um guerreiro Firenz adora sua escolhida. Tiraremos o máximo proveito disso com rubis de Firenze, açafão e seda. Seremos a casa mais rica de Wodell. Ela finalmente passou a significar algo para o meu título, o título dela. E se isso for verdade, se ela puder fazer uma aliança que, de alguma forma, derrotará a Besta caso ela surja, ela e esta casa serão uma *lenda*, minha Vanka. Sem mencionar que também seremos *ricos*.

—E você sacrificaria sua própria filha a essas aspirações de ganância— disse minha mãe com repulsa.

Houve um momento de silêncio antes de a voz de meu pai voltar a soar, e agora ela era suave.

Portanto, agora eu sabia que ele havia se aproximado de minha mãe e estava acariciando sua bochecha com aquele jeito carinhoso que ele tinha e que, mesmo com as relações difíceis que eu tinha com meu pai, sempre derretia algo dentro de mim.

—Eu comecei a amá-la muito cedo, minha linda esposa— disse ele. —Era impossível não amá-la, e não apenas por causa de sua grande beleza.

Sim, senti que algo se derreteu dentro de mim.

—Mas você sabe, meu querido amor— continuou ele, —que seu pai fez o mesmo sacrifício por você. Sim, ele era rei, mas você era a sétima de sete filhas, o cofre dele estava se esgotando devido à guerra com os Firenz, e Arbor é a propriedade mais rica do país. Nenhuma outra de suas irmãs era um par melhor, nem mesmo gerada pelo rei. Nosso casamento foi arranjado para fortalecer ainda mais sua casa, seu baú, suas alianças e, portanto, também seu título. Agora, shh...— ele a calou, e eu sabia que ela tinha aberto a boca para falar. —É assim que as coisas são feitas e você sabe disso. Portanto, não pense no que pode acontecer com Silence. No mínimo, os destinos são explicados, pois ela não é uma garota frívola sem pensamentos próprios. Ela é perspicaz e vigilante. Isso a ajudará nos meses que virão.

—Isso é verdade— murmurou minha mãe.

—E ela pode ser uma lenda, e isso pode não ser algo que ela deseje para si mesma, mas eu vi sua decepção que ela sempre me decepçiona— meu pai continuou. Mas isso não era verdade. Minha decepção foi que ele me decepcionou. —Ela ficará feliz com essa partida. Ela ficará feliz por ter algo importante para fazer. Ela ficará feliz por estar servindo a seus pais, seu país, seu continente. Ela cumprirá seu dever, minha querida. E, seja como for, no final, tudo ficará bem.

Minha mãe sussurrou algo que nem mesmo eu consegui ouvir, e

senti que a conversa estava terminando.

Portanto, examinei o corredor com olhos e ouvidos antes de liberar minha sombra, sair do recesso e da minha companhia inanimada (que era como eu preferia) do busto e correr pelo corredor em direção às escadas para chegar aos meus quartos.

Fiz isso sem compartilhar os sentimentos do meu pai.

Primeiro, a Besta estava se levantando e isso exigiu mais do que alguns momentos de reflexão.

Eu já tinha ouvido histórias sobre a Besta desde que pude cogitar, e essas histórias vinham da minha babá (que era uma chata, pois que babá compartilharia tais histórias com uma criança pequena? Eu me lembro de ter ficado muito feliz quando minha mãe a demitiu, e eu me considerava bondosa, mas não lamentei vê-la partir). E depois eram contadas livremente ao redor de fogueiras, sem nenhum propósito além de assustar os ouvintes.

Mas essas histórias sempre terminavam com o fato de que a Besta um dia seria despertada novamente. Ele se levantaria. E ele se banquetearia com as crianças pequenas e comeria as queridas e despedaçaria as mulheres com seu horrível eixo e arrancaria as cabeças dos homens, bebendo o sangue de seus pescoços e fazendo com que as mulheres trançassem os cabelos para que ele pudesse usá-los como colar.

Três vezes maior do que um gogmagog, mais rápido a pé do que uma águia em voo, capaz de expelir veneno de sua boca - veneno que, com uma única gota tocando a pele, poderia atordoar vilarejos inteiros e deixá-los imóveis por dias, seres definhando sem comida ou água, incapazes de se salvar, congelados no veneno como estátuas.

Sua ascensão não foi suportada.

E, aparentemente, eu, de alguma forma, desempenhei um papel

importante para impedi-lo.

O que, francamente, me assustou muito.

Muito mais do que estar casada com o bárbaro Rei Mars de Firenze.

Mas é preciso dizer que, se não foi igualmente aterrorizante (pois nada era tão assustador quanto a Besta), ainda assim foi muito aterrorizante.

Eu não queria ser uma lenda.

Não gostava de nenhuma atenção.

Parecia que eu não tinha escolha.

Pior ainda, o rei de um país vizinho, que evidentemente não se dava muito bem com o meu rei (é preciso dizer que o rei Wilmer fez algumas coisas precipitadas, ele realmente precisava de novos conselhos, eu sabia disso antes mesmo de True compartilhar comigo suas (vastas) frustrações sobre esse mesmo assunto), também não tinha escolha.

Isso não era um bom presságio.

O pior é que, quando entrei em meu quarto, vi Tril em pé, com seu belo rosto pálido, o coque na parte de trás da cabeça solto como se ela tivesse se preocupado com isso, e sua boca se mexeu instantaneamente.

—Recebi ordens de seu pai. Sinto muito, mas precisamos nos apressar em um enxoval de casamento, minha querida. Eu lhe explicarei no caminho, mas precisamos chegar à cidade. Temos rendas, cetim e veludo para ver e levará muito menos tempo para irmos até eles do que para eu chamá-los até nós.

Olhei fixamente para seus encantadores, mas ansiosos, olhos cor

de avelã.

Bolas.

E maldita seja.



Condenados

Rei Aramus Nereus

Sala do Trono, Castelo de Keel³⁴, Nautilus³⁵

MAR-EL

Aramus se sentiu como um maldito idiota sentado em seu trono ridículo.

Ele nunca se sentava em seu trono.

Se não estava em seu navio, saqueando ou caçando, estava em um bar, bebendo, ou em uma mesa, festejando, ou com uma prostituta, fazendo outras coisas.

E não ajudava o fato de que seus homens ficavam ao redor do pé da coisa - ou do maldito pedestal de oito pés de altura das sereias - rindo muito.

—Vão embora— ele ordenou.

—E perder isso?— perguntou seu homem, Bondi.

Porra, mas se ele gostasse da ideia de marcar a pele perfeita de sua esposa, coisa que ele não gostava, ele mandaria trazer a vadia, amarrá-la ao pedestal sob seu trono ridículo e ordenaria que ela fosse açoitada.

—Capitão, não sei se é uma boa ideia sentar-se em seu trono— disse Tintagel em seu lugar. —Também não sei se preciso lembrá-lo de que ela não se intimida com a autoridade.

Ha-Lah não se intimidava com nada.

No começo, ele gostava disso em sua esposa.

Estando casado com aquela maldita mulher por seis meses e sem nem mesmo provar sua boceta com a língua, sem sentir sua umidade nem mesmo na ponta de um dedo, esse sentimento estava diminuindo.

—Tint, pegue os homens e saia— ele ordenou ao seu marinheiro mais sensato.

—Vamos, homens— disse Tint sem demora.

Aqui está.

Equilibrado.

—Tint, meu irmão, isso deve ser bom— protestou Oreti, o marinheiro menos sensato de Aramus.

Xi estava olhando para seu rei, captando sua expressão e, portanto, repetindo depois de Tint: —Vamos, homens.

Aramus recebeu olhares de Nissi, Navagio e Catedrais. Eles leram o capitão e o rei e não pouparam tempo para reunir os dissidentes.

Aramus observou enquanto eles atravessavam a extensão cavernosa da sala, suas botas soando e depois ecoando no espaço maciço.

Ele havia aprendido com seu pai, um pai que se sentava naquela mesma cadeira com o traseiro de Aramus em uma almofada no amplo estrado que o cercava, protegido pelos seis chifres colossais de íbex-baleia que formavam a base, que media pelo menos três metros de largura, com as pontas de três metros de altura curvadas ao redor, que

o trono do rei de Mar-el havia sido construído para intimidar qualquer um que entrasse naquela sala.

As baleias-íbx³⁶, fora os angmostros³⁷ (embora, felizmente, essas enormes criaturas enguias não tivessem chifres), eram as coisas mais difíceis de matar no mar. Aquele trono em seu pedestal de cinco pés de largura e oito pés de altura, esculpido em coral (que também tinha as escadas até a maldita coisa cortada), com os poderosos chifres de três dessas feras, era impressionante até mesmo para Aramus, que já havia matado quatro vezes mais em sua vida.

Mas isso não foi percebido por quase ninguém, considerando que o único ser do continente de quem ele gostava era o príncipe Cassius, e Cassius e seus homens foram os únicos que entraram naquela maldita sala, e nenhum deles se intimidou com nada, então foi um desperdício.

Dias de outrora, tudo bem.

Agora, era apenas um lugar que os bounden tinham de limpar, pois podiam aceitar visitantes em suas costas para atender seus comerciantes ou coletar peixes para levar para o continente, mas ninguém que não fosse de Mar-el vinha para o interior.

E ninguém que não fosse de Mar-el vinha ao seu castelo.

Pensando nisso, um dos lados das duas enormes portas que tinham três andares de altura e, portanto, se um de seus homens não as abrisse, seriam necessários pelo menos dois bounden³⁸ para fazê-lo, abriu-se e ele viu o corpo alto, esguio, ágil e majestoso de sua esposa.

Nascida para ser rainha, se aquele corpo era algo a se considerar.

E seu comportamento.

E *tudo* o que havia nela.

Ela passeava entre as colunas de quatro andares que sustentavam

o teto abobadado, cada coluna com esculturas idênticas do que pareciam ser vinhas flutuantes de algas marinhas.

E ela fez isso como se tivesse feito o dia inteiro.

O vestido que ela usava se agarrava ao seu corpo. Sem mangas. Cintilante. Com um pouco de renda, um pouco de verde-mar transparente nas panturrilhas e uma faixa de rede no meio que poderia ser interpretada como se estivesse pronta para ser lançada aos peixes. Mas estava pendurada com algumas moedas que brilhavam, rasgadas em lugares que pareciam deliberados, e a porra toda fazia com que um homem desejasse passar longos momentos dissecando-a visualmente antes de arrancá-la com as mãos.

Ela parou aos pés do pedestal, inclinou a cabeça para trás, e a abundância de longos, brilhantes, macios, definidos e pretos cachos se inclinou para trás com ela, enquanto ela o olhava com seus grandes olhos azuis cristalinos.

—Você voltou— disse ela com sua voz de sereia.

E isso, segundo Aramus, juntamente com o cabelo dela, aqueles olhos, as mãos elegantes, a pele perfeita de café com leite, as pernas longas e grossas e o traseiro arredondado, o haviam enfeitiçado.

Infelizmente para ela, com seus próprios esforços, ele não estava mais enfeitiçado.

—Há uma semana— ele grunhiu.

—Ah— ela murmurou desinteressadamente.

Deuses.

—Tivemos outra onda ontem à noite.

Ele notou a tensão que atingiu os ombros dela com o anúncio.

Isso porque ela sabia, assim como eles, que essas ondas eram

diffíceis de perder. Como vinham fazendo há meses, elas chegavam minutos depois de sentirem o tremor. Quinzena após quinzena, cada vez mais forte a cada onda que atingia a costa oeste de Mar-el.

As cidades, os portos e os vilarejos de lá haviam sido construídos para suportar exatamente isso - ondas e as piores tempestades. E seu povo havia aprendido a se proteger, muito antes da regularidade dos ataques das correntes.

Mas, mesmo sendo talhadas na rocha de Mar-el para resistir a essas ocorrências, as portas, persianas, janelas, mesmo com trancas fortes e grades ainda mais fortes, não conseguiam resistir a uma maré.

E Aramus sabia que ela estava chegando. Cada onda mais alta e mais alta, levaria apenas alguns meses até que eles enfrentassem uma maré. Regularmente. A cada duas semanas.

Seu povo era de marinheiros. Sua vida era o mar. Eles sabiam nadar. Surfar. Pegar qualquer onda em um barco ou com o corpo.

Eles não podiam surfar em uma maré.

Ninguém podia.

—Lena veio me ver— disse ele à sua esposa.

Ela não podia se esconder atrás de desinteresse, pois não o faria. Ela mesma era uma bruxa maldita. A mais poderosa de sua espécie, tendo uma audiência com o rei, seu marido, seria interessante.

—A Besta se levanta— ele compartilhou.

Seus lábios inchados e perfeitamente formados se abriram.

Certo.

E eram esses.

Aqueles lábios também o haviam enfeitiçado.

Que inferno.

—Parece que nosso casamento não foi a maior beleza de nossa ilha acasalada com seu rei, como é agora e tem sido por séculos. Aparentemente, o destino a escolheu para mim, pois você e eu consumamos a assistência para derrotar a Besta— declarou ele.

Com isso, ela se fechou.

—Essa não é uma história que eu conto para abrir suas pernas— ele disse. —Foi a própria Lena que falou.

—Então, preciso falar com ela— respondeu ela. —Porque isso é francamente ridículo.

—De fato— ele concordou, olhando para ela com indiferença. — Grande beleza, peixe frio. Meu desejo por seus encantos se esvaiu à medida que os meses que se seguiram ao nosso casamento foram ficando na memória e você escondeu esses encantos de mim.

Se ele não estava enganado, aqueles cachos balançavam com um leve movimento da cabeça dela.

Aramus não se importava mais se a ferisse.

Ela era sua esposa e ele sabia que as razões que ela escondia eram muito mais do que 'francamente ridículas'.

Eram, se lidas de uma certa maneira, traiçoeiras.

—Mas o atrito, se não a paixão, selará o acordo— concluiu ele.

Ela estava parcialmente de lado para ele, mas, com isso, virou-se para encará-lo de frente.

—E enquanto você cavalgava pelos mares antes de seu retorno há uma semana, quantas feras você matou?— ela perguntou.

Ele suspirou.

—Aramus, você está sentado em um trono feito de chifres das criaturas mais magníficas de todo o Tritão— disse ela, impaciente. — Talvez de toda a Terra. Você trouxe o óleo, a carne e os ossos para as lâmpadas, os perfumes, as velas e os espartilhos dos Airenzianos?— Ela jogou uma mão elegante na direção dele enquanto seu olhar de cristal se aquecia de raiva. —Esses chifres representam três pais.

—Esses chifres têm quinhentos anos de idade— ele disse.

—Então, há quinhentos anos, os bezerros ficavam sem seus pais, assim como provavelmente ficavam sem suas mães, embora os chifres das mães não pudessem ser exibidos para que elas se gabassem inutilmente do poder de seus assassinos.

Ele se recostou nas almofadas de pelúcia que estavam agrupadas às suas costas contra o ouro ornamentado que formava seu trono.

E procurou ter paciência.

Encontrando pelo menos um pouco dela, ele disse o que vinha dizendo quase todas as vezes que se confrontava com sua esposa.

E decidiu fazer uma última tentativa, portanto, tentou fazê-lo com delicadeza.

—Ha-Lah, você não perdeu a noção de que, como é Mar-el e viveu nesta ilha desde que respirou pela primeira vez, esse é o jeito do nosso povo e tem sido assim desde que a história foi registrada.

—E, Vossa Graça— ele não ficou surpreso com o fato de ela ter respondido sem um pinga de paciência, —não deveria ser assim. Não as baleias. Não os golfinhos. Nem o polvo. Estou lhe dizendo, eles não apenas pensam, eles *sentem*.

—Eu navego pelos mares desde que era jovem, esposa, e isso não é verdade.

—É.

—Não é.

—Será que uma vaca não sente quando seu touro é levado? Quando seu bezerro é encurralado?— ela perguntou.

Ele se remexeu em seu assento, pois as bestas o faziam.

Era a coisa mais hedionda que ele já tinha ouvido.

E todo marinheiro sabia que não se pegava uma vaca se o touro dela estivesse por perto, não de qualquer tipo de baleia. Você perderia seu navio e sua vida se enfurecesse o touro quando estivesse perto.

—Se você parar com a matança, não sentirá frio em mim, meu rei — disse ela, não pela primeira vez. —E se você parar de matar, eu me atrevo a dizer que você fará aliados do mar que nunca teria imaginado.

Isso era francamente ridículo.

—E o que abastecerá nossas lâmpadas, fará nossos sabonetes, fertilizará nossos solos, alimentará nosso povo, nossos animais?— ele exigiu. —O que venderemos para aumentar o tesouro e manter nossas estradas desobstruídas, os telhados de nossos hospitais e as flechas em nossas aljavas³⁹?

—Outra coisa, algo do continente— ela respondeu. —Eles têm petróleo. Eles têm mais animais que naturalmente produzem fertilizantes. Grãos por alqueire. Especiarias...

—Pare— ele mordeu. —Nós não negociamos com eles, eles negociam conosco.

—Mas por quê?

—Você se esquece, minha esposa, minha irmã, eles nos lançaram *nesta* ilha anos atrás, quando a ilha era nossa e eles a conquistaram e a arrancaram de nós, banindo nosso povo para cá e fazendo isso *sabendo*

que não sobreviveríamos. As costas rochosas de Mar-el se aprofundam no interior. Ela não tem vastas trilhas para ovelhas e vacas passearem e plantarem sementes. Sobrevivemos com a bênção do grande deus Tritão⁴⁰. Sua esposa, nossa deusa, a benéfica Medusa⁴¹. As simpatias sobressalentes das sereias. Elas nos deram a bênção dos mares. A generosidade das *baleias*.

—A raiva que você tem é simplesmente porque fomos derrotados e você não consegue suportar a ideia de Mar-el derrotado— ela retrucou, levantando o queixo.

Ali estava a traição.

Aramus cerrou os dentes.

Sua esposa ainda não havia terminado.

—Mas mesmo que seja assim, agora, milênios depois, você se apegar a essas transgressões que não aconteceram com você, nem comigo, com seu pai ou minha mãe, com *seu avô* ou *minha avó*, mas com seres que não são mais nem ossos na terra, mas cinzas que há muito tempo se misturaram com a rocha e a lama. Vocês fazem isso quando quase não sofremos. Não apenas superamos o banimento deles, mas somos *donos dos mares*. Foram os *destinos* que nos trouxeram a esta ilha, meu rei. Foram os destinos que nos trouxeram *para casa*.

Aramus não gostou, mas não podia argumentar contra isso.

Eles não haviam florescido no continente.

Nesta ilha, eles haviam se tornado prósperos e ferozes.

Sua esposa entendeu exatamente isso. —Somos os mais poderosos de todos os reinos. Não entramos em confronto em suas escaramuças tolas, perdendo homens, lâminas e sangue. Nossas frotas aumentam, nossos homens e mulheres são fortes, saudáveis e *prósperos*. Há muito tempo eles pararam de tentar invadir nossas costas, até mesmo

encontrar o caminho para o leste de nossa ilha, pois não podem passar por nossas armadas e *sabem disso*. Eles não podem nem mesmo enviar um navio com suas mercadorias pelo mar para fazer comércio, a menos que *nós permitamos*. Se uma embarcação das Terras do Norte ou das Terras do Sul⁴² vier do outro lado do Mar Verde⁴³, somos nós que decidimos se ela navegará em nossas águas.

Aramus também não podia argumentar contra isso, pois era tudo verdade.

Ha-Lah ainda não havia terminado.

—Podemos usar a recompensa de nossas pérolas, o tesouro roubado por nossos invasores, vender as vastas frotas de navios coletados nos mares...

Ele tinha que pôr um fim a isso.

Ela falou blasfêmia.

Toda ela.

—Este é o nosso seguro— ele cortou.

—Este é o nosso *tesouro*, nosso *direito*, nossas *mercadorias* e nossa *recompensa* por não permitir que eles nos superem. Você não se curva na vitória, Vossa Graça. Você a exalta aos céus e a mantém sobre os derrotados.

Aramus não disse nada, pois parte dele sentia, desconfortavelmente, que também não podia argumentar contra isso.

Ao que parece, quando a ferocidade desapareceu de suas belas feições e elas se suavizaram, sua esposa também decidiu buscar a paciência e, pela primeira vez em seu convívio, alcançá-lo de uma maneira diferente.

—Não sou a única que pensa dessa forma, meu marido— disse ela

suavemente.

—E você toca o pulso de todo Mar-el?— perguntou ele com firmeza.

Embora ele soubesse que ela não tocava, ele também sabia que ela passava a maior parte do tempo fora do Nautilus quando ele estava fora (e mesmo quando ele estava em terra).

Portanto, sem dúvida, ela sabia mais do que ele.

Ela balançou a cabeça, o que sacudiu seus cachos brilhantes. — Não. Mas nossos cofres crescem e leva meses para um navio cruzar o Mar Verde e voltar com moedas para nossas mercadorias e mercadorias diferentes para nosso povo. Demora quase meio ano para chegar aos Místicos⁴⁴.

—Você me diz coisas que eu sei— respondeu ele.

—Leva menos de um dia para navegar até Tritão— disse ela cuidadosamente. E com mais cuidado ainda, observando-o atentamente, ela concluiu: —Eles nos baniram há séculos. É o nosso rei que nos mantém banidos.

Sua esposa não disse mais nada.

Mas era seguro dizer, especialmente com essa última frase, que ele estava chegando ao fim.

Ele se levantou e caminhou até a beira do estrado, olhando para sua noiva.

—É meu dever como rei do meu povo mantê-lo seguro. Construir sua riqueza. Proteger nossos segredos. Guardar nossas magias. Também é meu dever como rei fornecer um herdeiro, o que, esposa, eu farei, com sua cooperação ou não. E agora, é meu dever protegê-los das tidais, da ameaça do surgimento da Besta, e isso eu também farei, semeando minha semente em você.

Ela o encarou, seu rosto requintado não mais gentil, *mas firme*.

—Lena disse que precisaremos comparecer aos casamentos do rei de Firenze, do príncipe de Wodell e do príncipe Cassius de Airen, tudo isso para que a profecia seja cumprida e possamos ter paz. Isso é o que darei àqueles que permanecerem no continente. E só farei isso para proteger minhas malditas sereias.

Ha-Lah não disse nada, apenas continuou com o olhar fixo.

Ele continuou a falar.

—Reúnam seus baús com roupas apropriadas. Providenciem para que seus servos viajem e os acompanhem. Partiremos em uma semana e ficaremos fora por meses. E vou avisá-la: você tem até o momento em que nossos pés chegarem a Firenze para tomar sua decisão, esposa. Ou eu a tomarei por você.

Ela continuou a encará-lo por longos momentos antes de exigir: — Estou livre para ir embora?

Ele cruzou os braços sobre o peito e ergueu o queixo.

Com isso, ela girou e andou muito mais rápido, as saias de seu vestido se movendo como folhas de alface marinha em torno de suas panturrilhas e pés, e em muito menos tempo do que ela fez a caminhada até seu trono, ela desapareceu através das portas poderosas.

A verdade é que ele não acreditava muito nas palavras de Lena naquela manhã e não teria acreditado se as ondas não estivessem batendo com regularidade e os tremores os alertassem.

Mas Aramus sabia algo que poucos sabiam.

Algo que seu pai havia compartilhado com ele muito tarde em seu treinamento, na verdade, perto da morte do último grande rei.

E essa coisa era que a Besta não criou essa ilha há muitos anos porque a água a prejudicava ou porque a Besta temia o sal, a umidade, as baleias-ibex ou mesmo os angmostros ou as sereias.

Ela foi confundida ao chegar à sua ilha por um motivo totalmente diferente.

E se sua esposa e ele, Mars e sua futura noiva, True e sua pretendida, e Cassius e sua guerreira não se acasalassem...

Eles estavam todos condenados.



A Lenda

Frey Drakkar

Clareira da Árvore Adela, fora de Fyngaard

LUNWYN⁴⁵

Terras do Norte

Frey Drakkar estava de pé na neve, protegido pela névoa élfica, observando a árvore adela diante dele brilhar enquanto as formas diminutas se formavam em sua base, tocavam-na e cresciam em proporções humanas.

Ele olhou para o filho, Viktor, à sua esquerda.

Vik não demonstrou surpresa com essa magia, não mais. Como o próximo Frey na linha de sucessão, mesmo que não tivesse o nome keeriano⁴⁶, o primeiro, como seu pai, seu filho vinha participando de suas reuniões com os elfos nos últimos quinze anos, desde que tinha dez anos.

Frey olhou para trás, para os elfos que agora estavam de pé na neve, com um deles se aproximando.

—Meu senhor Frey— murmurou Nillen, o Orador dos Elfos.

—Nillen— Frey o cumprimentou.

Nillen olhou para o filho de Frey. —Meu senhor Viktor, meu outro

Frey.

Vik sorriu para o elfo. —Nillen.

Nillen abaixou o queixo e disse: —Os parabéns são prematuros, mas eu os dou a você pela sua próxima coroação.

Frey respirou fundo.

Estava na hora.

Seu filho tinha vinte e cinco anos.

Quando completasse vinte e seis anos, ele se tornaria Rei de Lunwyn, substituindo sua avó, que o próprio Frey havia sentado no trono.

A Rainha Aurora ainda era perspicaz e tão experiente quanto era há duas décadas e meia.

Mas Viktor Drakkar estava pronto para governar.

Isso não significava que Frey ainda não o via como o garoto de cabeça escura e calças curtas que corria pelos conveses do Finnie com uma espada de madeira, aprendendo a manejar a espada com os homens de Frey... e com sua própria mãe.

Só que agora, ele era tão alto quanto o pai, quase tão largo, os elfos o acompanhavam e ambos tinham o comando dos dragões.

Sem mencionar que ele tinha a astúcia de sua avó, a força de seu pai, o charme de sua mãe e a lealdade de todos os três ao seu país.

Então, sim, estava na hora.

Viktor fez uma breve reverência. —Obrigado, Nillen.

Nillen novamente baixou o queixo e olhou para Frey, e sua expressão fez com que Frey se preparasse.

—Tenho notícias de grande importância— anunciou Nillen.

—E eu tenho ouvidos, então vamos ouvi-las— convidou Frey.

—A Besta se levanta.

Frey olhou para o elfo com seu boné azul e sua pena branca, seus olhos gelados, suas orelhas pontudas, e não conseguia acreditar em si mesmo.

—Você quer dizer a Besta do outro lado do Mar Verde?— perguntou Frey.

—Exatamente— confirmou Nillen.

—Isso é apenas uma lenda— afirmou Frey.

—Lamentavelmente, não é— refutou Nillen.

—Pelos deuses— sussurrou Frey.

—Isso não pode ser— declarou Viktor.

—Sinto muito, meu jovem senhor— disse Nillen ao filho de Frey.
—Pode, e está acontecendo.

—Tem sido...— Frey começou.

—Mais de três mil anos— Nillen concluiu para ele.

Vik se mexeu ao lado dele.

—Que magia é essa?— Frey exigiu.

—Não temos certeza. Ele também tem sido um mistério para nós. Acreditamos que seja um feiticeiro, muito poderoso. Tanto poder que ele está escondido. Até mesmo dos elfos. Alimentação, como ele fez na época em que criou a superfície, sangue, isso por meio de sacrifício. Tortura, neste caso, estupro...

—Putá que pariu— disse Vik.

—Colaboradores— continuou Nillen, —que realizaram esses rituais durante séculos, que não fizeram nada além de aticar a Besta. É esse feiticeiro, sua semente misturada com o sangue, a tortura e o sacrifício, que desperta a criatura.

—E você não sabe quem ele é?— perguntou Frey.

—Achamos que *ele* nem sabe quem é— respondeu Nillen. —Embora saibamos que ele não sabe o que faz. Achamos que ele pensa em despertar a Besta, trazê-la à tona e controlá-la. Mas nem mesmo os elfos poderiam controlar esse monstro. Nem as sereias, nem as fadas, nem os Homens Verdes, nem os deuses ou deusas daquele reino. Certamente não os falsos deuses dos estudiosos que lá residem. E, meus senhores, se ele não for detido, desta vez, ele atravessará o mar.

—Maldito inferno— disse Frey.

—Isso pode ser interrompido?— questionou Viktor.

Nillen inclinou a cabeça para o lado. —Há uma profecia. Acreditamos que as bruxas desse reino deram início a ela. Mas tememos que elas não entendam onde está o verdadeiro poder— compartilhou Nillen.

—E o verdadeiro poder?— perguntou Frey.

—Eles facilitam o acasalamento das quatro bruxas mais poderosas desse reino com os quatro guerreiros mais poderosos— explicou Nillen.

—Isso soa muito familiar— murmurou Frey, irritado.

—De fato, mas não é o acasalamento, meu senhor - começou Nillen.

—É o amor verdadeiro— deduziu Frey.

Nillen acenou com a cabeça. —A paixão que eles compartilham certamente aumentará o poder deles, de todos eles: nas fêmeas, sua magia; nos machos, sua força e invulnerabilidade. Mas eles precisam vir a se amar, Frey Drakkar. Ou tudo estará perdido.

—E o que devemos fazer a respeito disso?— perguntou Frey.

—Você comanda os dragões. Se a Besta se erguer, eles serão, como sempre, indestrutíveis. Mas eles sozinhos não podem derrotá-lo.

—E o fogo deles, pode destruir a Besta?

Nillen balançou a cabeça. —Talvez a desacelere. Mas se alguém chegar ao alcance de um braço, a Besta pode mandá-lo quase de volta para Lunwyn com um só golpe.

Diminuir a velocidade não era muito.

Mas já era alguma coisa.

E eles precisariam de algo se até mesmo metade da história da Besta fosse verdadeira.

Incluindo o fato de que ela era imune ao fogo de dragão. Nenhum ser naquela terra era imune ao fogo de seus dragões.

—Onde os dragões vão, eu vou. Ou Vik vai— lembrou Frey ao elfo.

Nillen baixou o queixo. —É isso mesmo, meu senhor Frey Drakkar.

Bem, uma coisa poderia ser dita sobre isso: seu filho maldito dos deuses e futuro rei de seu país não iria atravessar o maldito Mar Verde.

Outra coisa poderia ser dita.

Finnie, sua pequena esposa, a princesa de inverno de Lunwyn até

que Vik encontrasse uma esposa e tivesse uma filha, seria a favor de uma viagem pelo Mar Verde.

Porque, independentemente da aventura, a Princesa Seofin Drakkar se apressou em enfrentá-la.

Além disso, ela nunca permitiria que seu marido partisse, mesmo na missão mais perigosa, sem ela ao seu lado.

Jamais.

Maldito.

Maldito.

Inferno.



O Aviso

G'Drey

Cidade de tendas de viajantes, do lado de fora de um bazar de Firenz, margem do rio Tebes⁴⁷
FIRENZE

G'Drey entrou na tenda, observando o monstro.

O deserto que ele havia atravessado nos últimos quatro dias tinha sido... quente.

O bazar que ele acabara de frequentar tinha sido... bizarro.

E essa criatura diante dele era... montanhosa.

Drey ficou com água na boca.

Ele tinha visto da janela de seus quartos em Go'Doan quando os guerreiros Firenz visitavam a cidade.

Não para adorar.

Eles tinham seus próprios deuses.

Não para estudar.

Era raro quando algum guerreiro Firenz vinha ler os tomos da história do continente de Tritão, ou o que eles sabiam sobre as Terras

do Norte e as Terras do Sul do outro lado do Mar Verde, ou o que eles sabiam sobre os Místicos do outro lado do Mar de Tritão⁴⁸.

Definitivamente, não era para frequentar a Go'Da, a universidade em Go'Doan que muitos de toda Tritão frequentavam. Em sua maioria, filhos (e algumas filhas, mas essas eram geralmente Nadirii) da aristocracia, alguns das classes mais altas que não tinham um direito de nascença elevado, mas tinham a capacidade de pagar as mensalidades. E algumas bolsas de estudo, mentes talentosas das classes mais baixas, que geralmente acabavam sendo recrutadas para a Ordem Go'Doan.

Não, seja qual for a finalidade dos Firenz, Drey, como um Go'Tish⁴⁹, ou sacerdote em treinamento, não fazia ideia.

E os Go'En⁵⁰, os sumos sacerdotes, não o esclareceram.

Ele estava treinando para as malditas maldições desde sempre. Ele estava começando a pensar que era preciso lamber os traseiros de toda a hierarquia dos Go'En (e ele já havia lambido seus traseiros, do tipo que ele gostava, mas principalmente do tipo que ele não gostava).

Agora, depois de esperar tanto tempo, mas no pior momento possível, ele finalmente havia sido promovido a Go'Ar⁵¹, não mais em treinamento, mas ainda não era um sumo sacerdote. E, como tal, foi enviado em sua primeira tarefa missionária para a Cidade do Fogo⁵² de Firenze, viajando por esse reino para se juntar a seus colegas sacerdotes e assumir seu papel.

Isso não o deixou feliz.

Ele não gostava de ficar longe de seu escolhido.

Mas, em suas viagens, ao encontrar esse guerreiro com o kilt de couro com lâminas nos quadris, cintas no peito, escudos nos antebraços e poderosas espadas cruzadas nas costas, ele começou a repensar as coisas.

Especialmente quando o guerreiro colossal soltou a correia do peito e as espadas caíram com um baque pesado no carpete grosso que cobria a areia e a pedra sob seus pés.

—*Toga, via*⁵³— ordenou o guerreiro, e Drey sentiu a voz retumbante e a ordem atravessando seu traseiro.

Seu pênis já estava duro, desde antes de ele entrar na tenda.

—Eu falo sua língua— disse ele em Firenzii⁵⁴.

—Então tire sua túnica— disse o guerreiro na mesma língua.

Sem demora, as mãos de Drey se moveram para o cinto dourado, mesmo com um pequeno sentimento de culpa em sua cabeça por não estar sendo fiel à sua escolhida.

Esse incômodo desapareceu quando as lâminas de couro do kilt caíram sobre os tapetes e ele viu o que estava se esticando contra os apertados calções de couro por baixo.

O cinto havia desaparecido e o manto descolorido caiu no tapete cerca de dois segundos depois, deixando-o apenas com as sandálias.

O guerreiro nem sequer olhou para ele, o que não agradou muito a Drey.

O homem enorme contornou o colchão afixado até ficar de pé ao lado da cabeceira, onde usou a mão grande para empurrar as coisas para o lado. Frascos, garrafas, moedas, pedaços de pergaminho e outros itens que Drey não conseguia distinguir caíram no chão antes que ele pegasse uma pequena garrafa.

De costas para Drey, ele ouviu quando o guerreiro abriu a garrafa e viu os movimentos de seus braços poderosos quando ele despejou algo em sua mão.

Ele recolocou a garrafa no suporte e se virou, enfiando

superficialmente a parte da frente do calção embaixo do pênis e das bolas, com o falo duro e enorme aparecendo, e Drey instantaneamente perdoou o guerreiro por não admirar seu físico (se é que ele mesmo dizia isso) esbelto e leve, mas bastante bonito.

E, à medida que o guerreiro se movia, ele acariciava aquele falo, cobrindo-o generosamente com óleo.

Assim, quando voltou ao final do palete longo, largo e fofo em seu suporte alto, Drey decidiu tomar as coisas nas mãos, figurativa e literalmente.

Ele se adiantou, estendendo a mão, aproximando-se, tocando o guerreiro pela cintura e subindo na ponta dos pés para buscar sua boca.

—*No bocca*⁵⁵— grunhiu o guerreiro.

—Ma...— ele começou. *Mas...*

De repente, ele teve a parte de trás do pescoço agarrada e seu grito de surpresa foi truncado quando foi jogado no ar, caindo de bruços na cama.

Ele não protestou contra sua nova posição quando seus quadris foram empurrados para cima e para trás, de modo que seus joelhos atingiram a borda do colchão chocantemente felpudo.

Ele não estava preparado para a penetração quando ela veio. Certamente sem nenhum preâmbulo. E definitivamente não estava preparado para o tamanho do eixo que estava recebendo.

Mas Drey era como era e isso não importava.

De fato, ele levantou as mãos com um 'Sim', a fim de cavalgar aquele bruto.

Apenas para ser empurrado para a cama, com o rosto virado para

baixo, uma mão forte novamente em sua nuca, e era ele quem estava sendo montado.

Com força.

G'Drey mal conseguia respirar com o rosto enfiado na seda, mas isso só aumentava sua excitação. E quando ele encontrasse novamente sua escolhida, ele introduziria isso em sua brincadeira.

Sem dúvida alguma.

E talvez ele chegasse ao clímax simplesmente com os impulsos em seu traseiro e o fogo que corria por seu sistema devido à sua necessidade de respirar.

Eventualmente.

Mas, naquele momento, ele precisava de uma mão.

Quando o guerreiro não ofereceu nenhuma, Drey deslizou uma para si mesmo.

Ele estava perto de seu alvo dolorido quando abocanhou todo aquele grande pênis com um grunhido de ambos - o do guerreiro, de esforço, o de Drey, de dor - e então a mão de Drey foi afastada com um tapa.

—Não— grunhiu novamente o guerreiro.

Com dificuldade, Drey forçou a cabeça para o lado, respirou fundo e ofegou: —Mas...

E novamente com as batidas.

Pelos verdadeiros deuses, essa Besta era esplêndida.

Ele sentiu que estava se encharcando.

Talvez ele chegasse ao clímax só com as investidas.

—*Labbra, mia gazzella*⁵⁶— ele ouviu murmurar com carinho.

G'Drey piscou contra os cobertores de seda.

Sua gazela?

Sim, ele tinha um físico esbelto e ágil, então podia aceitar isso.

Mas como ele poderia dar a boca ao guerreiro, agora, quando ele estava de bruços...

—*Forte, mio toro*⁵⁷— disse a voz de uma mulher.

Seu olhar se desviou para baixo da cama e para cima o máximo que pôde forçar, enquanto seu traseiro se contraía mais, mais rápido e com mais força, e ele viu as mãos cheias de anéis de uma mulher deslizando em torno da parede do peito de pele marrom do guerreiro.

—*Labbra*⁵⁸.— Ele exigiu os lábios dela, sua palavra gutural enquanto os polegares esfregavam seus mamilos, e eles não eram os do guerreiro.

—*Non dentro, mio amore. Solo per me*⁵⁹.— Não dentro, meu amor. Somente para mim.

—*Sì*— outro grunhido antes de ele se retirar brutalmente.

Ele rolou G'Drey para as costas, ficou de quatro sobre ele e o segurou pela garganta em um aperto poderoso, com os joelhos nos bíceps de Drey, prendendo seus braços no colchão, enquanto Drey observava, bem de perto, duas mãos acariciarem aquele poderoso eixo, a dela na parte inferior, a grande dele quase o cobrindo.

E enquanto ele ofegava, —Não— sacudindo a cabeça de um lado para o outro, tentando tirar os braços de debaixo daquelas pernas robustas, seu corpo daquele aperto, quando, com um gemido viril e triunfante que não chegou a abafar o gemido delicado da fêmea, a semente do guerreiro inundou seu rosto.

Esse foi o dano.

O insulto foi o guerreiro se deslocar, tirando as pernas dos braços de Drey para poder forçar seu pênis na boca de Drey e acariciá-lo durante a ordenha enquanto beijava profundamente sua mulher...

E Drey adorava o gosto dele.

E a sensação dele.

E a visão dele (sem incluir sua língua na boca da mulher)

E os dedos longos e apertados que ainda envolviam seu pescoço.

No final, ele estava chupando o membro que amolecia, com a mão se aproximando de seu próprio pênis.

De repente, o guerreiro não estava mais em seu rosto e sua garganta foi usada para arrancá-lo da cama e fazê-lo cambalear pela tenda, caindo com força no quadril.

—*Esci*⁶⁰— o guerreiro exigiu que ele saísse.

Com o calor em seu corpo aumentando por causa da vergonha, mas mais por causa da fúria, Drey correu para suas vestes.

Ele as vestiu e estava correndo em direção às abas da tenda, fechando a bata ao mesmo tempo em que tentava enrolar o cinto em volta de si mesmo quando ouviu: —*Attento, falso prete*⁶¹.

Ele parou e olhou para trás, para o guerreiro que descansava negligentemente no colchão, com as faixas de seda de cores fortes e transparentes cobrindo-o e ao redor dele, e sua mulher sobre ele. Ela estava acariciando seu estômago com uma mão, com o outro braço em volta de suas costas, com a boca em seu pescoço, mas seus olhos amendoados estavam voltados para G'Drey.

Foi então que ele viu que ela estava usando a corrente⁶².

Delicados elos de ouro que começavam em uma pequena argola na parte superior da orelha, levando a outra no lóbulo, com alguns rubis pequenos, mas brilhantes, e o que pareciam ser ametistas pendurados na parte que ia do lóbulo à narina, e depois outro comprimento descia até uma pequena argola na lateral do lábio superior.

Orelha direita. Narina direita. Lábio direito.

O foco de Drey se concentrou no lábio e na narina da guerreira.

Ele tinha os aros.

Só não estava usando sua corrente.

Eles eram casados.

Ela era sua esposa.

Drey sentiu o gosto de bile em sua boca.

O guerreiro havia dito: 'Cuidado, falso padre'.

E então ele falou a língua nativa de Drey, a língua do Vale, que era Hawkvale⁶³, do outro lado do Mar Verde. A língua falada em todas as Terras do Norte, exceto Fleuridia⁶⁴. O idioma sobre o qual Drey havia lido tudo nos livros de história. Uma língua que havia sido trazida quando um bom número de lunwynianos escapou do gelo séculos antes, quando o último Frey antes do que eles tinham agora traiu os elfos.

—Firenze não é segura.

—Acho que você já demonstrou isso— cuspiu Drey.

Aqueles olhos sob aquela sobancelha pesada baixaram antes de se erguerem. —Você ainda está duro, falso padre, não me diga que agora não vai para a sua tenda e acaricia o seu próprio eixo, sentindo-me em seu traseiro.

A mulher lambeu o pescoço dele, da clavícula à mandíbula, depois se virou, aconchegando-se e sorrindo para Drey, enquanto o marido a rodeava carinhosamente com seu braço robusto.

Chega.

Ele se virou para ir embora, levantando a manga de borda profunda do rosto para limpar a semente do guerreiro.

—Esse não é o cofre que eu quis dizer— disse o guerreiro.

G'Drey se virou e disse: —O quê?

Em seguida, deu um passo para trás ao perceber que não se grita com um guerreiro de Firenz.

O rosto do homem grande era esculpido em pedra e seu corpo enorme e musculoso ainda estava em seu salão, mas Drey o sentiu alerta para a ação.

—Atenção— rosnou ele para Drey. Cuidado.

—Calma, *mio amore*⁶⁵— ela acalmou seu guerreiro.

—Posso ter sua licença?— Drey forçou.

—Seu buraco estava apertado. Eu gostei— afirmou o guerreiro. —Somente por esse motivo, eu compartilho, você não é bem-vindo em Firenze. Você não será bem-vindo na Cidade do Fogo. Os Firenz não adoram falsos deuses. Seja esperto, falso padre. Seus ensinamentos, suas curas, nós aceitaremos. É por isso que você foi autorizado a atravessar o fogo. Mas não imponha seus deuses ao povo de Firenz. Eles não aceitarão isso e nosso rei não aceitará.

—Eu sou um professor— mentiu Drey, levantando o queixo.

Os olhos escuros do guerreiro o avaliaram.

—Espero que seja assim para você, *mio buco*⁶⁶— respondeu o

guerreiro calmamente.

G'Drey decidiu, com certo receio - e sentindo isso, sua fúria aumentou - que não precisava da permissão do guerreiro para ir embora.

Ele rasgou as abas de seda vermelha e pisou na areia dura que ficava ao lado do afluente do rio onde o bazar estava localizado, pensando que se lembraria daquele rosto. Ele se lembraria daquele pênis. Ele se lembraria da mulher. E ele não daria aviso quando estivesse na posição em que logo estaria e usasse os dois como quisesse.

Com ela assistindo a algo que *não* a faria sorrir.

Ele fez sua tenda de seda branca e rasgou a aba.

Ele tinha seis acólitos que viajaram para atendê-lo, e a primeira, em seu uniforme branco, que sussurrou: —Meu senhor, damos as boas-vindas ao seu retorno— pegou as costas da mão dele.

Ela gritou enquanto se ajoelhava.

Foi então que ela pegou o pé de sandália dele em sua boca.

Ela voou para suas costas, com sangue jorrando de seus lábios.

—*Preparem um banho para mim!*— ele gritou para os outros. —*Imediatamente.*

Eles correram para cumprir sua ordem, inclusive aquela que estava sangrando, embora fosse muito mais lenta.

Mio buco.

Meu buraco.

—Sem aviso— ele resmungou, jogando-se sobre as almofadas brancas e douradas que os acólitos haviam arrumado para ele quando

acamparam, já que muitos dos nômades Firenz haviam feito o mesmo fora do bazar.

Ele empurrou as vestes para o lado, pegou o pênis com o punho e o acariciou.

Selvagemente.

—*Sem aviso*— ele gemeu, envolvendo a outra mão e apertando seu saco inchado enquanto se esfregava magnificamente em suas vestes, ainda sentindo o pênis daquele guerreiro Firenz se movendo em seu traseiro.



O Unicórnio

Princesa Elena

Varanda de sua casa na árvore

OS ENCANTAMENTOS⁶⁷

Abri os olhos lentamente e vi o sol nascente enquanto me sentava de pernas cruzadas na saliência do lado de fora da minha casa na árvore.

Após minha meditação, não me senti revigorado.

Isso aconteceu porque não consegui limpar minha mente.

E isso não era surpreendente.

Minha mãe estava muito alterada nos últimos cinco dias.

Além disso, ela havia pedido uma série de coisas incomuns.

E como a rainha pediu, isso foi feito.

Isso significava que quinhentos de nossos guerreiros, a elite, faziam diariamente exercícios de formação em seus cavalos e faziam isso durante horas.

E todos estavam conservando magia.

Não achei nada reconfortante.

A única vez que as irmãs faziam exercícios de formação era quando tínhamos uma celebração ou uma rara visita de estado, às vezes um contingente de Wodell, mais frequentemente sacerdotes de Go'Doan, ou embaixadores mágicos de todas as nações.

E, até onde eu sabia, não havia nenhuma visita de estado ou celebração de Nadirii e, mesmo que houvesse, talvez fossem cinquenta ou cem guerreiros.

Não quinhentos.

E o único momento em que as irmãs eram solicitadas a conservar a magia era antes da batalha ou da patrulha.

Não que a magia fosse usada em batalha. Em um acordo estabelecido pelo Go'Doan, assinado por nossa rainha e pelos reis de Airen, Firenze e Wodell há três gerações, nenhuma magia poderia ser usada em batalha por nenhum dos lados - nossos guerreiros, seus feiticeiros e bruxas.

Isso era bom, considerando que a magia de batalha era extremamente cansativa e, embora pudesse ser útil, também o deixava vulnerável.

No entanto, ela o tornava mais forte se você a conservasse antes de ir para a batalha, o que obviamente ajudava muito.

Portanto, eu não entendia a conservação da magia.

Para piorar a situação, eu, pessoalmente, por decreto de minha mãe, havia sido proibido de usar magia.

Não apenas conservar, mas meditar com frequência e realizar rituais diários que desenvolveriam minha magia dentro de mim.

Isso não era preocupante.

Era alarmante.

Mesmo assim, naquele momento, ao nascer do sol, como eu fazia todos os dias após minha meditação, estendi a mão para o lado e peguei minhas cartas.

Com a mente inquieta e sem as melhores condições para embaralhar e mover as cartas em minhas mãos, levou algum tempo até que eu finalmente sentisse.

Quando ela se manifestou, eu a tirei do baralho com a face para baixo.

Coloquei o baralho de lado.

E diante de mim, em meu tapete sobre o deque da varanda, virei a carta para cima.

Foi então que o encarei.

O Unicórnio.

Uma carta alta.

Uma das mais altas.

Em todos os meus dias, desde que me lembro, comecei meu dia meditando e depois tirei minha carta, no início, fazendo isso com minha mãe ao meu lado.

Eu nunca tinha virado o Unicórnio.

Se eu estivesse fazendo as cartas por completo, às vezes as minhas próprias, normalmente lendo para outras pessoas, o Unicórnio poderia marcar sua presença na distribuição.

Mas não para começar meu dia e compartilhar o que eu enfrentaria naquele dia, ou um aviso do que eu enfrentaria no futuro e para o qual eu deveria estar preparado, ou do qual deveria me afastar.

Em outras palavras, uma representação de onde minha vida

estava... ou para onde estava indo.

Olhei fixamente para o cavalo branco com sua crina, cauda e pelagem brancas, chifre dourado, cabeça orgulhosa inclinada, olhos inteligentes e serenos, descansando entre as videiras de glicínias, uma floresta noturna ao fundo, pó de fada brilhando no ar como se aquelas criaturas tivessem acabado de passar por ali.

Magia.

Alegria.

Serenidade.

Realização.

Mudança.

Era uma das únicas cartas do baralho de qualquer um dos níveis - alto, médio, abafado - que era puramente positiva. Nenhuma conotação negativa, nenhum aviso, nenhuma advertência, nenhum alerta, nenhum chamado à ação, nenhuma sugestão de alteração de curso.

Apenas alegria.

Paz.

Felicidade.

—Isso... não pode ser— sussurrei para a carta.

E não podia.

Aqueles tremores.

Treinos.

Conservação de magia.

Minha irmã sempre brigando.

E minha mãe estava morrendo.

—Elena!

Devolvendo rapidamente a carta ao baralho, levantei-me de minha posição e fui até a grade, olhando para baixo.

Minha tenente Jasmine estava lá.

Comecei a sorrir para minha amiga.

—A rainha está chamando você— disse ela.

—Bem, olá para você também— respondi, agora sorrindo totalmente.

—Tenho que ir para os exercícios— ela retrucou. —Não tenho tempo para exercícios e para brincar de mensageira.

Não, o que ela não tinha tempo era de acordar antes do amanhecer para estar pronta para os exercícios quando estávamos fora de nossa rotação de patrulha.

Além disso, receber ordens para ficar dentro de nossos encantamentos na floresta, em vez de ir para uma das aldeias do lado de fora e se divertir plenamente com um de seus vários admiradores, bebendo muito vinho, comendo muita comida e desfrutando de muito sexo.

—Estou a caminho— eu disse a ela.

—Meu dia está completo— ela respondeu, e eu não pude deixar de rir.

Ela caminhou com o arco e a aljava nas costas, com o cajado na mão, em direção à arena.

Passei pelos galhos baixos e entrei em minha casa.

Indo para a escada no tronco da árvore que crescia até o meio, passei do primeiro para o segundo andar e fui para o ninho sob a colcha leve no palete macio.

Afastei os grossos cabelos dourados para o lado.

—Dora— chamei. —Está na hora de se levantar. Tomar banho. Vestir-se. Ir para seus estudos.

—Bluh— murmurou Dora.

Sorri e me inclinei para mais perto. —Theodora, levante-se. Minha mãe deseja minha presença. Você vai ter que fazer isso sozinha hoje, sem que eu suba as escadas a cada cinco minutos para lembrá-la de sair da cama.

Ela rolou para trás, olhando-me com olhos castanhos quentes e sonolentos.

Eram os olhos de sua mãe.

Meu coração se apertou como sempre se apertava quando eu não estava preparado para olhar naqueles olhos amados.

—A rainha Ophelia quer você?— perguntou ela.

—De fato, ela quer. Então, suba. Banho. Botas, casacos e meias. Vamos lá.

Então me inclinei profundamente, toquei meus lábios em sua testa lisa e me afastei, indo para as escadas que subiam e subiam e subiam, até o eyrie, meu quarto.

Eu já havia vestido meu traje de corpo lavanda. Portanto, rapidamente enrolei os invólucros de camurça macia em volta do arco do pé, do tornozelo, cruzando-os pela panturrilha até a parte superior das coxas. Vesti uma túnica curta, meu cinto e meus mocassins baixos,

e coloquei minha faixa diária em volta da cabeça, não a cerimonial, não a de patrulha, não a de batalha.

Um disco de ouro simples, mas brilhante, no qual estava impressa uma folha de carvalho branco que ficava no meio da minha testa e levava a discos de ouro menores que se alimentavam ao redor. Amarrei-o na parte de trás.

Nem todas as irmãs usavam a faixa de cabeça regularmente.

Apenas três usavam.

Minha mãe.

E as duas princesas dos Nadirii.

Para terminar, puxei os protetores de camurça pelos antebraços e desci os degraus.

Dora estava com o jarro e a bacia.

Excelente.

—Eu simplesmente adoro você— eu disse a ela, ainda me acalentando.

—E você é uma grande boba— ela respondeu.

Apertei os lábios e lhe mandei um beijo. Ela revirou os olhos. E continuei descendo os degraus até chegar ao primeiro andar, que abrigava nossa cozinha arrumada, nossa grande sala de estar e nosso espaço para rituais.

Não continuei a descer os degraus.

Fui até o buraco no chão, agarrei a corda acima dele que pendia de um galho que crescia pela sala e deslizei para baixo, aterrissando suavemente sobre meus pés no chão da floresta.

Fiz isso pensando: magia, alegria, serenidade, realização, mudança.

Eu conseguia entender a mudança.

A mudança era eterna.

Mas com a doença que corroía minha mãe e que ela se recusava a discutir, os tremores inexplicáveis que sacudiam a terra a cada quinze dias, as vibrações perturbadoras que eu sentia no véu da magia e a própria presença de minha doce (e mal-humorada) Dora em minha casa na árvore, eu não conseguia imaginar que algum dia sentiria alegria e, definitivamente, não sentiria serenidade.

Caminhei pelas árvores, erguendo o queixo, ou a mão, ou cumprimentando as irmãs por quem passava, empurrando esses pensamentos para o fundo da minha cabeça.

Não me surpreendi ao ver Lucinda e Agnes, duas tenentes de minha mãe, paradas na base dos largos degraus de madeira esculpidos que circundavam o tronco do imponente e alto carvalho onde o palácio de minha mãe foi construído no alto entre as folhas.

—Minha princesa— Lucinda me cumprimentou quando parei diante deles.

—Minha honrada irmã— respondi, não gostando de uma saudação tão formal de uma mulher que eu considerava uma tia para mim, sendo que eu era uma mulher que ela considerava principalmente uma filha.

—Minha princesa— disse Agnes, e eu sentia o mesmo por Agnes, e ela por mim.

Pela deusa⁶⁸.

O que estava acontecendo?

—Minha honrada irmã— repeti e olhei para as folhas. —Ela está me esperando?

—Levante-se— respondeu Lucinda.

Foi o que fiz, caminhando entre elas e subindo os grandes degraus do palácio.

Não a encontrei em seus aposentos pessoais mais altos, mas nas câmaras de recepção no primeiro andar.

Isso também não era um bom presságio.

O que piorou as coisas foi o fato de minha irmã estar lá.

Serena não parecia feliz, mas, a menos que estivesse buscando sangue ou se divertindo, ela raramente o fazia.

Cada uma de nós tinha muito de nossos pais desconhecidos, mas dava para perceber que nossa mãe tinha um certo tipo de homem que ela gostava.

Nossa mãe era pequena, não era frágil, mas não era alta. Quando seu cabelo não era branco, como agora, era loiro acinzentado. Seus olhos ainda eram de um azul intenso.

Minha irmã era alta, assim como eu. Ela tinha curvas, assim como eu. Seu corpo tinha um ar de salgueiro, mesmo com seus músculos fortes, tonificados, bem torneados e em forma. Assim como eu.

Sua pele, no entanto, tinha algumas sardas.

E seu cabelo longo e cheio era da cor de cobre brilhante, seus olhos eram de um marrom escuro e profundo.

Meu cabelo era cor de mel, assim como minha pele.

Meus olhos eram de um tom incomum de violeta.

Parecíamos irmãs, mesmo com a coloração incompatível.

E nossas disposições opostas.

—Mamãe finalmente está disposta a compartilhar seus segredos— disse Serena depois que eu entrei completamente pela cortina de contas da porta da sala de recepção de minha mãe.

Desviei o olhar da minha irmã.

—Bom dia, mamãe— eu disse à minha mãe.

—Minha filha— ela murmurou de seu lugar na almofada em sua cesta suspensa.

Não olhei muito de perto para ela. Ela ficava irritada quando eu tentava ler seu estado, sendo esse o estado de sua saúde, algo que ela se recusava terminantemente a discutir.

Em vez disso, olhei novamente para Serena. —Olá, irmã.

—Oi— ela murmurou.

—Suponho que você não queira se sentar comigo— perguntou Ophelia, principalmente para sua filha mais velha, considerando que eu absolutamente me sentaria com ela.

Hesitei, não querendo receber o comentário que viria de minha irmã se eu fizesse o que ela pedia sem hesitar. Eu tinha aprendido que não valia a pena e, de qualquer forma, quem não gostaria de passar a manhã com a mãe?

Serena fez uma careta para mim.

Ela sabia que eu queria ficar com minha mãe.

Suspirei e fui até a cesta do sofá de assento profundo, que era muito maior e ficava no chão, mas era do mesmo jeito que a cesta da minha mãe, com a parte de cima bem inclinada sobre o assento, e a

parte de trás com muitos travesseiros confortáveis.

Entrei e me sentei com as pernas cruzadas, de frente para minha mãe.

Serena foi para o lado mais distante de mim e cruzou os braços sobre o peito.

Foi então que minha mãe suspirou.

Ela também havia aprendido o que valia a pena fazer com Serena, e o que não valia, pois ela começou a falar sem demora.

—Seis noites atrás, eu fui até as pedras de pé.

Isso chamou a minha atenção e a de minha irmã.

Tinha sido uma noite com tremores.

E depois do último, o mais forte, mamãe havia dado suas ordens.

—A Besta se levanta— declarou Ophelia.

Tanto Serena quanto eu ficamos alertas.

—Que a Deusa seja amaldiçoada— disse Serena.

O rosto de mamãe ficou tenso e ela mordeu: —Não diga tal profanação!

—Isso não pode ser verdade— Serena retrucou, impenitente.

—Se você pode dizer isso, então seus sentidos não estão abertos e as funções do seu corpo não estão no seu melhor, pois você não pode perder as vibrações do véu nem pode perder os terremotos quinzenais — retornou Ophelia.

Como era meu hábito, entrei na brecha de abertura.

—É por isso que você nos pede para conservar a magia e a

energia?

Mamãe olhou para mim. —Não. Nós viajamos para Firenze e nos apresentamos em um desfile diante de todos os reis e príncipes de Tritão para os casamentos de Mars, True e Cassius.

Senti meu coração bater forte no peito.

Casamento de True?

Com quem True ia se casar?

—Maldito *desfile*?— Serena perguntou de forma sarcástica. —Na frente de todo o *reino*?

—Sim— respondeu Ophelia. —Como celebração de uma aliança inédita ou desconhecida desde que os seres andavam eretos. A totalidade de Tritão se fundiu em paz.

—Fundiram-se?— Eu sussurrei.

Minha mãe olhou para mim e balançou a cabeça. —As nações permanecem. Os Encantamentos, minha filha, permanecerão. Mas para sempre, a partir dessas uniões, o sangue de Firenze fluirá através da casa real de Wodell. O sangue de Wodell fluirá através da casa real de Firenze. O sangue de Airen já flui por todo o Firenze. E o sangue dos Nadirii fluirá através da casa real de Airen.

Nada foi dito sobre isso, pois tanto Serena quanto eu congelamos em horror e choque.

A rainha Ophelia não tirava os olhos de mim.

—Você se casará com o príncipe Cassius— sussurrou minha mãe.

Sem conseguir me conter, saí da cesta, gritando: —Não!

—Querida deusa— suspirou minha irmã.

Ophelia levantou sua mão em minha direção. —Minha filha, eu sei que você sente algo por True.

—Eu não sinto nada por ele! Estou apaixonada por ele!— Eu gritei.

Ela balançou a cabeça novamente. —Minha querida, você não sabe o que é amor.

—Ela não pode se casar com um Airenziano— Serena sibilou durante a conversa. —É revoltante. Vil. Não pode ser suportado. Especialmente um *príncipe*. Não com esse sangue. Nunca esse sangue. É traição.

—Houve muitas perdas ao longo dos anos. Muitas perdas. É hora de depormos nossas armas, minha filha— disse a mãe a Serena.

—Sério?— Serena se balançou sobre os calcanhares, com os olhos ardendo, a pele ardendo, tudo nela ardendo. —E eu não estou sabendo, mãe? Eles aprovaram recentemente uma lei que permite que as mulheres tenham títulos de propriedade de terras?

—Serena...— começou a mãe.

—Ou que é ilegal que um homem levante a mão para sua esposa, sua prostituta, sua criada?— Serena continuou.

—Minha filha feroz...

Serena não desistiu. —Ou que ele não possa descartar uma esposa, uma prostituta, uma criada, entregando-a às ruas sem dinheiro e sem posses enquanto encontra outra para atender às suas necessidades?

—Serena...— nossa mãe continuou tentando.

Mas Serena falou por cima dela.

—E quando ele se impõe a ela? Esposa, prostituta, criada, mulher que não passa de uma estranha para ele, por quem ele passa na rua?

Ele será punido por tais violações hediondas?

—O príncipe Cassius é muito diferente de seu pai, ou do pai anterior a ele, ou do pai anterior a ele— apontou Ophelia. —Ele escolheu uma esposa. Apenas uma e ela era tudo o que ele precisava. São contadas, de forma ampla e com grande desgosto, histórias de seu amor e respeito por ela antes que ela morresse.

—Então Cassius será a estrela brilhante no céu de Airen que mudará séculos de degradação e subjugação, rebaixamento, assédio, às vezes até *tortura* e *morte* de nossas *irmãs*?— Serena exigiu com descrença aberta.

Ela não esperou que nossa mãe respondesse.

Ela disse de forma ácida: —De fato, mãe, a Irmandade foi formada na Noite dos Mestres Caídos. Passamos décadas acumulando magia para adormecer os machos da Baía do Céu para que nossas irmãs pudessem cortar a garganta de seus algozes e roubar a noite. É diretamente do *seu sangue*— ela se inclinou para a frente e depois para trás, —e do meu, que nossa bisavó foi *enforcada* por pedir *repetidamente* à coroa e, quando isso não adiantou, organizar as mulheres para protestar e se revoltar. Foi a filha dela, também do nosso *sangue direto*, que elaborou o plano que nos levou à fuga, à liberdade, à construção de nossa irmandade e à criação dos Encantamentos.

—Não preciso de uma aula de história, Serena— suspirou mamãe.

—Sim, bem, milhares de seus homens imundos foram assassinados naquela noite, como era devido, e os Airenzianos *ainda* não aprenderam. Não, *mãe*, eles puniram as fêmeas que ficaram para trás e continuaram a opressão— respondeu Serena.

—Isso aconteceu há duzentos e setenta e quatro anos, minha filha — lembrou-lhe Ophelia.

—E não há uma patrulha que retorne que não tenha encontrado uma mulher de Airen implorando para que os Encantamentos a deixem entrar— respondeu Serena.

Minha irmã se contorceu. Era o jeito dela.

Eu patrulhava os limites dos Encantamentos. Era meu dever.

E ela não estava enganada.

As mulheres airenzianas não vinham em enchentes, elas não podiam. Elas não conseguiam fugir.

Mas as que podiam, vinham.

Regularmente.

E nós as deixávamos entrar, sem falta.

Eu me aproximei de uma das janelas sem vidro e olhei para fora, sem ver, para o sol e o verde.

—Elena, você tem uma maldita voz?— minha irmã disparou nas minhas costas.

—Ele ama outra— eu disse para a janela.

—Outra que não está mais nesta terra— minha mãe me disse.

—Eles acham que Serena matou o irmão dele— compartilhei novamente com a janela.

—Eles estão errados, e sinto que Cassius entende isso— minha mãe compartilhou comigo.

Cassius ainda não era rei.

Estou apaixonado por True.

Parece que o Unicórnio não era sobre felicidade.

Era apenas uma questão de mudança.

Mas como isso poderia acontecer?

—Estamos honestamente considerando essa loucura?— Serena exigiu saber.

—Não estamos apenas considerando, está feito. Os Nadirii partem para Firenze em duas semanas. E, pelo que sei, os outros já estão na rota.

Eu me virei com isso.

Serena soltou um grunhido de raiva.

Mamãe continuou falando.

—Nós nos apresentamos. Celebramos os noivados. Assistimos ao casamento de Mars e Silence...

Silence?

A prima quieta da True (mas interessante e perspicaz e, quando você falava com ela, bastante adorável e espirituosa) ia se casar com o bárbaro rei de Firenz?

Querida deusa.

—Depois disso, Serena e eu iremos para casa— continuou Ophelia. —Elena, você terá seus tenentes e uma guarda de cem pessoas e irá para Wodell para o casamento de True e Farah dos Firenz.

Senti uma punhalada em meu coração.

Mamãe continuou: —Depois, vá até Airen para suas próprias núpcias. Serena, eu e o contingente de Nadirii nos juntaremos a vocês lá. E, para que você saiba, o rei e a rainha de Mar-el, já casados, estarão em todas essas festividades.

—Dora vem comigo— declarei.

—Você está louca?— Serena gritou, não para mim, mas para nossa mãe.

Mas mamãe me disse: —Não, minha filha. Seria...

—Ela vem comigo— eu disse com firmeza, —eu prometi. Prometi a Tiana que, se ela caísse em batalha, eu criaria sua filha como se fosse minha.

—Melisse vai...— Mamãe começou.

Melisse, a tenente de minha mãe, minha amada mentora, seria uma substituta magnífica.

Mas não foi isso que prometi à minha amiga.

—Ela vem, mamãe, ou eu não vou.

—Você sabe que foi um dos guardas pessoais de Trajan que golpeou Tiana— disse Serena. —E você estará se envolvendo com o irmão daquele maldito idiota morto pela deusa.

Olhei para minha irmã. —Ela é minha filha. Você não abandona sua filha. E eu não deixarei Theodora.

—Não acredito que você esteja concordando com isso— Serena cortou. Ela se voltou para Ophelia. —E o que tudo isso tem a ver com a Besta?

—Essas alianças, essas partidas, são profecias— respondeu nossa mãe. —Eu não sei o resultado. Mas sei que é nossa única defesa. Então, veremos.

Isso não foi muito.

Comprometer-me com um Airenziano, nosso inimigo mortal.

Para me separar de True, que eu esperava encontrar uma maneira de convencer minha mãe a permitir que eu o tornasse meu escolhido, algo que nenhuma Nadirii fez e acabou sendo capaz de viver entre os Encantamentos. Se você aceitasse um escolhido do sexo masculino, viveria na terra deles, não entre a Irmandade. Você não era abandonada, mas seu macho não era bem-vindo.

True tinha sido deixado entrar porque, bem... True era verdadeiro⁶⁹.

Verdadeiro de palavra.

Verdadeiro de pensamento.

Verdadeiro de coração.

Ele era um dos únicos homens, que não era de Go'Doan, que havia sido autorizado a entrar nos Encantos em quase trezentos anos.

E eu queria que ele fosse meu.

Voltei para a janela.

—Elena se submeterá à sua vontade, como sempre, mas não concordo com isso— declarou Serena atrás de mim.

Ouvi a cesta de minha mãe se mover e, ao ouvir o som, me virei para vê-la se levantar das almofadas.

—Você vai, minha filha— ela retornou, sua voz forte e inabalável. —Você irá para Firenze com suas irmãs. Participará do desfile exatamente como eu lhe disser. Você se comportará entre o povo de Firenze, os reis e príncipes dos reinos. Você agirá de forma condizente com a Irmandade. Representará sua posição, sua mãe e seu título exatamente como eu desejo. Ou eu a banirei, filha. Darei os Encantos à sua irmã e, como ela estará ligada ao próximo Rei de Airen, ele terá permissão para reivindicá-los.

Prendi a respiração diante dessas palavras escandalosas.

—Isso é traição— sussurrou Serena.

—Eu cometerei traição para ver a Besta ser contida— sibilou mamãe. —Não haverá Encantamentos, nem Irmandade, nada se não nos *sacrificarmos* todas. Elena se sacrifica. Eu me sacrifico. E Serena, *você vai se sacrificar*.

Ela deu um passo em direção à mais velha e parou, seu rosto se contorceu e, com isso, meu coração fez o mesmo.

—Você não acha que eu morro por dentro sabendo que ela estará entre eles?— ela perguntou suavemente.

Serena desviou o olhar.

Ela sabia muito bem.

Eu também sabia.

—Mamãe— chamei gentilmente.

Minha mãe olhou para mim.

—Espera-se muito de você, Elena— ela disse. —Ele tem uma filha que não pode ascender devido ao seu gênero. Ele espera um herdeiro. E você deve esperar dele mudanças graves e vitais em suas terras. Mas você não terá o poder de fazer isso. Você só terá poder sobre ele. Talvez. Se conseguir conquistar a consideração dele. Isto é— ela voltou sua atenção para Serena, —somente se derrotarmos a Besta.

—Então, minha irmã virgem não só tem que pegar o pênis dele, como também tem que gerar um filho?— perguntou minha irmã com uma careta.

—Você não acha que um futuro rei de Airen, nascido de um homem que não tem amor pela batalha, apenas pelo dever, mas que teve o amor de uma esposa, algo que ele conquistou, ao mesmo tempo

em que o filho nasce de uma Nadirii e é criado por ambas, não mudará muito a negritude de Airen?— perguntou Ophelia.

Serena percebeu a astúcia dessa pergunta e fechou a boca.

Eu só vi a impossibilidade disso, e esse era agora o meu fardo.

Envolvimento direto nas terras de Airen com o maldito príncipe herdeiro daquele reino.

Respirei fundo.

Mamãe continuou falando.

—Eu me arrependo disso, minhas filhas, de verdade. Mas a vida muitas vezes nos oferece escolhas limitadas. O que fazemos com as cartas que nos são dadas é o que nos mede.

As cartas que nos são dadas.

Definitivamente, foi um fracasso rançoso com aquele unicórnio.

Provavelmente porque não consegui limpar meus pensamentos antes que ele se tornasse conhecido. As cartas raramente eram confusas.

Em momentos como esse, no entanto, não era surpresa que estivessem.

—Agora, sente-se— ordenou minha mãe, voltando para sua almofada. —E eu lhe direi como minhas irmãs, e especialmente minhas filhas, compartilharão durante esse desfile, de uma forma que será comentada por séculos, a beleza da Irmandade.

Eu me sentei.

E Serena sentou-se.

Foi então que eu soube por que recebi a ordem de conservar

minha magia.

E foi então que eu soube que o Unicórnio era um erro.

Porque quando saí da casa de minha mãe, não estava mais apenas alarmada.

Eu estava com um aperto no coração.

E estava muito angustiada.



A Irmãzinha

Farah Magos

Jardins frontais, Palácio Catrame⁷⁰, Cidade do Fogo
FIRENZE

Mantive minha cabeça erguida enquanto eu e minha mãe subíamos os degraus do palácio.

Eu não esperava que voltássemos a esse lugar.

Mas, duas semanas antes, o mensageiro havia chegado com os guardas, exigindo que empacotássemos nossos parques pertences de nossos alojamentos de adobe ao sul de Firenze e fôssemos com eles para a Cidade do Fogo.

Durante a longa jornada, eles não explicaram de forma alguma por que havíamos sido convocados pelo rei.

Minha mãe, como pude perceber, estava apavorada.

Por um bom motivo.

Portanto, eu tinha que me comportar como se não estivesse.

Embora estivesse.

De forma estranha.

Mas nos raros momentos racionais que tive durante a longa viagem pelo nosso grande e arenoso país, não conseguia imaginar que Mars nos puniria mais do que já havia feito.

Sem dúvida, o povo de Firenze ficou chocado com o fato de a sentença do meu pai não ter se estendido a mim e à minha mãe, como o pai de Mars não teria feito, mas seu avô certamente faria.

Mas não tínhamos nada a ver com o que meu pai havia feito. Isso foi provado. Era sabido.

De fato, o Rei Mars já sabia disso muito antes de a investigação ser concluída.

Portanto, nossa punição foi justa.

E toda a Firenze concordou, gritando isso com vozes alegres, enviando mísseis flamejantes para o céu - porque isso afirmava que seu novo rei era igual ao seu pai.

Justo.

Assim como seu pai, Mars era um tipo de governante muito diferente para Firenze.

Os inocentes não entravam nas lonas sem motivo algum, mas para ser um lembrete brutal para qualquer um que pudesse perturbar um rei.

Talvez ele tenha mudado de ideia.

Mas eu o conhecia bem.

Muito bem.

E Mars sempre foi muito decisivo (como seu pai).

Ele não era o tipo de homem que mudava de ideia.

Portanto, eu não conseguia imaginar, depois de quase quatro anos vivendo sem ser molestado, mas com muito mais simplicidade do que estávamos acostumados, despojado de status e da maioria de nossos pertences, do que se tratava.

Um servo vestindo a túnica carmesim bordada e calças largas da equipe adulta do Palácio Catrame da Cidade do Fogo nos encontrou no vestíbulo.

—Ven, ven— ele disse impaciente, mas senti que ele não estava impaciente conosco.

Parecia haver muita atividade no palácio.

De fato, havia bastante atividade em toda a cidade desde o momento em que entramos pelos portões de fogo.

Seguimos o servo, com minha mãe ao meu lado, por uma passagem que já havíamos percorrido milhares de vezes antes.

Uma passagem que nos levava ao que seu pai, o Rei Ares, mas principalmente sua mãe, a Rainha Elpis, havia transformado em salas de estado.

Antes de Ares, havia poucos assuntos de estado.

Havia guerra.

E havia confrontos entre clãs.

Quando não estavam acontecendo, havia celebrações, festas, execuções, jogos, desfiles e orgias.

Ainda havia tudo isso, mas não com a mesma abundância.

Salve as celebrações, festas, jogos, desfiles e orgias.

Ouvi minha mãe ofegar e também fiquei surpreso quando o servo não nos levou até o fim do corredor, onde ficava a sala do trono, mas

virou à direita, onde ficava a sala de recepção informal.

—*Mio re*⁷¹— murmurou o servo, fazendo uma reverência baixa na cintura.

Eu caí em uma reverência profunda instantaneamente, com a lateral da perna de trás rente ao chão, o joelho da perna da frente apertado contra o estômago, o queixo no pescoço, as mãos uma sobre a outra no peito.

Isso porque Mars estava deitado nas almofadas de um dos divãs, sob as cortinas de ouro e vermelhão polidos, creme e verde-oliva, que vinham de uma grande lâmpada chitai esculpida de forma complexa, pendurada no teto, atravessando a sala e cobrindo a parede do fundo.

—*Alzati*⁷², Farah, Sofia— murmurou Mars.

Ficamos de pé.

Depois de apenas um olhar dos olhos negros do rei, o servo desapareceu.

Aqueles olhos se voltaram para nós.

—Venham para a frente, minhas irmãs— disse ele.

Minha mãe pegou minha mão e seguimos em frente.

—Nada disso, mãezinha— disse Mars em voz baixa, com sua atenção voltada para minha mãe. —Eu já fiz meu julgamento. Apreendi aos pés de Ares. Você passou muito tempo com meu pai. Você sabe melhor, não?

—De fato, Vossa Graça, fez seu julgamento— eu disse para desviar a atenção dele da minha mãe, que agora eu podia sentir que estava tremendo. —Que foi o exílio. Então, espero que entenda por que estamos ansiosos, pois pensamos que nunca mais veremos você, nossa Cidade do Fogo ou este grande palácio.

Ele mergulhou a longa ponta da barba em seu queixo no pescoço e eu tentei não olhar mais longe, mesmo que houvesse muito para olhar.

Era sabido em todo o país que Mars Laches, rei de Firenze, era o melhor guerreiro do reino.

Seu pai havia sido assim antes dele.

Seu avô, não.

Esposas bem escolhidas, acasaladas com reis guerreiros experientes ao longo de séculos, era o que estava diante de mim em um par de calças de seda creme com painéis e nada mais. Seus pés estavam descalços. Seu peito largo e fortemente musculoso à mostra. Seus ombros eram tão largos e desenvolvidos que os tendões cobriam seu pescoço. Seu estômago era tão definido que se poderia derramar um rio de vinho nas reentrâncias e ele correria sem rastejar para cima das ondas.

Seus longos cabelos pretos eram cortados em camadas, desde a coroa até a queda pelas costas.

Um pequeno aro de ouro perfurando sua sobrancelha esquerda. Pequenas bolas de ouro em cada lado da ponte de seu nariz. Um arco invertido de rubis Firenz diminutos entre suas narinas. Um minúsculo rubi triangular na reentrância da carne acima de seus lábios. Aros de ouro robustos em suas orelhas. E uma argola estreita de ouro na orelha superior, na narina direita e logo acima do lado direito, no canto do lábio superior, aguardando a corrente de casamento.

—Posso entender essa confusão— disse ele. —É um segredo importante a ser guardado, o motivo pelo qual você foi convocado. E continuará sendo, por um tempo. Mas durante esse tempo, você deve se preparar.— Ele inclinou o queixo, dessa vez para duas pilhas de almofadas longas e coloridas colocadas além da mesa retangular baixa com um desenho intrincado de madrepérola que ficava diante de seu

divã. —Sente-se.

Levei minha mãe até suas almofadas e, quando ela se afundou nelas, eu a soltei.

Em seguida, fui até a minha e fiz o mesmo.

—Eu me esqueci de Vossa Graça, bela Farah— murmurou Mars.

Levei a mão ao peito e inclinei a cabeça. —Sua bondade me aquece, meu rei.

Com isso, ele rugiu em gargalhadas.

Minha cabeça se ergueu, senti meus olhos se arregalarem e fiquei atordoada demais com essa resposta para me virar para minha mãe e avaliar a dela.

Mas, por outro lado, Mars sempre foi rápido em rir. Ele tinha um senso de humor empolgante, que fazia você rir (e ria com você quando ele ria) e achava uma infinidade de coisas divertidas.

Ele era o homem mais fácil de se conviver que eu já conheci na vida. Aquela risada. A seriedade que se abatia sobre seu rosto severo, mas bonito, quando você tinha algo a dizer e ele estava ouvindo. A ternura que invadia toda a sua estrutura gigantesca se ele soubesse que você estava sofrendo.

Foi assim quando ele compartilhou nossa sentença de exílio, quase parecendo que a dor era maior para ele do que para nós, ao nos despojar de tudo o que tínhamos e sabíamos, deixando-nos apenas com nossos nomes, antes de nos mandar embora.

Embora ele tenha nos mandado embora com poucos pertences, todos eles eram importantes. Heranças que minha mãe tinha de sua família, tesouros que me magoariam se eu os deixasse para trás.

E a modesta acomodação que ele nos proporcionou em nosso

exílio não era a casa de pobres.

Não era uma grande residência como a que estávamos acostumados.

Mas, embora muito pequena, muito remota e muito distante de tudo o que conhecíamos, era segura, confortável e aconchegante.

Eu deveria saber que ele não mudaria de ideia e nos chamaria para nos castigar ainda mais.

—Tudo bem, minha irmãzinha— disse ele quando se acalmou. — Permita-me deixar isso claro.

De repente, minhas costas se endireitaram e minha pele se retesou.

Porque seu belo rosto se tornou simplesmente severo quando todo o humor o abandonou.

E um Mars Laches sem humor não era apenas um espetáculo para se ver.

Era uma visão a ser temida.

—O que seu pai fez não foi o que você fez— disse ele, sua voz profunda rolando como sarsens em direção às nossas almofadas. —Eu perdi meu pai, vi minha mãe perder o marido, essas são as únicas razões pelas quais estou mais profundamente triste com esse evento do que você. E não é porque você perdeu seu pai ou você— ele se voltou para minha mãe, —seu marido. Pois todos nós perdemos não apenas um rei que amávamos, um homem que amávamos ainda mais, mas também muita confiança e qualquer inocência que ainda pudéssemos ter nas maquinações de G'Dor.

Eu me inclinei para frente. —Rei Mars...

—Eu sou Mars para você, Farah— ele rosnou. —Sentamos em

nossas almofadas, em nossas mesas, em nossos estudos, lado a lado. Você me derrotou com a tinta quando eu tinha sete anos e você tinha quatro, algo com que você deveria se preocupar mais neste momento, porque eu nunca esqueci a humilhação.

Eu não podia acreditar nisso, mas tive a sensação mais bizarra de que estava prestes a sorrir.

Mars ainda não havia terminado.

—O primeiro garoto que partiu seu coração, eu quebrei o nariz dele, e o segundo, e se não me falha a memória, o terceiro. Você deu seu coração livremente demais. Era um incômodo. E você fez dormir a primeira garota que quebrou minha lealdade para que você pudesse cortar o cabelo dela. Meu pai e minha mãe perderam minha irmã de sangue para forças que não podiam controlar ou compreender. Você tomou o lugar dela.

Ouvi o soluço silencioso de minha mãe.

Olhei para aquele lado e meu coração se apertou.

—Mãezinha— disse Mars. —O que foi feito com você tinha que ser feito. Mas, na verdade, você precisa saber qual é o seu lugar no meu coração.

—Meu filho— ela sussurrou.

Ela sabia.

Era mais do que bonito o fato de Mars ainda saber disso também.

Não tive mais vontade de sorrir.

Em vez disso, virei a cabeça para esconder as lágrimas que se acumulavam em meus olhos.

—Mãezinha, seque seus olhos— disse Mars. —Farah, você também.

Eu funguei, me controlei e olhei para o meu rei.

—Saiba disso— disse ele quando captou meu olhar. —Seu pai conspirou para assassinar nosso rei. Essa trama foi bem-sucedida. Ele acabou com a vida do melhor governante que esta terra já conheceu. Não consigo nem começar a entender como seria a sensação de saber que o homem que me gerou fez isso. E ele, seus colaboradores e seus guerreiros entraram nas covas, minha irmã. Eles se foram. Os Firenz conhecem a paz e a prosperidade. Está feito.

—Então, nosso exílio está terminado?— Perguntei, com a voz chocada, como não poderia deixar de ser.

Ele era um governante como seu pai, treinado por seu pai para ser feroz, mas justo.

Ainda era do meu sangue e do marido da minha mãe que mataram o rei.

Ele sustentou meu olhar e notei que não olhou para minha mãe.

—Não exatamente— ele respondeu.

Oh, meu Deus.

Minha mãe se manifestou.

—Mars, de fato, com todo o respeito, meu filho, já se passaram duas semanas. Estávamos muito ansiosas. E...

—Farah se casará— disse Mars a ela.

Eu disse?

—Ela se casará com quem?— Mamãe perguntou.

—O herdeiro do trono de Wodell. O Príncipe True— respondeu Mars.

Eu pisquei os olhos.

Então, comecei quando minha mãe bateu palmas e fingiu cuspir na multidão de tapetes coloridos que se sobrepunham no chão diante dela.

—Wodell!— gritou ela com nojo.

—Mãezinha— murmurou Mars, com os lábios contraídos.

Foi isso que eu não achei engraçado.

Eu estava me casando com um *Wodell*?

—Eles são *fracos*— disse mamãe. —Uma mulher Firenz não abre as pernas para um *Wodell*.

—True não é como seu pai— assegurou Mars.

Minha mãe fungou e levantou o queixo. —Eu posso acreditar nisso. Posso acreditar que ele nem mesmo é como seu pai. Pois aquele rei não tem bolas e me surpreenderia que ele tivesse até mesmo um pênis.

Mars deu uma risadinha.

Eu sussurrei: —*Mamãe!*

A cabeça de minha mãe girou em torno de mim. —Ouvimos as histórias, mesmo em nosso banimento. Muitos de seus homens caem e caem e *caem* enquanto ele tenta roubar nosso açafraão, nosso alcatrão e nossos *rubis*. Estamos guerreando desnecessariamente com Wodell há décadas. *Séculos*.

—Os Firenz roubaram aquela área de terra dos Dellish há muitos anos— apontou Mars gentilmente.

—Sim, e *nós* conseguimos *mantê-la*— sibilou Mama para Mars. —Mas ela era nossa *primeiro*.

Mars riu novamente.

Eu suspirei.

—Obviamente, não tenho nenhum poder nesta sala, nesta terra e, definitivamente, não estou sentada diante do meu amado rei, um homem que ajudei a criar lado a lado com minha amiga-irmã, a Rainha Elpis— começou mamãe, grandiosamente. —Mas posso lhe dizer que essa mina de rubi constrói nossos exércitos e amplia nossas estradas. Eu sei, Mars, como seu pai antes de você, que você deixou de levar os lucros das propriedades reais para seu tesouro pessoal e os adicionou ao tesouro do povo. Isso é uma bênção e o povo sabe disso, sentindo por você o mesmo que sentia por seu pai. Que você é nobre, adorado e nosso verdadeiro governante. O alcatrão *sempre* foi de Firenze e somente de Firenze. E esses campos de açafraão são de propriedade do *nosso rei*.

—Eu sei disso, Sofia, pois eu sou esse rei— murmurou Mars com diversão.

—E ele se *atreve*?— ela perguntou.

—Eles não são uma nação tão rica quanto nós— explicou Mars.

—Então... então... então... faça mais ovelhas!— exclamou ela. — Isso não deve ser difícil. Elas se alimentam. Outra vem. Até *eu* cobiço a lã dos Dellish.

Mars olhou para mim. —Também me esqueci do espírito de sua mãe.

—Não é espírito, é lealdade— respondi.

—Eu não me esqueci disso— ele sussurrou, e senti minha garganta fechar.

Instantaneamente, sua afronta insolente desapareceu, e mamãe deu outro pio de choro.

Mars lhe deu um olhar suave antes de voltar seu olhar para mim.

—Este casamento foi arranjado, Farah, e não há como mudar isso. A True cavalga aqui enquanto falamos para desfiles e celebrações de noivado antes de você cavalgar até lá para a cerimônia.— Sua voz baixou. —É um bom partido, minha irmã. Ele é tão diferente de seu pai que eu o chamaria de um changeling. Em sua última rendição, quando seu pai novamente enviou o filho para comandar um número insuficiente de soldados em um esforço insensato, ele sabia que estava perdido antes mesmo de começar, e eu podia sentir sua frustração. Ele e seus homens lutaram com astúcia e coragem, apesar de tudo. A lealdade de seus soldados a ele é tão forte que chega a perfumar o ar. Essa partida significará uma aliança entre nossos países. E não posso dizer que não sinto um certo alívio, pois isso também significa que não terei que derrotar um soldado tão valente novamente.

Não se pode dizer que eu tenha ficado muito feliz com a notícia de que iria me casar com um Wodell, príncipe ou não.

O que se pode dizer é que eu estava sendo chamada para servir ao meu povo e, na verdade, não havia mais nada que precisasse ser dito.

—Eu me casarei com esse príncipe, meu rei— eu lhe disse simplesmente para que ele soubesse que eu o faria de bom grado, pois, como rei, ele não precisava de meu consentimento.

Mas como o Mars com quem eu havia crescido, ele desejava isso.

—E quando o fizer, você pingará a elegância de nossa grande nação, minha irmãzinha— respondeu ele.

Levantei meu queixo. —Já estou fazendo isso.

Minha respiração ficou presa quando os olhos de Mars começaram a arder em vermelho.

Eu sempre gostei de sua capacidade incomum de fazer isso quando ele estava se sentindo profundamente.

Era um espetáculo para se ver também.

De grande beleza.

E de se temer.



Rei Mars Laches

Estúdio do Rei, Primeiro Andar, Corredor Leste, Palácio Catrame
FIRENZE

—Lorenz— cumprimentou Mars, levantando a cabeça dos papéis que estava estudando, entregues por Lord Johan Mattson de Arbor, que estavam em sua mesa quando seu capitão entrou em seu escritório. —Você voltou de suas viagens com Nyx tão cedo? Eu não o esperava por mais uma semana.

Lorenz jogou sua grande estrutura em uma cadeira em frente à escrivaninha.

—Eu segui um Go'Doan do bazar em Tebes.

Mars estreitou os olhos para o irmão e perguntou: —E por que você fez isso?

—Porque Nyx estava de mau humor. Esse humor aumentou quando ela o viu. E quando o humor dela aumentou, como costuma acontecer, o meu também aumentou. Eu peguei a bunda dele para ela. Minha esposa ficou satisfeita. O falso padre não ficou. E não pensei em nada até o dia seguinte, quando seus acólitos derrubaram sua tenda e um deles tinha a bochecha marcada e o lábio inchado e quebrado.

Com uma queimação na garganta, Mars se recostou em sua cadeira.

—Você perguntou o que ele estava fazendo em Firenze?— Mars indagou.

—Ele vai para Cidade do Fogo, obviamente, já que estou aqui. E ele diz que é professor.

—Você acha que ele é professor?

—Não, acho que ele é um verme— disse Lorenz com severidade. —E acho que G'Dor era um Go'Doan antes de renunciar a essa fé para servir ao nosso rei e se casar com Sofia. Embora isso possa ser verdade, entenderíamos tarde demais por que ele não renunciou ao nome que lhe deram. E não preciso lhe dizer, Mars, que ainda não acredito que os Go'Doan não tenham nada a ver com o assassinato de seu pai.

—Isso foi investigado minuciosamente, Lorenz— disse Mars em voz baixa.

—E você também não acredita que eles não tenham nada a ver com isso— respondeu Lorenz. —É por isso que você os vigia.

Mars não disse nada, pois não havia nada a dizer e Lorenz sabia disso.

Era por isso que ele mandava vigiar os falsos.

—Eu quero brincar com o padre dele— Lorenz compartilhou.

—Você só precisa da permissão de Nyx para isso— Mars lhe disse.

Lorenz se curvou para fora da sala de estar, inclinando-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos e os olhos em seu rei.

—Quero *brincar com ele*, Mars— rosnou Lorenz.

—Será que vou ter problemas com os embaixadores Go'Doan com a forma como você joga?

—Talvez.

Mars olhou fixamente nos olhos de seu guerreiro.

—Jogue— ele concedeu.

Lorenz sorriu um sorriso de que Mars gostava, Nyx gostaria mais, e que Go'Doan talvez não gostasse nem um pouco (mas, por outro lado, talvez gostasse), e seu guerreiro se levantou da cadeira.

Ele começou a sair da sala, mas Mars o pegou chamando seu nome, e ele se virou para trás.

—Os Go'Doan estão aqui para cuidar de nossos doentes e ensinar nossas crianças. Eles não têm imunidade. Desejo que esses acólitos sejam observados de perto. Se houver outro lábio rachado ou mesmo um maldito hematoma, Lorenz, quero que o padre por trás disso seja acusado. E se os Go'Doan enviarem um grupo de enviados furiosos para argumentar sobre seus costumes e que eles devem ter permissão para praticá-los, mesmo em terras estrangeiras, terei uma desculpa para expulsá-los.

—Está feito— retornou Lorenz.

—Gratidão, meu irmão.

Lorenz saiu.

Mars ficou olhando para a porta.

Em seguida, pegou sua caneta prateada, mergulhou a pena na tinta e escreveu uma variedade de números na missiva, alterando bastante suas quantidades.



O Dote

Lady Silence Mattson

Sala do Trono, Corredor Oeste, Ala do Estado, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

—É impossível acreditar nisso— sibilou meu pai.

—Por favor, fique quieto, Johan— sussurrou minha mãe.

—E-eu-eu não entendo— gaguejou meu rei. —Você tem a totalidade do dote que exigiu quando não deveria ter sido exigido, pois eu lhe ofereço minha própria sobrinha para acabar com a Besta.

—Acredito que mudei as quantidades— observou o Rei de Firenze calmamente, ignorando completamente a afirmação do meu tio de que um dote não deveria ter sido solicitado, considerando que eu não estaria lá se não fosse pelo fato de que ele e eu, de alguma forma, estávamos destinados a salvar o mundo.

Essa situação do dote, por sinal, não agradou muito meu pai.

Não, *não* agradou.

Principalmente porque meu tio esperava que meu pai oferecesse muito.

E era *muito*.

Senti True se deslocar, e ele estava tão perto de mim, parado de maneira protetora ao meu lado e parcialmente à minha frente (meu *muito* amado primo), que seu braço roçou meu ombro.

Eu queria muito olhar para a mulher com traços exóticos e exuberantes, olhos que pareciam de topázio e tanta elegância em seu corpo (mas era tão estranho que eu não conseguia acreditar).

A mulher destinada ao meu querido primo.

A mulher sentada em uma pilha de almofadas ao lado do rei, mais distante de mim.

Mas desde que entrei na sala do trono do Palácio Catrame, dez minutos antes, como parte da comitiva um tanto grande do meu tio (considerando que fomos recebidos apenas pelo Rei Firenz e pelo pretendente de True), eu mal conseguia tirar os olhos do bruto sentado em seu trono.

Camisa vermelha, sem colarinho e de mangas compridas, um casaco preto que, eu suspeitava, se ele se levantasse de seu trono de ouro incrustado de rubi (algo que ele não fez quando entramos), cairia até os tornozelos, e não tinha mangas. Calças pretas folgadas.

E pés descalços.

Isso foi interessante, pois essas não eram as roupas dos homens de meu país (e ninguém em Wodell andava descalço - e que pés! Pelos deuses, quem em todas as terras tinha pés atraentes? Eu lhe direi quem - o Rei Mars de Firenze!).

Mas, na verdade, era o resto dele.

O cabelo (tanto cabelo).

A barba (uma barba tão cheia, que chegava a um *limite*).

Os olhos (muito pretos... ou piche).

Os piercings (em toda parte!).

A cicatriz fina que corria de sua maçã do rosto direita até a ponte do nariz.

A outra que corria sob a protuberância de sua maçã do rosto esquerda.

E o volume absoluto de sua estrutura gigantesca, toda ela composta de músculos.

Ele era o ser mais extraordinário que eu já havia visto em... minha... *vida*.

Eu poderia...

Bem, eu poderia ficar olhando para ele por *séculos*.

Infelizmente, ao que parece, ele não podia fazer o mesmo comigo.

Pois quando chegamos e fui apresentada ao meu pretendente, ele mal me olhou da cabeça aos pés antes de voltar sua atenção para o meu tio. Embora, como era de meu feitio, eu soubesse que, mesmo que seu olhar estivesse voltado para o Rei Wilmer, sua mente estava sintonizada com True.

Isso, é claro, seria inteligente.

Embora meu tio tivesse uma guarda nesta mesma sala que equivalia a dezesseis pessoas, e outros cinquenta estivessem do lado de fora do palácio, eu ainda achava que a única ameaça real era True (que eu sabia, porque ouvi dizer, mas também o vi atuar nos jogos, que ele era um soldado muito bom e era conhecido como o melhor cavaleiro de toda Wodell).

O Rei de Firenze estava desarmado.

Mas havia uma grande espada larga cerimonial pendurada atrás dele, cravejada de enormes rubis de Firenze, diamantes de gelo de Sjöfn ainda maiores, esmeraldas cintilantes e ametistas de belo corte, que eu sabia que também eram extraídos de Firenze.

Além disso, eu sabia, pelas histórias que ouvira e também por olhar para ele agora, que esse rei poderia colocar a mão no cabo dessa espada em um piscar de olhos e nem pensar em seu valor inestimável enquanto cortava a guarda do meu tio três vezes e depois se voltava para True.

O rei Wilmer não deveria ter obrigado True a manter seus tenentes pessoais do lado de fora. Eles eram como True. E eu tinha ouvido dizer que eles morreriam por ele.

Esse pensamento me fez chegar ainda mais perto do meu primo e esfregar os nós dos dedos contra os dele.

True pegou minha mão.

No instante em que ele fez isso, a cabeça do rei se virou, seu rosto ficou duro e seus olhos se estreitaram em nossas mãos.

Meu coração pulou várias batidas.

Ah, sim, ele estava em sintonia com True.

E talvez até... comigo.

E, naquele momento, ele era aterrorizante.

—Você está ciente— disse ele para nossas mãos, —de que nenhum homem, que não seja o seu, toca em uma noiva Firenz a menos que o homem que é o seu tenha dado permissão.

—Com todo o respeito, Vossa Graça, ela é minha prima e não Firenz. Eu a conheço desde que ela era pequena— retornou True. —E suspeito que esta seja uma ocasião de preocupação para ela.

O olhar do rei se voltou para o de True quando ele falou novamente.

—Você está ciente— disse ele, muito mais lentamente desta vez, e sua voz profunda parecia impossivelmente mais profunda, —que outro homem... não toca... uma noiva de Firenz... a menos que tenha permissão.

—Estou bem, True— sussurrei, afastando minha mão.

Afastei meus olhos do rei para olhar para cima e ver a mandíbula do meu primo dançando enquanto ele fazia uma careta para o rei das trevas.

True então olhou para mim e forçou sua expressão a ser gentil. —Você tem certeza?

Eu engoli.

True observou.

Então assenti.

Aquele músculo dançou em sua bochecha novamente e ele se voltou para o rei de Firenz.

Fazendo talvez a única coisa sábia que fez em sua vida, meu tio interrompeu a conversa.

—Viemos trazendo quinhentos alqueires de lã Dellish. Duzentas cabeças de ovelhas Dellish. Mil sacos de farinha Dellish moída, que você sabe, Mars, que é a melhor de todas as terras. Ela produz os melhores pães e doces de Tritão. E também cem peças de prata-ferro de Dellish, que é renomada. Tudo isso conforme combinado.

—E eu enviei um mensageiro há algumas semanas dizendo que queria mil alqueires de lã e quinhentas cabeças de ovelhas— retornou o Rei Mars.

—Isso é estranho— meu pai murmurou baixinho.

—Não recebemos nenhuma mensagem— disse meu tio ao rei.

—Isso é lamentável— murmurou o rei.

—Não podemos voltar agora. As cerimônias começam daqui a quatro dias. Os Nadirii já estão cavalgando sobre as terras de Firenz. E eu odiaria ver o que Serena faria se cavalgasse desde Os Encantamentos e tivesse que voltar— alertou meu tio.

—Não me importo com o que o cobre vale— respondeu o rei, e seus olhos voltaram para True. —Todo mundo sabe que o ouro é mais precioso.

Não fiz nenhum barulho ao me aproximar de True, pois isso era simplesmente, bem... *cruel*.

Assim, fiquei olhando sem admiração (e talvez tenha havido uma pequena dose de êxtase) e, em vez disso, olhei friamente para o rei.

Surpreendia-me, e me irritava naquele momento, o fato de ele não estar atento a True.

Ele estava atento a mim.

Eu soube disso quando seu olhar caiu instantaneamente sobre mim no momento em que minha expressão mudou.

—Eu a irritei, minha querida?

Olhei brevemente para a beleza exuberante nas almofadas ao seu lado e não falei nada, especificamente sobre o fato de que meu primo estava apaixonado por aquele 'ouro' que era mais precioso.

Ou seja, Elena dos Nadirii.

—Ela fala?— ele perguntou a outra pessoa, pois suas palavras diziam isso, mas seus olhos escuros nunca me deixaram.

—Ela fala— disse meu pai, depois se virou, olhou para mim e insinuou: —O rei lhe fez uma pergunta.

Eu respirei fundo.

E então respondi suavemente: —Eu o ouvi.

—Bem, *responda*— sibilou meu pai.

Sustentei o olhar do rei.

—Silence— minha mãe sussurrou suplicante quando eu não disse nada.

—Esse é um nome estranho, não é?— comentou o rei Mars. —E parece que ela levou isso a sério.

—Ela está bem na sua frente, senhor— eu disse calmamente. —E ela tende a não dizer nada quando não tem nada a dizer, ou nada a dizer que gostaria de ouvir.

Com isso, para minha surpresa, ele jogou a cabeça para trás e a grande sala se encheu com o estrondo de sua risada.

Oh, fé, mas era ainda mais fácil observá-lo quando ele ria.

Aquela garganta musculosa.

Que irritante!

Eu me senti olhando para ele e não tinha ideia do que me ocorreu, pois há muito tempo aprendi a guardar isso para mim.

Eu conseguia pensar em coisas.

Podia sentir coisas.

Eu não podia *mostrar* coisas.

Ele ainda estava rindo quando percebeu minha nova expressão e

se inclinou para mim. —Agora *veja* que a irritei, meu macaquinho.

Pode-se dizer que eu não gostava de ser chamado de macaquinho.

Voltei meu olhar para a beleza exuberante que estava sentada nas almofadas ao lado dele.

Se isso pudesse ser creditado, ela parecia estar me enviando a mensagem de que sentia algo por mim, tal era sua expressão pesarosa.

Ela se casou com True, que era o melhor homem que eu conhecia.

Eu iria me casar com aquele bruto que me chamava de macaquinho.

Eu não precisava que ela sentisse pena de mim, ou pelo menos não precisava testemunhar isso, então olhei para o chão.

—*Piccolina*⁷³— disse o rei em voz baixa, e sem ter o que fazer (ele era um rei, em breve seria meu rei), levantei meus olhos para os dele. —Uma rainha não estuda o chão— ele instruiu, ainda falando baixinho. —Nunca— ele sussurrou.

—Eu ainda não sou rainha— respondi.

Foi então que seu olhar percorreu meu rosto, observando meu cabelo e meu pescoço.

Ele deslizou pela minha garganta e se deteve em meu peito, que, devo admitir, estava muito pronunciado no vestido que eu usava, com camadas de chiffon verde-salva que caíam em uma infinidade de franzidos desde o decote sem ombros até um cinto do mesmo material logo acima da minha cintura natural. Os franzidos caíam em uma costura áspera de dentro para fora nos quadris e depois desciam em dobras graciosas até cobrir meus pés. As lindas mangas eram largas e esvoaçantes e se reuniam logo acima do meu pulso.

Era mais leve (e mais fresco) do que minhas roupas normais.

E eu não usava nada para enfeitá-lo além de uma fita de cetim sálvia em meu cabelo, pois senti que a maravilha simplista daquele vestido e o material suntuoso não precisavam de acessórios.

Seus olhos mal examinaram minha parte inferior, e eu podia entender o motivo, pois sua exuberante companheira mal estava vestida (dava para ver o umbigo dela! - e sua parte superior estava coberta apenas por um sutiã de joias).

Mas parecia que, pelo olhar dele, um olhar que mexeu com meu interior, ele estava satisfeito com meus seios.

Senti minhas bochechas esquentarem, mesmo que eu dissesse a mim mesma que pelo menos isso já era alguma coisa.

—*Rosa*⁷⁴— ele sussurrou, seu olhar em meu rosto. Rosa, ele havia dito. —*Affascinante*⁷⁵.

De repente, tive dificuldade para respirar.

Porque a última palavra dele era Encantadora.

Oh, fé.

Sua atenção se voltou abruptamente para meu tio.

—Eu a levarei— declarou ele.

Parecia que havia um sapo enorme na minha garganta e que algo muito curioso estava acontecendo na região da minha barriga (e, verdade seja dita, *abaixo* dela).

Minha mãe olhou para mim, satisfeita.

Meu pai também.

Meu tio disse: —É claro que sim, Mars, para acabar com a Besta.

O rei de Firenze falou como se meu rei não soubesse. —Você pode

enviar um mensageiro para que o restante do dote dela seja entregue enquanto viajamos.

—Você disse que ela o agradou. Eu não entendo...— começou meu tio.

—Ela me agrada, e eu a terei— anunciou o Rei Mars.

Fé!

—Mas o dote já havia sido combinado— repetiu o rei Wilmer.

—Os terremotos pararam, não?— comentou o rei Mars.

Meu tio balbuciou que sim. Nas últimas três quinzenas não houve nenhum. E já estávamos há uma semana da próxima e ainda... nada.

—A profecia precisa ir adiante. As bruxas nos avisaram que isso deve ser feito— lembrou-lhe o Rei Wilmer.

—Assim, você enviará o restante do dote ou, quando estivermos casados e minha Farah for dada ao seu Príncipe True, farei com que meus guerreiros entrem em Wodell e a tomem— concluiu.

O rosto do rei Wilmer ficou vermelho antes de se voltar para o meu pai.

—Envie um mensageiro, Johan, e mande entregar o dote— ordenou ele.

—Imediatamente— disse meu pai, subitamente receptivo e sem esconder um sorriso malicioso.

Não gostei do sorriso malicioso dele, e eu estava tão fora de mim naquele momento que não o escondi.

Foi quando senti o olhar do Rei Mars novamente que percebi que ele estava me estudando.

Quando captei seu olhar, ele foi para meu pai, voltou para mim e arqueou uma sobrancelha pesada e negra.

Apertei meus lábios.

Ele me estudou por um momento excruciantemente longo, depois seus lábios muito cheios e atraentes se contraíram.

—Talvez eu possa ter alguns momentos para conhecer minha própria intenção— True interrompeu nossa conversa silenciosa.

—Claro— concordou o rei dos Firenz, levantando-se (e eu estava certo, aquele casaco caía até os tornozelos, e ele era mais alto do que qualquer outro, talvez, na história).

Ele estendeu a mão para a beldade ao seu lado. Ela a pegou e se levantou graciosamente.

—A sala de recepção, minha irmãzinha?— ele murmurou, segurando os dedos longos e elegantes dela (aparentemente, os homens de Firenze não tinham nenhum problema em tocar a bochecha desejada de um homem de Dellish!)

—Sì, *mio re*⁷⁶— respondeu ela, olhando por baixo dos cílios para True.

Em seguida, ela saiu, com os quadris balançando, as saias cor de vinho sob um cós incrustado de joias flutuando (e as saias dela não eram transparentes como as minhas, não dava para ver através das várias camadas das minhas, mas com certeza dava para ver suas pernas longas e bem torneadas através das dela).

True talvez fosse o único homem que seguiria aquela mulher como se estivesse indo para a força.

Algo que ele fez.

—Não acho que True tenha ficado com a parte mais curta da vara

— meu pai murmurou para minha mãe.

Lutei contra um revirar de olhos.

—*Johan*— minha mãe sibilou.

—Terminamos— anunciou o Rei Mars.

E com isso, mas sem olhar para ninguém (inclusive para mim!), sem mencionar uma palavra sobre nossas acomodações (que deveriam ser naquele mesmo palácio), ou bebidas (ele nem sequer nos ofereceu um copo de água fresca), com seu longo casaco esvoaçando atrás dele como um manto, o poderoso Rei de Firenze saiu de sua sala do trono.



Farah Magos

Sala das Lanternas, Corredor Leste, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

Percebendo seu humor, não levei meu pretendente à sala de recepção de Mars.

Fui mais adiante no corredor, além do vestíbulo, até os quartos da família, e o levei à sala de estar informal de Mars.

Esse sempre foi um dos meus cômodos favoritos. A grande lâmpada pendurada no centro do espaço tinha alguns painéis de vidro chanfrados e transparentes, mas eles estavam misturados com painéis de ametista artisticamente gravados.

As muitas janelas eram protegidas por telas de caixas intrincadas com pergaminhos requintados.

O piso era coberto por tapetes grossos de cor creme, marrom e cinza, havia grandes almofadas para descansar espalhadas pela sala,

pufes de vime trançado para sentar ou trazer para descansar os pés, e um divã no canto com travesseiros macios para apoiá-lo contra a parede.

E a Rainha Elpis havia colocado seu conjunto de lanternas de ferro aqui e ali, o que poderia parecer estranho, mas dava ao cômodo um toque pessoal.

Assim que o Príncipe de Wodell me viu dentro do quarto de uma maneira galante que me fez lembrar da minha própria raça, embora muito menos vistosa, minha intenção foi diretamente para a janela.

Um jovem criado nos seguiu até lá.

—Vinho, meu irmãozinho— murmurei para ele. —Água fresca. Azeitonas. Alguns pistaches sem casca. E um pouco de queijo. Sim?

O rapaz acenou com a cabeça e saiu correndo.

Voltei-me para meu noivo.

Ele não era o que eu esperava.

Sua estrutura era tão reta, como uma flecha. E era alto, muito alto. Muito mais alto do que eu teria imaginado. Seus ombros eram quadrados. Eram largos. Talvez não tão largos quanto os de um guerreiro de minha própria espécie, mas eram largos. E seu corpo era musculoso, muito mais magro do que o dos homens do meu país, mas havia algo atraente na economia de poder, pois, mesmo que ele fosse magro, o poder não estava escondido.

Seu cabelo castanho-escuro tinha um brilho intenso. Era muito espesso e cortado curto. Não tão curto quanto o de um Airenziano, mas definitivamente não era longo, como os homens de Firenze usavam.

E se enrolava em volta do pescoço e das orelhas de uma maneira que também era muito atraente.

Suas feições demonstravam abertamente sua linhagem aristocrática: nariz reto, maxilar quadrado e barbeado, maçãs do rosto altas e sobrelanceadas fortes.

Mas a inteligência aguçada em seus extraordinários olhos verdes foi o que me chamou a atenção ao vê-lo. A inteligência e o sentimento.

A inteligência e o *sentimento*.

Ele se preocupava muito com sua prima. Estava em posição de protegê-la. Na verdade, seu único foco, depois de examinar meu rei e, em seguida, minha pessoa, era fazer o que um homem impotente poderia fazer em uma situação incerta para oferecer-lhe socorro em um momento difícil.

No entanto, o ratinho precisou de pouca ajuda.

Uma surpresa, isso vindo de uma mulher tão pequena. Uma mulher de Wodell.

Eu suspeitava de uma boa surpresa para o meu rei.

Atravessei a sala em direção ao meu noivo, observando-o olhar para fora através das telas.

Parei com meu lado na parede e o estudei mais.

Não tive muito tempo para fazer isso, pois aqueles olhos verdes me chamaram a atenção.

De fato, eles eram como esmeraldas.

—Eu pedi um refresco— murmurei.

—Eu soube. Muito gentil— respondeu ele.

E lá estava sua voz. Profunda e suave, mas suave. Ele não era um homem que precisava gritar para ser ouvido. As pessoas ouviam

simplesmente por causa de seu jeito.

Mas ele havia entendido minhas palavras para o garoto.

Isso significava que ele falava a minha língua (assim como eu falava a dele).

—Vossa Graça— comecei.

—Acho, Farah, como você dormirá ao meu lado por toda a nossa vida, que deveria me chamar de True, não acha?

Senti uma vibração em meu peito.

Mas assenti com a cabeça.

Baixei a voz e lhe disse: —Eu sei que...

—Elena. É claro— ele me interrompeu novamente, não, eu suspeitava, de uma forma rude. Em vez disso, como se quisesse me aliviar de dizer algo que era difícil de dizer.

Ele voltou seu olhar para as janelas e foi então que senti um aperto no peito.

—Não fomos feitos para ficar juntos. Nós dois deveríamos saber disso. Meu pai nunca permitiria que eu me casasse com um Nadirii. E Elena teria uma nova morte todos os dias se tivesse que deixar os Encantamentos. Suas irmãs. Desde o início, foi uma futilidade.

—O coração não sabe o que é futilidade— compartilhei.

Aqueles olhos verdes voltaram a se voltar para mim. —Estou descobrindo que o coração não sabe absolutamente nada.

Eu não tinha certeza de que ele estava certo.

Não discuti a questão.

—Entendo que estamos enfrentando tempos difíceis. Acho que, assim como nós, e como estou descobrindo que você é, e espero que encontre o mesmo em mim, também poderíamos encontrar algum tipo de companheirismo, não?

—Farah, acho que você sabe muito bem que não há momentos que não sejam conturbados.

Foi preciso um grande esforço, mas não permiti que meu corpo se afastasse.

—Você sabe sobre meu pai— sussurrei.

Com um simples aceno de cabeça, ele respondeu: —Sei. O fato de você estar aí diz muito sobre o seu rei.

Com isso, senti um frisson de medo em meu peito.

—Você não teria feito o mesmo?— perguntei hesitante.

—Eu não teria banido você— respondeu ele. —Mas eu não sou rei. Meu pai teria jogado você e sua mãe na prisão dele e permitido que apodrecessem lá, perecendo na miséria, sem pensar em você novamente. E o rei Gallienus teria mandado executar você. Também sem pensar.

É preciso admitir que eu só podia concordar com Mars que o Príncipe True não era nada parecido com seu pai. Eu havia percebido isso rapidamente.

—Infelizmente— ele olhou de volta para as janelas, —sofremos pelos pecados de nosso pai.

As escaramuças que ele foi obrigado a instigar para recuperar aquela área de terra.

Entre outras coisas, refleti.

Foi chocante saber que talvez tivéssemos algo muito importante

em comum.

—Será bom, por meio de nossa união, que nossos países conheçam a paz— comentei.

—Oitocentos e setenta e três homens— declarou ele de uma forma terrível e agonizante que me fez prender a respiração.

Ele olhou novamente para mim.

—Todos filhos. Alguns deles são irmãos. Alguns deles maridos. Alguns deles pais. Todos se foram. E isso foi apenas na última de nossas campanhas contra Firenze.

Oh, meu Deus.

Eu estava vendo que não tinha em minhas mãos um futuro marido que era um homem de uma nação vizinha com a qual não nos dávamos bem e que também estava apaixonado por outra mulher.

Eu tinha em minhas mãos um soldado quebrado que sabia o número exato de seus homens que haviam caído nas loucuras de seu pai e compreendia o preço terrível que era pagar em troca de nada.

Foi então que meu peito se aqueceu e eu me aproximei dele, estendendo a mão e colocando os dedos em seu bíceps.

Ele olhou para baixo e, antes que eu pudesse falar, seu olhar voltou para o meu, e ele disse.

—Conheço os costumes de sua nação, Farah. E não pedirei que você traia quem você é. Seus costumes, suas práticas, sua religião. Seus costumes, suas práticas, sua religião. Concordei em tomá-la como esposa e, ao fazer isso, é você quem eu tomarei, não um você que eu forcei a se moldar a um molde que não é o seu.

Será que eu acreditava no que meus ouvidos estavam ouvindo?

Ele soltou meus dedos de seu braço e segurou minha mão com as

duas enquanto se voltava totalmente para mim e continuava.

—Vou simplesmente pedir que você seja dos Dellish em uma coisa. Você dormirá ao meu lado todas as noites e não aceitará nenhum outro, exceto eu, assim como eu prometo não aceitar nenhum outro, exceto você. Entendo que esse não é seu jeito de ser, mas é muito importante para mim. Imagino que seja um pedido muito grande, mas preciso pedir que o conceda. Que eu saiba que minha esposa é só minha, e que eu dê à minha esposa o conhecimento de que sou só dela.

E foi então que meu peito não ficou quente.

Ele ardia.

—Eu concederei isso, True— sussurrei.

E foi então que, com suas mãos apertando as minhas de uma forma carinhosa, vi meu noivo sorrir pela primeira vez.

Quando testemunhei aquela beleza terna, de repente fiquei muito feliz por esse homem alto e reto, de sentimentos e caráter, ser apenas meu.



A Chegada

Rainha Ha-Lah Nereus

A planície, deserto de dunas, fora da Cidade do Fogo
FIRENZE

Aramus me forçou a cavalgar até a Cidade do Fogo na frente dele em seu corcel.

E durante nossa longa jornada por mar e por terra, mesmo que ele tivesse ameaçado outros atos muito mais imperdoáveis que pretendia fazer comigo, essa foi a única coisa que ele forçou.

Quando estávamos no mar, minha mente estava consumida por essa ameaça.

E apesar de minha acomodação ser a cabine dele (e sua cama na cabine dele), apesar de ele ser um homem grande e a cama não ser grande, à noite, quando ele se juntou a mim, ele se virou de costas para mim e dormiu sem que um centímetro de seu corpo tocasse o meu.

E ele me ignorou durante toda a viagem.

Como eu fiz com ele.

Quando chegamos à terra firme, eu estava consumida pela compreensão de que o resultado de sua advertência estava próximo e

pelo fato de que eu absolutamente não o perdoaria se ele a levasse adiante.

Mas enquanto atravessávamos aquela paisagem empoeirada, quente e desolada, à noite eu compartilhava o palete da barraca de meu marido, mas ele não forçava seu corpo sobre o meu.

E, à medida que um dia se transformava no outro (literalmente, essa terra era quente), passei a entender que sua frustração com nossa conversa talvez o tenha feito dizer as palavras.

Entretanto, esse não era o homem que meu marido era.

Também passei a entender o significado disso.

E, lamentavelmente, foi então que compreendi que talvez eu tivesse cometido um grande erro em nosso casamento.

Agora, ao nos aproximarmos da Cidade do Fogo, já havia passado tanto tempo em que eu usava a raiva justa para argumentar - argumentos sobre coisas que eram muito importantes para mim e eu achava que estava certa, mas, ao fazer isso, mantinha meu marido à distância - que eu não sabia como romper o muro que eu mesma havia construído entre nós.

Nas últimas semanas, passei mais tempo com ele do que em todo o nosso casamento.

Por meio disso, vi como ele era com seus tenentes. Agitado, cheio de humor e, muitas vezes, desordeiro. Mas havia um afeto genuíno entre eles e uma lealdade verdadeira.

Sem mencionar que ele era um capitão formidável. Ele esperava ordem e obediência. Dirigia um navio rígido e era hábil nisso, mas não era ditatorial. Ele podia ser severo. Se algo fosse feito errado, ele poderia ser severo. Mas raramente se cometia erros e, regularmente, ele era atencioso, tinha ouvidos atentos e, na maioria das vezes, era jovial e acessível.

Por isso, seus marinheiros o seguiam por respeito.

E carinho.

Sim, eu definitivamente havia cometido um erro.

E eu não sabia como corrigi-lo.

Além disso, era importante (mas difícil) admitir para mim mesmo que não havia uma pequena dose de orgulho que estava me impedindo.

No decorrer de meus 27 anos de vida, muitas vezes me vi tropeçando no orgulho, principalmente nas ocasiões em que tive de admitir que estava errado.

E esse erro não era sobre o que era de grande importância para mim.

Mas sim a forma como eu havia escolhido comunicá-lo.

Portanto, estávamos indo para uma grande cidade no reino mais rico de nossa terra, e eu logo teria que ser apresentada como a rainha de meu próprio reino amado, esposa de um homem que não era meu marido de verdade, isso para reis e rainhas, príncipes e princesas.

E mesmo quando eu estava sentada em frente a ele em seu cavalo, com seu braço solto em volta da minha cintura, ainda estávamos a oceanos de distância um do outro.

—Você fala com os golfinhos— ele grunhiu acima da minha cabeça (pois ele era alto e, a menos que se abaixasse até meu ouvido, essa era a única direção que suas palavras poderiam tomar).

Pisquei para a areia diante de mim.

—Desculpe-me?— perguntei, com minha estrutura se contraindo.

—Eu observei você. Em meu navio. Você ficou na ponte

regularmente e fez isso por algum tempo. Você não estava pensando. Não estava ponderando. Os golfinhos nadaram conosco. Você fala com eles.

Ele tinha...

Me observado?

Senti algo dentro de mim se agitar.

Embora eu não pudesse me importar com isso.

Porque outra coisa dentro de mim estava cheia de medo.

—Eu...— comecei.

—Você também fala com as baleias?

—Meu rei...

—Não há nada com que se preocupar— declarou ele. —Não é uma magia que temos em nossa terra, mas sei que nas Terras do Norte e nas Terras do Sul, os homens falam com seus animais e as mulheres falam com os seus.

Continuei a estudar a paisagem enquanto minha respiração aumentava.

Sua voz baixou.

—Mas não conheço nada além das sereias que falam com as bestas do mar.

Bem...

Hmm.

—Você tem sangue de sereia?— ele perguntou.

Pode-se dizer que sim.

—Isso explicaria sua afinidade com essas criaturas— disse ele. —É daí que vem sua magia?

Também se pode dizer isso.

Sabendo o que eu sabia sobre ele agora, achei seguro sussurrar: — Sim.

Meu marido não respondeu.

Como ele havia quebrado nosso longo silêncio, procurei algo para dizer.

Antes que eu encontrasse, ele quebrou nosso silêncio atual, muito mais breve.

—Por que você não compartilhou isso comigo, esposa?

—Nós não estávamos nos comunicando muito bem, meu rei.

—Não, não estávamos— ele resmungou. —Embora não tenha sido por falta de tentativas de minha parte.

Droga!

Isso era verdade demais.

—É... as sereias estão...— gaguejei.

—Muito mitificadas— ele terminou por mim. —Até mesmo caçadas simplesmente com o propósito de serem estudadas. E antigamente, quando eram amigáveis, eram capturadas e mantidas como animais de estimação, forçadas a se apresentar para entretenimento ou assassinadas e dissecadas para tentar entender sua magia. Eles aprenderam e fugiram, escondendo-se dos seres da terra. E aqueles que têm o sangue deles têm o mesmo fascínio, um fascínio, um outro, para ser estudado, cutucado, testado.

—Sim— eu sussurrei.

—E você não acha que eu poderia e protegeria você disso, se isso fosse conhecido sobre você?— ele exigiu.

Pisquei novamente para a paisagem.

Aramus continuou falando.

—Você não achava que eu a aceitaria como esposa, o Rei de Mar-el, o Protetor dos Mares, você tendo o *sangue* real dos mares?

Com cuidado, observei: —Você não protege todos os seres dos mares.

—Um golfinho não dorme ao meu lado, destinado a me trazer um herdeiro, Ha-Lah— ele respondeu.

Bem, isso foi o que aconteceu.

Parece que já era hora de eu engolir pelo menos um pouco do meu orgulho e tentar me comunicar de verdade com meu marido.

Eu tinha aberto a boca, determinada a fazer isso, embora incerta de como o faria, quando o notei ao longe.

E minhas costas se endireitaram.

Portanto, quando as palavras saíram de minha boca, elas não foram conciliatórias. Também não foram uma tentativa de apaziguamento ou concessão.

Foram: —O que *é* isso?

Fiquei surpresa quando seu braço solto em minha cintura se transformou em um braço apertado em volta do meu estômago.

—Não se preocupe, esposa. É a Muralha de Fogo ao redor da Cidade do Fogo.

É claro que era.

Eu já tinha ouvido falar dela.

No entanto, ao vê-la, mesmo à distância, não pude acreditar.

E, à medida que nossos cavalos se aproximavam, eu temia que fosse.

Aramus havia trazido cinco galeões conosco. Ele havia deixado alguns homens para guardar os navios, mas o resto ele trouxe conosco. Quinhentos cavalgavam em nossa retaguarda, com seus sete tenentes reunidos logo atrás de nossa liderança.

Mas não tive bons pressentimentos sobre isso, pois nos aproximamos da parede de fogo e ela ficou maior, mais longa e mais assustadora.

Que magia era essa?

Eu não sabia.

O que eu sabia era que ela era grave e poderosa.

Como se tivesse lido meus pensamentos, Aramus falou novamente.

Dessa vez, ele se inclinou para fazer isso em meu ouvido.

—Há muito alcatrão sob esta terra. Alcatrão que queima de forma duradoura e quente. As toras são mágicas, minha rainha, pois nunca se apagam. O piche não é.

Eu me inclinei em meu assento para olhar para ele.

Seu rosto e sua estrutura, desde o início, não tinham sido um problema.

Ele não era conhecido entre todos como o homem mais bonito de nosso reino.

Ele simplesmente era.

Grande, estrutura volumosa, ombros enormes, pernas longas como troncos.

Sua pele, de aparência exuberante, era da cor da meia-noite.

Sua cabeça era raspada, como todos os reis de Mars-el mantinham o couro cabeludo, embora sua mandíbula fosse barbada.

Seus olhos eram de um marrom quente.

Suas feições eram largas e fortes.

Seus dentes, tão brancos e retos, os muitos sorrisos que eu o vi dar a seus homens nas últimas semanas fizeram meu coração se sentir estranhamente leve.

E suas cicatrizes eram belas.

Eram as cicatrizes honradas de um marinheiro experiente.

E as de um capitão de navio.

E as de um filho da realeza.

E, por fim, as de um rei.

Eu podia vê-las em seus braços e sabia que, sob sua túnica sem mangas e com cinto, elas subiam por suas costas, sobre seus ombros e peitorais.

Elas também estavam em seu nariz, nas maçãs do rosto e nas têmporas.

Essas últimas eram as cicatrizes de um príncipe (nariz e maçãs do rosto) e, mais tarde, depois que perdemos seu pai, foram acrescentadas as de um rei (têmporas).

Ele era magnífico.

E embora eu soubesse que os Firenz tinham piercings cerimoniais...

E os Airenzianos tinham tinta cerimonial...

Nenhum ser daquela terra que eu tivesse visto tinha a nossa pele.

Ou nossas cicatrizes.

E, de repente, fiquei com medo.

Virei-me para a frente e observei mais de perto aquela grande muralha que agora parecia se estender para a esquerda e para a direita por todo o horizonte, erguendo histórias no ar, seu fogo ardendo alto e brilhante, forçando o próprio ar ao seu redor a dançar.

E tomei minha decisão, não por mim, mas por meu rei e meu povo que nos seguia.

Então eu o invoquei.

Ele se enfraquecia quando eu não estava perto do mar (e eu definitivamente não estava perto do mar).

Mas eu tinha que fazer o que devia.

O brilho começou como uma sensação na parte inferior de minhas costas.

Ele cresceu à medida que subia pela minha coluna, pelo pescoço e pelo couro cabeludo.

Em seguida, eu o expulsei e ele cintilou o ar diante de nós, se espalhando, se curvando atrás de nós, até que todos estivessem envoltos em seu escudo invisível.

Foi um grande esforço, de modo que precisei de mais do que isso para permanecer reta na sela diante de meu marido e não esmorecer com o cansaço repentino.

Eu achava que era a única pessoa a ver, pois era a única (eu sabia) que possuía magia.

Eu estava errada.

—Calma— meu marido sussurrou em meu ouvido e, ao ouvir o som, outro tremor percorreu minha espinha, mas muito diferente. —Esposa, se enfrentarmos mais do que esperamos atrás desses portões, você não acha que meus homens sabem como usar as espadas e foices ao lado deles?

Olhei para a parede de fogo cada vez mais próxima à nossa frente.

—Nós embarcamos em navios, Ha-Lah— ele me disse. —E quando o fazemos, não usamos canhões.

—É claro— murmurei.

—Você estará segura.

—Não estou preocupado comigo.

Senti sua surpresa.

Depois, senti seu braço cada vez mais apertado em volta do meu estômago e seu tom de voz era de rosnado quando ele disse: —Eles não nos aceitarão, esposa. Prepare-se. Eles nos acharão estranhos. Eles serão apropriados, ou irão atrair a ira de seu rei. Mas eles nos verão como curiosidades. Mantenha sua cabeça erguida, minha rainha, pois você conhece nossa beleza, nossa generosidade, nossa lealdade e nossa força. Não importa o que eles pensam. Cavalgaremos pela cidade deles até o palácio, suportaremos seus olhares e saberemos que o mais poderoso dos reinos passa por aqui. E nós somos tudo o que importa.

Forcei-me a acenar com a cabeça.

Ele me deu um aperto no braço e, pela primeira vez desde que me conheceu, sua voz tinha humor. —Mas sua magia é apreciada.

Isso foi cativante.

Por mais que eu quisesse pensar em meu marido como cativante, não conseguia.

A Muralha de Fogo de Firenze estava se aproximando.

Então me obriguei a acenar novamente.

Aramus me apertou mais uma vez antes que eu sentisse seus lábios saírem da minha orelha.

Descobri que eu estava certa.

À medida que nos aproximávamos, a Muralha de Fogo se estendia pelo horizonte e subia três andares no ar. Era possível ver que ela era feita de grandes toras revestidas de preto brilhante sob as chamas incandescentes.

E quando estávamos a apenas cem metros dos portões, com um forte grito, eles começaram a se abrir, ainda em chamas.

Eu me esforcei ainda mais para manter minha respiração modulada enquanto meu marido segurava minhas costas bem apertadas à sua frente robusta e nosso cavalo não vacilava enquanto passávamos.

Ao atravessar, vi que era desnecessário, pois nada poderia passar por cima daquela parede, mas ela estava lá: poços de três metros de largura cheios de piche borbulhante encostavam na parede por dentro. E se um ser conseguisse pular o muro (o que não era possível, a menos que tivesse magia ou uma catapulta), ele não afundaria no alcatrão em um primeiro momento. Os fossos eram cobertos por escoras, cujos picos eram afiados em pontos letais.

Assim, se você não morresse queimado ou afundasse no piche, você se empalava.

Essas fortificações contavam histórias verdadeiras sobre essa nação em guerra e seus esforços para manter os cidadãos dessa cidade seguros.

Eu estava tão encantado com tudo isso que não percebi no início.

E talvez não tivesse percebido se a mão do meu marido, que estava ao meu lado, não tivesse agarrado minha carne no que parecia ser um gesto reflexivo.

Foi então que vi as pessoas. Pessoas que eu tinha visto ocasionalmente durante nossa jornada, nômades e muito mais população em torno dos muitos rios, riachos e córregos que serpenteavam verdes com vegetação pelas vastas planícies austeras e dunas de areia.

Cabelos pretos, pele marrom, altos, os adultos com muitos piercings, até mesmo as crianças tinham piercings nas orelhas e narinas.

E eles estavam correndo em nossa direção.

Meu corpo ficou tenso da cabeça aos pés.

E então as pétalas voaram.

A torcida aumentou.

Alguns jogaram moedas em nossos pés.

E homens chegaram com arcos equipados com flechas, o que me fez reunir minha magia novamente, com a parte inferior de minhas costas formigando, apenas para que suas mulheres acendessem pacotes afixados nas pontas e para que os homens apontassem as flechas flamejantes para o ar e as soltassem. Flechas que explodiram no ar com um pequeno estalo, antes de suas hastes caírem inofensivas no chão.

—*Salu, Protettori dei Mari!*⁷⁷— eles gritaram.

—*Salu, La Grande Bellaza del Mar!*⁷⁸— aplaudiram.

—Você sabe o que eles estão dizendo?— sussurrei ao ver um menino se abaixar e jogar moedas em nosso caminho, enquanto uma menina ao seu lado sorria para nós enquanto jogava pétalas de flores carmesim no ar.

—Salve, Protetor dos Mares. Salve, a maior beleza do mar— traduziu Aramus.

Palmas, aplausos, lançamento de moedas e pétalas e lançamento de flechas à medida que mais e mais Firenz corriam para alinhar a estrada que serpenteava pela Cidade do Fogo para ver o Rei e a Rainha de Mar-el passarem.

—Eles estão nos celebrando— disse meu marido, parecendo ainda mais surpreso do que eu estava em nossa recepção.

—Sim— eu disse, sorrindo para uma menina que havia jogado uma quantidade insignificante de pétalas, que era tudo o que ela conseguia segurar em sua mãozinha.

Elas mal se ergueram alguns centímetros à sua frente e voaram de volta para o seu rosto.

Mas ela percebeu meu sorriso, seu rosto congelou de admiração, então ela girou e gritou: —*Mamãe! Lei mi ha sorriso! La Grande Bellaza mi ha sorriso!*⁷⁹—

—Ela sorriu para mim— disse-me Aramus. —A Maior Beleza sorriu para mim.

—Acho que não precisamos mais da minha magia— murmurei.

E então ouvi o que ouvira muitas vezes durante nossa viagem, mas quando ouvi, não foi algo que eu tivesse merecido.

O riso profundo e sedoso do meu marido.

Eu gostava dele quando não o merecia.

Eu gostava muito mais quando era meu.

Ah, mas eu havia cometido um erro.

Liberei minha magia e atravessamos a Cidade do Fogo, uma falange⁸⁰ que era um testemunho da força de nossa nação, e fizemos isso em um caminho que brilhava com ouro, prata e estanho, através do ar que flutuava profusamente com pétalas carmesim, até o Palácio Catrame.

Vi que o palácio estava situado em uma elevação não muito distante da base de uma montanha alta que começava empoeirada e bege, tornava-se exuberante e verde e se estendia até o céu negro com rios brancos como a neve cortando-a.

Ao nos aproximarmos, passando por uma folhagem exuberante, preendi a respiração.

Havia vegetação selvagem por toda parte, plantas largas e atarracadas com folhas grandes e planas voltadas para o sol, vegetação em forma de espinhos, galhos suaves e balançantes que caíam em suas extremidades com delicadas flores carmesim. Grandes urnas decorativas colocadas aqui e ali. Grandes vasos cheios de bambu fino e alto ou repletos de ciclâmen⁸¹ vermelho-rubi. Piscinas em forma de estrela e de lua crescente revestidas com desenhos deslumbrantes de mosaicos brilhantes. E pequenos riachos de água que correm por toda parte.

E no centro do caminho curvo, ao lado de um amplo pentagrama de azulejos artisticamente dispostos, havia uma piscina em forma de curvas e pontos, incrustada com mosaicos, com uma imponente fonte de três níveis no centro.

Era requintado, um oásis, e o palácio que brotava dele parecia

apenas um grande acompanhamento da beleza do jardim.

O palácio não era alto, tinha apenas três andares.

Mas era comprido.

As janelas do primeiro andar eram retangulares e, ao que parece, todas tinham telas requintadas e enroladas.

No segundo andar, todas as janelas eram do tradicional Firenz. Um arco incomum, mas adorável, com um ponto íngreme no topo, que se projeta para uma esfera aparada, com as laterais caindo diretamente a partir dela.

E no terceiro, o mesmo, mas menor.

Ele foi construído com pedra vermelha polida que brilhava como um rubi silenciado pela meia-noite.

E em seus altos degraus estava um guerreiro mais alto que meu marido, musculoso, mas não mais volumoso. Ele era Firenz, feroz, mas naquele momento estava sorrindo de forma ampla e acolhedora.

Havia outro guerreiro ao lado dele, vestindo, estranhamente naquele clima, uma grossa camisa de couro preto, calças e botas. Ele poderia ser Firenz, mas, embora fosse tão alto e largo quanto o outro, sua pele era oliva, não marrom. E seu cabelo era preto, mas cortado rente ao crânio, não longo.

E ele tinha tinta.

Não piercings.

Mars dos Firenz, o primeiro.

Cassius dos Airenzianos, o segundo.

Paramos, Aramus desceu e colocou as mãos em minha cintura para me puxar para baixo.

Mal nos viramos e o rei de Firenze já estava no degrau inferior, a poucos metros de nós.

—Meu irmão, meu irmão— disse ele, com as duas grandes mãos estendidas, o sorriso ainda fixo em seu rosto.

E parecia genuíno.

Ele pegou uma das mãos de meu marido e a apertou, levantando a outra para dar um forte aperto no ombro de Aramus.

—Há muito tempo desejo encontrá-lo e conhecê-lo. Bem-vindo às minhas terras. Bem-vindo às minhas terras. Bem-vindo à minha cidade. Bem-vindo ao meu lar. Muitas boas-vindas a você— seu olhar negro veio até mim, —e à sua bela rainha.

Outro aplauso no ombro antes de soltar a mão de Aramus e, para meu choque, fez uma reverência na cintura, talvez não baixa, mas respeitosa.

Ele fez isso com Aramus.

E para mim.

—Aramus— ouvi uma voz baixa murmurar e o rei dos Firenz se afastou enquanto o príncipe Cassius tomava seu lugar, e fiquei novamente chocado quando eles se abraçaram, ambos batendo palmas nas costas um do outro. Eles se separaram e Cassius disse: —Muito tempo, meu amigo.

—De fato— respondeu Aramus e se virou para mim. —Cass, Mars, minha esposa, a Rainha Ha-Lah.

Cassius também fez uma leve reverência.

Depois de já ter feito a reverência, o Rei Mars sorriu para mim.

Então, Mars bateu palmas bem alto. —Vinho!— ele gritou. Comida!— Ele começou a subir os degraus do palácio, mas o fez

torcido na cintura em nossa direção. —Para você e sua noiva. Não se preocupem. Estamos preparados para sua chegada. Seus homens serão acomodados e atendidos.— Ele sorriu novamente. —Que comecem os jogos.

Cassius recuou, e eu o ouvi cumprimentar os tenentes de Aramus.

Aramus pegou minha mão e nos levou para trás de Mars.

—Aramus— sussurrei.

—Preciso refletir— sussurrou ele, apertando minha mão.

Ele sabia o que eu estava dizendo.

Pétalas.

Moedas.

Flechas flamejantes.

Saudações ao Rei e à Rainha de Mars-el.

Não éramos curiosidades.

Éramos luminares.

Portanto, eu havia cometido um erro na maneira como me comunicava com meu marido.

E eu sabia que naquele momento ele estava refletindo sobre o fato de que talvez tivesse cometido um erro ao não ouvir sua esposa.

Chegamos ao topo da escadaria, entramos em um vestíbulo legal, e várias apresentações foram feitas a uma variedade de pessoas pelas quais Mars claramente tinha muito pouco interesse e ainda menos respeito.

Com exceção de duas.

O Príncipe True, de Wodell.

E uma estranha troca que pareceu um tanto reveladora, pois ele nos apresentou de forma brusca a uma pequena beldade bizarramente chamada Silence.

Sua noiva.

Foi Silence que estudei, fazendo isso com tanta atenção que minha cabeça estava voltada para ela, mesmo quando meu marido nos levou embora, seguindo Mars.

E fiz isso com o maior choque que já havia experimentado naquele dia.

Porque ela era Dellish.

E ela era uma sereia.



O Acampamento

Princesa Elena

Um oásis, deserto de dunas, fora da Cidade do Fogo
FIRENZE

—Peça para eles entrarem— minha mãe chamou.

—Sim, minha honrada irmã— Lucinda respondeu e se voltou para a seda coral das abas da tenda.

Ao ver quem eu sabia que estava prestes a entrar, meu olhar se voltou para Melisse, que estava sentada à minha frente nos travesseiros coral, roxo, dourado e prateado colocados sobre os tapetes que cobriam a pedra e a areia de Firenze, e eu lhe lancei um olhar de nojo.

Ela balançou a cabeça para mim.

Minha mãe se virou para Julia, outra de suas tenentes, entregando-lhe alguns papéis.

—Quando voltarmos aos Encantamentos, isso deve ser discutido— ela murmurou. —Recebemos tantos Airenzianos que está ficando difícil. Abrigo. Alimentação. Treinamento no ofício. Encontrar maneiras de eles prestarem serviço à Irmandade. Quero todos juntos para que possamos decidir como continuar.

—Melisse, como você sabe, decidiu ficar com Elena depois de Firenze— lembrou Julia à minha mãe.

—Vou falar com ela antes de sairmos— respondeu minha mãe. — Dessa forma, saberemos o que ela pensa.

As abas se abriram, e Julia se afastou enquanto todos os olhares se voltavam para lá.

G'Seph, do Go'Doan, entrou seguido por um homem magro com cabelo loiro palha, também vestindo o branco imaculado das vestes do Go'Doan. O segundo homem tinha um cinto de filigrana de ouro que dizia que ele era um Go'Ar, um dos sacerdotes eruditos que faziam trabalho missionário, ao contrário de Seph, que era um Go'En, um sumo sacerdote.

—Seph— minha mãe cumprimentou, levantando-se dos travesseiros para se levantar.

Senti minha boca ficar apertada e meu olhar foi novamente para Melisse.

Ela repetiu o movimento de balançar a cabeça.

Eu entendia sua sabedoria. Eu havia crescido com ela. E ela me ensinou muito, inclusive o fato de que temos dois olhos, duas orelhas e apenas uma boca por um motivo.

Observar.

Ouvir.

E então tomar suas decisões ou realizar seus atos.

Mas, embora eu tivesse passado um ano em Go'Doan, aprendendo a história de Tritão e formas avançadas de cura, e houvesse vários Go'Doan de que eu gostava, eu ainda não confiava em alguns deles.

Especificamente, Seph.

Eu não sabia explicar exatamente por quê.

Não é que eu não gostasse do fato de seu povo achar que era imperativo para sua religião enviar missionários a toda parte na tentativa de converter outras pessoas a seus costumes, e eu não entendia a importância disso.

Acreditar no que você acreditava, e o discurso e até mesmo o debate sobre isso eram muitas vezes agradáveis e, às vezes, capazes de criar conversões, mas a prática de tentar diligentemente recrutar outras pessoas para acreditar em suas crenças eu achava um mistério.

Mas era o jeito deles e eles acreditavam nisso, portanto não me cabia dizer nada a respeito. Simplesmente mostrar-lhes o respeito de entender seus ideais, mas permanecer fiel às minhas próprias crenças e deixá-los com quem eles adoravam e o que faziam.

Também não era o fato de que, em seus templos espalhados pelos vários reinos, eles exigiam dízimos semanais, muitos dos quais não eram mantidos nos locais, mas enviados para a cidade-estado, que era bastante magnífica com suas cúpulas douradas e ruas arrumadas. No entanto, era verdade que isso não se devia apenas às obrigações que recebiam de seus adoradores, mas também ao custo da educação que ofereciam aos alunos.

Novamente, isso não era da minha conta. Se seus seguidores desejavam fazer isso, a moeda era deles. E a verdade é que o aprendizado e a cura de Go'Doan eram os melhores em todas as terras (embora os Dellish argumentassem isso em relação à educação), e seus talentos com a diplomacia não podiam ser questionados. Eles prestavam muitos serviços.

E todo ser tinha que comer.

Não era nem mesmo o fato de que seus deuses pareciam críticos, muitas vezes desaprovadores e, em relação ao que desaprovavam, malévolos. Se um seguidor não seguisse a linha, suas punições eram

severas.

Eles tinham três: Go'Bedi, o deus da obediência, Go'Vicee, o deus do serviço e Go'Chas, o deus da fidelidade.

Embora me parecesse, Go'Bedi era o que recebia mais atenção.

Mas, novamente, se era isso que lhes dizia respeito, o caminho que desejavam trilhar em suas vidas, não me cabia dizer.

É importante ressaltar que, além de suas artes de cura, sua habilidade com a diplomacia, suas maneiras eruditas que compartilhavam muito além das cúpulas douradas de Go'Doan, eles eram conhecidos por oferecer abrigo seguro em seus templos e, se necessário, providenciar passagem segura para aqueles que precisavam.

E um bom número deles eram mulheres Airenzianas.

Na maioria das vezes, eu não confiava em algumas delas porque seus sacerdotes eram muitas vezes enervantes.

E minha mãe era uma rainha. A rainha de uma grande nação. Ela também estava doente, mesmo que sua teimosia não lhe permitisse falar sobre isso e ela tentasse esconder.

Mas estávamos cavalcando por dunas e planícies do deserto há algumas semanas, e eu sabia que ela estava cansada, mesmo que tentasse não demonstrar isso.

Portanto, ela não deveria se levantar para ninguém, especialmente para um Go'Doan, e principalmente em seu estado.

Mas ela se levantou.

E porque ela o fez, Melisse e eu também o fizemos.

Uma coisa foi boa nisso tudo. Serena não estava lá. Ela estava em sua tenda, a uma certa distância, curtindo os servos de Firenze que

havam sido enviados para assistir ao nosso acampamento e ela tinha muito menos paciência para todos os Go'Doan (e, bem, para qualquer pessoa).

—Ah, é um milagre, a beleza e a força da Irmandade Nadirii a apenas uma hora da muralha em chamas da Cidade do Fogo— comentou Seph, aproximando-se e pegando as duas mãos de minha mãe com as suas, de uma forma que me pareceu familiar demais. — Quem poderia imaginar que isso aconteceria?

—Muita coisa está mudando em nossas terras, Seph— respondeu minha mãe. Ela o soltou e olhou para mim. —Você se lembra da princesa Elena?

Ele se virou para mim e estendeu as duas mãos.

Escondi minha aversão e peguei a dele, desejando que fosse G'Jell quem viesse me chamar. Eu gostava muito de Jell. Ele era genuíno, gentil e rápido para encontrar humor em uma situação.

Mamãe também contou que ele estava lá, em Firenze, para os eventos e cerimônias.

No entanto, ele provavelmente estava fazendo o que a maioria dos sacerdotes Go'Doan deveria estar fazendo a essa hora da noite. Fazendo suas orações, estando com seus irmãos ou dormindo.

Não estava viajando uma hora para fora da Cidade do Fogo para incomodar minha mãe para uma boa conversa sem nenhum propósito quando ele a veria amanhã à noite.

—Sim, é claro— ele me disse. —Sua beleza continua a ser insuperável.

Como se eu me importasse com isso.

—Obrigada, Seph— respondi. —E é muito bom vê-lo novamente.

Suas palavras não alcançaram seus olhos. —Sinto-me honrado por pensar assim, Vossa Graça.

—E, é claro, você se lembra de Melisse— observei.

Ele me soltou e se virou para Melisse.

—A gentil e sábia tenente de uma grande rainha. Eu não sabia a plenitude do privilégio que teria, andando por entre algumas abas de seda— declarou Seph.

Aproveitei a oportunidade de sua obsequiosidade para olhar para o homem que estava com ele.

Ele estava observando tudo com olhos atentos e sem expressão, embora eu tivesse a sensação de que ele desejava estar em outro lugar.

Ao observá-lo, no entanto, senti um arrepio na nuca, e isso também não tinha motivo.

—Permita-me apresentar meu novo G'Ar. Este é G'Drey, que chegou muito recentemente a esta terra e tem muita sorte por estar aqui para testemunhar esses eventos históricos— anunciou Seph.

G'Drey se apresentou e foi apropriado durante as apresentações, como os Go'Doan sempre foram, com tudo.

Fora as visitas noturnas improvisadas a um acampamento no deserto na noite anterior à apresentação dos habitantes desse acampamento em um desfile maciço e apenas algumas horas depois de terem chegado a esse acampamento após uma longa jornada.

A mãe lhes ofereceu travesseiros e chamou um estagiário para levar vinho, pão e queijo.

—A Cidade do Fogo está agitada, minha rainha— começou Seph. —E tem sido assim há semanas. Eles estão muito animados com todos os que chegam aqui, tanto os destas terras quanto os de outras

distantes. Muito dinheiro está sendo gasto. Muita folia está no ar. Além disso, o Rei e a Rainha de Mar-el chegaram hoje com grande alarde. Ele é temível, ela é ainda mais bela do que as histórias preveem. O povo de Firenze fez chover pétalas sobre eles, jogou moedas a seus pés e atirou flechas flamejantes no ar enquanto eles e seus homens cavalgavam pelas ruas.

Eu gostaria de ter visto isso.

Eu nunca havia conhecido o rei de Mars. Ele não vinha com frequência ao continente e o povo de Mar-el, como um todo, se mantinha isolado em sua vasta ilha. Mas ouvi dizer que ele era tão imponente quanto fácil de ver.

De fato, devido ao seu isolamento, todo o povo de Mars era um mistério. A simples aparição da realeza nessas cerimônias foi uma grande mudança na maneira como as coisas eram feitas há séculos em Tritão.

Eu não tinha ouvido falar muito sobre sua esposa, mas estava curioso a respeito dela.

—É claro que o Rei Gallienus e o Príncipe Cassius estão aqui há mais de uma semana— continuou Seph. —Sem alarde, como irmãos recebidos em casa, Cassius e seus homens saíram imediatamente com alguns dos tenentes de Mars para caçar ou pescar no Lago do Fogo⁸² ou— ele estendeu a mão, —o que quer que os homens desse tipo façam.

—De fato— respondeu minha mãe, não se importando com o que homens desse tipo faziam.

G'Seph lançou um olhar para mim antes de voltar sua atenção para minha mãe e continuar.

—E o Rei Wilmer chegou há poucos dias com o Príncipe True e a pequena sobrinha de Wilmer. Tão pequena. Devo dizer que Mars tem

demonstrado muitas qualidades de seu pai. Ele é muito paciente e receptivo, para um Firenz.— Essa última frase foi dita com uma pitada de repulsa que eu achei que ele pensava estar escondendo, mas não estava. —Mas não imagino que ele esteja muito satisfeito com aquela criança. Eu a vi perambulando pela cidade com uma guarda de guerreiros de Mars e soldados de Dellish, e ela não tem quase nada de especial.

Mais uma vez, olhei para Melisse.

Ela estava mexendo em seus invólucros como se tivesse perdido a noção da conversa, mas eu sabia que não.

Respirei fundo e, com isso, tive paciência.

—Conheço Silence pessoalmente e, se Mars tiver persistência, ele descobrirá que seu par é certamente agradável— disse minha mãe.

—Sim, é claro, como qualquer irmã seria— murmurou Seph.

—E não valeria a pena pensar que talvez Mars precisasse agradecer melhor sua companheira?— perguntou mamãe.

—Nem é preciso dizer, minha rainha— respondeu Seph.

Decidi voltar meus pensamentos para o tempo que teria de ficar ali sentado antes que não fosse rude me despedir.

—Você e os seus estão prontos para entrar na arena amanhã à noite?— perguntou Seph.

—Sim, estamos— respondeu mamãe.

Minhas irmãs estavam.

Elas não apenas se prepararam antes de partirmos, como também paramos muitas vezes em nossa jornada para praticar os exercícios

que faríamos, acostumando-nos com a sensação do ar, que era muito diferente, e com o calor, além de permitir que nossos cavalos fizessem o mesmo.

Sim, minhas irmãs estavam prontas.

Eu não tinha tanta certeza quanto a mim.

—Por que não deixamos vocês dois falarem?— interrompeu Melisse, levantando-se. —Amanhã vai estar cheio, então vou acompanhar minha princesa até a tenda dela antes de procurar a minha.

Pela deusa, eu adorava Melisse.

—Minha rainha— ela acenou com a cabeça para minha mãe. —Seph, como sempre, é um prazer vê-la.

—E você também, fiel tenente— respondeu Seph.

Levantei-me e me despedi, dando mais atenção a Drey do que a Seph.

Fiz isso me perguntando por que ele estava naquela tenda. Designado para a Cidade do Fogo, ele deveria estar envolvido em algum esforço de cura, ou em suas orações, e não visitando rainhas.

Não pensei mais nisso quando Melisse pegou meu cotovelo e me conduziu até as abas.

Entramos no ar fresco da noite e no céu estrelado e sem nuvens do deserto de Firenze e Melisse não falou até estarmos bem longe da tenda de mamãe.

E então ela disse: —Ele não tem nada para fazer e é um fofoqueiro. Provavelmente está fora de si, com todos esses acontecimentos na cidade para a qual foi designado.

Isso trouxe à tona um ponto interessante.

—Você sabe por que um Go'En da estatura dele foi designado para fora da Cidade da Cúpula?— perguntei. —É incomum. Um sumo sacerdote de sua posição, normalmente, reside permanentemente na cidade-estado.

—Não faço a menor ideia e não me importo— respondeu Melisse. —As maquinções dos Go'Doan nunca me interessaram muito.

Eu queria poder concordar.

De minha parte, eu as achava fascinantes, mas às vezes não de uma maneira agradável.

No entanto, havia coisas mais importantes para discutir.

—Precisamos falar sobre mamãe.

Ela deu um tapinha no meu cotovelo, onde seus dedos ainda estavam feridos.

—Não se preocupe. Vou levá-lo à sua tenda, depois voltarei e falarei com Lucinda e Agnes. Vou me certificar de que elas encontrem uma maneira de encurtar a visita do Go'Doan. Farei com que ela tome uma poção. Ela estará renovada amanhã.

Parei e me virei para minha mentora, a tenente de maior confiança de minha mãe, bem como sua e minha amiga mais confiável.

—As manobras que ela planejou...— comecei.

—Ela ficará bem— garantiu Melisse.

—Ela simplesmente as observa, mas teremos uma plateia de dezenas de milhares de pessoas, e ela...

Ela se levantou na ponta dos pés e capturou meus olhos com seus astutos olhos cor de avelã.

—Vai ficar tudo bem, Elena. Não se preocupe.

—É impossível não me preocupar com minha mãe— murmurei.

Ela começou a andar novamente. —E isso é apenas uma parte da infinidade de beleza que faz de você.

Eu queria que aquele elogio - um elogio raro vindo de Melisse, que preferia permitir que as ações falassem mais alto do que qualquer palavra - me fizesse sentir melhor.

Mas não me senti melhor.

Amanhã, pela primeira vez, eu conheceria meu futuro companheiro.

Mas antes disso, eu e minhas irmãs (mas vale a pena repetir, eu mesma) tínhamos de fazer um show para dezenas de milhares de pessoas, incluindo rainhas, futuras rainhas, príncipes e reis.

Limpei a garganta e perguntei: —Você sabe muito sobre o príncipe Cassius?

—Sei que ele é um bom estrategista. Sei que o pai dele, assim como sua mãe, mas por motivos diferentes, protegia os filhos de modo que, se um saísse para a batalha, o outro não sairia. Ele fez isso para proteger seus herdeiros, não seus filhos, não sua família, como sua mãe faz quando Serena vai para a batalha, mas você patrulha. Sua mãe sabe que Serena foi feita para a batalha, e você para a patrulha.

Ela parou de falar, como fazia com frequência durante nossas conversas, para se certificar de que seu ponto de vista estava claro.

Acenei com a cabeça, como sempre fazia durante nossas conversas, para assegurar-lhe isso.

Só então ela voltou a falar.

—Também ouvi dizer que seus homens são leais a ele, muito leais,

como irmãos de sangue.

Enquanto caminhávamos, ela esbarrou propositalmente em mim.

—E ouvi dizer que ele é extremamente bonito— concluiu.

Mordi a parte interna de minhas bochechas.

Seu tom foi mais suave.

—Você precisa deixar de lado seus sentimentos por True— ela aconselhou.

—Já fiz isso— disse a ela o que era em grande parte a verdade (na verdade, mais como parte da verdade). —Meditei muito sobre isso, mas, do jeito que as coisas estão, o simples fato é que não tenho escolha.

—Você não tem, minha irmã-filha— ela sussurrou. —Sinto muito por isso. Mas devo dizer que, por melhor que ele seja, nunca achei que ele fosse o homem certo para você.

Isso me fez parar novamente.

—True?— perguntei.

Ela acenou com a cabeça. —Ele é gentil. Ele é bom. Ele é— um sorriso pequeno e triste, —verdadeiro. E, por causa disso, não há equilíbrio.

—Mas concordamos em todas as coisas— eu disse a ela.

Ela balançou a cabeça. —Eu não sei. Eu pego homens por prazer. Eu os tomei para ter minhas filhas. Não tomei um deles como companheiro. Mas eu acho que, especialmente para você, seria muito chato passar seus dias com um companheiro com quem você concorda em todas as coisas.

Ela começou a caminhar novamente e continuou falando.

—Você é Nadirii. Você personifica quem e o que somos, não apenas porque é nossa princesa, mas porque você é você. Você é uma guerreira. Eu a conheço e sei que haverá momentos em que desejará relaxar e desfrutar de uma taça de vinho e harmonia. Mas está em seu sangue lutar pelo que é bom, certo e justo e saber que as pessoas ao seu redor conhecem e respeitam sua mente. Portanto, não creio que uma eternidade de paz seja o que encheria seu coração de alegria.

—Eu não sou como a Serena. Não preciso estar em desacordo com todos ao meu redor.

—Mas você é como a Serena, pois precisa de coisas que considera desafiadoras. A verdade nunca seria um desafio para você. Temo que, com o príncipe Dellish, você confunda amizade com paixão.— Ela fez uma pausa antes de concluir: —Também acredito que você descobrirá a diferença muito em breve.

Ela não poderia estar mais correta em seus pensamentos.

Pois eu não tinha escolha.

—Tudo ficará bem, minha irmã-filha— ela me garantiu. —E você será feliz.

Pensei na carta do Unicórnio que eu havia virado algumas semanas antes.

—Como você pode saber?— perguntei.

Olhei para ela através do ar frio da noite enquanto ela respondia: —Porque você é você, Elena. Eu conheço você. Você encontrará um caminho.

Foi esse elogio que me penetrou.

E assim, caminhamos em silêncio o resto do caminho até minha tenda.

Embora o ar não estivesse silencioso quando nos aproximamos.

O que vinha da tenda de minha irmã, situada não muito longe da minha, podia ser ouvido facilmente.

Risos femininos. Risos masculinos. Gemidos. Grunhidos. Gemidos. E gemidos.

Olhei para Melisse e vi que ela estava com as sobrancelhas franzidas enquanto estudava a barraca de minha irmã a caminho da minha.

—Parece que, como sempre, sua irmã está aproveitando a oportunidade que lhe é oferecida— ela murmurou.

Minha irmã, sim. Assim como, pelo que pude ouvir, seus tenentes, Heloise e Genia, sua mentora, Darma, com mais alguns Nadirii incluídos.

Horas antes, quando chegamos à área onde iríamos acampar, descobrimos que o Rei de Firenze havia nos dado um presente de boas-vindas.

Dezenas e dezenas de banheiras instaladas em tendas carmesim, atendidas por homens de Firenze (ou meninos-homens, pois nenhum deles tinha menos de dezessete anos, mas nenhum deles certamente tinha mais de vinte).

Esses banhos tinham água leitosa limpa, mas perfumada, que fluuava com pétalas, e havia uma infinidade de frascos e garrafas de óleos, loções, sais e elixires para a pele e o cabelo.

Exatamente o que um homem pensaria que uma mulher gostaria de ter depois de uma longa viagem.

Era verdade, de certa forma. E como era, tomei um banho (sem usar os criados masculinos para lavar meu cabelo, esfregar minhas costas e... outros) e me senti bem. As seleções que usei tinham um

cheiro agradável, funcionaram muito bem e ajudaram a relaxar meus músculos e a tirar a rigidez do sol da minha pele.

Mas...

Por favor.

—Eu lhe dou boa noite aqui, irmã-filha— disse Melisse com um aperto no meu cotovelo.

—Boa noite, minha amiga-mãe— murmurei.

Tocamos as bochechas e ela me deu um pequeno sorriso antes de se afastar.

Eu a observei por um momento antes de voltar minha atenção para a tenda de Serena.

Eu tinha a intenção de ir até lá, entrar e lembrá-la de que eu tinha uma menina de oito anos em minha tenda e que não estava muito satisfeito com a canção de ninar que ela estava ouvindo em um país estrangeiro na noite anterior à nossa entrada em uma cidade estrangeira e à tentativa de conquistar reinos inteiros com exercícios e magia.

Mas eu não só não queria ver minha irmã como ela provavelmente estava agora.

Eu não achava que conseguiria manter minha calma.

E minha mãe e Melisse haviam me ensinado bem.

Portanto, fui para a minha tenda e fechei a aba, apenas para que minha própria tenente, Hera, se aproximasse imediatamente de mim.

—Quem dera estivéssemos participando de jogos no dia seguinte, e não de exercícios— ela sibilou. —Eu a escolheria, a destituiria e humilharia Serena na frente de Firenze, Airen, Wodell, Mar-el e do maldito Go'Doan.

—Há quanto tempo isso está durando?— sussurrei de volta, meu olhar se voltando para o carço sob a colcha no palete.

—Uma eternidade?— Hera questionou em sua resposta sardônica.

—Sinto muito— respondi.

—Você atendeu nossa rainha— disse minha amiga com um suspiro. —E ela está bem. Ela finge que está dormindo, mas os modos de Serena não são desconhecidos para ela.

Não eram, em sua maior parte.

Embora talvez não fossem essas maneiras.

—Vá, minha querida amiga— insisti. —Durma. Vejo você no dia seguinte.

Hera olhou para mim, olhou para o palete, olhou para a parede da tenda, além da qual estava Serena, e então acenou com a cabeça e foi embora.

Joguei fora os mocassins, as capas, a túnica, os protetores de braço e o traje de corpo antes de vestir uma calcinha e um short.

Em seguida, subi embaixo do edredom com Dora.

Ela rolou e se aninhou em mim.

—Meu amor— sussurrei enquanto a envolvia com meus braços.

—Eu nunca vou ficar com um homem— ela sussurrou de volta. —Vou ser como Hera e encontrar uma irmã para amar.

Hmm.

—Não sei se isso é uma escolha, Dora, mas se for como você é, então ficarei feliz por você e desejarei que encontre seu amor mais verdadeiro e que ela tenha o coração mais verdadeiro— eu disse.

—Todos esses grunhidos. E os gritos— disse ela.

O estrago estava feito. Eu não podia fazer nada a respeito disso agora.

Eu ainda teria uma conversa com minha irmã amanhã.

A resposta de Theodora foi hesitante. —Está doendo?

—Não sei, docinho— eu disse. —Embora Jasmine tenha me dito que é uma sensação muito agradável e que, se o momento for propício, pode ser profundo.

—Isso não me parece profundo. Parece doloroso e... árduo.

Fiquei ouvindo por um instante.

De fato, era.

Suspirei, puxei-a para mais perto com um braço e com o outro puxei os edredons sobre nossas cabeças.

Depois, fiz o que nunca, jamais, faria.

A menos que fosse por Theodora.

Desobedeci à minha rainha.

Ao fazer isso, gastei um pouco de magia para abafar o barulho.

E, para completar, comecei a cantarolar e depois a cantar.

Comecei com as notas tristes da 'Canção dos Filhos Perdidos'. A canção sobre a Noite dos Mestres Caídos, quando nossos ancestrais fugiram para a noite, levando apenas suas filhas com eles, para sua segurança e liberdade, precisando deixar todas as coisas masculinas para trás.

E quando isso parecia melancólico demais para ajudar minha

Dora a dormir, comecei a cantar o 'Hino dos Encantamentos'. A história de minha muitas vezes tataravó criando os Encantamentos na floresta que reivindicávamos e que era cercada a nordeste por Airen, ao sul por Firenze, a noroeste por Wodell e, em sua ponta mais ao norte, ficava a cidade-estado de Go'Doan.

Ele contava como as árvores da floresta ficavam cada vez mais altas, mais largas e os galhos mais fortes para que pudéssemos construir nossas casas nelas.

Falava do véu cintilante que não podia ser visto pelo homem, apenas pela mulher. A cavalo ou de carruagem, um homem poderia percorrer uma linha reta e não saber que não era reta, mas que estava beirando os Encantamentos, pois ele não poderia entrar ou mesmo saber onde os Encantamentos começavam. Mas uma mulher, se seu coração fosse puro e sua necessidade fosse profunda, poderia vê-los e suplicar por entrada, alívio e liberdade.

Dora adormeceu durante o quarto verso e, quando tive certeza de que seu sono era profundo, larguei minha mágica.

Levou algum tempo para que minha irmã e suas companheiras parassem de brincar.

Mesmo quando o fizeram, abracei minha Theodora.

Mas não dormi.

Pois o dia seguinte seria agitado.

E eu tinha muitas responsabilidades.

Por último, e o que mais pesava em minha mente, no dia seguinte...

Eu conheceria meu companheiro.



O Motivo

Lady Silence Mattson

Entrada, primeiro andar, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

—Não é você, *piccolina*— Farah me disse em voz baixa enquanto minha futura sogra se afastava rigidamente depois de dar uma boa noite gelada.

Fomos à cidade com a Rainha Elpis, Sofia (a adorável (mas muito triste) mãe de Farah), minha mãe e minha tia, a Rainha Mercy.

Além de um guarda de Dellish e Firenz.

Jantamos em um estabelecimento onde nos sentamos em almofadas no chão (que eu descobri que constituíam a maior parte das opções de assentos nessa terra) e mulheres com trajes muito mais escassos do que Farah normalmente usava se movimentavam ao nosso redor com véus transparentes sobre a parte inferior do rosto. Elas faziam isso enquanto tocavam pequenos címbalos em seus dedos.

Era extraordinário e tinha muita beleza, mesmo que me deixasse inquieto de uma forma que eu não entendia.

E a suculenta carne temperada, o cuscuz aromatizado, os legumes assados e as tortas achatadas recheadas com carne moída em um

molho denso e picante eram deliciosos (como toda a comida nessa terra, eu havia descoberto, era deliciosa).

Voltei-me para minha nova amiga (só um pouco, pois ela e eu jantávamos juntos todas as noites desde que cheguei, mas, fora isso, eu não a via).

Essa noite foi a primeira em que só havia mulheres (exceto a Rainha Ha-Lah, que havia sido convidada, mas seu marido disse que ela havia recusado).

A primeira noite foi a única em que jantei com meu futuro marido.

No entanto, naquela noite, ele se sentou longe de mim, com sua mãe e seu amigo, o príncipe Cassius, e me ignorou completamente.

Na noite passada e nesta, ele jantou sozinho com seus homens, o príncipe Cassius (e seus homens), o príncipe True (bem como seus homens) e o rei Aramus (e *seus* homens).

De fato, nos três dias em que estive lá, eu só tinha visto o Rei Mars quatro vezes (sem contar o desastre na sala do trono).

Naquele primeiro jantar.

Uma vez, quando ele estava parado em um dos *longos* corredores do palácio, com a cabeça inclinada e ouvindo quatro homens que se pareciam muito com ele (mas não eram tão altos nem tão bonitos), o príncipe Cassius e alguns dos homens de Cassius.

Ele nem percebeu que eu estava lá.

Mas a próxima vez que o vi foi a pior.

Eu estava subindo depois do jantar, sozinho, deixando minha mãe com Farah, Sofia, meu pai, a rainha Mercy, o rei Wilmer e minha futura sogra, que não era menos distante, e por isso senti a

necessidade de escapar de todos eles (principalmente da mãe do rei Mars, que realmente não gostava de mim).

Ao chegar ao topo da escada e antes de virar à esquerda para ir aos meus quartos e ao Tril (que, felizmente, gostava de mim), olhei para a direita.

Só para ver o Rei Mars andando pelo corredor em minha direção com nada além de uma calça de seda preta que parecia ser feita de lençóis esvoaçantes enrolados em suas pernas e presos à cintura...

E nada mais.

A parede colossal e definida de seu peito estava exposta. Assim como (obviamente) seus ombros imensamente largos. Igualmente óbvios, seus braços e antebraços musculosos e cheios de veias.

Eu não podia fazer nada além de ficar olhando.

Na verdade, eu já tinha visto homens em nossa propriedade, trabalhadores, fazendeiros e guardas do pai suados e sujos depois de um dia de trabalho, e eles tiravam suas túnicas ou camisas para jogar um barril de água sobre suas cabeças.

Mas eu nunca tinha visto nada parecido com isso.

Quando senti algo começar a queimar mais profundamente em minha pele, levantei meu olhar de seu peito e vi seus olhos negros me fitando.

Foi então que corri rapidamente para o meu quarto (tentando não parecer que estava correndo).

Fechei a porta...

E a tranquei.

Ele não tinha vindo atrás de mim (felizmente, ou talvez... *não*, embora eu não tivesse certeza por que pensava assim).

No dia seguinte, eu o vi novamente apenas para que ele apresentasse o formidável e imponente Rei Aramus e sua bela Rainha, Ha-Lah. Ele fez isso de uma forma que indicava que estava muito irritado comigo, o que não era possível, pois eu não estava perto dele para fazer algo irritante (talvez ele tenha percebido que eu estava, de fato, correndo para ficar longe dele e de seu... peito).

E essa foi a última vez que o vi.

Pode-se dizer que as coisas não estavam indo bem no Catrame Palace para mim.

Farah era adorável. Sua mãe também (embora, vale a pena repetir, ela estivesse triste, e eu sentia que essa tristeza tinha muitas facetas, e parte dela tinha a ver com a Rainha Elpis, o que era, pelo que eu sabia sobre aquela situação lamentável, compreensível).

E eu podia me esquecer de tudo isso durante as excursões que minha mãe, Mercy e eu fazíamos na cidade, que se mostrou cheia de cheiros maravilhosos, pessoas animadas e amigáveis e acontecimentos fantásticos, sem mencionar os produtos e mercadorias fascinantes à venda, casas, tendas, jardins, toldos e *tudo* mais. Eu não conseguia esconder minha total fascinação por tudo isso.

Mas no Palácio Catrame, mesmo com sua bela e exótica opulência, as coisas estavam tristes.

—Perdão?— Eu disse à Farah.

—Não é com você que ela está sendo fria— disse-me Farah. —Seu filho perdoou a mim e a minha mãe. Ela está achando isso mais difícil.

Isso foi confuso.

—Perdoou você?— perguntei.

Sua cabeça se inclinou para o lado e seu comportamento ficou cauteloso.

—Você não...— ela começou.

Levantei a mão. —Não precisa falar sobre isso. Eu sei.

E eu sabia mesmo.

Mamãe sussurrou para mim enquanto passeávamos por um bazar na cidade no dia seguinte à nossa chegada.

Foi chocante, mas eu tinha ouvido meu pai falar (e às vezes reclamar) com frequência sobre as intrigas e a violência da política.

Portanto, foi chocante e triste, mas não era incomum que uma conspiração fosse planejada para assassinar um governante (o próprio Mars (e eu tremia só de pensar nisso) havia frustrado três tentativas de golpe durante seu curto reinado de cinco anos).

Era apenas incomum que isso se concretizasse.

E, obviamente, eu nunca havia conhecido ninguém, nem mesmo remotamente, envolvido em tais acontecimentos.

Além disso, era lamentável quando eu encontrava essas pessoas, que eram Farah e Sofia, que não estavam envolvidas, mas que tinham sido arrastadas pela traição mesmo assim.

Deixei minha mão cair e continuei falando.

—Mas espero que não seja gauche ou ofensivo eu falar sobre isso, bela Farah. Faça isso apenas para dizer que entendo, de certa forma, pois sei que meu pai pensaria o mesmo, assim como meu rei. Isso porque tudo o que meu pai fez foi uma extensão de mim, mas não é. Ele é o seu próprio ser, com suas próprias características. Ele é seu próprio ser, com seus próprios pensamentos e ações. Mas eles não refletem quem eu sou e não deveriam refletir, pois não são meus.

Ela me estudou longamente.

Depois, seu belo rosto se suavizou.

—True fala muito bem de você. Nos momentos que compartilhamos juntos, eu sabia que ele falava como ele é. Verdadeiro. Parece que ele isso. Muito verdadeiro— Ela se curvou e pressionou sua bochecha com força contra a minha. —Boa noite, *Sorellina*⁸³.

Senti-me aquecido em minhas entranhas, pois *sorellina* significava *irmãzinha* e ela ainda não havia me chamado assim.

Eu gostava mais do que *piccolina*, embora isso também fosse bom.

E, obviamente, eu gostava muito mais do que *macaquinho*.

Ela se afastou.

—E tudo ficará bem com Elpis— assegurou ela. —Ela é uma boa mulher, de coração bondoso e muito generosa. Mas ela ama seu filho e o protege. Além disso, ela está de luto por seu marido, um homem que ela adorava, e minha mãe e eu, estando aqui, temo que tenhamos aberto uma ferida com a qual talvez ela tenha aprendido a conviver, mas nós a lembramos de que ela nunca se curará verdadeiramente. Levará tempo, mas você a conquistará, tenho certeza.

Eu não compartilhava de seu otimismo.

Embora agora eu também estivesse preocupado com o fato de que Elpis nunca permitiria que essas duas senhoras voltassem ao seu coração, um lugar onde elas desejavam muito estar, e elas eram almas bondosas, então seria verdade que Elpis era generosa se todas elas pudessem voltar a ser o que eram antes.

Ou uma versão disso.

Eu ainda sorria.

Ela sorriu de volta e se afastou.

—Silence, minha querida, você vai subir comigo?— Mamãe me

chamou enquanto eu desviava meu olhar de Farah, que estava de braços dados com sua mãe e as levava para a escadaria larga.

—Vou subir em um instante— disse à minha mãe.

Suas sobrancelhas se franziram. —O que você vai fazer aqui embaixo?

—Ainda não dei uma volta completa pelo palácio. Estou inquieta. Amanhã será um dia agitado. Acho que vou aproveitar a oportunidade para dar uma olhada na casa que em breve será minha e talvez um passeio me deixe cansada.

Foi então que o rosto de minha mãe se suavizou, ela se aproximou e encostou os lábios em minha maçã do rosto.

—Tudo bem, filha— ela sussurrou contra minha pele, depois se afastou e olhou em meus olhos. —Aproveite seu passeio, mas não demore muito. Amanhã será um dia agitado, minha querida, e você precisa dormir. Vejo você no café da manhã.

Assenti com a cabeça.

Ela segurou meu braço e o apertou com carinho antes de se afastar.

Fiquei observando-a até que não a visse mais na ampla escadaria, que era acarpetada com tapetes estampados com franjas nas laterais, e mantive meu olhar lá muito tempo depois de ela ter desaparecido.

Depois disso, fiquei vagando.

Mas quando o fiz, não absorvi nada.

Minha mente estava muito cheia.

Eu estava tentando não pensar no meu futuro marido usando apenas No entanto, eu não conseguia afastar meus pensamentos do que parecia ser minha vida.

Meu marido tinha muitos homens e passava muito tempo falando com eles ou a portas fechadas com eles.

Ou atrás delas com o rei Gallienus. Ou com o príncipe Cassius. Ou o rei Gallienus e o príncipe Cassius. Ou o rei Wilmer e True. E agora o Rei Aramus.

Etc.

Tudo isso me foi contado. Ou me disseram que ele estava com sua mãe, ou em sua cidade, fazendo coisas de rei que não foram explicadas, ou com sua equipe (e mãe), supervisionando os eventos e cerimônias que estavam por vir.

Não comigo.

A atenção de True estava voltada para o rei Mars, o rei Wilmer, meu pai, Cassius, os tenentes de True que faziam parte de nossa guarda (etc.).

Mas, de vez em quando, eu o via tendo um momento de tranquilidade com Farah, conhecendo-a, e me animava o fato de que eles pareciam estar desenvolvendo uma afinidade.

Eu temia que seu coração ainda estivesse com Elena, mas Farah era adorável e, mesmo que Elena fosse feroz de espírito e linda de se ver, eu não duvidava que Farah logo conquistaria a consideração de True.

O mesmo não parecia ser algo que meu pretendente desejasse ganhar de mim.

Esses eram meus pensamentos enquanto eu olhava através do trabalho impecável de rolagem da tela sobre uma janela em uma das salas menos formais no lado leste do palácio.

O que estava além dessa tela eram os jardins formais do palácio, com seus caminhos de azulejos, vegetação exuberante, piscinas de

mosaico e fontes fluidas.

Durante o tempo em que estive lá, andei um pouco por eles.

E decidi que, amanhã, enquanto todos se preparavam para o desfile e a recepção depois, eu iria passear mais por eles.

Talvez levar um livro. Eu não tinha tido tempo para ler desde que saímos de Wodell.

Suspirei, decidindo que minha vida não seria muito diferente aqui do que era em Bower Manor, embora minhas acomodações fossem mais opulentas e com muito mais pessoas. Depois, é claro, haveria a fascinante cidade para descobrir. E os belos jardins do palácio.

Mas, no final das contas, sem a presença de minha mãe depois que ela partisse, e sem Farah e Sofia com True, eu sabia que seria muito mais solitário.

Eu me virei com esse pensamento infeliz, dei um passo à frente e bati em uma parede, com o nariz primeiro.

Recuei, levando a mão ao nariz quando uma flor de dor brotou atrás dos meus olhos e, com ela, a surpresa, já que nenhuma parede havia estado ali antes.

Rapidamente, a dor se dissipou.

E quando isso aconteceu, senti uma mão na parte inferior das minhas costas, algo duro pressionado contra minhas coxas e barriga, e meus olhos, que naquele momento não estavam encontrando nada além de uma grande extensão de pele marrom lisa, subiram.

Para ver os olhos negros do meu pretendente me encarando com raiva.

—Primeiro— rosnou ele, e sua outra mão (a que não estava em minhas costas, segurando-me com ele) foi até meu pulso, seus dedos

se enrolando para puxá-lo. —Vamos cuidar desse nariz.

E foi o que ele fez.

Ele soltou meu pulso apenas para segurar meu queixo com a lateral de um dedo sob ele e o polegar até o ponto em que ele levantou minha cabeça, inclinou-se profundamente e estudou aquela protuberância em meu rosto.

Bem, pode-se dizer que isso foi humilhante.

E com aquela pele que vi, ficou claro que ele estava novamente usando apenas aquela calça.

E eu não sabia o que pensar sobre isso, a não ser que não merecia ser contemplado.

Portanto, não pensei nisso.

Ele manteve os dedos em meu queixo quando se endireitou e continuou a me olhar com cara feia.

—Você está bem— declarou ele.

—Erm— murmurei.

—Você também está me evitando— ele declarou irritado.

Mas...

Eu não estava.

—Bem, hum...— murmurei.

—Não estou gostando disso.

Ele não gostou?

Eu não o vi caminhando em nossa direção enquanto estávamos no vestibulo, reunidos antes de sair para o jantar, fazendo assim para

compartilhar que ele se juntaria a nós na cidade naquela noite.

—Vossa Graça, eu não estou exatamente... quero dizer, você tem estado bastante...

—Eu não sou sua Graça— ele me interrompeu. —Serei seu marido. Você me sentirá entre suas pernas. Em sua boca. Você dormirá debaixo de mim.

Senti meus olhos se arregalarem.

Em minha...

Boca?

Minha reação fez com que seus olhos ficassem mais furiosos.

—Você não pensa em me dar isso?— perguntou ele.

—Bem... eu... na minha...— gaguejei e deixei escapar: —O que minha boca tem a ver com isso?

Ele piscou os olhos muito lentamente.

Depois relaxou, muito mais lentamente, e tirou os dedos do meu queixo para soltar a mão e envolvê-la na lateral da minha cintura.

Mas, ao fazer isso, algo se acendeu em seus olhos e fez algo desconfortável em minhas entranhas (especificamente, nas regiões *sul*).

—Meu nome é Mars— disse ele em um tom muito menos irado.

—Eu sei.

—Você me chama de Mars— ele ordenou.

—Tudo bem— eu disse hesitante.

—Você também nunca mais vai fugir de mim.

Oh, bolas.

Não escondi que estava me apressando.

—Bem, naquele momento você estava como está agora. Onde você não está, realmente... erm, vestido— expliquei.

—Sei que os Dellish, por qualquer motivo tolo, homens e mulheres, acham necessário cobrir cada centímetro de pele. Os Firenz não. Portanto, este é o traje que uso em casa quando estou à vontade.

Isso pode ser devido ao fato de que em grande parte de Wodell, durante muitos meses do ano, fazia bastante frio e, em Firenze, isso não acontecia.

Não lembrei o rei sombrio disso.

—Tudo bem— eu disse novamente.

—Você precisará se acostumar com isso— declarou ele.

Não achei isso provável.

—Tudo bem— repeti.

—Minha terra não é sua terra. Você precisará se acostumar com isso também— continuou ele, sendo autoritário.

—Eu sei disso— compartilhei.

—E faça isso rapidamente— ele decretou.

Apertei os lábios para não dizer nenhuma bobagem.

—Amanhã à noite, você cavalgará ao meu lado e, durante o desfile, você se sentará ao lado dele para que meu povo possa contemplar sua futura rainha.

Um momento...

Ele estava...

Louco?

Senti o comprimento de minha estrutura se contrair.

—Não posso fazer isso— respirei.

Suas sobrancelhas pesadas se juntaram. —Por quê?

—Eu... mas... haverá milhares de pessoas lá.

—Eu sei disso.

—E você será o centro das atenções. Até mesmo, provavelmente, para muitos quando os Nadirii estiverem perfurando.

—Eu também sei disso. É o costume. Eu sou o rei deles.

—E se eu me sentar ao seu lado como sua futura rainha— continuei, —eles estarão olhando para mim.

—Eu também sei disso.

—Mas, eu não...— Balancei a cabeça, fazendo um esforço para me recompor. —Eu não sou assim, meu rei, erm, Mars— corrigi quando ele parecia estar ficando irritado novamente. —Não gosto de atenção.

—Em apenas alguns dias, você será nomeada minha rainha.

—Eu sei— eu disse suavemente.

—Você *não* pode deixar de receber atenção.

Oh, pelos deuses, eu não tinha pensado nisso.

E pensando nisso agora, achei que era terrível!

—Você também precisará se acostumar com isso, macaquinho— ele proclamou.

Minha atenção foi instantaneamente desviada de minha mais nova situação para suas palavras.

—Se lhe agrada, *meu rei*— eu disse de uma maneira brusca que não era muito minha, —não me chame de 'macaquinho'.

—Isso não me agrada— ele retrucou imediatamente. —Porque você é meu macaquinho.

—Não sou— continuei a dizer.

—Você é— ele respondeu.

—Não sou!

Fé, minha voz estava subindo.

Ele me deu uma sacudida suave e um aperto menos suave, lembrando-me de que eu estava pressionada a ele (sem mencionar que ele era um rei, então talvez eu não devesse levantar a voz para ele) e aquela sensação estranha atingiu minha barriga (e partes ao sul).

—Você é, *piccolina*, porque você é adorável, como um macaquinho é adorável. Tão adorável que qualquer um que o veja se esquece de como ele é inteligente.

Meus olhos se arregalaram novamente enquanto eu o encarava.

—Você acha que eu sou inteligente?— sussurrei.

—Você não tem muita afeição por seu pai— disse ele.

Levantei meu queixo. —Meu pai é um bom homem.

Ele balançou a cabeça. —Admiro sua lealdade. Ela me alegra. Mas você não acredita realmente nisso. Você acredita que ele é dissimulado e ganancioso, e que não é um homem que colocaria seu corpo na frente de uma flecha para sofrer aquele ferimento para que sua filha não sofresse. Ele colocaria sua filha na frente da flecha para

que ele não suportasse aquele ferimento.

Meus olhos se desviaram.

—E você está certa— declarou ele.

Olhei de volta para ele e estava novamente sussurrando quando disse: —Por favor, não fale de meu pai dessa maneira.

Ele inclinou o rosto em direção ao meu e minha respiração ficou presa na garganta.

Nossa, mas ele era ainda mais bonito assim de perto.

E mais assustador.

Mas o que ele disse em seguida foi surpreendente.

E, devo admitir, caloroso.

Não a primeira parte.

A última.

—Eu o tornarei rico, meu macaquinho. Muito além de sua imaginação. E farei isso para que ele deixe sua filha sob minha proteção e deixe nossas filhas sob minha proteção. Pois, Silence, não se engane, eu colocaria meu corpo na frente de uma flecha para sofrer esse ferimento por minha filha.

Olhei fixamente em seus olhos, sem pestanejar.

Mas meu coração estava acelerado.

—E eu não permitirei que ele interfira com você ou a use para seus próprios fins. Vou deixar isso bem claro para ele. Se ele vier novamente ao meu reino para se sentar à minha mesa, ele o fará como seu pai e nada mais. Não um homem que o usa como um instrumento para promover seus próprios fins.

Eu não sabia quanto tempo ele havia passado com meu pai, não achei que fosse muito.

Mas ele com certeza o conhecia bem.

—Minha mãe é adorável— eu disse suavemente.

—Ela é uma mulher dividida entre duas forças. E ela se desvia para o lado errado.

Pressionei meus lábios juntos novamente.

—No entanto, ela será sempre bem-vinda à minha mesa, *piccolina*— ele garantiu calmamente.

Isso foi bom.

Eu não disse que sentia isso.

Apenas assenti com a cabeça.

Seu olhar se fixou no meu antes de cair em meus lábios e seu humor mudou tão abruptamente, e fortemente, que senti o ar em toda a sala mudar com ele.

—Cabe a mim ensiná-la a usar essa boca— ele murmurou como se estivesse falando consigo mesmo, embora suas palavras (e o tom em que as pronunciou) tenham feito com que algumas coisas que eu não entendia acontecessem dentro de mim.

E essas coisas fizeram com que outras coisas acontecessem comigo.

Principalmente, minha estrutura relaxando em seu abraço, em seu corpo, fazendo isso languidamente.

E parecia que eu não tinha vontade de parar.

—Mars— sussurrei.

Seus olhos se voltaram para os meus.

—Você cavalga ao meu lado, Silence, e vai se sentar ao meu lado amanhã à noite.

Parece que eu não tinha escolha.

Portanto, assenti novamente com a cabeça.

—E você não fugirá de mim, minha noiva, nunca mais.

E também não tinha escolha nisso.

Assenti mais uma vez.

Apanhada no transe de seu humor, dei um pequeno pulo quando sua mão grande envolveu minha mandíbula e congelei quando a ponta de seu polegar tocou meu lábio inferior enquanto seus olhos observavam.

Muito bem.

Isso também mexeu com minhas entranhas.

Elas se sentiram...

Derretidas.

—Mas o meu— disse ele suavemente, como se estivesse hipnotizado por seu próprio movimento - ou por meus lábios. —Só meus.

Então, balancei quando ele me soltou abruptamente e se afastou.

—Para sua cama, Silence— ele ordenou. —Amanhã é um dia importante e não quero que você fique caída durante a apresentação dos Nadirii, pois se as histórias sobre a rainha Ophelia forem verdadeiras, com certeza será algo muito bom.

E com isso, ele girou e saiu da sala, com os painéis de sua calça de seda marrom chocolate batendo em suas longas pernas.

Fiquei parada onde ele me deixou, respirando profundamente e pensando que havia enlouquecido.

Pois estava me dando conta de que não me importava em ser um macaquinho.



Farah Magos

Terraço, terceiro andar, Catrame Palace, Cidade do Fogo
FIRENZE

Sentamos no assento da janela do fundo, na janela central do andar superior.

Tudo ao nosso redor estava escuro.

Ficamos olhando para os jardins enlaurados.

Nós dois estávamos virados para as janelas.

Sua coxa estava levantada no assento, assim como a minha.

Nossos joelhos quase se tocaram.

Mas não se tocaram.

Embora eu desejasse que o fizessem.

Nos últimos dias, ele só me tocava quando estava sendo galanteador.

Embora isso acontecesse com frequência, pois ele era galanteador em todas as coisas, descobri que eu também desejava outros toques.

Esses, eu não recebia.

—Gostaria que eu conversasse com Mars?— perguntou ele.

Estudei os traços do belo rosto de True Axelsson, com um padrão prateado à luz da lua através de pergaminhos.

Eu havia lhe contado sobre o afastamento da Rainha Elpis.

E ele faria isso.

Falar com Mars.

Por mim.

Pela minha mãe.

Porque eu havia aprendido muito rapidamente que ele era esse homem e que não queria que nada pesasse sobre mim.

Assim como não queria que nada pesasse sobre ninguém que tivesse um mínimo de afeição por ele.

Ah, se esse homem pudesse ser realmente meu.

Elena dos Nadirii deve ser muito especial.

—Depois que Silence se casar com Mars, iremos para Wodell, True — respondi. —Mamãe virá conosco e ficará conosco. Não importa se a Rainha Elpis nos aceitará novamente. Ela não virá, e estaremos morando nas terras de Dellish, para onde não é provável que ela viaje.

Ele se virou para mim. —A nora dela será Dellish.

—Sim, e se Mars levar sua noiva para visitar sua casa, Elpis não irá com eles.

—Por causa de você?

Estendi a mão e toquei brevemente seu joelho antes de dizer

gentilmente: —Porque Firenze não tem muito interesse em Wodell.

—É claro— ele murmurou, e eu pude ver seus lábios se franzirem à luz da lua.

—Não quero ofendê-lo— disse-lhe com sinceridade.

Ele voltou a olhar pela janela. —Meu pai é do meu avô. E meu avô é do avô dele. E assim por diante, Farah. Eles têm duas coisas que são muito bons em fazer. Selecionar conselheiros mal escolhidos que os aconselham em todas as coisas e o fazem de forma muito ruim. E então eles aceitam esse conselho e o executam plenamente.

Ele voltou sua atenção novamente para mim, estendeu a mão e pegou minha mão, mas não foi brevemente.

Ele a segurou.

Ele era bom nisso também.

—Em outras palavras, não estou ofendido, meu doce.

Ele havia começado a me chamar assim ontem.

Eu tinha marcado a primeira vez que ele me chamou assim.

Fiz isso não apenas porque era querido, mas porque esperava que ele achasse que isso era verdade para mim.

Com cuidado, perguntei: —Esses conselheiros aconselharam seu pai a cavalgar em Firenze?

Ele apertou minha mão, soltou-a, mas não desviou sua atenção de mim.

—Três vezes. E se Rebecca, nossa grande bruxa, não tivesse compartilhado sobre a Besta, outra campanha teria sido feita.

—Oh, True— eu sussurrei.

Ele balançou a cabeça. —Não somos uma nação pobre, Farah. Não temos as riquezas que vocês têm. Não temos os avanços de Airen. Mas nosso povo não está morrendo de fome. Se colocarmos os homens que usamos para guerrear contra Firenze para treiná-los na engenharia de Airen e melhorar o encanamento de nossas casas, a irrigação de nossos campos, a melhor passagem de nossos rios. Se construíssemos alianças com o Rei de Mars-el para permitir a passagem de nossos navios para o Mar Verde, para que nossa lã, grãos e estanho possam chegar a Lunwyn, Hawkvale, Fleuridia, eles conheceriam vidas melhores sem minas de rubi e campos de açafraão.

—Notei que o rei Wilmer não aproveitou essa rara oportunidade de se sentar com o rei Aramus— comentei.

Isso o fez olhar pela janela. —Não é raro. É única. E você está certa. Ele desperdiça essa oportunidade quando temos muita madeira que pode construir navios e, se tivéssemos passagem, poderíamos construir frotas para os comerciantes entregarem nossos produtos nas Terras do Norte e nos Místicos.— Ele se voltou novamente para mim. —Não sei se meus homens gostariam de ser marinheiros. O que eu sei é que eles ficariam longe de suas casas por meses, mas voltariam. E fariam isso respirando.

Peguei sua mão ao ouvir isso.

—Você pode falar com o Rei Aramus?— perguntei.

Ele acenou com a cabeça. —Posso e vou falar. Mas não agora. Nosso relacionamento é novo, e não acho que seria sensato pedir uma concessão quando mal conheço o homem e ele não tem motivos para concedê-la. Ele é afetuoso com seus homens. É afetuoso com Cassius, que ele conhece. Ele desconfia de todos os outros e não se importa em demonstrar isso.

Eu mesmo havia notado isso.

True continuou: —Está claro que meu pai e Gallienus estão

aproveitando essa oportunidade para não se preocupar com a Besta, mas para entrar em negociações sob o pretexto de diplomacia. Não imagino que eles não tenham percebido o fato de que Aramus não é tolo. Embora pareça que é exatamente isso que está acontecendo. No entanto, temos meses de viagem juntos enquanto cumprimos a profecia. Portanto, encontrarei meu tempo. Só tenho que torcer para que meu pai não me desfaça de meus esforços antes que eu o encontre.

—Também notei que ele não demonstra grande respeito por Mars-el— murmurei.

Ele tomou o controle da minha mão, de modo que eu não estava mais segurando a dele, mas ele estava distraidamente mexendo nos meus dedos de uma forma que eu gostava muito, dando a ele algo meu para tocar, segurar, enquanto ele organizava coisas importantes em sua cabeça.

—Seu conselheiro acha que Mars não é de grande importância, como não seria, já que ele acha que eles podem obter uma mina de rubi eterna e campos de açafrão. Embora eu não saiba para quem ele pretende vender esses rubis e açafrão, já que, se nós recuperarmos essa terra, os Firenz os embargarão, os Airenzianos provavelmente também o farão, e os Nadirii não dão muita importância às joias. Portanto, precisaríamos enviá-las para os Místicos ou para as Terras do Norte e, para isso, precisaríamos de permissão para navegar.

—Isso é muito míope— murmurei irritado, meu olhar caindo para nossas mãos unidas.

Bem a tempo de True parar de mexer na minha e apertá-la.

—Ah, linda Farah. Em nossa curta convivência, admito que muitas vezes me perguntei se sua beleza a torna bonita ou se é sua lealdade que transparece e lhe dá beleza.

Fiquei olhando para ele, sem conseguir respirar, pois esse era o

maior elogio que alguém poderia me fazer.

—Talvez os dois— sussurrou ele, levando minha mão aos lábios e tocando-a brevemente antes de apertá-la novamente, soltá-la e levantar-se do assento. —Quer que eu a acompanhe até seu quarto?

Aparentemente, nosso breve interlúdio havia terminado.

Isso me entristeceu.

—Vou me sentar um pouco.

Ele se curvou, tocando seus lábios em minha testa antes de se endireitar.

—Durma bem, meu doce.

—O mesmo digo a você, meu True.

Ele me concedeu o presente de seu sorriso à luz da lua.

Depois, eu o vi se afastar.

Olhei pela janela.

Amanhã, eu veria e conheceria essa Elena.

Até lá, eu esperava que conseguisse gostar dela, pois ela era de True e eu suspeitava que ele fosse um homem que não deixaria de lado ninguém que tivesse um lugar em seu coração.

Mesmo que o que eles desejassem compartilhar, de coração para coração - o que eu estava desejando compartilhar com ele - nunca seria atendido.

Para nenhum de nós.



A Trama

G'Drey

Quarto conjugal, mansão do Capitão dos Confiáveis⁸⁴, Cidade do Fogo, FIRENZE

G'Drey realmente não queria chegar ao clímax.

Ele realmente não queria.

Não dessa forma.

Mas ele o fazia, e o fez, não com frequência, mas regularmente, depois que o guerreiro o encontrou novamente na cidade.

Essa vez foi a mais humilhante.

E depois disso, ele sabia, juraria nunca mais voltar.

Mas ele também sabia que, quando o envelope carmesim que o convocava chegasse - tornando-se obcecado por esses encontros como um homem viciado nos efeitos do ashesh⁸⁵ - para obter sua experiência, Drey sairia à noite do templo de Go'Doan e encontraria a casa deles. Ele se dirigia à porta dos fundos, que era aberta para ele e, por fim, depois que eles o usavam como queriam, ele chegava ao clímax...

De forma humilhante.

Dessa vez, com o queixo na cama, os pulsos amarrados aos joelhos, os joelhos abertos, amarrados a um suporte, uma tira de couro ao longo da testa, curvando a cabeça para trás enquanto ela era amarrada ao cassetete que estava passando por seu traseiro, seu membro dolorido e duro como uma rocha sendo chupado por uma mulher.

Durante todo esse tempo, ele foi forçado a observar, diante de si, seus ruídos abafados por um lenço enfiado em sua boca - um dos *dela* - enquanto o guerreiro batia entre as pernas dela, seus lábios quase nunca se separando, os grunhidos dele abafados pela boca dela, os gemidos dela iguais aos dele.

E Drey observava a bunda do guerreiro trabalhar.

Ele também observava o eixo grosso, cheio de veias, escorregadio e rígido mergulhando e recuando.

E ele faria qualquer coisa para ter a oportunidade de ver tudo isso.

Ou as vezes em que o guerreiro usaria aquele eixo em Drey.

Ou as vezes em que ele aplicava um remo em Drey depois de enchê-lo com alguma coisa.

Ou qualquer uma das atenções que o guerreiro lhe dava.

Por fim, e ao mesmo tempo, Drey viu as cabeças dos dois se inclinarem para trás enquanto o guerreiro rugia seu orgasmo e sua esposa gritava o dela, as mãos agarrando a carne musculosa dele, as unhas cravadas, as longas pernas enroladas nos quadris do guerreiro.

G'Drey queria achar aquilo nojento.

Mas, com as pancadas selvagens em seu traseiro e a talentosa sucção em seu eixo, ele não podia fazer nada além de se curvar contra aquela boca.

Ele perdeu a boca e suportou a mortificação de ser observado pelo guerreiro e sua esposa enquanto era ordenhado com a mão dela em uma toalha sobre a cama, embaixo dele, enquanto ela usava seu traseiro brutalmente e ele se sacudia e tinha espasmos contra seus limites enquanto derramava sua semente com gemidos abafados sobre a cama.

—Cuide de nossa garota, meu querido— pediu a mulher do guerreiro, e então aconteceu.

A mulher que estava atrás dele foi movida para a frente dele, com a boceta enfiada em seu rosto, e o guerreiro a dedilhou até o clímax, enquanto sua mulher acariciava seu peito e ele acariciava a amiga deles.

Houve uma boa dose de beijos (apenas na boca entre o guerreiro e sua esposa, Drey havia aprendido que esse era um limite que nunca era ultrapassado, não importava quem se juntasse à brincadeira), carícias e abraços entre os três, que Drey foi forçado a assistir antes que as mulheres saíssem lentamente da cama depois de uma atenção prolongada dada ao guerreiro.

Elas saíram do quarto e o guerreiro deu uma sacudida nos membros de Drey, libertando-o, e então, despreocupadamente, tirou o bastão de sua bunda e o jogou na cama ao lado dele.

—Nós o chamaremos quando for necessário novamente, *mio buco* — murmurou o guerreiro. —Agora você pode ir embora.

Ele esperou que o guerreiro fizesse o mesmo antes que Drey arrancasse a tira de couro de sua cabeça, puxasse o lenço e corresse para suas vestes.

Essas não eram as do Go'Doan. Ele não as usava quando se deslocava pela cidade à noite para esses encontros fétidos (mas excitantes e incrivelmente gratificantes). Ele usava um mais escuro, semelhante ao que os sacerdotes e sacerdotisas de Firenze usavam.

Ele as vestiu, tentando (mas não conseguindo) ignorar o quanto gostava da sensação de sua bunda usada, de suas bolas drenadas, de seu pênis repleto, e sentiu o fogo ferver dentro de si.

Todos eles sentiriam sua ira.

Todos eles.

De fato, eles iriam.

Eventualmente.

Ele não perdeu tempo, entrou na noite, mantendo-se nas sombras enquanto se movia pelas ruas tranquilas, retornando ao templo de Go'Doan, o que, na verdade, era um insulto.

A cidade-estado de Go'Doan era resplandecente. A pedra branca. Os faróis ofuscantes do dourado profuso dos telhados condenados. Os paralelepípedos nevados das ruas estreitas que serpenteavam pela cidade. O vidro das janelas piscando ao sol, perfeitamente limpo sob a constante administração de seus acólitos, os Go'Ella.

Era um lugar de inspiração, de grande beleza, com cada canto oferecendo uma vista inspiradora.

Aqui, o templo Go'Doan era feito de pedra enferrujada, com apenas uma cúpula dourada para dizer que era do Go'Doan, algumas torres, e a única coisa boa sobre ele eram suas catacumbas profundas que desciam cinco camadas.

E, ao entrar sorrateiramente, ele ficou feliz por ser tarde da noite e as celebrações reais que se estenderiam por três países e três meses começariam no dia seguinte, pois todos estariam dormindo.

Isso era o que ele pensava antes, mas dois passos depois, sua cabeça bateu na parede e estrelas explodiram em seus olhos.

Antes que ele soubesse o que estava acontecendo ou conseguisse

organizar seus pensamentos, que sua cabeça parasse de bater, que as estrelas recuassem ou que seus pés estivessem sob ele, ele sentiu muitas mãos sobre ele e foi levado para baixo, para baixo, para baixo.

E para baixo.

Então, em uma sala em que ele nunca havia entrado, nem mesmo depois de sua extensa excursão ao chegar várias semanas antes, uma sala iluminada apenas por velas e com um profundo cheiro de patchouli, seu manto foi arrancado e ele foi forçado a se ajoelhar no chão de pedra. Em seguida, ele foi curvado e amarrado do pescoço aos quadris em uma laje de pedra, com os braços enrolados na parte inferior e amarrados nos pulsos, e as pernas amarradas às pernas da laje.

E seu traseiro foi usado novamente.

Para levar uma chibatada.

Seus gritos de dor haviam se transformado em gemidos de agonia e exaustão quando ele sentiu o sangue começar a escorrer por suas coxas.

Só então seus cabelos foram agarrados e sua cabeça foi puxada para trás e, em uma névoa de dor e confusão, ele notou os sacerdotes ao redor, com suas vestes não brancas, mas pretas, seus capuzes levantados, seus rostos obscurecidos, mas ele os conhecia...

Ele sabia que seus irmãos estavam ao seu redor.

E ele podia ver, bem à sua frente, o rosto de Seph envolto pelo capuz à luz das velas.

—Você se arrisca muito para ter seu traseiro fodido— ele disse.

—Meu irmão...— Drey tentou.

Outra chicotada em sua bunda e o pescoço de Drey se retesou,

seus dentes se cerraram e eles permaneceram assim por mais três.

O chicote parou e Seph, que não havia soltado seu cabelo, começou a falar novamente.

—Você não estava, nesta mesma manhã, em uma reunião para finalizar a trama?— ele exigiu saber.

—Eu estava— sussurrou Drey fracamente. —Mas, senhor...

Mais golpes foram desferidos e mais sangue começou a escorrer por suas coxas.

Quando eles pararam, Seph continuou.

—Na última tentativa, nosso irmão foi forçado a entrar no fosso. — A cabeça de Drey foi puxada para trás ainda mais por seus cabelos. —Todos precisam ficar atentos. Haverá um momento em que esses homens estarão sob nosso comando e vocês poderão ser fodidos quantas vezes quiserem, por quantos quiserem. Teremos Firenze. Teremos Wodell. E assim que o fizermos, Airen não terá escolha a não ser cair. Queimaremos Os Encantamentos e escravizaremos os Nadirii e sua magia à nossa vontade, e Tritão será nosso. Mas agora, você tem apenas um foco. Você cumpre... seu dever... com... a Ascensão— ele mordeu, bateu o rosto de Drey na laje e soltou seu cabelo.

G'Drey estava piscando as estrelas novamente quando sentiu que a presença de Seph o havia deixado, mas não foi muito longe.

Ele soube disso quando Seph falou com os outros na sala.

—Deixe-o até de manhã para que ele possa ruminar sobre suas transgressões. Depois, peça a um recruta que cuide dele. Nenhum Go'Ella verá isso— ordenou ele. —E não permita que Jell ou Liam se aproximem. Ambos são da velha guarda e irão a cavalo para Go'Doan para relatar isso mais rápido do que você pode dizer 'Go'Doan em Ascensão'.

—Aqueles de nós que querem usar a bunda dele antes de irmos?— pediu uma voz que Drey conhecia, e ele estremeceu quando flexionou aquela área em seu corpo como resposta a isso.

—Não— respondeu Seph, felizmente.

—Podemos usar o rosto dele?— perguntou uma voz diferente que ele também conhecia.

—Pelo amor de Deus, se fodam e parem de me incomodar com esse absurdo— disse Seph em um suspiro.

Drey ouviu pés arrastados e roupões sussurrando, algumas velas foram apagadas e, quando os ruídos quase desapareceram, ele ouviu Seph ordenar suavemente de uma nova posição do outro lado: —Os recrutas não entram até que tenham minha permissão.

—Sim, meu senhor— respondeu uma voz.

Drey começou a tremer tardiamente.

Ele ouviu uma porta pesada se fechar.

Mas ele sabia que tinha sido deixado sozinho com Seph.

Seu senhor.

Pelo menos... ali. Em Firenze. Onde Seph era o responsável por essa parte da Ascensão.

Houve silêncio.

Drey continuou a tremer.

E ele esperou.

Seph finalmente falou.

—Você tem um amante em Go'Doan, não tem?

—Sim— respondeu Drey.

—Ele é da Ascensão— comentou Seph.

—Sim. Ele me recrutou.

Sua voz era contemplativa quando ele observou: —Sim. Nosso irmão G'Fenn. Infelizmente, é uma infelicidade que Fenn tenha perdido seu buraco.

Depois de dizer isso, um ruído inconfundível surgiu e Drey fechou os olhos contra ele, agradecido pelo fato de a carne de seu traseiro estar tão crua que ele mal a sentiu, apenas sentiu a picada do sal quando a semente de Seph, que ele havia ordenhado com sua própria mão, caiu sobre ela.

—Agora sou seu dono, irmão— sussurrou Seph em voz alta. — Não sou um guerreiro, mas confie em mim, eu o usarei bem.

Drey não disse nada, mas o tremor não parou quando ele ouviu a pesada porta abrir e fechar.

Mas o que ele pensou foi que seu amante era muito mais poderoso do que Seph.

E Fenn não gostaria que seu 'buraco' fosse usado e, definitivamente, não seria abusado.

Ele gostava do traseiro de Drey como estava.

Assim, quando os escolhidos de Drey se juntassem a eles, veriam quem era dono de quem.

E G'Drey se vingaria de Seph entre as outras transgressões que acabariam chamando sua atenção.

Sem mencionar os dois de seus irmãos que tentaram usá-lo contra sua vontade.

Mas, primeiro, eles tinham um assassinato para realizar.

Pois nada era tão importante quanto a Ascensão.



O Procissão

Rei Mars Laches

Quarto do príncipe herdeiro, segundo andar, corredor oeste, Palácio
Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

—A rainha, meu rei.

Mars deixou de amarrar os cadarços na lateral da cintura e olhou para o criado que estava falando.

—Permita a entrada dela— ele murmurou, pensando que, muito em breve, quando alguém mencionasse 'a rainha', estaria se referindo a uma pessoa diferente.

Uma Dellish.

Seu macaquinho inteligente, com uma alma de prata derretida.

E ele não se importava com isso.

Com esse pensamento, sua mãe entrou em seu quarto e ele voltou sua atenção para ela.

Usando os cremes, loções e elixires de sua terra desde que ela era uma donzela, seu belo rosto quase não tinha traços, apenas alguns na testa.

No entanto, duas pequenas marcas no dorso do nariz haviam aparecido desde a morte do pai dele.

Seu cabelo era quase todo preto, com apenas um fio de prata aqui e ali.

E para os eventos da noite, ela usava uma blusa xale de mangas compridas coberta por um padrão profuso de contas de jato, as mesmas contas na cintura e nos quadris, de onde fluíam as transparências da saia que expunham as pernas envoltas em leggings que terminavam no tornozelo. Seus pés estavam calçados com sandálias planas de contas.

Tudo isso era preto.

Mars definitivamente se cansou de todo o preto.

O extravagante colar de rubis em seu pescoço era a única coisa de que Mars gostava.

Ele não compartilhava isso com sua mãe.

Quando sua atenção voltou para o rosto dela, ele viu que ela também estava olhando para ele.

—Então, você decidiu. Você está mudando o uniforme Firenz, afastando-se das lâminas— comentou ela.

—Encomendamos vários desses— respondeu ele. —Elas vieram com o enviado de Cassius. Por enquanto, apenas meus homens. Depois avaliaremos. Mas o couro de Airen é o melhor de todas as terras e eles fizeram algumas melhorias em sua armadura de couro, que já era excepcional.— Ao perceber a expressão no rosto dela, ele disse: —Não é tão apertada quanto você imagina.

—Sentirei falta das lâminas— ela murmurou, parando na frente dele.

O pai dele usava as lâminas, assim como o pai dela, assim como o filho dela.

De muitas maneiras, era hora de abandonar as coisas antigas.

Ares havia lhe ensinado isso.

—É bonito— disse ela, levantando a mão e colocando-a sobre o peito dele.

Mars não podia contestar isso.

Uma blusa de couro cor de arenito, sem mangas, sem gola e que se ajustava perfeitamente à sua pele. Ele conseguiu vesti-la afrouxando os cadarços de couro nas laterais. Calças do mesmo tipo, embora abotoadas na virilha, portanto sem cadarços.

Mas ele usava suas sandálias com cadarços de couro nas panturrilhas. Ele ainda não estava preparado para o calor e o atrito das botas.

—E eu gosto muito do manto— continuou sua mãe.

Ele também gostou.

Uma seda carmesim pesada que ia até os tornozelos na parte de trás e se fechava no pescoço com um fecho largo de ouro cravejado no centro com um grande rubi de Firenz.

A parte de trás do manto era bordada com fogo, de onde saía a serpente negra de Firenze enrolada, com a cabeça erguida, olhos verdes alertas, boca aberta, língua bifurcada serpenteando, presas abertas para atacar.

A mesma serpente foi forjada em ouro com olhos de esmeraldas e foi afixada em seus escudos de couro presos aos antebraços.

Em suma, muito diferente da elegância real cerimonial dos escudos dourados no peito, das grossas lâminas de couro com pontas

de ouro e rubis que pingavam de seu kilt e dos elmos com plumas de penas vermelhas que seu pai usava.

E muito menos pesado.

—Devemos partir em breve e me disseram que os outros estão se reunindo no vestíbulo— observou Mars em voz baixa. —Você veio para ser escoltada até as escadas?

Elpis ergueu o olhar para o dele.

—Ouvi os aplausos da multidão por todo o caminho até aqui— respondeu ela. —Os acrobatas e os comedores de fogo já estão entretidos. Nosso povo tem algo para assistir, então temos um momento antes da procissão. Eu gostaria de aproveitá-lo.

Ele também precisava tirar um momento para Silence antes de partirem.

Mas ele daria isso à sua mãe, assim como daria a ela quase tudo o que ela pedisse.

—Então pegue— ele convidou.

Ela se virou e, das dobras de sua saia, tirou uma caixa longa e fina que ele não havia notado que ela carregava quando chegou.

Era de ébano e, quando ele a acompanhou até a cama, onde ela a colocou, ele viu que a parte superior estava repleta de rubis grandes e primorosamente cortados e crescentes de ônix.

Foi vendo isso que seu olhar se voltou para o rosto dela.

Mas ele tinha o perfil esquerdo dela. Ele não conseguia ver sua corrente de casamento.

Ele ouviu o fecho se soltar, olhou de volta para a caixa que ela havia aberto e sentiu o peito ficar apertado.

Em uma cama de cetim preto, repousavam duas correntes longas e finas.

A de cima: elos de ouro simples, minúsculos, mas brilhantes. Embora houvesse uma argola cravejada de rubis impecáveis no local em que a corrente atingia o lóbulo da orelha.

Na parte de baixo, os mesmos elos, mas no aro de rubis do lóbulo havia três cordões de elos de ouro nos quais pendiam joias diminutas: um cordão com ônix, um de rubi e um de diamantes de gelo. O mesmo tamanho e tipo de joias estavam pendurados na linha que ia do lóbulo até a narina.

A corrente de casamento de sua mãe.

E a de seu pai.

—Mamãe— ele sussurrou.

—Está na hora— disse ela para a caixa, depois voltou os olhos castanhos para ele, e foi então que ele notou que ela usava uma nova corrente de apenas rubis com algumas esmeraldas, não mais diamantes e ônix. —E eu instruí os criados a me tirarem de meus quartos amanhã. Ficarei em outros, no salão leste, não perto de você e de sua noiva. E permanecerei neles pelo tempo que for necessário para preparar a casa das relíquias para mim.

Estava na hora. Ambos sabiam disso.

Na verdade, Mars deveria ter assumido os aposentos dela em sua coroação.

Mas ele não teve coragem, pois eram os quartos que ela dividia com o pai dele.

Mars não protestou contra a oferta dela.

Ele simplesmente acenou com a cabeça.

—Depois de amanhã, para que, se ela sentir algum desconforto, não o sinta no jantar de noivado amanhã à noite, reunirei as mulheres e faremos a cerimônia de colocação do piercing⁸⁶— declarou ela. — Não será necessário muito tempo para garantir que os piercings estejam limpos e que nenhum veneno entre neles. Mas tudo isso está acontecendo muito rapidamente, e ela não foi perfurada aos treze anos para aguardar sua corrente marital. Teremos de torcer pelo melhor.

—É bom que eu tenha você para pensar nas coisas que eu não tenho— ele murmurou.

Sua mãe examinou seu rosto antes de sussurrar: —Ela fala ao seu coração?

—Você não fala com ela— ele observou em vez de responder. —E não apenas porque ela está sempre com Farah e Sofia.

Ele observou o lampejo de tristeza misturado com raiva iluminar os olhos dela ao mencionar essas duas mulheres antes de repetir: —Ela fala ao seu coração, meu filho?

—Ela tem uma alma de prata— ele respondeu.

—A prata é flexível— respondeu ela.

—A prata é luminosa e preciosa— ele retornou. —E meu pai me ensinou que não se deve evitar a maleabilidade. O que deve ser evitado é a quebra.

Sua mãe assentiu.

Ela sabia que Ares havia ensinado essa lição.

E a viveu.

Mars continuou: —Embora eu esteja ansioso para descobrir a inteligência dela.

Sua inteligência e seus seios e aquela boca rosada e a observação das curvas abundantes em seu corpo pequeno enquanto ela cavalgava seu pênis.

No entanto, ele não compartilhou isso com sua mãe.

—Não notei muita inteligência. Ela é muito quieta— comentou sua mãe.

—Ela não fala a menos que tenha algo a dizer.

Sua cabeça se inclinou para o lado. —Ela lhe disse isso?

Ele sorriu para ela. —Momentos depois de nos conhecermos. Quando eu estava exigindo que ela dissesse alguma coisa.

Foi então que ele ficou feliz ao ver um lampejo de humor nos olhos dela.

—Então parece, meu filho, que ela também tem coragem— respondeu ela.

Talvez ela tenha.

Mas não precisaria dela.

Nandra, a bruxa mais poderosa do grupo, tinha afirmado que a Besta estava se levantando, mesmo depois de ser questionada sobre isso novamente quando os tremores pararam.

Mas seu macaquinho não enfrentaria essas dificuldades ou qualquer outra.

Ele cuidaria para que sua prata não se quebrasse.

Era o que os maridos faziam.

E como ele seria o marido de sua pequena esposa com seus olhos prateados, ele faria o mesmo.

—Devemos nos juntar aos outros— disse ele, antes de chamar o criado que estava sempre por perto, a menos que tivesse sido dispensado.

O rapaz se aproximou.

—Tranque isso no lugar onde guardo as coisas mais preciosas— ordenou, indicando a caixa com a mão.

O menino assentiu enquanto Mars pegava a mão da mãe, levantava-a ao lado do peito e começava a tirá-los do quarto.

—Não tivemos tempo de falar muito mais do que planejar as próximas festividades, Mars, mas você deve saber— ela começou. —Decidi que não viajarei com você para o casamento do príncipe Dellish.

Ela não conseguia nem falar o nome de Farah.

Mars suspirou e respondeu: —Gostaria que você repensasse isso. Farah sentirá sua falta.

E Sofia.

—Eu lhe daria tudo o que tenho para dar, como meu filho e meu rei— ela retornou quando eles entraram no corredor. —Mas isso não é meu para dar.

—Mamãe...

Ela bateu os calcanhares e ele parou, olhando para ela e vendo que seu humor havia mudado rapidamente.

—Farah, sim— ela sibilou. —Ela tinha uma idade em que se dedicava mais às suas próprias atividades e aos amigos do que em casa com o pai e a mãe. Mas Sofia *dormiu* ao lado dele. Ela deveria ter *sabido*. E sabendo, ela deveria ter nos *avisado*.

—Não quero mencionar isso, mas o farei— começou Mars. —Ele

estava neste mesmo palácio com você, comigo e com *meu pai* na noite anterior ao golpe traiçoeiro e verdadeiro de sua lâmina. Ele foi meu segundo pai. Passei muito tempo com ele durante toda a minha vida. Ele era o tenente de maior confiança de meu pai, e meu pai também passava muito tempo com ele. E ele e Sofia frequentemente se juntavam a você e a meu pai em seus quartos. E nós, nenhum de nós, entendíamos sua duplicidade.

Ela virou o rosto para longe dele.

—Pense nisso, mamãe, é tudo o que peço, e esta será a única vez que discutiremos o assunto.

Elpis se virou para a frente e murmurou: —E por essa última vez ficarei feliz.

Mars suspirou novamente e a levou para o corredor.

Ao descerem as escadas, ele notou que o vestíbulo estava lotado.

Todos haviam se reunido para iniciar a procissão.

Mas seus olhos procuraram por ela.

E seu pênis se manifestou quando ele a viu.

Pelos deuses.

—Mars, posso lhe dar uma palavrinha?

Ele virou a cabeça com irritação quando teve que desviar o olhar de Silence.

Príncipe True.

—Temos um desfile para assistir— lembrou ele ao príncipe.

—Um momento, e é importante— respondeu True, olhou para Elpis, deu um pequeno sorriso com uma pequena reverência e depois

olhou de volta para Mars. —E com respeito a vocês dois, preciso desse momento para ficar sozinho.

—Vou me dirigir ao meu cavalo e pedir aos outros que me sigam — disse Elpis. —Meu filho— ela inclinou o queixo para Mars. —Príncipe True— ela repetiu o gesto.

Com isso, ela se embrenhou entre os corpos no vestíbulo.

Mars olhou para True.

—Um momento— ele concedeu.

True não desperdiçou esse momento.

—Nem Farah nem Sofia participarão da procissão— ele anunciou.

Mars ficou olhando para ele.

True ainda não havia terminado.

—Meus homens foram à frente para procurar um lugar seguro para elas assistirem à arena sem que ninguém as veja, para que não percam nada. Mas elas não se sentarão no pódio. Depois disso, elas serão acompanhadas até a tenda de recepção, novamente sem que ninguém as veja.

—Tanto Farah quanto Sofia gostam dos eventos do Firenz, True— disse Mars a ele. —Elas estão longe deles há anos. Mas também, Farah é sua noiva, você faz parte da procissão e deve se sentar no pódio com sua noiva.

—Sua mãe não as perdoa, o que é compreensível. Mas você pode ficar aí e me garantir que todos os cidadãos de Firenze o fazem?

Porra, ele não tinha pensado nisso.

E pensando nisso, ele viu a sabedoria na cautela de True.

No entanto, naquele momento, ele teve que avaliar a sabedoria de confiar a True a proteção deles.

Eles se entreolharam.

—Seus homens vão protegê-las?— Mars perguntou.

—A guarda do meu pai será composta pelos representantes dos Dellish na procissão. Alfie, Wallace, Luther, Bram e Florian ficarão para trás para escoltar Farah e Sofia até a arena. Eles também ficarão com elas.

Mars havia conhecido esses homens.

Ele havia se sentado com esses homens.

Eles eram toda a guarda pessoal de True.

True tinha em mente os melhores interesses de Farah.

E os de Sofia.

E True mencionou o fato, mas não fez nenhum julgamento sobre os sentimentos de Elpis em relação a esse assunto. Ele simplesmente mostrou seu ponto de vista, sem levá-lo para casa de outras maneiras que não seriam bem-vindas.

Um bom general.

Um bom diplomata.

Talvez apenas um bom homem.

Uma raridade para um Dellish.

Uma bênção para Farah.

Mars gostou disso.

—Isso será feito— murmurou Mars.

—Minha gratidão, Vossa Graça— respondeu True, abaixou o queixo e se virou, passando pela entrada que se esvaziava rapidamente em direção a Farah.

Finalmente, Mars pôde voltar toda a sua atenção para Silence e fez isso enquanto caminhava até ela.

Ela usava um vestido que não era de Wodell. Não era de Airen. Nem mesmo de Firenze.

Ele nunca tinha visto nada parecido.

Um vermelho quase do mesmo tom de sua capa. Ele se estendia em franzidos sobre os ombros dela, cobrindo os seios (na maior parte do tempo, parte das protuberâncias no meio podiam ser vistas). Sob eles, o tecido estava preso a um cinto largo do mesmo material que tinha franzidos horizontais, em vez dos verticais nos seios e na saia. Esse painel se moldava ao seu abdômen, barriga e parte superior dos quadris e, a partir dele, a mesma seda flutuava para baixo e varria o chão.

Seu cabelo estava preso em um feixe abundante de cachos soltos que cobria toda a parte de trás de sua cabeça.

Mas na frente e entre os cachos havia uma infinidade de correntes de ouro que pareciam se ligar em um nó atrás de sua orelha esquerda. Ali, vários fios se emaranhavam, caindo pelo amplo caminho de pele nua e marfim de sua frente, entre os seios. O outro ele viu cair pelas costas dela, embora não pudesse saber até onde iam, pois ela estava virada para ele.

Como ele estava percebendo, ela deixava que as coisas simples (ou, no caso daquele ouro, sutis, mas extravagantes) mostrassem seu ponto de vista.

Em outras palavras, ela não usava outras joias.

Ela usaria suas correntes de casamento lindamente contra aquela

pele pálida e cabelos negros brilhantes.

Mas, chegando antes dela, Mars decidiu que não usaria nenhum outro piercing.

Exceto, talvez, um em seu umbigo.

E um, como ele tinha, em sua língua.

—Macaquinho— ele sussurrou quando chegou perto dela, e pôde sentir a luta dela para, talvez, não revirar os olhos ou não dizer uma réplica.

Isso o fez sorrir.

Ele pegou a mão dela e a levou para a fila que ele havia preparado para formar antes de conduzi-la ao cavalo.

—É hora de conhecer meus homens— anunciou ele.

—Tudo bem— disse ela suavemente.

Seus olhos. Seus seios. Seus cabelos brilhantes que pareciam macios como a seda de Firenz. Sua inteligência. Sua esperteza.

E sua voz.

Ele gostava de tudo isso.

Muito mesmo.

—Lorenz, marido de Nyx, pai de ninguém, meu capitão— ele apresentou Lorenz.

Ela se curvou na cintura e estendeu a mão, murmurando: — Lorenz. O prazer é meu.

Lorenz pegou a mão dela e Mars ouviu a respiração ofegante dela quando ele a pressionou contra o coração e o estômago antes de soltá-

la.

Isso também foi combinado previamente.

Tradicionalmente, em uma ocasião em que um guarda era apresentado em fidelidade à proteção de uma mulher, a mão da mulher era pressionada contra o coração e o pênis.

No entanto, Mars havia aprendido recentemente que sua pequena provavelmente não reagiria bem a isso.

E, sabendo disso, ele queria que a mãozinha dela não chegasse nem perto do pênis de outro homem.

—Minha futura rainha— murmurou Lorenz.

Ela lhe deu um sorriso trêmulo.

Mars a levou para o fim da fila.

—Chu, marido de ninguém, pai provavelmente de muitos, embora nenhum seja conhecido, meu flanco esquerdo— declarou Mars.

—Você é dos Místicos— ela sussurrou, olhando para Chu com seus olhos profundos e o tom de girassol no bronzado de sua pele.

—Sou, minha futura rainha— respondeu Chu.

—Não conheço ninguém dos Místicos— disse ela.

Chu sorriu. —Agora você conheceu.

Ela estendeu a mão para ele enquanto se curvava na cintura. —O prazer foi meu.

Chu pegou a mão dela e a levou ao coração e depois ao estômago antes de soltá-la.

Mars a conduziu até o próximo. —Guard, marido de Zosime, que

será pai de uma filha ou filho dentro de alguns meses, meu flanco direito.

—Minha futura rainha— disse Guard, pegando a mão dela e apertando-a contra si.

—Muitas felicitações e um parto seguro de seu filho— ela disse. —Que ele ou ela seja vigoroso e que os deuses sorriam para eles com abundância.

—E meus agradecimentos, minha futura rainha— Guard respondeu com um sorriso, seus olhos deslizando para Mars, seu olhar declarando abertamente sua aprovação.

Mars não precisava da aprovação de Guard, mas se alegrava com ela, então acenou com a cabeça para seu homem e passou para o próximo.

—Basil, que não vai se casar, eventual pai de órfãos, se essa for a sua escolha, meu flanco traseiro.

—Você... não quer se casar?— perguntou ela hesitante, mas curiosa.

—Eu só quero bunda, minha futura rainha. E isso seria apenas um traseiro masculino— respondeu Basil, e Silence ofegou.

—Ela é Dellish, irmão, lembre-se disso— alertou Mars.

—Minhas desculpas, minha futura rainha— disse Basil. —Embora, devo acrescentar, eu queira encontrar apenas um traseiro que eu queira pegar... eventualmente.

Silence piscou para Basil.

Mars olhou para o teto.

—Os Dellish tomam no traseiro, eles só não falam sobre isso— murmurou Chu, e Mars tirou os olhos do teto e o encarou com um

olhar significativo.

Chu sorriu para ele, mas não falou mais nada.

—Bem, eu espero que você encontre o macho de que gosta e adote muitos órfãos— disse Silence, e Mars foi forçado a engolir o riso.

Embora ele não tenha se impedido de sentir o início do orgulho.

Os Dellish eram conhecidos como puritanos.

Essa era uma preocupação antes de conhecê-la e, depois, com sua vestimenta, sua inexperiência declarada e, às vezes, com seus modos.

Mars ficou feliz por sentir que essa preocupação estava se dissipando.

—Ele já encontrou muitos que gosta, muitos— murmurou Guard.

Silence ignorou isso e, sem hesitar, ofereceu uma reverência e sua mão, e Basil a pegou, pressionando-a contra o coração e o intestino.

Mars a conduziu até o próximo. —E Kyril, marido de ninguém, pai também provavelmente de muitos, meu outro flanco traseiro.

—Minha futura rainha— disse Kyril, levando a mão dela aos lábios enquanto fazia uma reverência profunda antes de se levantar e pressioná-la contra o coração e estômago dele.

Quando ele a soltou, Mars perguntou casualmente: —Você gostaria que sua cabeça ainda estivesse presa ao seu pescoço amanhã, não?

Kyril sorriu para ele.

Mars ignorou o sorriso e voltou sua noiva para a plenitude da linha.

—Estes são os Confiáveis— ele lhe disse. —Isso é algo que você entende?

Ela inclinou os olhos prateados da fila de seus homens para ele.

—Acho que sim— respondeu ela.

Ela não entendeu.

—Eles são os Confiáveis, Silence— disse ele novamente. —Cada rei de Firenze os tem. Eles são Confiáveis por mim, e agora por você, em todas as coisas.— Ele pressionou a mão na pele macia e quente das costas dela (pois ele havia descoberto que as fitas vermelhas desciam até a cintura, expondo uma faixa de carne que caía mais baixo do que a frente dela, e o ouro pendia por toda a espinha). —Em todas as coisas, *piccolina*— ele enfatizou. —Quando você for minha esposa, eles darão a vida por você.

Houve um leve arregalar de olhos, um breve aceno de cabeça, e ela voltou a atenção para os homens dele, colocando a mão no peito.

—É bom conhecê-los— declarou ela.

Palavras simples ditas de uma forma que deixava claro que ela estava falando sério.

Foi então que ela recebeu reverências profundas dos Confiáveis.

Agora estava tudo pronto.

Portanto, era hora da procissão.

Enquanto ele se movia para levá-la para fora da porta, notou que ela deslizava a mão sobre o material do peito, parecendo tentar ajustá-lo para cobrir melhor a curva do seio, antes de perceber os olhos dele em seus movimentos e a mão cair.

Ele pegou a outra mão, levantou-a ao lado do peito e a levou para a noite.

Eles deveriam passar por Cassius montados em Caelus, seu cavalo preto, enquanto se dirigiam para a frente da grande procissão de homens e mulheres, todos já sentados a cavalo.

—Você está pronto para esta noite, meu amigo?— ele perguntou a Cassius quando eles passaram.

—Não— Cassius grunhiu, e ele normalmente parecia pronto para quase tudo, mas agora parecia pronto para apenas uma coisa.

Para matar alguma coisa.

—Talvez não seja tão ruim quanto você pensa— sugeriu Mars.

O olhar de Cassius deslizou para Silence antes de voltar para Mars, mas ele não respondeu.

Mars sorriu para ele e caminhou para a frente do grupo, descobrindo que tinha que diminuir a velocidade e ajustar seus passos longos às pernas mais curtas de seu filho.

Foi o que ele fez.

Ele chegou até o baio Firenz que havia escolhido pessoalmente para ela e ficou satisfeito ao ver que ela não escondeu seu contentamento com a finura do cavalo que ele lhe apresentou.

Então, ela começou a emitir um grito de surpresa, algo que engoliu rapidamente, quando ele a ergueu em sua sela lateral.

Feito isso, ele montou em Hefesto, seu próprio cavalo, enquanto seus homens pegavam as selas.

Uma vez montados, os Confiáveis assumiram suas posições: Lorenz na frente, Chu à sua esquerda, Guard à direita de Silence, Basil e Kyril atrás dele.

E a procissão começou.

Mal haviam passado pela curva em torno da fonte em frente ao palácio quando ele notou que sua noiva estava se mexendo.

Ele olhou para ela e viu que a mão dela estava novamente sobre o material em seu peito.

—Ele cobre você— ele disse a ela, depois decidiu acrescentar: —E está se ajustando.

—Hum— murmurou ela, largando rapidamente a mão.

Ele a estudou completamente e comentou: —Você monta bem um cavalo.

—Não sou uma mulher que gosta de estar ao ar livre— ela respondeu.

Isso não o agradou, pois ele era um homem de ar livre. E um homem de dentro de casa. E um homem que fica em seu quarto com uma mulher.

E ele gostaria que sua esposa fosse tão completa em suas atividades quanto ele.

—Embora eu goste de cavalgar— ela continuou.

Pelo menos isso existia.

—E de jardinagem— disse ela.

E que, embora ele não fizesse isso, era bom que ela fizesse.

—E ler no jardim.

Isso também era algo que ele fazia de vez em quando, mas não no jardim.

—E acho revigorante fazer uma longa caminhada pelos pântanos e pelos riachos e córregos, por isso faço isso com frequência—

continuou ela.

Mars sorriu.

—E se há jogos, eu nunca os perco— declarou ela. —Mesmo que sejam em vilarejos distantes.

Mars deu uma risadinha.

Ela virou a cabeça para ele. —Qual é a graça?

—Talvez leve menos tempo, macaquinho, para me dizer o que você não gosta de fazer fora de casa.

Seu queixo se ergueu um pouco e ela respondeu: —Não gosto de pescar.

—Eu também não.

Ela se virou para frente, murmurando: —Bem, acho que isso é bom.

E sua mão voltou a mexer em seu vestido.

Ele estalou os dentes, tensionou uma coxa e Hefesto se moveu para o lado, para mais perto do cavalo dela.

A cabeça dela se virou para ele novamente.

—Está tudo bem— disse ele suavemente. —Tão bom que, Silence, em uma semana, metade das mulheres da Cidade do Fogo estará usando esse mesmo vestido.

Os lábios dela se separaram, e Mars estava ansioso para ter isso só para ele e logo.

—Estou muito nua— ela sussurrou.

Ela não estava.

Embora estivesse muito mais nua do que normalmente estava.

—Como você notou, os Firenz não se importam em ficar nus.

—Sim, eu notei isso— murmurou ela.

—De quem foi a ideia desse vestido?— ele perguntou com curiosidade, pensando que provavelmente era o pai dela que a estava pressionando a fazer algo que ela não se sentia à vontade para chamar a atenção do rei.

—Minha— ela o surpreendeu com isso, virando-se para encarar a estrada à frente. —Eu vi a moda de seu povo, as cores de seus padrões e achei que deveria tentar... me encaixar. Então saímos e compramos algum material hoje e Tril e alguns de seus servos fizeram este vestido a partir de um desenho que eu esbocei para que eu pudesse... fazer isso.

Ela não se encaixaria.

Ela estabeleceria o novo padrão.

—Silence— ele disse, e ela virou a cabeça.

Foi então que ele notou a expressão em seu rosto.

E foi então que ela voltou a falar. —Todos eles estarão olhando para mim, Mars.

Então, ao ouvir isso, ele se inclinou, estendendo os dois braços, e ela sufocou outro grito de surpresa quando ele a arrancou do cavalo e a colocou de lado em Hefesto, diante dele, com as pernas dela sobre a coxa direita dele, as saias do vestido dela se arrastando pela lateral do cavalo.

E com ela tão perto, ele descobriu que ela também cheirava muito bem.

Guard se moveu imediatamente para pegar as rédeas do cavalo de Silence.

—Fé— sussurrou ela por algum motivo, olhando com os olhos arregalados para a estrada e sentando-se rígida contra ele enquanto ele apertava o braço ao redor do meio dela.

Ele também curvou as costas para encostar os lábios na orelha dela.

—Você está protegida— disse ele. —Os Confiáveis você pode ver, mas há centenas de meus guerreiros na arena, e haverá dezenas ao redor do pódio, lá para cuidar de nossa segurança.

—Tenho certeza, no entanto...

—E você está linda, com esse vestido, com os acres de material que normalmente usa, é simplesmente o que você é.

Sua estrutura ficou ainda mais tensa com isso, assim como sua mandíbula.

Mas ela não tinha resposta.

No entanto, ele acabara de lhe fazer um elogio.

E uma mulher deve reconhecer o elogio de um homem.

Especialmente se vier de um rei.

Então, ele apertou o meio dela e pediu: —Silence.

—Eu tenho um cabelo bonito— disse ela para a estrada. —E tenho olhos interessantes. E uma pele bonita, embora seja muito mais pálida do que a de seu povo. Em outras palavras, eu sei o que tenho, Mars. Portanto, não minta. É, suponho, gentil. Mas sei que é falso, portanto, não me ajudará a enfrentar o que estou prestes a enfrentar.

Mars teve que tirar um momento para acalmar sua mente depois

que sua noiva o chamou de mentiroso.

Ele aproveitou esse momento.

Então perguntou: —E como eu minto?

Ela torceu o pescoço e olhou para ele. —Eu sei que não sou bonita, então dizer isso não ajuda.

Ele olhou fixamente para os olhos prateados dela e levou mais tempo para acalmar sua mente antes de informá-la: —Mulheres que buscam elogios não são favorecidas por mim, Silence.

—Mulheres que...— Aqueles olhos se arregalaram novamente antes que ela continuasse, mas ainda não havia terminado. —Você acha que eu...?

Com isso, ela se virou para frente e não disse mais nada.

Mars lhe deu outro aperto e disse: —Silence.

—Se você acha isso— ela sussurrou. —Então você quis dizer o que disse.

—Eu sempre falo sério.

O queixo dela se ergueu novamente, desta vez em um movimento brusco.

Mas ele também notou que ele balançava.

—Silence— ele rosnou.

—Obrigado, meu rei, por suas belas palavras.— Ela falou com uma voz trêmula. —Acho que agora vou me sentir muito mais forte para enfrentar as multidões na arena.

Foi então que Mars entendeu a irritante troca de palavras.

Foi então que ele se endireitou na sela, mas a puxou para mais perto e disse por cima da cabeça dela: —Quando tudo isso estiver feito, você precisará falar com inteligência e por muito tempo, meu macaquinho, se quiser que seu pai volte ao meu reino e se sente à minha mesa.

Ele sentiu que ela se virou para encará-lo novamente. —O quê? Por quê?

Ele olhou para ela com o nariz empinado.

—Nossas filhas conhecerão sua beleza. Elas nunca terão dúvidas sobre isso, Silence. Nem um único suspiro de suas vidas.

Aqueles lábios rosados se abriram novamente, e ela o encarou com admiração.

Então, ela se virou novamente e olhou para frente.

Os sons da arena estavam se aproximando.

Mars se ajustou na sela e a puxou mais para si, encaixando o traseiro dela na virilha dele.

Seu povo era da areia, do fogo, da serpente...

E do cavalo.

Eles esperavam que sua futura rainha viesse montada, sentada em sua própria sela, ao lado de seu rei.

Mas como eles estavam naquele momento, era assim que seu povo veria sua futura rainha pela primeira vez.

Segurando firmemente seu rei, acomodada em sua sela, enquanto a procissão percorria as bordas do campo da arena, antes de desmontar e tomar seus lugares no pódio.

E foi assim que eles cavalgaram.

Houve gritos.

Aplausos.

O lançamento de pétalas e moedas.

E sua futura rainha sentou-se reta em seu cavalo, agarrada a ele, com uma estatura pequena, mas o queixo erguido, os ombros erguidos, a postura majestosa.

Ela frequentemente acenava para as crianças.

E sorria para os idosos.

Mars não havia pensado muito sobre a profecia e a necessidade de seu casamento ser arranjado. Ele sabia que, se não a desejasse, por ser um casamento arranjado, e não de coração, ele simplesmente geraria um herdeiro com ela e encontraria o que desejava em outro lugar.

E se seu povo não a aceitasse, ele a levaria para um lugar onde ela se sentisse confortável e continuaria seu reinado como achasse melhor.

Mas, no momento em que Mars desmontou e tirou Silence, usando aquele esplêndido vestido, de seu cavalo, ele suspeitou que ela tinha um reino quase comendo em suas mãos.

Ele sabia disso porque isso estava acontecendo com seu rei.



O Desfile

Princesa Elena

Procissão da Irmandade Nadirii para o Coliseu, Cidade do Fogo
FIRENZE

—Ainda não está falando comigo?

Eu não estava, portanto não disse nada.

—Pelo amor de Deus, eu tive meu primeiro amante aos quatorze anos— Serena disparou. —Theodora deveria saber como as coisas funcionam. Foi bom que eu soubesse.

—Não vamos fazer isso agora— murmurei. —Há muito no que se concentrar e nada disso é você sendo impensado... de novo.

—Você tem razão. Há sim— concordou Serena. —Há *muito* em que se concentrar. Por exemplo, como o Cassius vai olhar para você, saber que você não é nada parecida com a esposa dele, muito amada, muito Airenziana, muito *obediente*, muito *feminina*, muito *morta*, não querer nada com você e decidir, pelo resto dos dias, fechar os olhos e imaginá-la enquanto se enfia dentro de *você*.

Decidi não responder.

Lamentavelmente, Serena estava se sentindo tagarela.

—Embora provavelmente não seja uma coisa tão ruim, já que você estará fechando os olhos, imaginando True.

Fiquei novamente em silêncio enquanto cavalgávamos atrás de nossa mãe e seus tenentes pelas ruas desertas da Cidade do Fogo (na verdade, os únicos seres que pareciam estar por ali eram os que abriram os portões de fogo para nos permitir entrar quinze minutos antes).

Estávamos em nossa trajetória em direção à enorme arena iluminada que já podíamos ver e definitivamente ouvir.

—Eu me pergunto como será a intenção de True— ponderou Serena, infelizmente de forma verbal. —Ela é Firenz. Suas belezas impressionantes são famosas em todos os reinos. Por isso, tenho certeza de que ela é uma beldade.

Inspirei pelo nariz e me lembrei das palavras que Melisse sempre me dizia sobre estradas altas e estradas baixas e como você dormia no final do dia quando deitava a cabeça no travesseiro, dependendo da estrada escolhida.

—E os Firenz são conhecidos por serem mais abertos sexualmente do que até mesmo os Nadirii. Isso significa que True provavelmente já a teve.

Com isso, comecei quando um lampejo de coral disparou entre Julia e Agnes, que estavam em uma fila antes de nós que incluía Melisse e Lucinda do lado de fora.

Ele bateu no rosto de Serena, precisamente em sua boca, e meus olhos voaram para a frente da procissão, onde minha mãe cavalgava.

Ela estava retorcida em sua sela, com o braço ainda levantado para lançar.

Seu rosto era letal.

Serena fez um grunhido.

Bem, então.

Parecia que mamãe não estava gostando de conversa fiada.

Meu olhar foi para Melisse, que, junto com todos os tenentes de mamãe, estava virada em sua sela para ver os resultados da magia de sua rainha.

Melisse captou meu olhar, inclinou a cabeça para o lado e as pontas dos lábios para cima, e depois voltou a ficar voltada para a frente.

Serena emitiu outro grunhido.

—Você deve dar ordens, então presumo que ela acabará com seu silêncio— assegurei-lhe com bom humor, olhando para os lados para ver que minha irmã parecia assassina.

Mas ela estava em silêncio.

Isso era tudo de que eu precisava para reunir minha magia e me concentrar.

Seguimos em frente, serpenteando pelas ruas de uma cidade que parecia ser composta, em sua maioria, por prédios baixos feitos de pedra cor de ferrugem ou da mesma cor de barro. A noite havia caído, de modo que as cores dos toldos, as flores em uma profusão de vasos, a pintura das portas, os mosaicos nos arcos, os tapetes nos pátios estavam prateados e, em sua maioria, sem cor.

Mas eu suspeitava que a luz era algo muito especial.

Agora, no entanto, o barulho vindo da arena estava ficando cada vez mais alto e tive que reprimir meu desejo de olhar para trás, onde Hera e Jasmine cavalgavam lado a lado com os tenentes de Serena, a fim de chamar a atenção de minhas amigas e me fortalecer.

Theodora estava cavalcando na retaguarda com os estagiários que não participariam do desfile. Ela observaria com eles enquanto executávamos nossos exercícios.

Eu disse a mim mesmo que ela ficaria bem nessa terra de um inimigo que não era bem um inimigo, mas que, como aliado de Airen, já havia sido no passado, e estava claro que sempre seria.

Eu também ficaria bem.

Minha mãe ficaria bem.

Melisse, Hera, Jasmine, Agnes, Lucinda, Julia e até mesmo Serena ficariam bem.

Todas as minhas irmãs ficariam bem.

Nós superaríamos isso.

Eu superaria a recepção após o desfile.

E então eu enfrentaria o amanhã...

O amanhã.

À medida que nos aproximávamos da arena, notei que ela era iluminada no ar por um longo caldeirão de fogo que percorria toda a extensão das arquibancadas em arco. Ele era sustentado por postes altos e asphaltados, como os que compunham a muralha da cidade. E esse fogo era protegido na parte de trás e na parte superior com aço polido, que direcionava a luz do fogo para a arena e para o campo.

Inteligente, e um esforço gigantesco.

Embora os Firenz fossem conhecidos por desfrutar de uma grande quantidade de diversões para os espectadores. Tantos, presumi, que eles não gostariam de restringi-los às horas do dia.

Começamos a encontrar tanques de fogo intermitentes colocados

nas laterais da estrada que ajudavam a lua a iluminar nosso caminho, talvez a meio quilômetro de distância do coliseu.

E, por volta de um quarto de hora, nos deparamos com dois guardas Firenz usando kilts de couro com lâminas, cintos cruzados em seus peitos nus e espadas duplas nas costas.

Isso não foi alarmante porque esses guardas eram esperados. Eles deveriam nos encontrar, guiar-nos até a arena e abrir os portões para que entrássemos quando chegasse a hora.

E assim, eles giraram seus cavalos quando nos encontraram, com apenas um movimento do queixo para a Mãe e guiaram o caminho.

O clamor era quase insuportável quando entramos em um túnel iluminado que passava por baixo das arquibancadas, e eu me perguntava o que estava acontecendo no campo para causar aquela quantidade de aplausos, quando os guardas pararam em alguns portões.

Portanto, nossa fila parou.

Foi só então que falei com minha irmã, e o fiz em voz alta o suficiente para que somente ela pudesse ouvir em meio às palmas, aos gritos e ao que parecia ser uma batida de pés.

—Ela está doente e está usando sua magia para silenciá-lo, o que a cansará. Em breve estaremos separados, eu de você, eu dela. Eu espero, minha irmã de sangue, que no futuro, ou no que restar dela, depois que eu me for, você cuide muito melhor dela do que isso.

Recebi um grunhido em troca.

Um grunhido de raiva.

Mas não olhei para ela e não disse mais nada.

Mantive meu olhar fixo nas costas de minha mãe.

Depois de algum tempo, pareceu haver um silêncio ao nosso redor.

O que quer que estivessem vendo já havia terminado.

Observei as costas de minha mãe ficarem mais retas.

Por isso, mexi levemente nas rédeas e senti minha Diana, uma roan azul, enlaçar os flancos traseiros.

Em seguida, os guardas de Firenze se afastaram, os portões diante de nós se abriram, minha mãe deu seu grito agudo de Nadirii e saiu em disparada, assim como todos nós.

Mas, uma vez no estádio, Serena e eu viramos nossas montarias para os lados, e a falange de irmãs passou por nós em um borrão de carne de cavalo, com mantos de coral ou roxo e cabelos longos de todas as cores.

E, do lado de fora, observei enquanto elas corriam - cinco a cada lado, cem fileiras precisas - no campo ao redor das arquibancadas, os cavalos tão próximos que as pernas dos cavaleiros pareciam estar se tocando.

E o único som que ouvi quando a multidão ficou atônita e silenciosa diante daquela visão (e talvez do som) foi o lamento do grito de Nadirii subindo pela noite, gritado por quinhentas e nove irmãs Nadirii.

Com a Mãe na liderança, elas contornaram todo o estádio e passaram por onde Serena e eu estávamos esperando para dar a volta em um lado do oval do coliseu novamente.

Mas na frente, onde eu podia ver um pódio sem arquibancadas atrás dele, apenas um toldo listrado de vermelho, dourado e preto sobre ele e o teto de uma grande tenda carmesim além disso (embora eu não pudesse ver ninguém que estivesse naquele pódio através dos cavaleiros), a Irmandade mudou de rota e cortou suas montarias no

meio do campo.

Mas quando chegaram ao outro lado, elas se separaram, uma fileira de cinco com mantos corais indo para um lado, uma fileira de cinco com roxo indo para o outro.

Eles correram pelas bordas opostas e senti meus lábios se curvarem quando se encontraram na outra extremidade, parecendo que iriam se chocar um contra o outro.

Mas eles passaram entre as linhas tão perto que o estalo do material das capas batendo uma na outra estalou no ar e um suspiro coletivo percorreu a multidão.

Novamente no meio das arquibancadas, em frente ao pódio, os cavaleiros cortaram o meio, partindo novamente ao meio em frente ao pódio, correndo pela borda das arquibancadas, encontrando-se novamente no meio do outro lado e cortando novamente.

Dessa vez, para assumir a formação.

De forma intrincada.

E perfeitamente.

Quando os quinhentos cavalos e cavaleiros em cinco fileiras, cem de largura, encararam as nove mulheres espalhadas na frente - a Mãe, suas tenentes, a Serena e a minha - que estavam de costas para o pódio, a Irmandade de frente para ele, os cavalos estavam todos em linhas imaculadas, nas laterais e de frente para trás.

Linhas tão perfeitas que, se você ficasse atrás, na frente ou no final, só conseguiria ver o cavalo e o cavaleiro à sua frente, não os que estavam além.

Foi então que ouvi minha mãe gritar: —*Cajados!*

E cada irmã Nadirii tirou seu cajado da bainha na parte traseira

direita da sela e o chicoteou em um círculo no ar sobre sua cabeça.

Em seguida, bateram com eles, como se fossem um só, na terra ao seu lado direito e, em cada extremidade, um clarão de faíscas coral e púrpura subiu alto, brilhando sobre a extremidade de seus cajados no ar, o que provocou outro suspiro mais profundo da multidão.

—*Para a esquerda!*— ordenou a Mãe.

Com os cajados erguidos, cada cavalo deu um passo para a esquerda, os cavaleiros giraram os cajados sobre suas cabeças e depois os jogaram em uma chuva de faíscas na terra à sua esquerda.

—*Para a direita!*

E novamente, a mesma rotina, desta vez para a direita.

—*Descanso do cajado, Nadirii!*— ordenou a mãe.

Todos os cajados foram levantados, girados em um borrão acima da cabeça, e de novo, e de novo. Depois, em uníssono, os cotovelos se dobraram e os cajados foram girados sobre a extremidade traseira dos cavalos repetidas vezes. Em seguida, como se fossem um só, foram levados para o lado esquerdo e girados várias vezes e, por fim, sobre a cabeça, onde isso foi repetido para a direita.

E, ao mesmo tempo, todas foram embainhadas novamente, com o estalo coletivo do cajado na bainha rompendo o ar.

—*Arcos para a esquerda!*— Julia gritou.

Todo o lado esquerdo dos duzentos e cinquenta Nadirii arrancou seus arcos das costas.

—*Mirem!*— Julia gritou.

Com movimentos precisos e cronometrados para serem executados como um só, cada um dos Nadirii do lado esquerdo puxou uma flecha de sua aljava, também às suas costas, e colocou a ponta na

corda.

Os arcos foram erguidos e apontados para o céu à esquerda.

—*Fogo!*— Lucinda berrou.

Outro suspiro coletivo soou quando as flechas se lançaram no ar.

Mas foram gritos de choque e de admiração quando elas explodiram em flores gigantes e brilhantes de coral e faíscas roxas que iluminaram a noite.

—*Arcos para a direita!*— gritou Agnes.

O lado direito da formação respondeu.

—*Mirem!*— Agnes gritou.

Eles miraram.

—*Fogo!*— Melisse rugiu.

E mais flechas voaram para os céus antes que grandes explosões estelares se formassem.

—*Disparem à vontade!*— trovejou minha mãe.

A Irmandade obedeceu, e o céu se iluminou com flashes de luz laranja, coral, branca, dourada, ametista e violeta.

Os oos e ahs da multidão se sobrepunham uns aos outros e não silenciaram quando Lucinda gritou: —*Para a esquerda!*— ao mesmo tempo em que Agnes gritou: —*Para a direita!*— e a exibição no alto cessou quando o cavalo e o cavaleiro de cada companhia deram cinco passos conforme ordenado, abrindo uma coluna no meio da formação.

A Irmandade recolocou os arcos às suas costas.

Estava na hora.

Diana estava pronta.

E eu também.

Coletivamente, a Irmandade gritou: *‘Nadirii!’*, terminando com nosso estridente grito de guerra.

E Serena e eu saímos pela parte de trás da fila.

Viramos na coluna aberta no meio e descemos, lado a lado.

Não tive a chance de ver quem estava no pódio, mas mesmo que tivesse, não pensei nisso.

Enquanto corríamos direto para nossa mãe, sentada orgulhosamente em seu cavalo branco à nossa frente, eu não pensava em nada. Eu não era nada.

Mas a irmandade.

E a filha de minha mãe.

Então, quando chegamos perto dela, cortamos as rédeas e Serena foi para a direita.

Eu fui para a esquerda.

Nós aceleramos em torno da borda do coliseu.

Momentos antes de nos encontrarmos na parte de trás, puxamos nossos cajados.

Quando passamos, um armado, batemos violentamente com nossos cajados na frente, o barulho ressoando pela arena, antes de chicotearmos nossos cajados ao redor das costas e os trocarmos, cajado por cajado, nas costas.

Pressionei o pescoço de Diana, o vento em meu cabelo fazendo-o balançar em minhas costas, minhas coxas relaxaram, dando a Diana

sua cabeça, e eu a montei em uma velocidade vertiginosa. Quando Serena e eu nos encontramos no pódio, bem diante de nossa mãe, batemos nossos bastões na frente e devolvemos os bastões uma da outra nas costas.

E outra corrida em torno da borda da arena, guardando nossos cajados, mas puxando nossos arcos.

Conduzi Diana levemente quando estávamos prestes a fazer a curva no meio do caminho e, em seguida, rapidamente preendi minhas rédeas ao redor do chifre da sela.

Tudo o que eu tinha acabado de fazer foi executado depois de uma vida inteira de treinamento e era tão natural quanto respirar.

Isso exigiria concentração.

Fechei os olhos.

Respirei fundo.

E quando abri os olhos, pressionei meu cavalo com o joelho direito e fiz a curva meio segundo depois de Serena, pegando minha aljava.

Serena disparou primeiro, uma flecha que foi direto para a terra diante de nós

Apontei, soltei e a ponta da minha flecha dividiu a haste dela no meio.

Vagamente, ouvi o suspiro simultâneo dos espectadores, mas eu já havia pegado minha aljava, colocado a ponta no arco e disparado.

A flecha de Serena dividiu minha haste.

E mais uma vez.

E mais uma vez.

Com os joelhos cravados em Diana, paramos na retaguarda de nossos cavalos a três metros de nossa mãe e Serena e eu... uma, a outra, depois a primeira e a outra, o movimento de nossos braços era apenas um borrão, nossa mira sempre certa, colocamos todas as flechas em nossas aljavas, uma em cima da outra, na terra, um metro antes do corcel imóvel de minha mãe.

Quando paramos, notei que a multidão estava em silêncio.

Recoloquei meu arco em seu gancho nas costas e voltei a pegar as rédeas.

Serena também o fez.

Em seguida, estalei a língua contra as laterais dos dentes.

O mesmo fez Serena.

E Diana abaixou seu pescoço majestoso enquanto caía graciosamente sobre seus canhões e se ajoelhava diante de minha mãe.

Eu também abaixei minha cabeça.

Assim como Serena.

Serena e seu cavalo subiram primeiro.

Diana também subiu.

E quando Serena gritou: —*Nadirü!*— Diana e eu avançamos, cortando a esquerda na frente de mamãe, descendo pela frente da formação, o flanco esquerdo, a parte de trás, o flanco direito...

Mas, na frente, tirei os pés dos estribos, coloquei as rédeas nos dentes, tirei o arco das costas, levantei a sela com uma das mãos, levantei os joelhos, encontrei o equilíbrio nos pés em cima da Diana e fiquei de pé.

Serena gritou: —*Estandartes!*

E cada Nadirii puxou seu cajado, ergueu-o e dele explodiram orgulhosos estandartes corais ou roxos com uma folha de carvalho branco estampada.

E, quando me aproximei de minha mãe, ela jogou sua própria aljava.

Eu a peguei, puxei as rédeas para a esquerda com os dentes, rasguei o meio da formação enquanto agarrava as cinco flechas da aljava de mamãe. Deixei-a cair, passando os dedos pelas flechas, ajustando os encaixes à minha corda...

Puxei para trás, virei meu arco na horizontal, levantei, mirei alto...

Larguei as rédeas, gritei —*Nadirii!*— e soltei a flecha.

As cinco flechas voaram alto no ar, para cima, para cima, para cima...

Fechei os olhos novamente, sentindo os arrepios subirem por minha espinha como espasmos...

Abri meus olhos...

E o céu acima da parte de trás do estádio se iluminou com centenas de flores de coral, roxo, dourado e prateado.

Estupefações, gritos e choros de alegria ecoaram enquanto eu voltava para a sela, colocava meu arco de volta nas costas e recuperava as rédeas em minha mão.

Girei em uma curva fechada no final da coluna e, ao galopar de volta, fechei os olhos novamente.

Quando os abri, os gritos e os clamores soaram mais altos, enquanto as faíscas que explodiam se prendiam e disparavam juntas

em uma linha brilhante.

A linha desceu por cima das arquibancadas, em direção ao campo, passando pelas minhas costas.

E quando parei na frente de minha mãe, em uma derrapagem dos cascos traseiros de Diana, pressionei bem para a frente enquanto a nobre cabeça, o poderoso peito e as pernas dianteiras de minha montaria se erguiam.

Ela atacou a noite com seus cascos dianteiros.

E os brilhantes, em um grande movimento pelas minhas costas, subiram no ar, voando acima do pódio, apenas para explodir logo acima dele em milhares de borboletas mágicas que voaram pacificamente, desaparecendo no céu noturno.

Diana e eu caímos.

O ar se dividiu enquanto a multidão fazia barulho com seus elogios.

Olhei para cima.

Foi quando vi o príncipe Cassius Laird, herdeiro do trono de Airen, sentado no alto do pódio, vestindo couro preto, com metade de seu rosto assustador pintado, olhando para mim de forma sombria.

E eu me apaixonei instantaneamente.



A Recepção

Príncipe Cassius Laird

Pódio Real no Coliseu, Cidade do Fogo
FIRENZE

—Ultrajante— sibilou seu pai.

Cassius sentou-se em sua cadeira baronial, intrincadamente esculpida, no alto do pódio, com a cabeça virada para a esquerda.

Para longe de seu pai.

A multidão ainda estava aplaudindo estrondosamente a apresentação dos Nadirii.

Mas quando a Irmandade saiu do coliseu, seu escalão superior estava se reunindo naquele lado do pódio.

Ele observou com aprovação que a primeira coisa que fizeram foi cuidar de seus cavalos, levando-os até os barris de água preparados para esse fim.

Ele também notou que, enquanto seu roan inclinava o focinho para a água, Elena esfregava a bochecha no pescoço de sua montaria e passava os dedos sobre a crista.

Ao ver isso, estranhamente, Cass teve que lutar para não se mexer

em seu assento.

E teve que fazer isso de novo quando ela se virou.

Ele já tinha visto muitas vezes o uniforme de combate dos Nadirii, por assim dizer. E era uma meia-calça sob um peitoral de couro estampado com uma folha de carvalho e protetores de couro nas coxas, panturrilhas e braços. O único uniforme que ele tinha visto adornado de alguma forma durante a batalha era o de Serena, e o peitoral dela continha uma larga folha de carvalho feita de ouro.

Cassius nunca tinha visto o uniforme cerimonial deles.

Ele consistia em mocassins finos, com cadarço na frente, que subiam até a panturrilha. Acima disso, meias feitas de couro tingido de púrpura que chegavam a uma ponta com bordas douradas na parte superior da coxa. Elas eram presas com fitas de prata cruzadas na coxa.

Na parte de cima, usavam uma túnica prateada que ia até os joelhos, mas era dividida na frente de cada perna, até o púbis, expondo uma meia prateada na junção das pernas.

A túnica era coberta por um corpete de couro duro, cor de fulvo, bem ajustado, que cobria os seios e descia em uma placa dividida, com a borda frontal sobre o púbis e as laterais sobre os quadris. Essas fendas expunham a pele da parte superior da coxa até a parte interna dos quadris.

Na frente do corpete, havia profundos relevos de redemoinhos de ouro que subiam pelas costelas e contornavam os seios, chamando a atenção para essa área específica. Uma característica dos Nadirii. Eles aproveitavam todas as oportunidades para glorificar qualquer coisa feminina.

Em seguida, havia um cinto de camurça marrom-escuro com uma fivela dourada no umbigo com uma folha de carvalho branco

estampada.

E do peito e ao redor dos ombros e dos braços, o manto de coral da casa real de Nadirii descia pelas costas até os tornozelos.

Ao redor da testa de Elena, assim como ao redor da testa de Ophelia e Serena (mas era apenas uma faixa de camurça com um disco estampado com uma folha de carvalho na frente para todas as outras irmãs, ouro para as tenentes, prata para o resto das guerreiras), começando com um conjunto oval de ouro com uma folha de carvalho formada de ametista no centro. Isso alimentava ovais de ouro menores que circundavam sua cabeça sobre o cabelo.

E o cabelo de Elena era dourado, caindo além dos ombros, com as pontas das mechas grossas se misturando com os redemoinhos de ouro em seus seios e na barriga.

—Essa foi uma exibição totalmente detestável— Cassius ouviu seu pai resmungar enquanto observava Ophelia subir os degraus até o pódio.

Mas Cassius ficou paralisado quando, atrás da rainha dos Nadirii, viu Elena, que estava seguindo a mãe, virar-se abruptamente.

Seu rosto então se iluminou com um sorriso brilhante e seus braços se abriram bem antes de uma jovem com os cabelos dourados de Elena se chocar contra sua estrutura esguia.

Elas se abraçaram e Elena olhou com carinho para a menina que pulava para cima e para baixo, sacudindo o corpo de Elena, a boca da menina se movendo rapidamente em sua excitação.

—Ela tem uma criança?— ele murmurou, e sentiu Mac, que estava de pé à sua direita, inclinar-se para ele.

—Não que eu saiba.

—Ela está agora mesmo abraçando uma criança— respondeu

Cassius.

—Vamos descobrir— Otho grunhiu por cima de seu ombro esquerdo.

Naquele momento, sua atenção estava necessariamente voltada para Ophelia, que se dirigia ao pódio.

Cass notou que a rainha dos Nadirii sorriu genuinamente para Jell, mas não tão genuinamente para Seph ao seu lado e deu um olhar curioso para o outro Go'Doan que havia chegado, G'Liam.

Ele sentiu sua boca se apertar quando Ophelia sorriu calorosamente para True, assim como para a Rainha Mercy.

Embora ela não tenha feito isso de forma tão calorosa com Wilmer.

Ela demonstrou um claro respeito pela Rainha Elpis, até mesmo levantando uma mão para segurá-la no peito enquanto acenava para a mãe de Mars.

Em seguida, sorriu calorosamente para Silence, que estava sentada nas almofadas altas empilhadas ao lado de Mars, e o rosto da rainha dos Nadirii chegou a se suavizar, antes que a guarda surgisse em suas feições quando sua atenção se voltou para o rei ao lado de Silence e ela avaliou Mars abertamente.

Ela fez o mesmo quando estava diante de Cassius, mas, para a surpresa dele, não demorou muito para que todo tipo de expressão desaparecesse de seu rosto quando seus olhos se voltaram para Gallienus.

Por fim, a especulação se espalhou por suas feições quando ela olhou para Aramus e Ha-Lah, erguendo o queixo de forma majestosa para os dois.

Depois disso, sem dizer uma palavra, ela contornou a cadeira de

Aramus, seus tenentes a seguiram, e foi direto para os fundos, desceu os degraus e entrou na tenda de espera.

—Irmão— ele ouviu uma voz feminina, e olhou para cima para ver Serena atravessando o pódio até ele, com seus olhos castanhos ácidos e um sorriso arrogante nos lábios.

—Irmã— ele resmungou, oferecendo o mesmo tratamento em troca e observando aqueles olhos brilharem de fúria quando ele retribuiu a provocação e ela não gostou muito, antes de entrar na frente do pai sem nem mesmo olhar para ele.

—Cadela assassina— disse Gallienus.

Mas Cass não tinha tempo para seu pai ou Serena.

Os tenentes de Serena a seguiram, e Elena estava agora na frente de Silence, dizendo algo para a garota.

Sua filha não estava com ela.

A expressão de Silence era abertamente amigável quando ela respondeu.

Quando o fez, Elena sorriu para ela, e Cassius notou que seu afeto era totalmente diferente do de sua mãe ou de sua irmã. Desprotegida, sociável, informal.

Ela inclinou a cabeça para o lado em Mars antes de abaixar o queixo com deferência, o que Cassius achou uma surpresa.

Nadirii não se curvava.

Mesmo em raros momentos de acordo entre reinos, princesa ou simples irmã, definitivamente não a rainha, não se curvavam.

O que ela fez a Mars não foi uma reverência, propriamente dita.

Mas foi a coisa mais parecida que Cass viu de qualquer Nadirii.

Pelo menos para um homem.

Ela se aproximou dele e Cass sentiu uma súbita queimação em suas entranhas quando o olhar dela também se aproximou.

Pelos deuses, os olhos dela eram... *violeta*.

E eles estavam percorrendo o rosto dele de uma forma que parecia... *faminta*.

Ele lutou para se remexer em seu assento novamente.

—Princesa Elena— ele murmurou, observando-a se mover com uma economia de graça que era a versão feminina da maneira como qualquer bom guerreiro usaria seu corpo.

—Príncipe Cassius— ela murmurou em resposta, sua voz calma, mas surpreendentemente melódica, considerando que a de sua irmã era mais baixa e sempre continha uma veia pouco atraente de aço pontiagudo.

A atenção dela se voltou para o pai dele e, embora ela o olhasse nos olhos, não havia nenhuma ponta de deferência em seu queixo.

Embora ela tenha dado isso a Aramus e Ha-Lah.

Quando ela se aproximou da cadeira de Aramus, Cassius voltou sua atenção para os tenentes dela, que seguiam lentamente e tinham passado por ele, mas estavam olhando para trás, ignorando Gallienus e estudando abertamente Cass.

Não foi uma surpresa, pois era evidente que todos os homens que estavam atrás dele haviam feito o mesmo com Elena e agora estavam fazendo o mesmo com a guarda dela.

Assim que a delegação de Nadirii desapareceu na tenda, sem alarde, Mars se levantou de seu assento, tirando Silence do seu lado com a mão dela na dele.

Ele a conduziu ao redor de sua cadeira e caminhou de volta para a tenda.

A Rainha Elpis os seguiu.

—Ele poderia deixar que os mais velhos o precedessem— reclamou Gallienus, levantando-se de seu assento.

—E se fosse eu que tivesse assumido o trono prematuramente, e o pai dele ainda estivesse vivo, e eles estivessem em Airen, você gostaria que eu permitisse que Ares me precedesse?

Gallienus fez uma carranca para ele antes de jogar o manto para trás e dar a volta em seu assento, sendo seguido por seu guarda.

Cassius se levantou, olhando para Aramus, que estava guiando Ha-Lah para a tenda, mas seu olhar estava em Cass.

Ele estava sorrindo amplamente.

Cass não estava com vontade de sorrir, então simplesmente balançou a cabeça para o amigo.

Em seguida, ele se moveu em torno de seu assento e seus homens o cercaram.

—Bem...— Mac, é claro, foi o primeiro a tentar começar.

—Quieto— disse Cass.

Ele viu os homens se entreolharem antes de se concentrar nas escadas da tenda e seguir para lá.

Sua esposa perdida, Liviana, tinha cabelos castanhos que ela se esforçava muito para domar, mas que continuavam selvagens.

A filha deles tinha a mesma juba.

Liviana também não era alta, nem baixa.

Embora sua filha estivesse mostrando todos os sinais de que seria alta, como Cassius.

Além disso, Liviana tinha uma superabundância de curvas, uma barriga macia, bunda e coxas cheias, e era feminina em todos os sentidos. Sem mencionar o fato de que, por ter uma mãe que era délfica, Liviana ficava corada só de expor um tornozelo.

Ela nunca usava roupas que mostravam a parte superior das coxas e pareciam projetadas para chamar a atenção para os seios e a buceta, completamente confortável e em sintonia com seu corpo, inclusive com ele à mostra.

E ela não tinha a menor ideia de como alimentar um arco, muito menos de como dividir a haste de uma flecha em um galope no lombo de um cavalo.

Por todos os deuses, nem mesmo Cass conseguia fazer isso.

Na verdade, Liv ficava tímida só de estar em cima de um cavalo, fazendo sua montaria dançar, antes de encontrar seu rumo e ser capaz de cavalgar, embora apenas com calma.

E ela caía em vapores só de pensar em correr em uma arena, ou em qualquer lugar, como se estivesse competindo com o próprio vento.

E ganhava.

Com toda a certeza.

Com esses pensamentos atormentando sua mente, ele desceu os degraus, passou pelas abas da tenda que eram mantidas abertas pelos criados e, quando o garoto veio até ele imediatamente, ele grunhiu: — Uísque.

—*Sì, signore*⁸⁸— murmurou o garoto e saiu correndo.

—*Cassius! Aqui!*— berrou seu pai de seu lugar no meio da tenda lotada, onde ele parecia estar tentando fazer a corte em uma terra onde não tinha cortesãos para dançar.

E ele havia decidido não trazer nenhuma de suas esposas para que elas pudessem realizar essa tarefa.

Portanto (provavelmente devido ao hábito, pois o homem fazia isso com muita frequência), ele desejava fazer seu filho dançar.

Ao ouvir seus homens pedirem suas próprias bebidas ao redor dele, Cass murmurou para qualquer um deles que pudesse estar ouvindo: —Quando foi o último caso de patricídio real em Airen?

—As aulas de história já passaram, Cass, mas se não me falha a memória, foi há mais de quatrocentos anos— respondeu Hadrian.

O rapaz voltou com o uísque, Cassius pegou-o, levou-o aos lábios, mas antes de jogá-lo de volta, comentou: —Já estou fazendo história, casando com uma Nadirii. Dito isso, estou começando a gostar de aumentar minha seção nos livros de história de Go'Doan.

Em seguida, ele jogou fora todo o seu drinque. Feito isso, ele imediatamente encostou o lábio inferior nos dentes e assobiou baixo.

O garoto, que estava se afastando apressadamente, voltou a correr.

Cass lhe entregou o copo. —Outro.

—*Sì, signore. Subito*⁸⁹.

Cassius esperou até que seus homens bebessem e ele se refrescasse, antes de se mover com determinação, dando as costas ao pai e caminhando para um canto da tenda.

Seus homens o acompanharam.

—Mesmo que você a ignore, ela ainda está aqui— Severus

observou enquanto todos se posicionavam, seus homens se espalhando ao redor de Cassius, de costas para a tenda e Cass de costas para o canto.

—Estou bem ciente disso, Rus— respondeu Cassius.

Hadrian o estava estudando.

Cass sabia o que estava vendo.

E, como sempre acontecia com Ian, ele não hesitava em compartilhar nada, inclusive o fato de que lia bem Cassius.

—Você pode nunca tê-la visto, mas ela é Nadirii. Você tinha que saber que ela seria muito diferente da Liv— disse ele com cuidado.

—Também estou ciente de que estarei casado com uma mulher que não é minha esposa, Ian— disse Cassius, antes de beber uma boa dose de sua bebida, que era, devido à astúcia dos criados de Mars, o dobro da quantidade da primeira.

—Podemos falar sobre...?— começou Mac.

—Não— disseram Severus, Hadrian e Antonius ao mesmo tempo.

—Certo— murmurou Macrinus, sorrindo para sua taça de vinho nos lábios.

Com uma onda de autoimportância, seu pai se juntou ao grupo, reunindo seus homens para ficarem ao lado de Cassius.

—O que está fazendo aqui parado?— ele perguntou.

—Estou evitando você— disse Cass a ele.

Os olhos de Gallienus se estreitaram antes de ele declarar: — Precisamos conversar.

Cass ergueu as sobrancelhas quando o pai não disse mais nada.

—Desculpe, você está pedindo minha permissão?— ele perguntou e viu o rosto do pai começar a ficar vermelho enquanto ele continuava: —Se for assim, por favor, espere que eu encontre um escriba. Isso precisa ser registrado.

Gallienus se inclinou na direção dele e disse: —Você não pode se casar com aquela vadia.

Cassius sentiu sua mandíbula se endurecer e sua coluna se contrair.

—Aquela exibição— continuou seu pai, jogando um braço para o fundo da tenda, indicando o campo além, —foi obscena.

Estava longe de ser obscena.

Foi a mais notável exibição de equitação e treinamento militar que Cassius já havia testemunhado.

—Gostei bastante das explosões de estrelas no céu— murmurou Otho.

—E das bundas firmes nas selas— acrescentou Mac.

Gallienus os ignorou. —Tudo isso é mais do que absurdo. Não pode ser tolerado. E, portanto, estamos indo embora. Amanhã. Ao nascer do sol. Você não se casará com essa vadia flagrante. Já vi fantasias melhores em prostitutas pagas para interpretar um papel a fim de enrijecer um pênis. Está ficando bem claro, à medida que a noite se esvai sem mais tremores, que tudo isso não passou de um stratagema para que Ophelia colocasse outra bruxa Nadirii em solo airenziano para causar conflitos e confusão entre meus súditos. Além disso, ao manobrar essas alianças ridículas por meio do casamento, ela pensa em controlar todos os reinos com a ameaça da ascensão da Besta e o uso da boceta molhada. Um stratagema inteligente, mas destinado a fracassar, como fracassará amanhã de manhã, quando partirmos.

Cassius se afastou do pai quando ouviu a voz de Ha-Lah dizer: — Nem mesmo uma Nadirii poderia causar esses tremores.

Cass olhou para a adorável rainha Mar-el e depois para Aramus, que estava de pé perto de suas costas.

Aramus, como já havia ficado claro nos últimos dias, não era muito jovial na presença do pai de Cassius.

No entanto, não eram muitos.

—Ela poderia se tivesse milhares de outras bruxas com ela, o que — Gallienus balançou a cabeça para o fundo da tenda, —obviamente, ela tem.

—Para produzir essa magia, um terremoto sentido em todos os reinos, até as margens de Mars-el, elas precisariam de todas as bruxas de Tritão e, depois que esse feitiço fosse lançado, elas ficariam esgotadas. Eles não poderiam produzir outro por meses, se não anos— respondeu Ha-Lah calmamente. —Certamente não a cada quinze dias.

—Você é uma bruxa, então é claro que as defenderia— cuspiu Gallienus.

—Você é velho e pomposo e não é meu rei. Em outras palavras, tome cuidado com a maneira como fala com minha esposa, rei de Airenziano— rosnou Aramus.

—Não é possível que você esteja acreditando nessa bobagem— respondeu Gallienus a Aramus.

—Acho que o assunto muito mais importante que deveríamos estar discutindo é como a noiva de Cassius poderia claramente chutar o traseiro dele até a Baía do Céu, se ela tivesse a noção— Mac brincou, provavelmente em uma tentativa de tirar o calor crescente da discussão.

—Acho mais interessante que ele nunca tenha que se preocupar

em cortar as próprias unhas. Basta perguntar à sua noiva, ela pode cortá-las a trinta pés de distância com a ponta de sua flecha— brincou Otho.

—E eu acho isso muito interessante...

Ao som da voz feminina e imponente, a atenção de Cassius atravessou o que havia sido a parede do peito de Otho e Antonius, ambos agora voltados para a voz, assim como todos os homens, e lá ele viu Ophelia, ladeada por suas filhas.

Ophelia parecia irritada, mas calma.

Serena estava claramente enfurecida e, da mesma forma, tinha dificuldade em manter o controle. Ele não sabia se era a boca dela ou um ataque físico (ou ambos). Exceto na presença de sua mãe, ela estava conseguindo ser bem-sucedida nessa tarefa. Por pouco.

Mas Elena...

Elena estava olhando para o peito de Cass e ela parecia...

Porra.

Ferida.

Eles tinham ouvido.

Tinham ouvido bastante.

E nada disso foi sobre a mais notável demonstração de equitação e treinamento militar que eles já haviam testemunhado, Elena desempenhando um papel individual e extraordinário nisso.

—... que a Irmandade treina desde os dez anos como amazonas, arqueiras e guerreiras, ao mesmo tempo em que aprende a aproveitar sua magia de maneiras grandes e maravilhosas que podem ser usadas sob seu comando. Demonstramos isso nesta noite. Isso foi testemunhado por todos. E, no entanto, você fala de bocetas molhadas

e de usar nossas habilidades para aparar unhas— concluiu Ophelia.

De fato, elas tinham ouvido muita coisa.

Que droga.

Gallienus se aproximou da rainha de Nadirii.

Por uma série de razões, nenhuma delas familiar, Cassius o acompanhou, assim como seus irmãos cerraram fileiras.

—Meu filho não vai se casar com sua filha— declarou Gallienus.

—Isso trará grande alívio, pois nenhuma boceta úmida de Nadirii deseja ser contaminada pelo pênis mole dos Airenzianos— Serena cuspiu.

Seu pai se exaltou.

—Silence, filha— ordenou Ophelia em voz baixa. Mas para Gallienus, ela disse claramente: —A escolha é sua e de seu filho— Ela inclinou a cabeça para Cassius. —Mas quando a Besta se levantar, ela também estará sobre sua cabeça.

—Onde estão os tremores, Ophelia?— o pai exigiu saber.

—Não posso saber, Gallienus— respondeu Ophelia instantaneamente. —Embora, depois do último, todas as nações tenham se movimentado para cumprir uma profecia que poderia servir para detê-lo. Então, talvez aqueles que o chamam tenham outros objetivos. Então, talvez aqueles que a chamam tenham outras coisas a fazer. Como, talvez, impedir que essa profecia se concretize. O que, por sua vez, pode, talvez, indicar como eles temem que a profecia culmine, o que compartilharia o medo de que ela funcione.

—Permita-me interceder.— G'Jell, da Cidade da Cúpula, de repente se aproximou da assembleia, e Cassius o observou com muita atenção.

Isso porque Cass não confiava em nenhum Go'Doan. Nenhum deles. E não pelas mesmas razões que seu pai não confiava. Isso se deve ao fato de que, anos atrás, e mesmo em alguns templos hoje em dia, eles ofereciam abrigo seguro e ajudavam na passagem segura para as mulheres Airenzianas que buscavam escapar das mãos pesadas de maridos, amantes e mestres.

Não.

Um Go'Doan havia matado o pai que ele desejava ter.

Ares.

E ao sofrer essa perda monumental nas mãos de um sacerdote Go'Doan renunciado, Cassius não tinha problemas em desconfiar de todos eles.

Sem mencionar que ele achava que eles tinham algo a esconder, e o fato de que raramente se via as dezenas de acólitas que os acompanhavam era um testemunho disso.

—Até mesmo os Go'Doan acham que essas uniões são convenientes— continuou Jell. —Aqueles de nós que estudam as magias perceberam as instabilidades no véu. A profecia foi registrada há séculos. E todos sabem que, se a Besta ameaçar ser libertada, ela deve ser levada adiante para o bem de todos os reinos.

Jell fixou os olhos em Gallienus antes de terminar.

—E todos os reinos concordam. Ao fazê-lo, é incerto como eles se sentiriam se Airen recusasse quando cada um deles fez seus sacrifícios, essa recusa colocando todos em risco.

—Os Mar-el não fazem sacrifícios— retrucou Gallienus, jogando uma mão na direção de Aramus. —O rei deles já está casado.

—Ainda não se sabe que sacrifício os Mar-el precisarão fazer— respondeu Jell. —Mas você notará que as botas do Protetor dos Mares

estão bem no interior, no solo do continente. Para um Mar-el, esse já é um sacrifício grave.

O pai de Cassius fechou a boca, pois sabia que isso era verdade.

A atenção de G'Jell se voltou para Cass.

—Príncipe Cassius, o casamento é seu, a decisão é sua— disse Jell calmamente.

—Ele é meu filho e meu súdito, portanto, a decisão é minha— disse Gallienus.

—Vou me casar com a Nadirii— declarou Cassius, com o olhar fixo em Elena.

Ele sentiu uma pontada de violeta quando ela ergueu os olhos para os dele, antes de desviá-los.

—Isso é bom— murmurou Jell.

—Isso é abominável— retrucou Gallienus.

—Isso é inevitável— suspirou Ophelia.

—Talvez, Gallienus, possamos falar mais sobre isso em uma taça de vinho— ofereceu Jell, em uma tentativa de continuar a diminuir as hostilidades.

—Receio que não, pois estou indo para meus aposentos no palácio — recusou Gallienus. —A companhia desta tenda deixa muito a desejar.

Com essa resposta fraca, ele puxou a capa para a frente e se enfiou sem cerimônia entre Ophelia e Serena, o que fez com que Serena ficasse tensa como se fosse atacar e Ophelia colocasse uma mão firme no braço da filha depois que Gallienus os liberou.

—Preciso de mais vinho— murmurou Mac.

—Amém para isso— concordou Otho.

—Serena, vá ver as irmãs— ordenou Ophelia. —Elas estão acampadas em um jardim não muito longe daqui que o rei Mars ofereceu para nosso uso. Eu gostaria de saber se elas estão se acomodando.

Sua filha a encarou, voltou o olhar para Cass e seus homens, mudou-o para a irmã e, em seguida, girou sobre os pés e se afastou.

Cassius sentiu seu braço ser tocado.

Ele olhou para a esquerda e viu Hadrian ali. Seu homem arregalou os olhos para Cass e depois voltou-os para Elena com um puxão no queixo.

Cass olhou para sua intenção.

Ela estava curvada para a mãe.

—Vou dar uma olhada em Dora— disse ela suavemente em sua voz lírica.

—Eu acho, filha...— Ophelia começou.

Elena falou por cima dela. —Vejo você no acampamento.

—Você está dormindo no palácio, Elena— Ophelia a lembrou.

—Eu a acompanharei até lá amanhã— rebateu Elena.

Antes que Ophelia pudesse dizer mais alguma coisa, Elena se virou para sair.

Ela se afastou quatro passos, passando por entre os corpos, antes de Cassius empurrar seu copo para Ian, que o pegou, e a seguiu.

—Elena— ele chamou.

Ela não estava muito longe, por isso tinha certeza de tê-lo ouvido, mas não deu nenhuma indicação de que o tivesse feito.

—Elena— ele repetiu, aproximando-se e estendendo a mão.

Ele pegou a dela e ela parou, virando-se para ele e inclinando a cabeça para trás para olhá-lo com olhos que agora não eram violetas.

Eram de uma ametista brilhante.

Ele levou um momento para se ajustar ao brilho deles e, enquanto fazia isso, não sabia que seus dedos estavam apertando os dela.

No momento em que conseguiu fazer isso, ele murmurou: —Nós deveríamos conversar.

—Acho que, por enquanto, as palavras de seu pai e de seus homens são tudo o que eu quero ouvir— respondeu ela.

—Não concordo— ele respondeu.

—Isso é engraçado— disse ela, propositalmente interpretando-o de forma errada. —Considerando que você foi para o lado do seu pai e não deixou isso claro quando ele e eles estavam falando. Na verdade, você foi bastante silencioso em todos os assuntos.

Ele foi.

Embora ela não soubesse que ele havia aprendido ao longo dos anos que, na maioria das vezes, não valia a pena gastar energia para falar muito com o pai.

Ou o fato de que alguns de seus homens pareciam querer agir como garotos até o último suspiro.

Não, ela não estava ciente disso.

E, aparentemente, com a pressão que estava usando para tirar a mão da dele, ela também não daria a ele a oportunidade de se

explicar.

—Elena...— ele rosnou.

Com um puxão forte, ela arrancou os dedos do aperto dele, deu um passo para trás, mas isso foi tudo antes de mergulhar o queixo no pescoço em uma reverência sardônica e levantar a cabeça.

—Até amanhã, meu príncipe— sussurrou ela, virou-se e passou por entre os corpos que a cercavam.

Cassius a observou partir.

—Isso não foi muito bem, meu amigo— ele ouviu Mars comentar ao seu lado.

Cass se voltou para seu irmão Firenz. —Notei que você não entrou na briga.

Os lábios de Mars estavam se contorcendo enquanto sua cabeça tremia. —Desde que éramos meninos, você deixou claro que preferia lutar suas próprias batalhas.

—Talvez— permitiu Cassius. —Quando eu tinha doze anos, meu pai me enviou ao seu pai para treinar táticas de Firenze e todos os valentões do regimento queriam derrubar o príncipe de Airenz. E, portanto, o príncipe de Firenze que viesse em seu auxílio não o teria ajudado a defender o ponto de vista que precisava ser defendido— replicou Cassius. —Isso, meu irmão, é outra questão completamente diferente.

—Você está dizendo que não consegue superar isso?— Mars perguntou com incredulidade.

—Nem todos nós fomos unidos a garotas encantadoras com olhos prateados que pudéssemos encantar ou a beldades voluptuosas com almas tristes que pudéssemos curar— observou Cassius.

Mars pareceu divertido quando disse: —Infelizmente para você, isso está correto.

Cassius virou a cabeça e viu Elena parar abruptamente a alguns metros das abas na outra extremidade da tenda.

E suas entranhas arderam quando ele viu o que a fez parar.

O príncipe True estava bem perto, com a cabeça escura inclinada para a noiva de Cassius, o rosto uma máscara de preocupação.

—Calma, amigo,— Mars murmurou baixo, sem humor em seu tom agora quando True levantou uma mão e a enrolou ao redor do lado do pescoço de Elena.

Felizmente, sua pretendida balançou a cabeça com agitação, levantou a mão brevemente para apertar o pulso de True, mas também para tirá-la de seu corpo, e então ela se foi, desaparecendo por entre as abas da tenda.

True a viu partir.

Assim como Cass.

—Ele está começando a se importar muito com Farah— disse Mars, com um tom agora conciliador.

Cass se virou para o amigo.

—Isso é bom— ele respondeu. —Enquanto isso, ou você conta a ele ou eu conto. Se ele colocar a mão em minha futura esposa novamente, ele ainda terá a mão, mas ela será cortada de seu pulso e enfiada em seu traseiro.

Ele esperou apenas o tempo suficiente para ver um músculo saltar ao longo da bochecha barbada de Mars enquanto o rei dos Firenz cerrava os dentes para conter o riso.

Mas, mais uma vez, Cass não achou nada engraçado.

Portanto, ele girou e os muitos corpos saíram de seu caminho enquanto ele se dirigia para a outra extremidade da tenda, para fora dela e para sua montaria, a fim de montar e voltar para o palácio e para uma garrafa inteira de uísque que ele poderia servir para si mesmo.



O Degelo

Rei Aramus Nereus

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Aramus não havia perdido o fato de que, pouco tempo depois do degelo que começara na aproximação final da Cidade do Fogo, o congelamento do seu casamento voltara a se manifestar.

Exatamente no momento em que o criado mostrou a ele e a Ha-Lah os quartos no Palácio Catrame, Aramus os deixou quase imediatamente para se encontrar com Cassius e, ao fazer isso, deixou Ha-Lah para trás com ordens de não sair daquele quarto.

Ele também deixou Nissi e Oreti guardando as portas para garantir que isso acontecesse.

Era ali que ela permanecia, a menos que houvesse funções oficiais a serem cumpridas.

E naquele momento, no instante em que ele guiou a esposa para o quarto deles após a recepção, ele viu que o disfarce de uma frente aliada de marido e mulher que ela havia montado para a procissão, o desfile e a recepção foi instantaneamente abandonado.

O frio estava de volta.

Ele podia até fingir que estava sentindo o frio.

—Ha-Lah...— ele começou com um suspiro.

—Estou me preparando para dormir— disse ela friamente, indo em direção à sala de banho, onde havia dois vestiários.

Um para ele.

Um para ela.

Ele já dividia os aposentos com a esposa há semanas e, além de vê-la em suas roupas de dormir, que eram (no clima atual) frustrantemente breves, ele não tinha visto mais nada do que fazia sua esposa.

—Acho que está na hora de conversarmos— disse ele de volta para ela.

Ela se virou casualmente para ele e, quando ele estava de frente para ela, viu que suas sobrancelhas estavam erguidas.

—Você acha?— ela perguntou.

—Obviamente, sim— afirmou ele, tentando manter a calma diante do jeito dela. —Você me disse talvez dez palavras desde que chegamos ao palácio.

—Sim, creio que foram: 'Por favor, permita-me sair destes aposentos ou ficarei louca'.

Foram onze palavras, mas ele não ia registrar isso.

—Há razões, e eu lhe disse essas razões.

—Ah, sim— ela acenou com a cabeça uma vez, —como sou incrivelmente insegura em uma terra onde fomos recebidos com pétalas de flores e moedas espalhadas. Eu entendo a força de suas preocupações, meu rei. Pois se eu sáísse desses aposentos, poderia ser

assassinada pela adulação.

Ele realmente não gostava de notar que sua esposa podia ser inteligente e divertida quando também estava sendo irritante.

—Ha-Lah...— ele mordeu.

Mas ele se impediu de falar quando ela perdeu a paciência, inclinou-se na direção dele e cuspiu: —*Me poupe*.

Com isso, ela se virou e se dirigiu para a sala de banho.

Aramus respirou fundo pelo nariz.

Outro.

Em seguida, olhou para o quarto, com sua cama grande e afixada em um pódio, com os postes cobertos por sedas roxas e vermelhas. Havia grandes tapetes de pele de urso no chão, em ambos os lados da cama, que se estendiam pelos degraus até o pódio. Havia também cômodas, luminárias ornamentadas e banquetas douradas e tufadas. Uma porta à esquerda, atrás da qual dormia a criada de Ha-Lah.

E uma abertura sem porta à direita, de modo que se podia ver a banheira retangular e recuada, revestida de azulejos pretos e roxos, com almofadas densas nas laterais. Uma banheira que estava sempre cheia de águas claras que pareciam magicamente aquecidas à temperatura perfeita.

Seu olhar se desviou da banheira, que ele havia usado sem a esposa, para a cama, que ele havia usado *com* a esposa, mas não de todas as maneiras que gostaria.

Em seguida, ele foi até a porta do corredor, abriu-a e olhou para Xi e Cat, que estavam de cada lado guardando a porta. Ele olhou para o corredor e viu o rapaz que era um dos dois sempre disponíveis caso um hóspede da ala leste tivesse alguma necessidade.

—Rum— ele ordenou. —*Adesso*⁹⁰.

Agora.

O rapaz correu pelo corredor em direção às escadas.

Xi e Cat estavam evitando seus olhos e, obviamente, lutando contra sorrisos quando ele entrou em seu quarto e bateu a porta.

Correndo para lá, ele se jogou em um divã no canto, caindo de lado em direção ao rolo no topo, e fixou os olhos na câmara de banho.

Não demorou muito para que Ha-Lah saísse em uma camiseta de cetim cor de água que caía logo abaixo de sua bunda, com alças finas, e era só isso.

Ela tinha pernas lindas.

Ele cerrou os dentes.

Sua esposa passou na frente dele, direto para a cama.

Bateram na porta e, debruçada sobre a cama para jogar as sedas para trás, ela olhou para aquele lado como se tivesse a mínima curiosidade de saber o que havia por trás da porta quando Aramus gritou: —Entre!

O rapaz entrou, encontrou Aramus, caminhou rapidamente até ele e colocou a bandeja dourada que carregava em uma pequena mesa ao lado do divã.

Ele hesitou um segundo, aguardando mais instruções e, quando não as recebeu, saiu correndo, fechando a porta atrás de si.

Aramus abriu a garrafa de rum que estava na bandeja, despejou uma boa dose no copo fornecido, colocou a garrafa de lado e pegou o copo.

Ele engoliu tudo.

Momentos depois, tinha outro copo cheio em sua mão.

Mas sua esposa estava sob as sedas e a lâmpada ao lado do colchão havia se apagado.

—Sou seu marido— anunciou ele para a cama. —É meu dever, em todos os momentos, cuidar de sua proteção.

Ela não respondeu.

Ele jogou o rum para trás e serviu-se de outro.

Segurando-o em sua mão, ele falou novamente.

—Também é meu dever decidir quais são as ameaças, quais não são, quando uma situação é incerta e exatamente como você será protegida das primeiras e das últimas.

Ha-Lah não se mexeu nem fez barulho.

Aramus jogou de volta o rum, colocou o copo de lado e se levantou.

—É para o seu próprio bem, malditas sereias— disse ele a ela.

Sua esposa não respondeu.

Ele olhou para a cama.

Ela não se mexeu nem um pouco.

Aramus foi em direção à sala de banho.

Ele parou quando ouviu: —Você já foi trancado em um quarto sem querer e sem nada a dizer sobre isso?

Quando ele olhou de volta para a cama, viu que ela ainda não tinha se mexido, mesmo que tivesse falado.

—Você não está em uma masmorra— ele retrucou.

—Isso não importa.— Ela se levantou para apoiar uma mão na cama e apontou o olhar para ele. —Nem mesmo livre para passear pelo palácio, Aramus? Nem mesmo para visitar as mulheres? Nem mesmo com um guarda?

Aramus ficou parado, congelado no lugar, olhando para o belo rosto dela, que não tinha uma expressão de revolta ou frustração, mas de mágoa, e teve a súbita percepção de algo que o deixou excruciantemente desconfortável.

Ele não sabia nada sobre ela.

Ela tinha magia de sereia.

Ela era linda.

Era teimosa.

Era forte em suas crenças.

Tinha um comportamento adequado quando estava ao lado dele como sua rainha quando estavam em companhia.

Ela havia sido procurada quando chegou a hora de ele se casar, encontrada em uma pequena e remota vila de pescadores na costa nordeste de Mars-el e levada até ele para ser sua noiva.

E ele gostava dos vestidos que ela usava, então ela tinha bom gosto.

Fora isso, ele não sabia nada.

E esse nada incluía como ela se sentiria ao ter sua liberdade tirada e o que ela precisaria fazer para ocupar seu tempo de modo a torná-lo o menos agradável para ela quando isso acontecesse.

Sem mencionar o fato de ter sido tirada de sua aldeia e forçada a se casar com o rei.

A maioria das mulheres de Mars consideraria isso a maior honra.

Mas ele estava descobrindo que sua esposa decididamente não era a maioria das mulheres.

Ele voltou para a câmara de banho, foi para o quarto de vestir e vestiu a calça curta para dormir.

Em seguida, voltou para o quarto de dormir, remexendo-se para apagar as lâmpadas, a última ao seu lado da cama.

Ele se deitou de costas sob as sedas e ficou olhando para o teto escuro.

Ele fez isso para decidir como fazer o que deveria ter começado a fazer há mais de sete malditos meses.

E o que ele decidiu foi contar-lhe a verdade, mesmo que isso a assustasse, sobre o motivo de estar sendo tão cauteloso.

—Eu conheço um explorador das Terras do Norte, seu nome é Frey Drakkar— disse ele suavemente.

Ele sentiu a esposa tensa ao seu lado na grande extensão da cama.

—Ele é um homem muito poderoso, um bom marinheiro. O melhor que já conheci que não é Mars-el. Passei a respeitá-lo muito rapidamente.

Ha-Lah não disse nada.

—Ele é um explorador, mas é bem nascido. Casado com uma princesa— continuou Aramus.

Sua esposa não fez nenhum movimento ou ruído.

—Contavam-se muitas histórias sobre Drakkar e sua Noiva de Gelo. Muitas delas. Eles foram longe. Dizem que o amor deles é insuperável. Mas não muito tempo depois de se casarem, em uma

intriga que não estava totalmente fora de seu controle, sua esposa escapou por pouco de uma morte violenta depois de deixar de lado uma taça de vinho que não havia bebido e que estava envenenada.

Ele sentiu o corpo de Ha-Lah se contrair.

—Outra mulher pegou a taça por engano— ele compartilhou. — Sua jornada para a morte não foi longa, mas foi violenta, pois ela tossiu sangue durante todo o tempo.

—Aramus— sussurrou Ha-Lah.

Ele se virou de lado para ela.

—Eu não conheço essas mulheres deste palácio— disse ele. —Não conheço as maquinações desta terra. A senhora poderia tomar uma xícara de chá, mas com os quartos longe de mim, e já estaria morta quando eu corresse pelo corredor para atendê-la.

Sua esposa se virou para encará-lo.

—Mas me trancar em um quarto?— ela perguntou baixinho.

—Tudo o que você coloca na boca é testado por um criado antes de ser trazido para você.

Seu tom foi mais agudo quando disse: —Aramus!

—Os homens estão em sua porta. Estamos no segundo andar, mas eles também rondam sob nossa janela.

—Marido— ela sussurrou, seu tom mudou muito.

—Eu gostaria que você estivesse segura, Ha-Lah. Em seu passado, antes de se casarem, Drakkar havia se deitado com a serva que tentou assassinar sua esposa. Ele não achava que ela fosse tão ardilosa. Mas ela tinha. Não foi a mão dele que envenenou sua princesa, mas posso lhe garantir que, quando ele descobriu de quem era a mão, sentiu como se ele mesmo tivesse derrubado o frasco.

—Você é próximo de Cassius— disse ela em resposta. —Parece que você respeita Mars. E também o Príncipe True. E Cassius claramente tem grande consideração por você. Como você acha que Cassius agiria se um ataque a você, qualquer ataque, meu rei, fosse instigado?

—Eu não gostaria de descobrir, não apenas porque a espada de Cassius seria minha em vingança, e isso o colocaria em risco, mas porque isso poderia significar que eu teria perdido você.

Ele sentiu o farfalhar da seda e esperou que ela estendesse a mão para ele, mas ela se acomodou antes disso.

—Como você o conheceu?— ela perguntou suavemente.

Aramus não tinha certeza, mas aquela talvez fosse a pergunta mais pessoal que ela havia feito a ele durante o casamento.

Ou, talvez, a única.

E ele lhe deu a resposta sem demora.

—Há muitos anos, quando eu ainda era príncipe e muito jovem, estávamos em uma cidade portuária na costa leste de Airen. Estávamos em um bar. Estávamos bebendo rum. Cassius e seus homens estavam lá, e eles estavam bebendo uísque. Começou um jogo de tuble. Eu o derrotei com força e respeitei os modos dele e de seus homens quando o fiz. Nenhum de nós estava quase sóbrio, o jogo poderia facilmente ter saído do controle, mas sua perda bem-humorada me impressionou. Decidimos levar nossa... folia para outro lugar...

—Com uma visita a prostitutas— ela murmurou no escuro, felizmente parecendo divertida.

—Sim— ele concordou com um sorriso.

—E como homens em empreendimentos viris, laços foram

formados entre bebidas, jogos de azar e prostitutas— ela supôs, ainda parecendo divertida.

—Algo assim— murmurou ele, e continuou: —Ele não sabia que eu era príncipe, eu não sabia que ele era. Como os homens fazem quando todos se divertem, fizemos planos vagos de nos encontrarmos novamente um ano depois no mesmo lugar para as mesmas festividades. Sinceramente, eu não tinha a intenção de ir. Mas fui, pois algo me levou a passar mais um tempo com ele e seus homens. Fiz isso pensando que ele não estaria lá. Mas ele estava.

Aramus fez uma pausa de um minuto antes de terminar.

—Foram necessários quatro encontros para que ele admitisse que era um príncipe herdeiro. Eu fiquei... afetado por ele ter contado isso sobre si mesmo. Era algo que eu sabia muito bem que poderia colocá-lo em perigo. Mas ele confiou em mim. Então, dei o mesmo em troca. E em nossos anos de conhecimento mútuo, nenhum de nós deu ao outro motivos para se arrepender.

—Ele me parece um bom homem— comentou ela.

—Ele é.

—Ele é próximo de Mars— observou ela.

Aramus acenou com a cabeça no travesseiro até perceber que sua esposa não podia vê-lo e parou.

—Eles são como irmãos. Cassius veio quando jovem para treinar com os exércitos de Ares. Ele é dois anos mais velho que Mars. Ficou dos doze aos quinze anos. Depois que ele partiu, Mars veio para Airen para treinar com seus soldados. Ele ficou em Airen por dois anos. O vínculo foi formado por isso, mas eles já se conheciam e brincavam juntos quando crianças, quando seus pais se encontravam para tratar de negócios entre os reinos.

—Eles são tão parecidos que você poderia pensar que são irmãos.

Mas eles agem como se fossem de sangue, então suponho que simplesmente sejam— disse ela.

—Simplesmente são— ele concordou.

—Ele é muito parecido com você, se não for parecido— disse ela, parecendo estar sorrindo.

—Não temos a história, mas...— ele hesitou antes de compartilhar, —ele perdeu a esposa e, quando o bebê que ela lhe deu como último presente tinha idade suficiente para navegar, ele veio para Mars. Ele ficou por algum tempo. Ele não podia ficar perto de coisas que o lembrassem dela. Mas eu não senti que ele se esquivou de muita dor quando estava conosco.

—Isso é triste— ela sussurrou.

—Foi— respondeu ele.

—Mars o cumprimentou como um irmão— observou Ha-Lah.

Ah.

Sua bela e astuta esposa.

—Isso ele fez— confirmou Aramus. —E eu sei onde você quer chegar com isso, esposa, mas eles são apenas dois jogadores em um tabuleiro cheio de muitos. Há aqueles que são amigos, e você está certa, esses dois são amigos. Mas há também os arrogantes, os desonestos, os cobiçosos, os astutos, os ingênuos e os imprudentes. Eu ando nesse tabuleiro, sabendo em quem posso confiar e em todos os outros em quem não posso. Você não anda nesse tabuleiro, Ha-Lah. Você não anda por ela de jeito nenhum.

—Eu entendo isso, Aramus. De fato, entendo. Mas não posso suportar ficar trancada nesta sala durante todo o tempo em que estivermos em Firenze. Nem mesmo pensar em como você deseja me esconder para minha proteção nos próximos meses, enquanto viajamos

por Tritão.

Ele ouviu a mão dela deslizar sobre a seda em sua direção, mas parou antes que ela o tocasse.

—E você não pode saber disso, mas eu sou uma boa juíza de caráter— disse ela.

—Como você gostaria que eu testasse isso, Ha-Lah?— perguntou ele.

—Confiando em mim— sussurrou ela.

Aramus ficou em silêncio.

Ha-Lah não o quebrou.

Por fim, Aramus o fez.

—Se eu fizer isso, e tudo não correr bem, não é a minha confiança em você que será quebrada. Se outros forem coniventes, a perda que eu poderia sofrer é preciosa demais para suportar.

—Porque não poderíamos derrotar a Besta?— perguntou ela.

—Porque eu perderia minha esposa— respondeu ele.

Ele ouviu a suave respiração dela ao ouvir suas palavras, mas ela não a expeliu para dizer a sua própria.

—Eu não seria Cassius. Eu não o conheço dessa forma— disse ele a ela. —Mas nas duas vezes em que você me deixou entrar em nosso casamento, eu gostei do que conheci. E eu sentiria falta disso.

E eu quero mais, ele pensou, mas não disse.

Mas ele não parou de falar.

—Você não conheceu meu pai, minha rainha, e por isso estou

triste. Ele era um bom homem. Um pai orgulhoso. Mas um pirata inveterado. Ele vivia para os momentos em que navegava pelo mar. Foi por isso que ele se casou muito mais tarde do que a idade em que a encontrei. Ele era quinze anos mais velho do que eu quando fez de minha mãe sua noiva. Mas seu amor por ela, como o de todos os homens de Nereus, tornou-se uma lenda. Quando sua idade significava que sua vida estava em declínio, ele me disse que se soubesse que seu mundo seria preenchido com ela, teria desistido de todos os seus anos no mar por apenas mais um ao seu lado. E quando ele morreu, não foi a idade que levou minha amada mãe. Foi o fato de enfrentar uma vida sem ele que fez isso. Foi por isso que pedi aos nossos sacerdotes que vasculhassem nossas terras em busca de você, para que eu não sentisse o gosto desse arrependimento. Pois vi em ambos os meus pais que o sabor era amargo.

Seu tom era quase gentil quando ela disse: —Oh, Aramus, isso é lindo e triste ao mesmo tempo— E quando ele não respondeu, pois ela estava certa, ele ouviu o suspiro pesado dela antes de perguntar: — Como podemos nos comprometer, meu marido?

—Você tem um guarda em todos os lugares que vai, até que eu diga que não precisa mais ser assim— ele respondeu instantaneamente. —Você permite que um servo prove sua comida e bebida...

—Aramus...

Ele não permitiu que ela interrompesse.

—Estou lhe dizendo como será para você ter o que deseja, minha rainha. Isso não é uma negociação.

Ela novamente ficou em silêncio.

—Um servo prova sua comida e bebida e você não as leva aos lábios a menos que um dos meus homens diga que você pode. Você pode passar tempo com as mulheres. Neste palácio. Não na cidade.

Pétalas e moedas são muito boas, mas nem todo cidadão de Firenze estava naquela rua, Ha-Lah. Poderia não ser convivência, mas simplesmente algo que alguém dissesse que o deixaria chateado, ou um olhar que ele daria que o deixaria angustiado, e eu também não permitiria isso.

—Eu não conheço o idioma deles— ela o lembrou.

—Como você notou, muitos deles falam valeriano— ele respondeu. —E todos os Wodell, Airen e Nadirii há muito tempo adotaram essa língua.

Ela não respondeu.

—Vamos conversar— ele continuou. —Você compartilhará como vê essas mulheres. Eu farei o mesmo. Se sentirmos que passamos a confiar nelas, sua guarda não precisará estar tão próxima. Mas você é a rainha, Ha-Lah, você sempre terá uma.

—Tudo bem— ela concordou.

—Tudo bem com relação à sua guarda, ou a toda ela?— perguntou ele.

—Tudo, se eu puder sair destes aposentos, conhecer pessoas, aprender sobre elas, ver mais desta terra, mesmo que seja simplesmente os aposentos do palácio de seu rei. Sim. Eu concordo. Com tudo isso.

Aramus sorriu e, através dele, disse: —Você é uma aventureira, minha Ha-Lah?

—Eu não sei. Nunca tive a oportunidade. Mas o pouco que tive, eu sei que gosto.

Ela não tinha tido a oportunidade.

Outra coisa que ele agora sabia sobre sua esposa.

—Então vamos ver como deixá-la segura para que possa ampliar suas aventuras, esposa— decidiu ele.

—Isso seria muito apreciado, marido.

Os dois ficaram em silêncio e Aramus decidiu que, na noite seguinte, quando estivessem deitados, ele não iria compartilhar nada.

Ele estaria perguntando coisas sobre ela.

Na escuridão do quarto, quando o silêncio se abateu sobre eles, a noite inteira, o rum e o acordo deles se instalaram e Aramus sentiu suas pálpebras ficarem pesadas.

Elas se abriram quando ela sussurrou sonolenta: —Podemos discutir sobre colocar os homens no caminho de um possível veneno novamente em uma data posterior?

Nesse momento, enquanto sorria amplamente no escuro, ele percebeu que sabia outras coisas sobre sua rainha.

E elas eram importantes.

Ela tinha um coração cheio, uma inclinação própria para proteger as coisas que considerava necessárias e a coragem de se posicionar e fazer isso.

—Sim— ele mentiu.

—Obrigada, marido— murmurou ela.

—De nada, esposa— respondeu ele.

Eles novamente ficaram em silêncio.

E novamente Ha-Lah o quebrou.

—Eu não bebo chá, Aramus.

Ele sorriu.

Algo mais que ele agora sabia.

—E eu sei sobre Frey e Sjöfn Drakkar— ela continuou suavemente. —E gostaria de ouvir mais sobre eles de você.

Aramus respirou fundo e soltou o fôlego.

—E você vai, minha rainha— respondeu ele, com a mesma suavidade.

—Obrigado.

—Será um prazer— ele murmurou, querendo dizer isso.

Ela não disse mais nada.

Aramus esperou até ouvir a respiração dela se estabilizar.

E então ele se deixou dormir.



Os Escombros

Rainha Mercy Axelsson

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo

FIRENZE

—Não deveríamos tentar fazer progressos com os Mars?—
perguntou seu marido.

—Uma perda de tempo— respondeu Carrington.

A Rainha Mercy de Wodell sentou-se no divã, mexendo em uma
dobra da saia, com os olhos nos movimentos dos dedos e a atenção
voltada para o marido e seu conselheiro.

—Não tenho certeza. Ele está no continente. Ele nunca está no
continente. Temos a oportunidade de ouvi-lo— respondeu Wilmer. —
True...

Carrington o interrompeu.

E pode-se dizer que Mercy detestava quando Carrington
interrompia seu marido.

—Sim, e o amor da vida de seu filho está se casando com uma
airenziana. Mas ela está apaixonada por seu filho. Ele a influencia.
Com seus muitos...— Carrington deu uma olhada em Mercy, —bens,

ela poderia rapidamente ganhar influência sobre Cassius.

Não havia ninguém neste planeta que pudesse dominar Cassius.

Exceto Liviana.

Entretanto, ela estava morta.

Dito isso, com a maneira como ele havia demonstrado que podia cuidar de uma mulher quando tinha sua esposa, se ele viesse a se sentir assim em relação a Elena...

Isso poderia ser uma raridade, Carrington fazer uma declaração que tivesse algum mérito.

Por outro lado, se Elena continuasse apaixonada por True, Cassius não perderia isso.

Então foi isso.

Carrington não fez uma declaração que tivesse mérito.

—Mas Cassius não tem controle sobre Gall. Eles não se dão bem. De forma alguma— observou Wilmer.

—Gallienus é fraco. Os soldados de seu exército seguem Cassius. E sempre houve agitação em seu reino. Mas ele, como todos os seus antecessores, opta por ignorar que todos os homens de sua terra não desejam ver suas esposas, filhas ou irmãs como escravas. Prevejo que ele não passará de uma figura de proa em um ano. Na verdade, Cassius se cansa dele de forma tão óbvia que pode forçar o homem a torná-lo regente.

—Não imagino que os Airenzianos seguirão cegamente um homem casado com uma Nadirii— disse Wilmer, algo sensato para variar. —Na verdade, essa nação verá muitos conflitos devido a essa união.

Aquela nação já tinha muitas disputas e não eram apenas as

mulheres que estavam longe de ser amadas; elas viviam em um reino onde o rei e muitos dos homens tinham três finalidades para elas: dormir com elas, forçá-las a servir e oprimi-las.

Também havia homens naquele reino que achavam essa prática repulsiva, homens que, mesmo séculos atrás, antes da Noite dos Mestres Caídos, achavam que seus irmãos recebiam a justa sobremesa.

E Mercy suspeitava há muito tempo que Cassius Laird era um desses homens.

Mas os detentores do poder fariam qualquer coisa para manter o poder.

Ela sabia disso muito bem.

—E você não acha que uma aliança entre a mente estratégica e o poder de Cassius Laird e as magias controladas pelos Nadirii, juntamente com suas proezas no campo de batalha, não vai acabar com esse conflito? perguntou Carrington. —Você viu a demonstração deles esta noite. Foi de tirar o fôlego. E reveladora, como Ophelia queria que fosse. Seria uma aliança extraordinária. Se puder ser alcançada, não poderá ser vencida. Nem mesmo pelos Firenz.

Ah.

Lá estava ela.

Mercy alisou a saia.

—Sem mencionar que Cassius claramente tem um vínculo com o rei pirata— Carrington continuou. —Isso significaria que Airen e Nadirii, Mar-el e, mais importante, Wodell se aliaram contra Firenze.

—Isso faz sentido— murmurou seu marido.

Mercy soltou um suspiro.

Cassius tinha de fato um vínculo com o rei de Mars.

Mas ele pensava em Mars como irmão.

Ela não incluiu esse fato na conversa. Ela raramente falava quando Carrington estava ouvindo o marido.

Para ela, era muito melhor falar em particular.

—Nosso foco é Gall— declarou Carrington. —Cassius. Ophelia. Elena. Até mesmo Serena, se conseguirmos encantá-la minimamente. Ela prefere os homens de Dellish para suas aventuras. Talvez haja uma maneira de conseguirmos alguma vantagem sobre ela lá. Talvez um dos homens de True?

Mercy lutou contra um revirar de olhos para o teto.

Nenhum dos homens de seu filho tocaria em Serena nem por cinquenta sacos de ouro.

E todo mundo sabia que Serena era uma mulher de usar e largar.

Ou seja, ela usava um pênis uma vez e depois ia embora.

—Acho que um dos homens de True não seria sensato— murmurou Wilmer.

Os lábios de Mercy se curvaram ligeiramente.

—Vou pensar sobre isso— respondeu Carrington. —Mas vamos perseverar em nossa estratégia. Wodell tem uma aliança com os Nadirii há décadas. Se Airen tiver uma aliança com os Nadirii, assim como com Mars, Firenze será deixada na mão. Conseguiremos essa área de terra, Wilmer, e, como planejado, assim que conseguirmos, avançaremos para o sul.

Mercy fingiu um bocejo.

—Minha esposa se cansa, Carrington— declarou Wilmer. —Vamos tratar disso pela manhã.

—É claro— murmurou Carrington, parecendo ofendido.

Mercy ergueu os olhos para ele.

Quando ele se voltou para ela, sua expressão mudou.

Ela achava que esconder seus pensamentos e sentimentos era, na maioria das vezes, sábio.

Com Carrington, ela não fez isso.

Ele tinha o ouvido de seu marido.

Ela tinha a cama dele e lhe dera um herdeiro.

Bastava ela bocejar e o marido despachava seu ajudante.

Até mesmo um tolo como Carrington sabia quem chegava ao topo daquela estrutura de poder.

E ela gostava de aproveitar seus momentos para lembrá-lo disso.

Ele fez uma reverência inteligente e disse: —Minha rainha.

—Boa noite, Carrington.

—Meu rei— disse ele a Wilmer.

—Carrington.

Ele se despediu.

Mercy ficou olhando para a porta por muitos momentos, amaldiçoando os tapetes grossos nos corredores do palácio, onde não se podia ouvir os passos.

Ela havia mandado retirar os tapetes dos corredores em seu próprio castelo anos atrás.

Era de se admirar que Elpis não tivesse feito isso apenas uma hora

depois de seu marido ter derramado seu sangue por todo o chão de seu próprio escritório.

Ela desviou o olhar da porta quando Wilmer se aproximou.

—Gostaria de se preparar para dormir, minha amada?

—Deixe True com seus próprios compromissos— disse ela calmamente.

A cabeça dele se inclinou para o lado. —Desculpe-me?

—Leve adiante sua estratégia, meu amor, e permita que True faça o que quiser— explicou ela.

As costas de seu marido se endireitaram.

É claro que ele ficaria ofendido com o fato de sua esposa fazer uma sugestão nas negociações de uma nação (e ele fazia isso com frequência, embora ela conseguisse lidar com isso com a mesma frequência).

Infelizmente, as coisas não eram, entre os outros reinos, muito diferentes do que eram em Airen.

Da mesma forma que ele aceitava conselhos ridículos de um homem ganancioso que não tinha experiência de batalha, nem experiência diplomática, e que só os procurava quando Wilmer era mais jovem e cantava sua canção de charlatão depois de terminar um curso no Go'Da.

Certamente, era um curso avançado.

Mas saber a data exata em que os lunwynianos chegaram às suas costas e misturaram seu idioma que logo varreria o continente, com exceção de Firenze, além de deixar alguns de seus deuses e deusas com os Dellish. E saber quando os Mar-el expulsaram os dissidentes que navegavam pelos mares e deram início à nação de Mars nas terras

do sul. E o fato de saber exatamente quando os aquedutos foram concluídos na Baía do Céu não faz um Conselheiro do Rei.

—True representa a coroa em todas as coisas— declarou seu marido.

—É claro que ele representa— ela murmurou. —No entanto, quando os resultados estão longe de ser garantidos, você não acha que dois negociadores tentando duas linhas de negociação, ambas para o benefício de nosso reino, são melhores do que todos se concentrando em apenas uma?

Wilmer piscou os olhos e pareceu adoravelmente confuso.

Mercy esperou.

Ele esclareceu e disse: —Isso merece ser considerado.

Ela esperou novamente, com esperança.

Ele acabou com suas esperanças.

—Discutirei o assunto com Carrington amanhã.

Ela novamente soltou um suspiro.

—Você vem para a cama?— perguntou ele.

—É claro, meu amor— ela sussurrou, levantou-se e Wilmer gritou: —Helga! Cuide de sua rainha!

A porta do quarto da criada se abriu instantaneamente.

Mercy foi em direção à sala de banho e ao seu quarto de vestir.

Helga a seguiu.

Talvez ela conseguisse falar com ele novamente antes que ele tomasse o café da manhã com Carrington, como fazia todos os dias.

Ou talvez fosse hora de fazer outra coisa.

Os tremores poderiam ter parado, mas a terra ainda estava se movendo.

E, como parecia acontecer com uma frequência alarmante, Wodell estava sendo relegado aos escombros.

Aramus casou-se com a maior beleza de sua terra.

Cassius conseguiu uma princesa.

Mars conseguiu uma condessa.

E seu filho True estaria ligado ao sangue de um traidor.

O sangue de um traidor que, por mais que Mars lhe demonstrasse profunda afeição sempre que a via (isso tinha de ser um ardil para manter True e Wilmer felizes, ela não permitiria a presença de uma pessoa assim, como Elpis não escondia que tinha dificuldade em fazer), era, em primeiro lugar, um bárbaro que mal se vestia quando estava em público. E, em segundo lugar, estava tão longe de ser boa o suficiente para seu filho, o futuro rei de seu reino, que nem valia a pena pensar nisso.

Portanto, como sempre, Mercy tinha de proteger seu marido.

Ela também tinha que encontrar uma maneira de fortalecer a posição de seu filho.

E, por último, tinha de cuidar de seu reino.

Então, sim, talvez fosse a hora de fazer outra coisa.

Algo ousado.

Algo horrível.

Mas algo necessário.



A Barganha

Princesa Elena

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo

FIRENZE

—Pelo menos ele é bonito, eu acho.

—Muito bonito.

—E alto.

—*Muito* alto.

—Infelizmente, agora não tenho mais o que dizer sobre ele.

—Nem eu. Ele é gigantesco para que ela não tenha de abaixar a cabeça para beijá-lo. Isso é importante. Isso é importante. Acho que é uma posição muito mais natural inclinar a cabeça para trás quando estou sendo beijada.

—Eu prefiro incliná-la para baixo.

—É claro que sim, porque Rosehana é mais baixa do que você.

Eu me estudei no espelho enquanto Jasmine e Hera tagarelavam de suas posições na cama em meus quartos no palácio. Isso estava

além do biombo atrás do qual eu estava me vestindo, ambas deitadas com Dora enquanto eu me preparava para o jantar de noivado.

Parei de me estudar e, em vez disso, fiquei olhando para mim mesma.

Algo não estava certo.

E não era o maldito espartilho que eu estava usando que era tão apertado que eu mal conseguia respirar.

Também não era o fato de que eu teria que enfrentar o Príncipe Cassius Laird novamente e eu queria fazer isso tanto quanto queria que minha pele fosse arrancada do meu corpo.

Era o fato de eu nunca ter me vestido dessa maneira antes.

Melisse havia encomendado a roupa e todos os seus apetrechos. Quando ela explicou o que era, eu hesitei.

Ela me disse para confiar nela.

Como eu confiava em Melisse em todas as coisas, aguentei os ajustes que continuaram durante toda a nossa viagem de ida e volta a Firenze (já que tínhamos duas costureiras no esquadrão que poderiam ajustá-lo perfeitamente a mim, o que elas fizeram).

Eu não estava confiando em Melisse agora.

No momento, eu usava uma bainha de cetim preto rígido. Não tinha alças, o material passava direto sobre meus seios (expondo alguns deles na parte superior) e pronto. O tecido me abraçava até a parte inferior dos quadris, onde se alargava (felizmente, para que eu pudesse andar). Havia uma pequena cauda na parte de trás. E a partir da bainha da cauda e por toda a parte de trás havia pequenos botões cobertos de tecido.

Melisse havia comprado um colar que envolvia a coluna do meu

pescoço em cinco camadas de pequenas pérolas. Havia outro colar desse tipo em volta do meu pulso. E pérolas em minhas orelhas.

E, por alguma razão, eu deveria acrescentar longas luvas pretas que chegavam quase até a parte de baixo de meus braços (o bracelete deveria ser usado sobre as luvas - tão estranho).

Isso eu tinha acabado de fazer.

Mas não era apenas muito desconfortável.

Não estava certo.

Dobrei a cintura em direção ao espelho e senti as amarras do espartilho cravarem-se em minha carne.

Ignorei-as e fiquei olhando para meu rosto pintado.

Jasmine havia feito isso para mim porque ela era boa nisso.

Um toque de rouge de morango em minhas bochechas.

Um toque não tão forte de rosa vermelho em meus lábios.

As bordas dos meus cílios estavam cobertas com uma linha fina de tinta preta líquida que formava asas para os lados e minhas pálpebras estavam sombreadas com um pouco de pó perolado.

E ela passou uma substância preta nos meus cílios com uma ferramenta que parecia uma broca minúscula.

Eu parecia ser eu.

Mas não parecia.

Meu cabelo estava solto, caindo sobre meu peito e pelas costas e...

Voltei-me para a bandeja de produtos femininos que Jasmine havia trazido.

—Acho que vou começar com o moreno quando passar pela guarda dele— disse Jasmine enquanto eu olhava para o espelho e prendia o cabelo na nuca antes de pegar a bandeja.

Mas é claro.

Jasmine não discriminava.

E assim ela estava planejando suas conquistas sexuais Airenzianas.

—São todos morenos, exceto o careca— respondeu Hera enquanto eu enfiava um grampo no cabelo e pegava outro.

—Exatamente— retornou Jasmine enquanto eu colocava outro grampo. —Vou terminar com o careca.

—Você não pode gostar de todos eles, Jazzy— Dora entrou na conversa.

—Eu não gosto de *todos* eles, pequena preciosa— retrucou Jasmine. —E isso é importante, Dora, então me escute. Eu não *preciso* gostar deles.

—Muito bem!— Dei um fim a isso, enfiando outro alfinete e ouvindo uma risadinha de Dora.

—Talvez você queira saber que está quinze minutos atrasada!— Jasmine me chamou de volta.

—Putá que pariu— sussurrei, enfiei outro alfinete e depois olhei para mim mesmo.

Algumas gavinhas estavam penduradas ao lado do meu rosto e ao longo do meu pescoço e, virando a cabeça de um lado para o outro, a parte de trás parecia ser apenas uma massa de cachos bagunçados presos ao meu crânio.

Mas eu não tinha tempo para fazer mais nada e, para começar, não sabia o que estava fazendo.

Mas pelo menos agora era possível ver o colar e as pérolas em minhas orelhas.

Teria de servir.

—Saia, Ellie!— gritou Dora. —Queremos ver você!

Eu tinha abotoado e amarrado minhas próprias roupas e, depois de superar essa façanha, podia dizer que era bom que os Nadirii praticassem alongamento intenso para aumentar a amplitude de movimento.

Olhei em meus próprios olhos e sussurrei: —Nada para isso.

E não havia.

Não havia nada para isso.

Por alguma reviravolta de um destino descontente, eu estava presa a um noivo taciturno que, quando se dignava a olhar para mim, me estudava como se eu fosse um espécime sobre o qual ele tinha uma leve curiosidade.

Um homem que também estava cercado de imbecis (seu pai) e brutamontes (seus homens).

E desse jantar em diante, esse seria o meu destino.

O meu e o de Dora.

E, por algum motivo totalmente inexplicável, eu me sentia tão profundamente atraída por ele que sua desatenção quando estávamos na presença um do outro me cortava como uma lâmina.

Eu não havia dormido nada na noite anterior. Eu me revirava e revirava, minha mente cheia de seu rosto (e seus ombros, e a forma como ele preenchia seus couros, e seu cabelo preto cortado curto, e sua barba, e suas tatuagens, sem mencionar seus olhos azuis-celestes).

Bah!

Eu não tinha passado muito tempo com homens (exceto True). Eles me enervavam (exceto True e, é claro, os que eu estava combatendo).

Portanto, eu nunca havia me sentido assim em minha vida.

Até mesmo por True.

Saí de trás da tela e parei para olhar o trio que estava deitado na cama, lado a lado.

Todos eles estavam olhando para mim.

Estendi os braços para os lados. —E aí?

—Deusa sagrada— Jasmine respirou.

—Se eu já não estivesse apaixonada, eu estaria apaixonada— disse Hera. —Por você.

—Você parece uma princesa!— gritou Dora.

Estudei minha garota por um momento antes que meu olhar deslizesse para Hera.

Ela estava franzindo os lábios.

Voltei-me para Theodora. —Eu já sou uma princesa, Dora. E, querida, isso é importante. Um vestido não faz uma princesa.

—Sim— ela concordou. —Mas agora você parece alguém que vai cavalgar até o príncipe de um conto de fadas em um unicórnio.

Abri a boca para acabar com essa distorção, mas Theodora ainda não havia terminado.

—Você já cavalga mais rápido do que qualquer um, Ellie. Mais

rápida que um *raio*. E pode colocar cinco flechas em uma corda três vezes e soltá-las. *Cinco*. Até a Serena só consegue fazer três. E a Rainha Ophelia me disse que as princesas são feitas, não nascem. Portanto, você pode iluminar a noite com estrelas e borboletas, montar Diana em pé e usar um vestido feito para uma rainha. Serena não pode fazer nada *disso*. E você não podia fazer nada *disso* quando nasceu. Então, você se *tornou* uma princesa. E a beleza com que você está agora prova isso, porque você está linda assim e ainda pode fazer tudo isso. Nenhuma princesa normal de conto de fadas pode fazer nada disso, exceto o vestido. Então você é real!

Oh, céus.

De repente, senti vontade de chorar.

E então percebi que não precisava que um homem que eu não conhecia ficasse impressionado com o fato de eu poder entalhar um arco com cinco flechas enquanto montava em meu cavalo a galope e soltava a voz.

Tudo o que eu precisava era que Dora se sentisse assim.

Concordando claramente comigo, Hera colocou o braço em volta de Dora e a puxou para um abraço de lado.

Fiz um esforço para controlar minhas emoções antes de dizer suavemente: —Venha cá, minha querida. Quero um abraço antes de ir para o jantar.

Ela demonstrou estar irritada por ter que sair da cama e fez outra demonstração de como foi difícil caminhar os dois metros até mim.

Mas quando ela envolveu seus braços em volta dos meus quadris, ela o fez com força.

Eu me curvei e disse em seu cabelo: —Te amo, Luz da Lua.

Ela inclinou a cabeça para trás. —Ele é a Luz da Lua.

Eu pisquei para ela.

Ela continuou falando.

—Você tem que me chamar de outra coisa— ela ordenou. —Eu o vi no pódio, observando você. E ele é escuro. Como a noite. Então ele é a Luz da Lua. Você é a Luz do Sol. E isso significa que ele é realmente seu príncipe de conto de fadas, porque não se pode ter o sol sem a lua e todos sabem que, com todo herói e heroína de um conto de fadas, trata-se de destino. E não há destino maior do que o sol levar à lua e a lua levar de volta.

Enrolei uma mecha de seu cabelo em meu dedo enluvado e perguntei: —Quando você ficou tão esperta?

—Quando eu tinha três anos— respondeu ela, de forma atrevida.

Eu sorri para ela. —Bem, espertinha, seja esperta e boa para Hera e Jazz. Coma todo o seu jantar e vá dormir na hora certa. Você me ouviu?

Ela revirou os olhos.

—Isso não é uma resposta, Dora— eu disse a ela com firmeza, mas fiz isso agora lutando contra meu sorriso.

—Eu sou sempre boa.

Ela não era.

Mas eu estava atrasada, então não podia discutir.

Eu me inclinei novamente e lhe dei um beijo na testa, que ela tentou se esquivar sem sucesso. Isso deixou uma mancha rosada que tive de esfregar com meu polegar enluvado, algo que ela também tentou evitar.

—Ok, agora você está vinte minutos atrasada— anunciou Hera.

Olhei para ela.

Ela parecia compreensiva.

Ela (e Jasmine) sabia o quanto eu não queria ir a esse jantar.

E por quê.

Mesmo assim, ela disse: —É melhor você ir lá embaixo, Ellie.

Assenti com a cabeça, baguncei o cabelo de Dora (algo que ela também tentou evitar), dei um sorriso para minhas amigas que eu esperava que parecesse confiante e corajoso, dei minhas boas-noites e saí.

Eu queria arrastar meus pés, mas não podia. Eu estava atrasada (aparentemente, preparar-me para o jantar como uma mulher não Nadirii levava muito tempo - como todos os Firenz, Airenzianos e Dellish faziam isso?)

Eu também estava ficando mais tarde a cada segundo. E pior, já parecia que eu estava porque estava evitando isso. Se eu fosse mais tarde, pareceria que meu desejo era evitá-lo completamente.

Eu era Nadirii.

Eu entrava regularmente em conflito com ladrões, salteadores, feiticeiros e mestres de Airen em busca de suas esposas fugitivas (ou amantes, servos, etc.) e coisas do gênero, todos tentando invadir os Encantamentos para fins nefastos.

Isso pode se tornar perigoso.

E Jazz, Hera e eu sempre superamos isso.

Portanto, eu poderia enfrentar um jantar com um homem que não me queria, mas tinha que se casar comigo, fazendo isso sendo examinada por reis, rainhas, príncipes e sacerdotes.

Ao descer as escadas, endireitei os ombros e estava pronta quando virei à esquerda e segui pelo corredor até o local onde nos encontraríamos para tomar um drinque antes do jantar.

Entrei na sala onde havia um baixo ruído de conversas e uma superabundância de corpos e, imediatamente, senti saudades da floresta.

Havia um bom número de Nadirii.

Mas tínhamos muito espaço.

Independentemente disso, se você estivesse em sua árvore, cercada de verde, poderia se imaginar a única mulher do mundo.

Não procurei por ele quando entrei.

Em vez disso, procurei minha pedra de toque e a encontrei.

Minha mãe, de pé, coberta com uma túnica dourada que ia até os tornozelos, mas era cortada de cada lado até os joelhos. Ela tinha contas de coral radiante que iam de manga curta a manga curta e atravessavam a gola dividida. Ela estava conversando com a Rainha Elpis e a mãe de Silence, Vanka Mattson.

Seu cabelo também estava preso.

Foi bom saber que tomei a decisão certa com isso.

Avancei mais para dentro da sala e parei quando um garoto perguntou: —*Bere, principessa?*⁹¹—

—*Scintille, per favore*⁹²— pedi um espumante para beber.

O garoto se afastou.

Senti a atenção, virei a cabeça cautelosamente e vi minha irmã olhando para mim do outro lado da sala.

Ela estava com o lábio enrolado.

No instante em que viu meus olhos, os dela caíram para minha bainha, depois voltaram para cima, e o cacho se aprofundou.

—Elena?

Olhei para o meu lado, para a chamada.

E para cima.

Diretamente para os lindos olhos verdes de True.

E imediatamente pensei que gostaria de tê-lo pelo menos beijado antes de nosso sonho se transformar em cinzas.

True era um cavalheiro até os ossos. Ele não aceitaria um beijo de uma mulher que não o oferecesse antes de cortar seu próprio braço.

Portanto, eu deveria ter encontrado coragem para oferecer.

Ou roubado um eu mesma.

Tudo bem.

Talvez eu *não conseguisse* sobreviver a esse jantar.

— True— eu sussurrei.

—Pelos deuses— seus olhos estavam descendo pelo meu corpo e ele fez isso sem enrolar os lábios. Eles voltaram para o meu rosto. — Você está linda, Ellie.

—Obrigada— murmurei, imaginando se aquele rapaz demoraria muito com minha bebida.

Isso era difícil e incômodo e, definitivamente, impossível sem um copo de espumante.

Senti True ficar alerta e, quando ele ficou, voltei a me concentrar

nele para ver que ele estava olhando por cima do meu ombro.

No mesmo instante, meu cotovelo foi agarrado.

Sim.

Ele foi agarrado.

Mas o que...?

Comecei a virar a cabeça para ver quem estava me segurando.

— True— ouvi um rosnado.

Fiquei paralisado com o som.

—Cassius— respondeu True, com o rosto endurecido.

Então me vi sendo levado de volta para fora da sala com aquela mão apertada em meu cotovelo.

Uma vez no corredor, olhei para o rosto de pedra do meu pretendente.

Eu estava do lado sem tatuagem.

Ainda assim, era fascinante.

No entanto, eu não podia pensar nisso, considerando que estava sendo rebocado por um corredor sem ser por minha vontade.

Como isso estava acontecendo?

Abri a boca para falar ao mesmo tempo em que ia puxar meu braço de seu aperto.

No entanto, foi também o momento em que ele nos virou, abriu uma porta, me puxou para dentro, fechou a porta (ou, mais precisamente, bateu-a) e não continuou a me puxar para dentro da sala.

Ele me empurrou para o lado, contra a parede ao lado da porta, deu um passo à frente para que eu não tivesse outra escolha a não ser recuar - isso não aconteceu em lugar algum quando minhas costas bateram na parede - e me prendeu com o corpo e as mãos na parede de cada lado meu.

—Isso... você... isso simplesmente...?— gaguejei com raiva em sua garganta.

Mas parei de falar quando levantei meus olhos para seu rosto furioso.

—E agora que tenho você só para mim, vamos conversar— ele murmurou.

Eu estava respirando pesadamente e imaginando como seria apropriado - durante eventos cerimoniais em palácios reais que marcavam acontecimentos históricos destinados a salvar nosso continente e aliar todas as nações - atacar meu futuro marido.

O espartilho e a saia longa seriam um empecilho.

Mas a força de minha determinação em marcar uma posição seria uma vantagem.

Eu estava decidindo minha estratégia quando seus olhos se voltaram para o meu peito.

E, de repente, todo o seu jeito de ser mudou.

Completamente.

Seus olhos azuis-celestes fitaram meu decote e a raiva desapareceu de sua expressão quando outra coisa a dominou. Esse algo mais era tão forte que invadiu a sala. Parecia que se infiltrava em minha pele. E achei ainda mais difícil respirar de uma maneira que não tinha nada a ver com meu espartilho.

E seu rosto estava tão próximo que eu podia estudar suas tatuagens. Os arcos grossos, os círculos, os cortes e os diamantes.

Eu conhecia a tinta Airenziana. Como ela contava uma história. Como eles usavam símbolos de runas antigas para compartilhar histórias de vantagens e perdas, estudos e conquistas, aventuras, derrotas e vitórias.

Parecia que em sua vida ele tinha muita história para contar.

E mesmo sem saber o que os símbolos significavam, achei tudo isso fascinante.

Tão fascinante que, inconscientemente, minha mão foi subindo em direção ao seu rosto, e ele estava tão concentrado no estudo dos meus seios que eu quase toquei sua têmpora antes que ele percebesse meu movimento e afastasse a cabeça como se meu toque fosse queimar.

Meu estômago caiu.

Assim como minha mão.

Naquele momento, a porta se abriu e nós dois olhamos para lá.

Serena entrou vestindo sua longa túnica roxa (embora, ao contrário da de mamãe, as fendas laterais fossem até os quadris) que tinha contas de coral no decote.

Ela fechou a porta atrás de si.

—Louvável, Cassius— ela ronronou. —A manobra do alfinete na parede. Muitas vezes é bastante eficaz e, aparentemente, isso se provou verdadeiro para você. Você obviamente não deixa a grama crescer.

—Essa é uma discussão particular— devolveu Cassius em voz baixa.

Tinha sido particular.

Mas houve pouca discussão.

—Ah, é claro— respondeu Serena, não saindo, mas entrando mais na sala.

Foi então que Cassius fez algo curioso.

Ele tirou as mãos da parede e se virou para minha irmã, mas fez isso perto de mim, de costas para mim, como se estivesse...

me protegendo.

Uma Nadirii.

Que estranho.

—Embora eu seja uma irmã mais velha. É difícil perder o hábito— ela continuou. —E como você a tirou do salão, espero que me perdoe se senti a necessidade de verificar se ela está bem.

Primeiro, havia pouquíssimas situações em que eu não conseguia ficar bem (embora, na verdade, essa parecesse ser uma delas), e Serena sabia disso.

Segundo, minha irmã nunca se importou se eu estava bem.

—Como você pode ver, ela está bem— retornou Cassius.

Ela se inclinou ligeiramente para o lado para me ver.

—Muito bem— murmurou ela. —Que rubor crescente, irmã.

—Serena...— Eu me movi para rodear o príncipe.

Mas parei quando o braço dele surgiu na minha frente, envolvendo minha barriga, sua mão se enrolando em meu quadril para me segurar.

Também protetor.

E algo que novamente deixou minha respiração inquieta.

O olhar de Serena se fixou no braço dele e vi a dureza se formar na parte de trás de seus olhos antes de se voltarem para Cassius.

—Como isso vai acontecer, exatamente?— perguntou ela. Ela inclinou a cabeça para o lado e terminou com um gesto de gentileza. —O viúvo e a virgem?

Prendi a respiração.

Os dedos de Cassius se cravaram ainda mais em meu quadril.

Bem, então, aquela discussão incômoda não precisava mais acontecer.

Meu futuro marido agora sabia que eu era inexperiente.

Brilhante.

—A mistura de famílias— ela continuou. —A filha dele.— Ela olhou para mim. —Sua filha.— Sua atenção voltou para o príncipe. —Embora não seja sua filha de sangue, obviamente.

—Se você não se importa, Elena e eu temos coisas a dizer um ao outro— Cassius gritou.

—Você conhece Theodora?— ela perguntou com uma inclinação falsa e curiosa da cabeça.

—Sei que gostaria que qualquer conhecimento adicional sobre minha futura esposa viesse de *minha futura esposa*— respondeu Cassius de forma concisa.

—Serena, de fato, seria muito...— comecei.

Minha irmã falou por cima de mim.

— Menina doce. Muito triste. A mãe dela caiu na batalha contra Airen.

Fechei os olhos.

O braço de Cassius caiu.

Abri os olhos apenas para ver que ele havia parado de me tocar para se posicionar mais completamente à minha frente.

—Você pode ir embora ou nós vamos— disse ele à minha irmã.

—Qual delas foi?— ela perguntou estranhamente. —É claro que eu sei, como todos sabem, o quanto seu irmão era cobiçoso de, bem... — ela jogou a mão na direção dele, —quase tudo que é você.

—Realmente...— tentei novamente, movendo-me para sair de trás do príncipe, mas ele se deslocou para me manter bloqueada.

—Sua habilidade no campo— ela continuou falando. — A doçura e a beleza de sua falecida esposa.

Oh, Deusa.

Ela tinha que parar.

Mas antes que eu pudesse fazer algo a respeito, ela continuou incansavelmente.

—E a proximidade que você compartilha com sua guarda.

Cassius começou a se virar para mim, murmurando: —Isso é o suficiente.

Eu concordei plenamente.

Mudei de posição para acompanhá-lo.

—Foi Nero, não foi?— ela perguntou, e a cabeça de Cassius girou

em sua direção de uma maneira que me fez congelar. —Trajan cobiçava tanto a sua guarda que ordenou ao pai que a designasse para ele. E ele conseguiu o que queria, de certa forma. Esse tipo de coisa é a maneira encantadora como seu pai faz as coisas. Ele lhe deu apenas um. Para ser escolhido por você.

Ela deu de ombros, deu um passo mais para dentro da sala e depois se voltou para nós.

—Não é fácil, eu diria. Embora se saiba que, como é de seu feitio, você lhes deu licença. Eles decidiram entre si. Foi um jogo de palitinhos, não foi?

—Está claro que você precisa defender seu ponto de vista e pretende defendê-lo— afirmou Cassius com resignação. —Portanto, parem a brincadeira e simplesmente façam isso.

Serena não hesitou.

—Foi Nero quem deu o golpe mortal em Tiana— anunciou ela.

Oh, pela deusa, não.

Não.

Minha garganta se fechou e eu dei um passo para trás.

Cassius me lançou um olhar sombrio antes de voltar a se concentrar em Serena, fazendo isso com os olhos estreitados.

—Ah, sim, você não sabe quem é Tiana— começou Serena, de forma prestativa. —Ou era. Ela era a melhor amiga de Elena. Elas eram tão grossas quanto ladrões, aprendendo juntas com Melisse. Tiana também era a mãe de Theodora.

Foi então que vi o quadro inteiro de Cassius congelar.

—Nós fazemos isso— compartilhou Serena. — Aquelas de nós que têm filhas e vão para a batalha. Fazemos arranjos, se cairmos. Ela

caiu. Para a lâmina de Nero. Felizmente para ela, Elena havia jurado criar a filha como se fosse sua. Embora infeliz agora, pois ela está aqui. Dora. Neste mesmo palácio. Agora mesmo. Com a única mãe que ela jamais conhecerá. E também aqui, o homem que matou seu sangue.

Um sorriso doentio curvou seus lábios quando ela concluiu.

—Então eu dei o golpe mortal em seu irmão, seu irmão que não é de seu sangue deu o golpe mortal na irmã que minha irmã desejava que fosse de sangue. Eu estou aqui. E Nero está aqui. Essa aliança, que já era interessante, acaba de se tornar ainda mais. Você não acha?

—Você já terminou?— Cassius disse.

Ela fingiu pensar no assunto e depois disse: —Acho que sim.

—Então, não se importaria de ir embora— sugeriu Cassius sombriamente.

—Acho que farei exatamente isso— respondeu ela com naturalidade. —Já está quase na hora do jantar e estou faminta.

E, depois de dar um sorriso satisfeito para Cassius, desviando-o para mim, ela se dirigiu à porta e passou por ela.

No instante em que a porta se fechou atrás dela, Cassius se virou para mim.

—Elena...

Olhei bem em seus olhos e declarei: —Teremos um filho.

Ele fechou a boca e seu queixo barbudo se chocou contra o pescoço.

—Eu lhe darei isso— eu lhe disse. —E você me dará uma filha.

Sua voz estava muito diferente, mais baixa, mais suave, quando

ele deu um passo em minha direção e disse: —Elena.

Dei um passo para o lado.

Ele parou.

Eu também parei.

—Se você tiver que fechar os olhos e imaginar outra pessoa, tudo bem. Eu vou suportar— anunciei.

Aqueles olhos que ele teria de fechar se estreitaram novamente, com suas sobrancelhas pesadas se juntando sobre eles antes de ele sussurrar de maneira sinistra: —*Suportar?*

Posso imaginar que muitos acharam aquela expressão (e seu sussurro sinistro) muito assustadora.

No entanto, eu havia sido treinado para não achar muita coisa assustadora.

E, independentemente disso, naquele momento, eu tinha que terminar o que tinha a dizer, de alguma forma conseguir passar o jantar sentado ao seu lado e, depois, encontrar uma maneira de passar o dia seguinte, e o próximo, e o próximo.

Até que ele teve seu filho.

Eu tive minha filha.

E estávamos acabados.

—Este será o nosso acordo, Príncipe Cassius de Airen— proclamei. —Serei sua princesa e, quando chegar a hora, cumprirei meus deveres como sua rainha. Eu lhe darei um herdeiro e você me dará uma filha. Amarei e cuidarei de ambos com todo o meu coração, como espero que você também o faça. Mas viveremos vidas separadas em sua cidadela negra, separadas em todas as coisas, exceto no que diz respeito à nossa família.

Sentindo que havia exposto meu caso, comecei a me mover para sair quando suas palavras vieram.

—Eu não concordo com esse acordo.

—Você não tem escolha— retruquei, virei-me para a porta, mas novamente encontrei meu cotovelo preso, meu corpo se movendo sem vontade própria, minhas costas contra a porta e o rosto de Cassius era tudo o que eu podia ver.

De todos os malditos...

Será que todos os homens agiam dessa maneira?

Não tive a chance de perguntar.

—Você me dará um filho— ele rosnou. —E eu lhe darei uma filha. Você será a mãe da minha filha sem mãe e eu serei o pai da sua pupila sem pai. Depois, você me dará mais filhos e eu lhe darei *mais* filhas, não importa como elas venham até nós. Você se sentará ao meu lado enquanto eu reinar. Você dormirá ao meu lado enquanto eu *durmo*. Você se moverá sob mim enquanto formamos nossa família. E quando você o fizer, eu não...— seu rosto se aproximou, —fecharei... meus... *olhos*.

Oh, meu Deus.

Ele ainda não havia terminado.

Ele se aproximou ainda mais e o sussurro que me deu foi de um tipo diferente de sinistro.

—E quando você fizer isso, Elena, você não vai suportar. Farei com que você aproveite *cada* segundo.

Oh, meu Deus.

E ainda assim, ele não havia terminado.

Mas, felizmente, ele se afastou para dizer o que viria a seguir.

Ou seja, ele se afastou... *minuciosamente*.

—Juntos, forçaremos a escuridão a sair daquele lugar sombrio que é noite, mesmo quando é dia, e faremos isso com os corredores ressoando com as risadas de nossos filhos. Não viveremos vidas separadas, Elena. Seremos príncipe e princesa e depois rei e rainha. E seremos marido e mulher de todas as formas possíveis. Esse é o nosso acordo. E quanto a isso, você não tem escolha.

—Eu...— Forcei esse único ruído em meio ao martelar do meu coração que batia em minha garganta.

Não consegui mais.

—Agora, vamos comer— concluiu ele.

Ele então me puxou da porta, pegou minha mão e enrolou meus dedos em seu cotovelo.

Ele abriu a porta, sua mão se moveu para prender a minha em seu braço, prendendo-a ali, e ele me puxou para o corredor.

Por uma questão de dignidade, se não houvesse outra escolha a não ser acompanhá-lo, levantei o queixo para salvar algum orgulho e sussurrei: —Falaremos mais sobre isso mais tarde.

—Não falaremos— ele retrucou.

—Você não toma decisões por nós dois— respondi.

—Eu não tomei. Foi o destino. E, pela primeira vez em muito tempo, exceto quando sua irmã se tornou minha irmã, e não porque ela feriu meu irmão, mas porque ela é muito desagradável, estou começando a achar que o destino não me odeia.

Essa declaração me fez calar a boca.

Porque...

O que isso significava?

Eu suspeitaria que ele disse a próxima frase em um momento cuidadoso.

Isso foi apenas momentos antes de voltarmos para a sala de onde ele havia me arrastado.

—E veja bem, Elena, se True se aproximar de você novamente quando eu não estiver ao seu lado, esteja você de uniforme ou usando o vestido mais bonito que eu já vi, isso não me deixará feliz.

Tudo bem.

Então.

Agora ele sabia que eu era virgem.

E eu sabia que o homem dele havia matado minha melhor amiga.

E talvez eu finalmente entendesse por que Melisse havia insistido para que eu usasse esse vestido.

Ele também sabia o quanto minha irmã podia ser desagradável (embora eu achasse que ele já sabia que ela era assim simplesmente por sua reputação, sem mencionar que ela deu o golpe que acabaria levando à morte de seu irmão).

Além disso, ele sabia que True e eu tínhamos sentimentos um pelo outro.

Para finalizar, se na noite anterior eu achava que nossas relações não estavam começando muito bem, agora eu tinha pensamentos muito mais sombrios sobre esse assunto.

Mas parece que eu estava errada, e ele não estava totalmente desinteressado em mim.

E, aparentemente, ele gostou do meu vestido.

No entanto, enquanto ele segurava minha mão com firmeza em seu cotovelo, perto de seu lado, o que significava que eu tinha que estar perto de seu lado, enquanto ele nos levava diretamente ao Rei Mars e Silence, eu me perguntava se isso era uma bênção.

Ou se o destino poderia *me* odiar.



O Jantar

O Padre

Sala de jantar formal, primeiro andar, corredor oeste, ala estadual,
Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

Os últimos a chegar à sala de jantar formal do Palácio Catrame foram o príncipe Cassius Laird de Airen e Elena, princesa dos Nadirii

No momento em que os pés de ambos pisaram na soleira da porta, ele sentiu.

E ao senti-lo, ele tomou conhecimento.

Também sentindo isso, a cabeça de Ophelia se contraiu e seus olhos procuraram os da filha.

A cabeça de Elena balançou e seu olhar procurou o da mãe

Os cachos de Ha-Lah balançaram e ela colocou a mão na barriga em um gesto de conforto.

Os olhos de Silence se estreitaram em um olhar divertido.

Por fim, os lábios de Farah se separaram e ela olhou para o chão.

O padre, por sua vez, sentiu seus lábios se afinarem

momentaneamente antes de alisá-los e procurar o assento que lhe fora designado.

Quando encontrou sua cadeira, viu que havia sido relegado a uma mesa com personagens não importantes.

Isso não o deixou irritado, como costumava fazer.

Eles aprenderiam.

Ao sentar-se, ele pensou que isso tinha sido um incômodo, essas alianças sendo feitas... e por quê.

Agora era mais um aborrecimento porque ele estava preocupado.

Aquela vibração no véu da magia, o fortalecimento, acontecia simplesmente com todos eles juntos, porém sem que todos estivessem *juntos*.

O que aconteceria quando eles estivessem juntos?

Não havia nada para isso.

Ele teve que interromper os rituais para poder avaliar o possível perigo de como os reinos estavam se alinhando para derrotar a Besta.

Agora, o padre teria que se manter por perto para impedir que essas alianças se concretizassem.

Um aborrecimento.

E uma frustração.

Embora ele entendesse que só precisava selecionar uma e então tudo estaria perdido (para eles).

Ele faria isso esta noite.

Ele inclinou o queixo para o rapaz que encheu sua taça de vinho,

cumprimentou seus companheiros de jantar quando eles se juntaram a ele e olhou para a longa mesa na frente da sala, onde os casais estavam sentados em uma fileira.

Elpis não era tola.

Havia um espaço de um assento entre cada casal.

Privacidade.

Tempo para se conhecerem em uma sala cheia de pessoas em uma mesa compartilhada por muitos.

Cassius e Elena à esquerda. Mars e Silence ao lado deles. Ha-Lah e Aramus em seguida. Terminando em True e Farah.

O padre fez suas avaliações e começou com o casal menos provável primeiro.

Ao se concentrar, ele sentiu a sensação crescer na parte inferior de seu estômago, e então a utilizou, concentrando-se em Mars e Silence, e usando sua magia, seus ouvidos captaram as palavras deles a uma distância que ele normalmente não ouviria.

—O que foi isso?— Mars perguntou baixinho.

—Eu não sei.— Silence parecia preocupada.

—Um tremor?— Mars questionou.

—Não.

—Uma corrente de ar?— ele continuou.

—Não. Sim. O que quero dizer é que foi um tremor, mas não um tremor— explicou Silence. —Um... um sopro. E não foi uma corrente de ar. Foi mais como um vento. Não uma brisa, mas um vento. Você não sentiu?

Ela estava falando sobre o fortalecimento do véu.

Embora ela não conseguisse identificar o que era.

Uma dádiva.

—Não senti nada, *mia piccolina*⁹³.

Minha pequena.

Sim, eles eram o casal menos provável. Eles já estavam muito atraídos um pelo outro.

E Mars desfilou sua nova noiva na frente de seu povo como se ela fosse um rubi precioso e inestimável extraído das profundezas de uma mina de Firenze e lapidado com perfeição brilhante.

O padre já estava sentindo que, se ela fosse ferida, Mars reviraria todas as pedras dos cinco reinos para encontrar o culpado e se vingar.

E se Mars fosse prejudicado, a jovem tinha muita magia. Talvez ela ainda não soubesse como usá-la, mas ele não gostava de pensar no que ela faria se a utilizasse por meio da emoção, mas sem o conhecimento de como controlá-la.

E, obviamente, o padre tinha que sobreviver. Não apenas para trazer a Besta à tona, mas para dominá-la. Ele não poderia ser caçado por um bárbaro ou levado por magia para outro reino (ou algo semelhante).

Não, isso não seria possível.

—Nandra, como você sabe, está aqui esta noite— compartilhou Mars. —Depois do jantar, pedirei que a tragam até mim e perguntarei sobre isso.

—Não tenho certeza se foi uma coisa ruim, meu rei.

—Vamos nos certificar disso, minha noiva.

Sim, o casal menos provável.

—Não pense mais nisso. Encontrarei respostas— declarou Mars e mudou de assunto. —Agora me diga, você se preocupa com a cerimônia de amanhã?

O observador ficou tenso.

Que cerimônia?

—Não sei, será que dói?— Silence perguntou.

—É um piercing na carne, Silence— disse Mars gentilmente.

Pois bem.

Como era de se esperar, eles a estavam preparando para o casamento em Firenz, que aconteceria três noites depois daquele.

Ela suportaria a odiosa cerimônia do piercing.

Mas é claro.

—Então vai doer— murmurou Silence.

—O gelo é usado para anestesiar a carne. Na maior parte do tempo, é indolor— assegurou Mars. —Embora possa haver algum desconforto depois.

—Bem, todo mundo tem um piercing aqui, então não deve ser tão ruim assim— afirmou Silence, de forma divertida.

O sorriso lento de Mars não escondeu sua aprovação.

O padre se cansou da conversa, estudou os casais e voltou sua atenção para o que ele percebeu ser o próximo par menos provável, especialmente considerando o comportamento atual do rei pirata.

Ele estava recostado em sua cadeira, com seu grande corpo

voltado para a esposa e seu longo braço ao longo do encosto da cadeira dela.

—É claro que você pensaria isso— disse a Rainha Ha-Lah, mas ela parecia divertida. —Você é um homem.

—Eu sou isso.— O rei Aramus também parecia divertido.

—Embora eu não concorde— disse ela.

—Que eu seja um homem?— provocou ele, erguendo as sobrancelhas.

Sua rainha lhe deu um pequeno sorriso e um revirar de olhos exagerado, respondendo à provocação sem palavras.

—Eles voltaram para a sala com ela no braço dele, ao seu lado— observou Aramus, voltando ao discurso.

Eles estavam discutindo o príncipe Cassius e a princesa Elena e as travessuras anteriores.

Realmente.

Esses homens de Airen.

Será que eles nunca aprendem?

Isso não seria bom para Cassius.

Mas talvez fosse bom para o padre.

—Eles fizeram isso, embora ele parecesse furioso e ela parecesse querer acertar a cabeça dele com o bastão de Nadirii— retrucou Ha-Lah.

Aramus deu uma risadinha antes de repetir: —Sim, esposa, mas ele a trouxe para a sala em seu braço *e ao seu lado*.

—Vejo que isso lhe diz algo sobre Cassius— observou ela, observando atentamente o marido.

A expressão de Aramus ficou séria. —Eu me preocupava mais com ele do que com essas lealdades. Ele amava muito sua esposa.

—E?— Ha-Lah perguntou quando ele não continuou.

—Cassius é um homem de honra. Seu pai e o irmão que ele perdeu eram, e no caso de seu pai, ainda são, aficionados pela guerra, quer ela derrame sangue, quer as feridas infligidas não sejam vistas. Poder. Controle. Demonstrações de força. Conflitos para determinar a supremacia. É, para eles, um vício. Cass é um homem de paz. Ele é bom em fazer guerra, mesmo que não tenha coração para isso. Mas ele ainda tem sangue de Laird.

—E isso significa?— perguntou Ha-Lah.

—Isso significa que ele pode ter encontrado o tipo de confronto que ele não só pode suportar, mas que ele vai gostar.

—Ah— ela murmurou, sorrindo para o prato de comida colocado à sua frente.

Aramus pegou um cacho do cabelo dela e o enrolou em seu dedo.

Sua rainha pareceu desconfortável por um momento com esse gesto antes de esconder isso, e escondeu sua afeição pelo toque dele, por mínimo que fosse, estendendo a mão para a taça de vinho.

—Há mais, minha esposa— ele murmurou distraidamente.

Ele estava falando, mas estava muito envolvido com o movimento dos cabelos dela.

Depois de tomar um gole, sua voz estava rouca quando ela perguntou: —Há?

—Meu amigo, ele é um homem perdido.

Ha-Lah colocou o copo de lado e virou a cabeça para ele, o que a tirou dos dedos do marido.

E os dois pareciam ter perdido algo com isso.

Aramus se recuperou primeiro. —Esta noite, quando ele entrou com sua futura noiva, seus olhos estavam cheios de fogo. Eu nunca vi isso em meu amigo, nem uma vez, nem em seis anos.— Ele se inclinou para a esposa. —Isso alegra meu coração, Ha-Lah. Pois isso significa que ele pode ser encontrado.

—Então isso alegra o meu, Aramus— sussurrou ela.

Os olhos dele foram para a boca dela e ele sorriu.

Com um certo nervosismo, ela se virou para frente.

Mesmo que suas palavras fossem amigáveis, eles ainda não estavam totalmente de acordo.

Mas estariam.

Ela tinha as feras do mar sob seu comando.

Ele tinha uma arma secreta.

Não, não seria sensato mirar em nenhum deles.

O observador desviou sua atenção para a extremidade esquerda da mesa.

—Minha filha não está aqui— Cassius estava dizendo. —Ela nos encontrará em Wodell. Eu não queria que ela ficasse longe de seus estudos por tanto tempo.

Elena não respondeu.

Em vez disso, ela olhou com raiva para o prato à sua frente.

—Mas eu vou conhecer sua filha— declarou Cassius.

—Daqui a alguns dias— murmurou Elena, pegando o garfo e a faca.

—Amanhã— ele retrucou.

A cabeça dela se virou para ele e suas bochechas estavam coradas, não com o rouge, mas com raiva. —Amanhã é muito cedo.

—Não é muito cedo. O que é cedo é o fato de que seremos uma família— respondeu ele.

—Sim, e seu homem matou a mãe dela. Talvez você me dê, oh... não sei, uma hora para eu mesma aceitar isso— ela replicou.

Um dos homens dele matou a mãe da pupila dela?

Interessante.

Cassius inclinou a cabeça para Elena, e ela se preparou, claramente desejando se afastar ao mesmo tempo em que lutava para manter sua posição, pois não queria mostrar a fraqueza de uma retirada.

—Foi uma guerra, Elena, e eu não sei as circunstâncias. O que eu sei é que é provável que tenha sido ele ou ela. E é incrivelmente lamentável que tenha sido ela. Assim como seria indescritivelmente lamentável se fosse ele.

Uma resposta sábia.

O padre sabia disso quando Elena voltou sua atenção para o prato, colocou os utensílios no chão e pegou sua fina flauta de espumante.

Ela não tinha resposta.

Não para isso.

—Não importa. Não podemos marcar um encontro para amanhã— disse ela antes de levar o copo aos lábios. —A cerimônia do piercing é amanhã.

Com isso, ela tomou um gole.

—Pelo que sei, dura menos de uma hora— retornou Cassius.

Com apenas um olhar para ele, ela respondeu: —Pelo que sei, muitos vínculos acontecem depois disso.

Em seguida, ela bebeu o último gole de seu vinho.

Cassius imediatamente encostou o lábio inferior nos dentes e emitiu um assobio baixo.

Um criado se aproximou.

—Traga outro copo de espumante para minha pretendida— ordenou.

O rapaz acenou com a cabeça e saiu correndo.

E, ao fazer isso, Cassius definitivamente teve toda a atenção de sua noiva novamente.

—Você acabou de assobiar para um criado? —Elena reclamou.

Cassius olhou para ela. —Diga-me, há algo que eu possa fazer neste momento que a agrade? Além de sair de sua presença, é claro.

—O que você poderia fazer é não assobiar para os criados como se fossem cachorros ou pedir que meu vinho seja refrescado. Eu posso pedir meu próprio vinho.

—É o galanteador que atende às necessidades de sua parceira antes mesmo que ela perceba que precisa delas— ele educou.

—Eu não preciso de um galanteador— ela respondeu. —Preciso

de um parceiro de jantar que não assobie para os criados.

Cassius suspirou, recostou-se e pegou seu próprio vinho, levando-o aos lábios e murmurando para a borda do copo: —Quem dera se isso fosse uísque.

—Gostaria que eu assobiasse para um criado e pegasse isso para você?— Elena perguntou de forma arrogante.

Com isso, Cassius deixou o copo de lado sem provar e virou o tronco totalmente para ela, inclinando-se.

Ele era muito maior do que ela e, ao se aproximar, era uma ameaça imediata.

Ela novamente não recuou.

Dessa vez, seria um erro.

—Você não quer saber o que eu realmente gostaria de fazer— disse ele em voz baixa.

—Sim, eu quero. Você é meu noivo. Obviamente, é meu desejo mais fervoroso saber tudo sobre você— ela respondeu sarcasticamente.

— Confie em mim, isso você não quer saber— advertiu ele.

—Não sou uma violeta murcha, meu príncipe— afirmou ela de forma imprudente. —Se eu não tiver deixado isso claro até agora, você não precisa me proteger de nada. Eu já viajei. Estudei no Go'Da. Eu protejo os Encantamentos. Suspeito que tenho mais conhecimento do mundo do que qualquer mulher que você já tenha conhecido.

—Tenho certeza absoluta de que isso não é verdade— ele murmurou.

—Ponha-me à prova— desafiou ela, novamente de forma imprudente.

—Muito bem, minha guerreira— ele murmurou, inclinando-se cada vez mais para perto dela. —O que eu gostaria de fazer é arrastá-la desta sala, levá-la para um lugar escuro, beijá-la até que você fique *sem fôlego*, sem palavras e, igualmente importante, *encharcada*. Depois, eu lhe daria umas palmadas até que você me implorasse para parar e pedisse desculpas por ter sido tão sanguinário.

Suas sobrancelhas se ergueram em total afronta. —Me dar umas palmadas?

—Dar umas palmadas em você— ele rosnou.

Enquanto seus olhares se chocavam, e isso continuou por longos momentos (muito longos), a indignação dela diminuiu, ela parecia estar lutando contra a confusão, bem como (finalmente) considerando a sensatez de sua atitude.

Ela tomou a decisão errada.

— Encharcada?

Ele se aproximou tanto que teve de desviar a cabeça para encostar os lábios na orelha dela.

—Para mim— ele ronronou. —Entre suas pernas.

Ela se afastou, tardiamente, e apressadamente pegou seus utensílios novamente.

Cassius se afastou um pouco dela, mas o fez estudando seu perfil.

—Estou vendo. *Muito* sábia, minha futura esposa— murmurou ele, soando como um cruzamento entre contemplativo, satisfeito, divertido e excitado.

—Você pode parar de falar agora— declarou ela, cortando algo em seu prato.

—Acho que não vou parar.

—Então vou parar de falar com você— declarou ela, enfiando o garfo na boca.

Cassius se voltou para seu próprio prato enquanto o criado colocava um copo novo ao lado do de Elena e tirava o velho.

Ele pegou seus utensílios, murmurando: —Se não podemos nos dar bem, pelo menos não me importarei em olhar para você. Sem mencionar que a vida não será nada entediante. Especialmente na cama.

Outro rubor atingiu as bochechas de Elena.

O padre considerou a situação.

Pode-se dizer com alguma certeza que eles não tinham nenhum acordo.

No entanto, Cassius já havia perdido uma esposa para forças que ele não podia controlar, portanto, nenhuma vingança poderia ser feita.

Ele desejava os Nadirii.

Será que Cassius Laird iria desencadear a ira por uma mulher que ele simplesmente desejava ir para a cama?

O observador não achava que quisesse testar isso.

Ele voltou sua atenção para o último casal, encontrando-os com os olhos antes de fazer o mesmo com os ouvidos.

Só para ver Farah de Firenze olhando diretamente para ele.

Ele olhou para seu próprio prato.

—Eu pergunto, você está conosco?

Seu olhar se voltou para Carrington, o conselheiro do rei Dellish que era um dos cinco que dividiam a mesa redonda com ele.

—Você esteve a quilômetros de distância— observou Carrington quando o olhou.

—Minhas desculpas— respondeu ele. —Muita coisa está acontecendo. Muita coisa em minha mente.

—É claro— murmurou Carrington, pegando seu vinho.

O padre fez o mesmo.

Enquanto fazia isso, ele sentiu o olhar de alguém e voltou sua atenção para essa sensação.

Melisse, a tenente da rainha, estava estudando-o.

—Você está bem?— ela perguntou baixinho.

Ela não se importava se ele estava bem.

Ela poderia ter percebido que ele estava usando magia. Ele tinha o hábito de ocultá-la, mesmo perto de seu próprio povo. Mas ele não a usava com frequência perto de um Nadirii.

Talvez ele é que tenha sido imprudente.

—Muito bem, minha amiga— ele murmurou.

Ela inclinou a cabeça para ele e se inclinou para o prato.

Ele deu algumas mordidas, tomou alguns goles, conversou um pouco.

E só então ele olhou para trás, para True... e para Farah.

Farah estava voltada para seu príncipe.

—Eu não confio nele— ela sussurrou.

—Os Go'Doan são inofensivos, meu doce— respondeu True. —Ou, pelo menos, ele é.

—Você sabe que meu pai era Go'Doan— ela respondeu.

—Não se coloque nesse lugar, Farah— disse ele gentilmente. — Nem todos eles são seu pai.

—Eu também senti o que senti antes, True— ela declarou. —Você acha que é uma coincidência o que eu senti vindo dele e o que senti antes?

—Há algumas bruxas muito poderosas nesta sala, assim como todos os que cumprem a profecia— observou ele. —Isso seria uma explicação, não seria?

—Talvez— ela murmurou.

—As emoções estão intensificadas. Muita coisa está acontecendo. Não seria estranho pensar que você está reagindo a isso— garantiu True.

—Suponho que sim.— Farah não parecia convencida. —Falaremos mais sobre isso. Mais tarde.

—Quando ele não estiver por perto?— True parecia estar provocando.

Farah sorriu para ele. — Justamente.

True sorriu de volta.

Ela ajustou sua atenção e o padre sentiu que ela estava voltando para ele.

Então, ele voltou sua atenção para seus companheiros de jantar.

Ele fez isso tomando uma decisão.

Ele viajaria para o plano astral naquela mesma noite e diria ao seu amante para continuar com os rituais, simplesmente sem a sua presença... por um tempo. O padre voltaria ao seu trabalho na floresta

o mais rápido possível quando essa ameaça fosse eliminada.

Quanto à ameaça.

Seriam eles.

Farah e True.

Ou, especificamente...

Farah.

Ele pegou seu vinho, sorriu calorosamente para Johan Mattson, pai de Silence, tomou um gole e o deixou de lado, contente, para se concentrar na comida.

Ele estava morrendo de fome.



A Retribuição

Princesa Serena

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

O Místico retirou a boca de entre as pernas dela antes que ela atingisse o clímax.

Serena não gostou disso.

De forma alguma.

Ele era talentoso lá embaixo.

Excepcionalmente.

E ela queria mais.

—Ainda não terminei— gritou ela, enquanto ele se ajoelhava entre as pernas dela.

—Eu terminei— murmurou ele, querendo dizer o que estava fazendo.

Não o que *eles* estavam prestes a fazer.

Ela percebeu isso quando ele estendeu a mão para ela.

Ela também se aproximou dele, mas seu objetivo era diferente.

Assim, ela agarrou com força o pênis duro dele, satisfeita ao ouvir seu grunhido de dor.

Mantendo-se firme, ela se ajoelhou e colocou o rosto a poucos centímetros do dele.

Ela deu um puxão forte no pênis dele, ouviu outro grunhido e, olhando fixamente para os olhos negros, excepcionalmente inclinados, exigiu: —Você vai terminar o que começou.

—Sim— respondeu ele. —Eu vou.

O pulso dela foi então capturado, e ele afastou os quadris, libertando-se do aperto dela. Ele se desviou para o lado enquanto sua outra mão foi para as costas dela, empurrando-a para baixo.

A mão que estava em seu pulso torceu-o atrás das costas dela e depois o puxou para cima.

Com força.

Ela ofegou de dor contra as sedas sobre o colchão que estavam em seu rosto, enquanto ele chutava os joelhos dela com uma das suas próprias mãos.

Ela havia se enganado.

Ele não era um camponês de Dellish, facilmente subjugado e submisso.

Ele também não era um servo de Firenz, cujo desejo estaria naturalmente sob o comando dela.

Ele não era simplesmente um homem confuso com uma mulher forte que exigia que suas próprias necessidades fossem atendidas e cuidadoso ao tratá-la para não 'machucá-la'.

Ele era um dos Confiáveis de Mars. O guarda do rei de Firenze que era lendário em todas as terras.

Em outras palavras, ele era o melhor dos melhores guerreiros de seu reino.

Assim como ela.

E quando a dor serpenteou por seu ombro enquanto ele puxava seu pulso mais para cima, ela percebeu seu erro.

Ela tentou empurrar a mão livre para cima, mas isso causou muito mais dor.

Portanto, com apenas uma mão sobre ela, ele tinha controle total.

E quando ela sentiu a ponta do pênis dele deslizar por seu pênis molhado, de repente não se importou.

Ele a penetrou com força.

Seus cabelos voaram enquanto sua cabeça se inclinava para trás.

Então ele a usou.

Pela *deusa*.

Ele a usou.

—Você gostaria de chegar ao clímax?— ele perguntou casualmente, penetrando-a.

—Sim— ela sussurrou, recuando para as investidas dele, com o braço ainda preso atrás dela, os mamilos duros e doloridos, as paredes dela se apertando enquanto o pênis dele batia dentro dela.

Ele se afastou, soltou o pulso dela, girou-a para trás e prendeu os tornozelos dela com força, levantando-os bem alto para que o traseiro dela saísse da cama.

Em seguida, ele os abriu bem.

Ele colocou um deles sobre o ombro para colocar a mão entre eles, seu longo pênis a penetrou novamente e ela cerrou os dentes com a satisfação de tê-lo de volta.

Ele segurou o tornozelo que havia soltado, e ela se perdeu no espetáculo de sua penetração.

Nenhum camponês de Dellish tinha aquele peito.

Aqueles ombros.

Nem mesmo os agradáveis servos de Firenze tinham a magnificência dele.

E seu rosto...

—Toque-se— ele ordenou.

Ela...

Se tocar para...

Para ele?

—Você— ela devolveu a ordem, embora não tenha soado muito autoritária, pois estava sem fôlego.

Ele soltou o tornozelo dela, passou a mão entre eles e beliscou seu clitóris com brutalidade.

A parte inferior do corpo dela teve um espasmo e seus olhos se arregalaram em êxtase.

Com a mão de volta ao tornozelo dela, ele grunhiu: —Você.

Serena revirou os olhos novamente para ele.

—Não— ela desafiou, —você.

Ele se afastou, soltou os tornozelos dela e ela gritou quando ele a alcançou, levantou-a pela garganta, girou as pernas de modo que ficou sentado na beirada do colchão e ajustou o aperto na nuca dela.

Ela foi então empurrada de cara para a cama, com a parte inferior do corpo sobre as coxas dele.

A mão dele desceu e o estalo da bunda dela invadiu o quarto.

—*Oh, minha deusa*— ela respirou, tremendo ao mesmo tempo em que empurrava para cima o aperto dele em seu pescoço. —Me solte— ela exigiu.

Ele a golpeou novamente.

Sua voz estava grossa quando ela repetiu: —Me solte.

E ele a espancou novamente.

E mais uma vez.

E mais uma vez.

Depois de mais um pouco, Serena afastou as pernas em um convite ansioso, sentindo sua umidade pingar nas coxas dele.

—Por favor— ela implorou.

Ela não tinha ideia do que estava implorando, mas o que quer que ele quisesse, ela sabia que daria a ele.

Foi então que ela se viu de joelhos no chão com o Místico em pé na frente dela, com as pernas bem abertas, enfiando o pênis em sua boca.

Ela passou os dedos em volta da bunda dele e, atordoada, seus olhos se desviaram para o belo rosto dele.

Ele segurou o cabelo dela e murmurou: —Você vai engolir.

Ela assentiu com a cabeça, sugando desesperadamente, agarrando os globos apertados de sua bunda esculpida.

Ele manteve o olhar dela enquanto usava sua boca e só fechou os olhos momentos antes de inundar a garganta dela com sua semente.

Ela o engoliu com avidez.

Ele se retirou, puxou-a para cima com uma mão sob o braço dela e a segurou casualmente pela cintura enquanto enfiava a mão entre as pernas dela e tocava seu clitóris superficialmente até que ela teve um orgasmo.

De forma espetacular.

Agarrada a ele, gritando de prazer, com os joelhos fraquejando.

O melhor.

Arrebatamento.

Ela ainda não havia terminado antes que ele a jogasse na cama.

Ele se moveu até seus couros espalhados no chão.

Ela colocou uma mão entre as pernas e a colocou em uma concha, em um esforço para segurar o que ele havia lhe dado.

—Eu vou ter você de novo— sussurrou ela, palavras que nunca havia dito a um homem em sua vida.

—Talvez.— Os olhos dele se voltaram para ela. —Veremos.

Ele terminou de se vestir e, carregando suas sandálias, saiu do quarto sem olhar para trás.

Ela sentiu a queimação em seu traseiro, o tremor em seu pênis, a umidade entre suas pernas, seu sangue ainda cantando em suas veias, suas pálpebras pesadas, sua mente turva.

Ela o teria novamente.

Ou permitiria que ele a possuísse novamente.

Ela o faria.

E faria o que fosse preciso para que isso acontecesse.

Porque...

Ela tinha que fazer.



Rei Mars Laches

Estúdio do Rei, primeiro andar, corredor leste, Palácio Catrame
FIRENZE

Mars olhou de Cassius, sentado em frente à sua mesa de trabalho, para a porta quando Chu entrou, carregando suas sandálias.

Mars sorriu.

Chu sentou-se na poltrona ao lado de Cassius, jogou as sandálias no chão, entre os pés, e disse: —Ela é minha— antes de se curvar para calçar as sandálias.

Mars olhou para Cassius.

Cassius estava estudando Chu.

—Apenas na primeira vez?— Cassius perguntou com ceticismo.

Chu não se endireitou dos cadarços e virou a cabeça e torceu o pescoço para olhar para Cass.

—Sim.

Depois disso, ele voltou sua atenção para o que estava fazendo a seus pés.

Cass se recostou e murmurou: —A poderosa Serena foi derrotada por um gosto de pênis.

—Ela realmente provou um pouco de pênis e engoliu minha semente quando o fez.

As sobrancelhas de Cass se ergueram.

Mars conteve o riso.

—Embora, em sua boceta, ela tenha provado dois sabores de pênis, sua bunda levou um bronzado que a fez pingar, então, quando eu enfiei em seu rosto— terminando de amarrar os cadarços, Chu se sentou, —ela teria pago para engolir minha semente.

—Você espancou Serena dos Nadirii— disse Cass.

—Sim— confirmou Chu.

—Você espancou Serena dos Nadirii— repetiu Cass.

Como seu irmão havia respondido isso, ele não o fez novamente.

Foi então que Mars, preso por Cassius, começou a rir.

Não era alto ou estridente.

Mas era uma risada genuína, e Mars não via isso em seu amigo há seis anos.

Cass ficou sóbrio e pediu: —Por favor, diga-me que ela não é boa de cama.

—Ela era gananciosa e egoísta. Até que eu fiz com que ela não

fosse— respondeu Chu.

Mars sorriu.

Cass também sorriu.

Algo mais, sendo autêntico, que Mars não via há algum tempo.

—No final, ela era aceitável— concluiu Chu.

—Vamos precisar pedir que vocês a ataquem novamente— disse Mars a seu Confiável.

—Ela tem uma boceta gulosa, mas também tem uma boca gulosa — Chu deu de ombros. —Isso não será uma dificuldade.

Chu voltou sua atenção para Cassius.

—Essa transgressão contra você— ele começou. —Qual é a profundidade dela?

—Não é contra mim— respondeu Cass. —Foi contra a irmã dela.

—É de conhecimento geral que ela infligiu o ferimento que matou seu irmão— observou Chu.

—Também é de conhecimento geral que Trajan se preparou para essa batalha, contratando dez dos mais poderosos feiticeiros do país, a um custo alto, para lançar uma tentativa de derrubar os Encantamentos depois que o retorno de cinco mulheres que eram amantes ou servas de homens ricos em Airen foi negado. Elas tinham ido para os Nadirii em busca de refúgio. Essas mulheres não foram sequestradas e mantidas como reféns. Elas fugiram para se proteger. Teria sido fácil deixar essa situação de lado. Ele não o fez. Ele atacou. Assim, ele selou seu próprio destino. De várias maneiras.

—Então você busca retribuição por uma noiva que mal conhece? — Chu perguntou duvidosamente.

Cassius olhou atentamente para Chu antes de falar.

—Não é meu destino tomar uma companheira. Meu destino é ter uma companheira enquanto construo uma família predefinida. Eu mal havia dito algumas palavras para a mulher que dividiria minha cama, me daria filhos e seria mãe de minha filha, quando Serena fez um movimento para criar uma barreira entre nós. Seu veneno foi direcionado a mim, talvez para que sua irmã não percebesse a extensão da inveja que ela sente pela irmã. Eu não perdi isso. Seu ataque foi contra Elena. Eu poderia tolerar um ataque contra mim e seguir em frente sem pensar. Mas se você atacar o que é meu, se você atacar minha família, você sofrerá minha retribuição. Ela será rápida. Criativa— ele indicou Chu com um aceno de cabeça, —se necessário. E, finalmente, será completa.

—E o que você deseja dela quando eu a tornar escrava do meu pau?— perguntou Chu.

—Não faço ideia— murmurou Cassius. —Mars sugeriu você e suas habilidades. Parecia uma boa sugestão para pessoas como Serena. Ela nunca imaginaria isso. Mas eu ainda não pensei tão longe.

Chu se levantou da cadeira e disse: —Quando você souber, me conte. Agora vou testar minhas cordas.

Mars deu uma risada.

Cassius sorriu para sua panturrilha que estava levantada, com o tornozelo apoiado no joelho.

E, com isso, o homem de Mars saiu em disparada.

Cassius deu atenção a Mars.

—Como você sabia que isso funcionaria?— perguntou ele.

Mars se recostou. —Eu não sabia. Mas toda moeda tem dois lados. Não dá para saber o que vai acontecer quando a moeda é jogada. Mas

não havia mal nenhum em explorar. Felizmente, a moeda caiu a nosso favor.

Cassius assentiu com a cabeça antes de sua expressão se tornar severa.

—Ela não vai recuar em relação a Elena— disse ele.

—É claro que não vai— concordou Mars. —Seu ciúme a consome. Eu notei isso durante o desfile, quando Elena andou sozinha. Serena a observava com a necessidade mal disfarçada de controlar seu arco para não mirar na outra filha de sua mãe.

Mars observou a boca de Cassius ficar apertada.

Ele não havia notado isso.

Ele estava muito ocupado observando Elena.

—Ela conhece a favorita de sua mãe, Cass— continuou Mars. —Sem dúvida, ela sabe que, se a profecia não precisasse ser realizada, Serena seria rebaixada a general e Elena assumiria o papel de rainha. Isso já aconteceu antes na história dos Nadirii. Eles não estão presos a qualquer capricho que o destino decreta para a ascensão de uma linhagem real.

—Isso é do meu conhecimento, obviamente— murmurou Cass.

Seria.

Todos sabiam disso.

Embora pudesse haver algo que Cass não soubesse.

—Eu também a observei esta noite, Cassius. Ela está cobiçando o que a irmã dela ganhará de você. E não acho que seja o fato de que, claramente, ela deseja um homem que possa assumir o controle de pelo menos algumas coisas em sua vida.

Cass balançou a cabeça. —Isso é um absurdo.

—Ela não seria uma boa governante. Ela não é uma boa irmã. Ou talvez uma boa filha. Mas ela é uma boa general. Assim como você.

—Então você acha que isso a atrai para mim?— Cass perguntou com descrença.

—Acho que a peguei observando você com Elena no jantar e fiz isso com frequência. Silence me viu e notou isso. Você estava envolvido com Elena. Mas não fomos os únicos que notaram isso. Ophelia não perde muita coisa. Ela não perdeu isso.

—Puxa vida— murmurou Cass.

—Talvez Serena saiba que nunca terá qualquer tipo de relacionamento com alguém significativo em sua vida, seja homem, mãe ou irmã. Ela tem muito ódio. Pelos homens, embora os Nadirii tenham começado há muito tempo a ter amantes, parceiros e até maridos. Por sua mãe, por não amá-la tanto quanto a sua irmã. E por essa irmã, por ter conquistado o amor da mãe. E agora, talvez, ela o tenha admirado de longe e não pode escapar que ela não o terá, mas a irmã sim.

—Brilhante— suspirou Cass.

—Não me parece estranho, meu irmão— começou Mars calmamente, —que você compartilhe algumas das mesmas inquietações em sua vida que a sua pretendida.

—Trajan— disse Cassius.

—Sim— concordou Mars. —Seu pai não demonstrou suas preferências em um filho, como provavelmente Ophelia também não demonstra. Mas se essas preferências forem fortes, elas serão sentidas por uma criança.

—Concordo.

—E Farah e True têm pais fracos— comentou Mars.

—Já notei isso— disse Cassius. —E o que você compartilha com a pequena Silence?

Mars balançou a cabeça. —Não faço ideia. Meu pai era bom. O pai dela não é. Minha mãe é boa. A mãe dela está dividida. Embora eu não tenha irmãos, ela também não tem. Mas isso não é uma base para um vínculo forte, uma compreensão mútua, a base para construir algo significativo, como você tem com Elena, como True tem com Farah.

—Acho que você vai gostar de descobrir.

Mars estava gostando bastante de seu macaquinho.

Pensando em sua noiva, ele ficou sério. —Esta noite, ela sentiu uma inquietação no véu.

—Todos os pretendentes estão reunidos, Mars. E esta noite, pela primeira vez, estivemos muito próximos por um longo período de tempo. Pelo que sei, é isso que deve acontecer.

—Isso é o que Nandra diz.

Cassius ergueu as sobrancelhas. —Você discorda?

—Isso perturbou minha Silence— grunhiu ele.

Cass ficou sentado por um momento, imóvel.

Depois, voltou a rir.

Depois de gastá-lo, Cassius disse: —Nunca pensei nisso. Se tivesse pensado, eu o teria imaginado com uma beleza exuberante de Firenz. Como o Mar-el, você encontrando a mulher mais requintada de sua terra e tomando-a como esposa. Mas agora, pelo que vejo, você encontrou uma beleza de outro tipo, de outra terra, e está feliz com isso. Por isso, estou feliz por você.

—Ela é virgem— disse Mars a ele.

—Assim como a minha.

Com isso, Mars ergueu as sobrancelhas. —Sério?

—Como compartilhado por sua irmã em um esforço para humilhá-la. Ela não refutou a informação. E não o fez porque é verdade.

Mars o observou atentamente e comentou: —Então True não a teve.

—Ele não teve.

Eles se encararam.

—Ela atrai você— sussurrou Mars.

—Vamos apenas dizer que há outra princesa Nadirii que mereceu uma surra esta noite e eu gostaria muito que fosse ela— respondeu Cassius. —Mas, depois disso, nosso final teria sido muito diferente do de Chu.

Mars sorriu.

Mas seu sorriso morreu e outra expressão surgiu em seu rosto.

—Fico feliz por isso para você também.

—O destino não tem sido gentil comigo.

—Então chegou a sua hora.

E ainda outra expressão surgiu no rosto de Cassius quando ele observou: —Você encontrou seu pai assassinado nesta mesma sala, Mars. O destino também não foi bondoso com você.

—Então também chegou a minha hora.

—Vamos enfrentar a Besta com essas mulheres— disse Cassius

calmamente.

—Nosso poder será aprimorado, assim como a magia delas. Uma bruxa não luta uma batalha com uma lâmina. Nós sim. Elas não estarão nem perto.

—Diz o homem que não vai se casar com uma guerreira— murmurou Cassius.

—A irmã dela foi simplesmente desagradável, como é o jeito dela, e você enviou Chu. Ela acabará sendo humilhada por ele. Ele gostará de suas brincadeiras, mas não criará um vínculo com uma mulher como Serena. E ela estará perdida quando ele achar que acabou com ela. Isso, depois de uma conversa sobre rancor. Você encontrará uma maneira de proteger Elena. E encontrará uma maneira de fazer com que ela aceite sua proteção.

—Talvez a profecia também nos dê o poder de fazer milagres— brincou Cassius.

—Talvez sim.

Os homens se olharam fixamente.

Mars interrompeu a conversa para pedir um pouco de uísque.



O Destronamento

Príncipe True Axelsson

Mesa Diplomática, primeiro andar, corredor oeste, ala estadual,
Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

—Acho que, nesta conjuntura sem precedentes, todos os reinos juntos, já que falamos muito sobre muitas coisas que aliarão nossas terras de maneiras além do matrimônio, uma questão importante ainda não foi abordada— começou Gallienus com pompa. —Essa questão é a abolição do bounden em todo o Tritão.

Pelos malditos deuses.

True se remexeu em seu assento, seu olhar se deslocou instantaneamente para Aramus após a proclamação de Gallienus.

Aramus estava relaxado, com o braço jogado sobre o encosto da cadeira, o olhar fixo no rei de Airen, a expressão suave.

—É claro que isso é inconcebível— prosseguiu Gallienus.

E o rei estava, é claro, correto.

Mas essa não era a maneira de fazer algo a respeito.

True voltou sua atenção para Cassius, sentado nos cantos da mesa

ao lado de seu pai.

O príncipe de Airen estava tão afundado em sua cadeira que sua cabeça estava apoiada no encosto dela, suas mãos estavam uma em cima da outra em seu estômago, e ele parecia estar cochilando.

Cassius Laird não era sua pessoa favorita naquele momento.

E isso havia se transformado em uma reunião volátil.

Mas ao vê-lo assim, True lutou sorrindo.

—Todos os reinos, exceto Mar-el, proibiram a servidão *há dois séculos*— continuou Gallienus.

True olhou para o pai, que estava ajustando nervosamente a frente da camisa no colete.

Isso poderia ser explosivo.

Mas não havia ajuda ali.

Ele desviou o olhar para Mars, na cabeceira da mesa.

O rei sombrio estava olhando de forma pensativa para os dedos, que estavam batendo na mesa.

Embora a guerra pudesse facilmente estourar naquele momento, True (de certa forma) entendia a preocupação de Mars.

Silence estava sendo preparado para a cerimônia de perfuração que começaria dentro de uma hora.

True sempre admirou Mars como guerreiro. E, pelo que ouvira quando Mars assumiu o manto dos avanços civis de seu pai e da modernização de seu reino, True também admirava isso.

Ele ainda não achava que Mars seria um bom marido para Silence.

Seria preciso mais do que uma geração para tirar o bárbaro do bárbaro.

Ele estava provando que estava errado.

Aparentemente, as mulheres não compareciam à cerimônia de piercing de um menino.

Os homens não compareciam à cerimônia das meninas.

Silence não era uma menina.

Mas as tradições deveriam ser mantidas.

Mars estava pensando porque estava preocupado com ela. Silence estava prestes a passar por um ritual que ninguém (fora os lóbulos das orelhas, piercings que Silence não tinha) fazia em seu mundo, e isso incluía dor.

Quando True visitou Silence naquela manhã, ela não parecia conformada com isso. Tampouco parecia temê-la. Talvez ela não estivesse ansiosa, embora estivesse curiosa, pois tinha uma mente ativa e era acostumada a isso.

Ela também estava ansiosa para fazer algo por Mars.

Eles pareciam ser uma boa dupla.

Surpreendente.

Mas gratificante.

E era aqui que Ophelia estava, e por isso não estava naquela mesa diplomática.

Ela participaria da cerimônia.

Mas como ela seria apenas uma observadora, e a cerimônia só começaria daqui a algum tempo, não havia realmente uma desculpa

para não estar lá no momento.

Assim, True teve a sensação de que algo mais a estava mantendo afastada.

—Bem, ninguém vai dizer nada?— Gallienus exigiu com um olhar estreito para o pai de True.

True sentiu sua mandíbula se contrair.

Ele não podia acreditar nisso.

Gallienus havia negociado algo com Wilmer.

E seu pai não havia compartilhado com True o que eles haviam negociado.

Sendo esse um confronto direto com um rei poderoso, isso certamente traria discórdia.

Só que, sem Carrington sussurrando em seu ouvido, e diante da incerteza, já que ninguém mais havia apoiado a declaração de Gallienus, seu pai estava se mantendo em silêncio.

Um desafio havia sido lançado em uma mesa destinada a gerar diplomacia.

E não era chocante que Gallienus a tivesse lançado.

O que não se sabia era o que resultaria disso.

E True não tinha um bom pressentimento sobre isso.

—Você sabe que o tataravô de Aramus promulgou a Lei para Aqueles em Serviço— disse Cassius para o teto, com os olhos ainda fechados.

—*Aqueles em serviço*— zombou Gallienus. —Isso é uma piada?

—Não— respondeu Cassius, abriu os olhos e virou a cabeça no encosto da cadeira para olhar para o pai ao pé da mesa. —A Lei é relativamente abrangente.

—Servidão é servidão— mordeu Gallienus.

—Por exemplo— continuou Cassius, como se o pai não tivesse falado. —Você não pode levar a mão, nem o punho, o chicote, o remo, o chicote ou qualquer outro objeto ao seu limite com raiva, em punição, em retribuição ou por qualquer motivo. Se o fizer, a punição aplicada será a prisão do proprietário.

—E vou repetir, servidão é servidão— decretou Gallienus.

—Você também não pode forçar suas intenções em um bounden, seja você homem ou mulher, seu bounden homem ou mulher. Se o fizer, sua pena de prisão será muito maior. E se for uma criança, você enfrentará uma força— compartilhou Cassius.

True olhou para Aramus.

Ele estava estudando as unhas da mão presa ao braço enganchado no encosto da cadeira.

Cassius voltou seu olhar novamente para o teto e fechou os olhos. —E se um bounden servir ao seu proprietário por quinze anos, ele pode pedir a liberdade, que deve ser concedida. Ele então recebe todos os pertences que acumulou, um novo conjunto de roupas, botas, um corcel e uma bolsa de prata. Ou podem pedir para permanecer no serviço como servos pagos. E um proprietário não pode vender ou trocar um bounden. Se ele não puder manter o seu vinculado, deverá libertá-lo.

—Talvez devêssemos convidar um prisioneiro de Mar-el para vir aqui, filho, para que ele possa testemunhar seu tratamento justo— sugeriu Gallienus com acidez.

Cassius virou a cabeça novamente e o ar da sala mudou quando

ele sussurrou: —Notei que você disse 'ele'.

Aramus deu uma risadinha.

Gallienus se mexeu com agitação em seu assento.

Cassius continuou a falar.

—A lei também inclui decretos rigorosos sobre o fornecimento de alimentos, remédios, roupas e moradia. Os vinculados podem se casar à vontade. Os cônjuges não podem ser separados por nenhum motivo, nem por sua própria escolha. E qualquer criança que eles produzirem nascerá livre.

—Então, está tudo bem para você que qualquer navio das Terras do Norte, das Terras do Sul, dos Místicos ou de *Tritão* possa navegar pelas águas de *Mar-el*, ser abordado e pessoas inocentes pressionadas a servir por *quinze anos*?— exigiu Gallienus.

Sua ênfase na palavra 'Mar-el' foi reveladora.

O que irritou Gallienus foi o fato de as águas pertencerem a Mar-el.

Ele não dava a mínima para a fronteira.

Ele queria os mares.

No entanto, como ele achava que conseguiria obtê-los, ou ter acesso a eles, possivelmente irritando o homem que os governava, True não conseguia imaginar.

—Os perigos do mar não são desconhecidos, pai.

—Que tal isso?— Aramus tirou o braço do encosto do banco e se virou totalmente para a mesa. —Os Airenzianos permitem que as mulheres possuam propriedades. Para apresentar queixa e ser julgada com justiça se alguém lhe causar dano físico, estuprá-la ou violá-la de alguma forma. E todas são liberadas para o direito de reunião pacífica,

caso queiram se reunir para cerzir as meias de seus maridos, organizar uma petição ao rei para obter melhor patrocínio real para orfanatos ou, digamos, qualquer motivo. Em troca, concederei a liberdade a todos os vinculados de Mar-el após cinco anos de serviço.

—Em uma época em que as mulheres tinham permissão para se reunir, elas usaram esse direito para conspirar e conspirar e milhares de homens morreram— lembrou Gallienus ao rei de Mar-el.

—De fato, isso aconteceu— concordou Aramus.

—Além disso, nossas mulheres não são obrigadas— cuspiu Gallienus.

—Não são?— Aramus questionou.

—Uma mulher de Airen não precisa se casar com seu marido. Ela não precisa aceitar a moeda dele em troca de cozinhar sua comida e limpar sua lareira— retrucou Gallienus. —Ela escolhe e é nosso costume que um homem governe sua casa como achar melhor.

—Ela escolhe? Quer dizer, optar por isso?— perguntou Aramus.

—É claro!— respondeu Gallienus.

—Eu não escolheria limpar a lareira de ninguém— observou Aramus. —Eu só faria isso se tivesse que fazê-lo para comer.

—Ela tem escolhas— disse Gallienus.

—Sim— concordou Aramus. —Pelo que sei, as meninas do seu reino deixam de estudar aos doze anos. Elas fazem isso por decreto real. Por isso, elas não podem ser médicas, parteiras, advogadas, professoras ou comerciantes. Portanto, elas têm escolhas. Serviço. Ou puta, prostituta, doxie. Ou esposa, que é praticamente a mesma coisa, dependendo se o marido tem alguma moeda, muita moeda ou é marinheiro.

Cassius e Mars deram uma risadinha.

True cerrou os dentes.

—Você acha isso divertido, meu filho?— perguntou Gallienus.

Cassius, que estava com os olhos fechados e voltado para o teto novamente, virou a cabeça para o pai. —Que parte? Você exigiu que Mar-el libertasse todos os que tinham bounden? Ou que Aramus defina os diferentes tipos de moças que trabalham com base nos homens que as usam?

—Nossas mulheres, na verdade todo o nosso povo, são pagas se servirem— declarou Gallienus.

—Mal— murmurou Cassius. —Especialmente as mulheres.

—E devo salientar que nenhuma de minhas esposas é prostituta— cuspiu Gallienus.

Com isso, Cassius se endireitou em sua cadeira.

Puxa vida.

O fato de Cassius estar totalmente envolvido nessa conversa não era um bom presságio.

—Todas as suas esposas são prostitutas— respondeu ele.

True estava certo.

Isso não era um bom presságio.

—Você diz isso de sua mãe?— Gallienus exigiu.

—Minha mãe está morta. E sou grato a ela por isso. Totalmente— devolveu Cassius.

O rosto de Gallienus estava ficando vermelho.

True olhou novamente para o pai.

Seu pai estava estudando seu colo.

Não havia nada para isso.

—Homens— disse True.

Todos olharam para ele.

Ele olhou para o rei Aramus.

—Não foi bem apresentado, mas é algo para se refletir. Nenhuma terra nesta terra, desde que todas as Terras do Sul pararam de praticá-la décadas atrás, exceto Mar-el, continua com a servidão forçada. Seu avô fez uma coisa corajosa e nobre. Também foi sábio. Mudar para o bem, mas não tanto a ponto de lançar uma nação em dissensão. Talvez esteja chegando a hora de outra mudança.

Aramus ficou olhando por um momento antes de abaixar lentamente o queixo.

True voltou sua atenção para o resto da mesa e continuou a falar.

—No entanto, há muito com que nos preocuparmos no presente. Mudar o modo de vida e causar conflitos em nossos reinos quando a Besta despertar não é sábio.

Ele olhou para o Rei Gallienus.

—Mas, diante de um perigo que pode destruir todos os reinos, todos nós devemos aproveitar essa oportunidade na calmaria antes da tempestade para refletir sobre como podemos melhorar o futuro de nosso povo quando atravessarmos essa tempestade. Todo o nosso povo. Podemos considerar a ameaça da Besta como um aviso. E podemos considerar nossas circunstâncias atuais como algo mais do que mera coincidência. Em vez disso, como uma lição. Estamos em um reino que enfrentou décadas de mudanças. E, com isso, décadas de

prosperidade.

—E Mars também enfrentou três tentativas de golpe em seus dois primeiros anos no trono. E seu pai foi assassinado— retrucou Gallienus. —Não quero enfrentar isso.— Ele jogou a mão para Cassius e continuou: —Ou que meu filho faça o mesmo.

—O reino é seu, Gallienus, não cabe a mim dizer— murmurou True.

—Não, não cabe— concordou Gallienus.

—No entanto, a última vez que um de sua linhagem, quando seus súditos estavam inquietos, que não ouviam conselhos sábios ou consideravam as mudanças que estavam varrendo outras terras, viu treze mil de seus homens terem suas gargantas cortadas— concluiu True.

—Sim! Assassinados a sangue frio!— gritou Gallienus.

—Eu não conseguiria imaginar— True balançou a cabeça, —não ter outra escolha a não ser tirar uma vida para tornar a minha própria possível.

Depois de dizer isso, ele sentiu o aumento do foco de Aramus, Mars e Cassius.

—Filho— seu pai entrou na conversa falando uma sílaba de forma trêmula.

—Você fala de traição a Airen— advertiu Gallienus.

—Pelo amor de Deus, pai. Ele só fala a verdade— suspirou Cassius.

Gallienus olhou para o filho. —Então, posso interpretar isso como se você fizesse Airen enfrentar décadas de mudanças quando assumir meu trono?

— Inquestionavelmente.

Maldito inferno.

—O quê? Gallienus sussurrou.

—In...questionavel...mente— repetiu Cassius, bem mais devagar.

Mars e Aramus deram uma risadinha.

Mas True não sentiu vontade de fazer o mesmo.

Isso era bom, é claro.

Idealmente.

Idealmente.

Entretanto, se isso acontecesse, Airen entraria em uma guerra civil e não se sabe qual lado venceria.

A nobreza de Airen tinha seus próprios exércitos permanentes. Gallienus os favorecia não apenas por sua criação de alta nobreza e seus peitos, que ele podia taxar, mas também porque, se ele os irritasse, eles poderiam se aliar e depô-lo. Pela força.

Pela força.

O que significava que eles poderiam se aliar e travar uma guerra contra Cassius se ele fizesse mudanças antes que esses exércitos fossem desmantelados, algo que Gallienus ou um de seus antepassados deveria ter feito anos atrás. Enfraquecer sua nobreza. Mas nenhum deles teve a coragem de fazer isso.

Em outras palavras, um lado tinha dinheiro, homens e o poder do trono.

O outro tinha um gênio tático como general comandando um

exército real que poderia estar em desordem quando os soldados tomassem partido.

—Você sabe que minha irmã tem um filho— ameaçou Gallienus a Cassius.

—Por favor, eu imploro, vou lhe dar sacos de ouro, passe a coroa para meu primo— respondeu Cassius. —Ele é fraco e mal consegue montar um cavalo, não consegue sair de sua casa sem pegar um resfriado que o deixa de cama por três semanas e evita carne, pois não gosta que as feras sejam caçadas. Acho que ele seria o rei perfeito.

Gallienus se levantou e anunciou: —Acredito que as relações diplomáticas acabaram de se romper.

—Isso é impossível, considerando que todas as nações, em sua maioria, concordam; é apenas você que está sendo teimoso, porque os homens que você protege têm riquezas e milícias, riquezas que você tributa e exércitos que você teme, e você não deseja irritá-los. Além disso, se suas esposas tivessem direitos, seria um espetáculo, o rei do reino seria acusado— afirmou Cassius com desdém.

—Vejo que meu filho sente seu poder crescer com a aliança com um Nadirii— disse Gallienus suavemente. —Cuidado, Cassius. O peso que você carrega nesta mesa não se traduzirá na Baía do Céu.

—Por que não testamos isso quando chegarmos em casa, eu entrando na Baía do Céu com uma Nadirii ao meu lado, com o poder de seus guerreiros tropeçando em minhas costas, uma indicação de que os filhos dos pobres não cairão mais na sede de sangue e nos caprichos dos ricos quando entrarmos em conflito repetidamente com uma nação guerreira? O que o senhor acha, pai? Vamos?— Cassius convidou.

—Você não vai querer me contrariar— respondeu Gallienus, e as sobrancelhas de Cassius se ergueram.

—Você ao menos me conhece?— perguntou ele.

True mordeu o lábio e ergueu os olhos para o teto.

Mars e Aramus não morderam os lábios.

A diversão deles era auditiva.

—Receio que não poderei comparecer às suas núpcias, Rei Mars, pois logo estarei em Airen— anunciou Gallienus.

—Se você pensar em ir embora— começou Cassius calmamente, —e voltar para casa para reunir apoio contra o príncipe herdeiro, juro por todos os deuses, pai, que planejarei uma última guerra. Para usurpar seu trono.

—Você nunca quis isso— retrucou Gallienus.

—Desde então, recebi uma promessa de minha magnífica e bela noiva de fornecer um herdeiro. Portanto, mudei de ideia— rebateu Cassius. —Você ficará aqui e discutiremos a possibilidade de você me tornar regente.

Os olhos de Gallienus ficaram enormes.

O ar na sala ficou estático.

True notou que seu pai se endireitou na cadeira.

— Embriagado por uma Nadirii?— Gallienus fez uma careta. — Já?

—Cansado de suas besteiras— respondeu Cassius. —Há muito tempo. Agora sente-se. Você não vai a lugar nenhum.

—Vou para onde eu quiser— replicou Gallienus. —Minha guarda, meu filho, é cinco vezes maior que a sua.

—A minha é ainda maior— disse Mars, e os olhos de Gallienus se

voltaram para o rei negro.

Aramus voltou a estudar suas unhas, mas, ao fazê-lo, disse: —A minha também é.

—Não se preocupe em recorrer aos Nadirii— aconselhou Cassius.

—Você planejou isso?— Gallienus exigiu de seu filho.

Cassius balançou a cabeça. —Não. Mas você cutuca o urso, meu rei, você se arrisca com as garras dele.

—Você não é um urso— cuspiu Gallienus.

—Você está certo. Mas eu não desrespeitei a mesa diplomática do rei Mars e não desafiei o rei Aramus. Foi o senhor. Mas vou lembrá-lo, meu rei, você não pode me matar, ou não só enfrentará a Besta, como também enfrentará quatro nações que sabem que terão de enfrentar a Besta por sua causa. É aí que reside meu poder. E você faria bem em não se esquecer disso.

—E por um capricho, você é regente?— perguntou Gallienus, incrédulo.

—Parece que sim— murmurou Cassius.

—Isso é um absurdo— bufou Gallienus.

—E o que você acha que os habitantes de nossa terra vão pensar de você irritar o Protetor dos Mares fazendo exigências ao governo dele quando você mal conhece o homem?— perguntou Cassius. —Aramus não era amigo. Ou não era *seu* amigo— enfatizou Cassius, deixando bem claro seu ponto de vista. —Ele também não era inimigo. Você procurou torná-lo inimigo. Nenhuma terra precisa de um inimigo. Muito menos de um inimigo poderoso. Nossa armada é minúscula comparada à dele. Basta ele alinhar nossas costas e disparar um fósforo contra os canhões para que nossos portos desapareçam. Armazéns. Casas. Pessoas. E eu noto, pai, que o senhor está aí, com

fúria, quando o mesmo tipo de exigência lhe foi feita.

Gallienus olhou para Aramus: —Se você precisa dos seus bounden, fique com eles.

—Minha gratidão por sua permissão, mas acho que já passamos do ponto, velho rei— murmurou Aramus.

O rosto de Gallienus estava ficando ainda mais vermelho.

E o pai de True não estava fazendo nada.

—Vamos parar por aqui— sugeriu True. —Vamos dar um tempo. Façamos uma pausa para o almoço. Vamos esfriar a cabeça. Há muito mais acontecendo aqui do que uma única discussão pode resolver. Mas nada é bem resolvido com raiva.

—Eu não preciso de cabeça fria para saber...— começou Gallienus.

True olhou o rei bem nos olhos e disse de forma calma e simples: —Gallienus.

O homem fechou a boca.

—Podemos nos reunir novamente esta tarde— continuou True.

—Estarei indisposto— anunciou Gallienus.

—Devemos aceitar Cassius como seu representante?— Mars perguntou.

—Estarei aqui— disse Gallienus entre dentes cerrados.

—Excelente— murmurou Mars.

Gallienus deu a volta na mesa e saiu da sala.

O pai de True se levantou.

—Filho, precisamos conversar— declarou ele.

True também o olhou nos olhos.

—Precisamos— ele concordou. —Mas não agora.

—Precisamos...

—Não... agora— afirmou True com firmeza.

Seu pai o encarou nos olhos.

Isso não durou muito antes de ele dizer: —Senhores— dar a volta na mesa e sair.

Depois que a porta se fechou para o Rei Wilmer, Cassius brincou: —Eu gostaria de ter essa habilidade. Dizer o nome do meu pai e fazer com que ele cale a boca e saia de uma sala.

Ninguém riu da piada quando Mars disse calmamente: —Cassius. Regente?

Cassius suspirou, levantou-se, foi até a porta, abriu-a, olhou para o corredor e ergueu o queixo.

Seu homem, Macrinus, entrou e fechou a porta atrás dele.

—Faça sombra em meu pai e em sua guarda pessoal. Se ele enviar um pássaro, atire nele do céu. Se ele enviar homens, embosque-os— ordenou.

—Por que não tenho um bom pressentimento sobre isso?— perguntou Macrinus.

—Porque acabei de declarar que meu pai me tornou regente.

—Putá que pariu— sibilou Macrinus.

—De fato— murmurou Cassius. Embora não tenha murmurado

quando ordenou: —Mac, leve homens para Aelia. Deixe a cidade, envie um pássaro, certifique-se de que ela tenha guardas de nossa confiança com ela o tempo todo. Quando meus homens chegarem até ela, peça que a tragam para mim, onde quer que estejamos em nossa jornada. Mas não quero que ela viaje sem membros de minha guarda pessoal— Ele fez uma pausa e terminou: —Faça com que um desses homens seja Nero. Quando necessário, ele atuará como guarda dela. Ele não vai se recusar a cumprir essa missão.

—Aelia? Você acha que ele...?— Macrinus começou.

Cassius o interrompeu. —Não vou correr esse risco.

Macrinus acenou com a cabeça e disse: —Precisamos...

—Falamos depois— disse Cassius em voz baixa.

Macrinus acenou novamente com a cabeça antes de sair da sala.

Cassius voltou para seu assento e o ocupou.

Quando o fez, True declarou: —Vocês terão nossas espadas.

Lentamente, Cassius virou a cabeça para True. —Desculpe-me?

—Vocês terão as espadas de Wodell— declarou True.

Cassius olhou para a cadeira que o pai de True havia deixado livre e de volta para True.

—Você pode fazer essa afirmação?— perguntou ele.

—Acho que meus homens ficarão aliviados se marcharem para uma luta correta e não para uma luta que todos sabem ser uma loucura— retornou True.

Cassius considerou isso por um momento antes de perguntar calmamente: —Eles são seus homens, True?

—Eles são a única coisa que tenho nesse reino, Cassius. Meu pai, mas principalmente seu conselheiro, pode argumentar que eles não são. Mas, se argumentasse, ele não gostaria de saber o que aconteceria — respondeu True. —Meu pai assumiu o trono ainda jovem. Ele nunca montou em um cavalo para a batalha. Mas ele não se importa em enviá-los, e aos homens que os montam, para fazer exatamente isso. Minha espada foi ensanguentada. Repetidamente. Acho que você sabe o que isso significa para um soldado.

Pela expressão no rosto de Cassius, ele sabia.

—Isso vai ficar feio— alertou Cassius.

—Já está ficando— respondeu True. —Vamos corrigir isso?

Lentamente, Cassius sorriu.

—Você terá a minha armada.

Os dois homens se voltaram para Aramus quando ele fez esse anúncio surpreendente.

O Mar-el nunca se envolvia na política do continente.

Mas Aramus estava olhando para True. —E você terá seus cinco anos, Príncipe da Floresta.

Pelos deuses.

True o encarou.

Aramus murmurou: —Está na hora.— E, como uma reflexão tardia, ele continuou: —E eu suspeito que isso vai agradar a minha esposa.

Pela primeira vez naquela mesa, naquela manhã, True sorriu.

—Você terá meus cavalos, Cass— acrescentou Mars.

Mas, diante disso, Cassius balançou a cabeça.

—Você precisará deles e dos homens que os montam. Seu reinado não é seguro, meu irmão— observou Cassius. —Você está apaixonado por ela e pode ser que ela tenha encantado sua capital, mas você se casou com uma Dellish. Nenhum de nossos povos conhece o surgimento da Besta. O pânico que poderia se seguir não ajudaria em nada. Mas como a notícia chega aos confins de seu reino, sem entender por que você é o primeiro rei de Firenze a se casar com uma mulher de fora de Firenze e a fazê-lo com uma mulher de uma nação com a qual você entra em conflito, isso pode não ser popular. E você, acima de tudo, sabe que os Firenz não se importam em agir quando algo não é popular.

—Nada alia mais o povo de uma nação do que a guerra, Cass— respondeu Mars.

Infelizmente, pensou True, isso era verdade.

—Não é preciso dizer que vocês terão os cajados, arcos e lâminas dos Nadirii— observou True.

—Não tenho certeza de que nada seja desnecessário dizer sobre os Nadirii— devolveu Cassius. —Especialmente quando se trata de Airen. No entanto, se Ophelia não oferecer seus guerreiros, não há dúvida de que ela não ficará em meu caminho.

True assentiu com a cabeça.

—Converse com seus homens, encontre-se com a rainha dos Nadirii, planeje sua estratégia, envie seus pássaros— disse Aramus a Cassius. —E enquanto você faz isso, deixe que todas as nações de Tritão apoiem o novo Regente Airenziano.

Os homens se sentaram em silêncio à mesa enquanto Cassius olhava para eles, um por um.

Finalmente, ele disse: —Está feito.

De fato, estava.

A história estava certamente sendo feita.

De várias maneiras.

E True teve a honra de sentar-se à mesa durante o destronamento de um rei injusto.

Virando a cabeça enquanto os homens trocavam olhares, ele sabia que estava em boa companhia.



A Cerimônia do Piercing

Lady Silence Mattson

Jardins do Palácio Real, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

Não parecia tão ruim assim, tomar um banho adorável e perfumado, meu cabelo limpo e escovado até ficar brilhante e vestir a cortina de seda laranja com bordas carmesim que estava amarrada em um dos ombros (e, graças a Deus, presa na lateral, pois eu não usava nada por baixo!).

Pensei nisso enquanto caminhava descalça pelos jardins do palácio até um canto íntimo bem ao fundo, repleto de folhagens e vasos cheios de vegetação e flores.

Nesse canto, havia um pedestal retangular que se erguia a cerca de dois metros do chão.

Ele estava coberto de seda carmesim com uma borda laranja. Também tinha um pequeno travesseiro no topo, revestido de verde-esmeralda. E cobrindo todo o pedestal e flutuando até a seda que também cobria o mosaico de azulejos no chão, havia pétalas de flores carmesim, laranja e damasco.

Isso as mulheres haviam feito antes de eu chegar. Fazia parte da cerimônia, segundo me disseram.

Não, isso não era tão ruim assim.

Foi quando vi a mesa atarracada e dourada no topo, que tinha uma tigela de gelo, uma tigela de líquido transparente na qual havia várias agulhas e várias bandagens brancas brilhantes, que fiquei nervosa.

A rainha Elpis estava sentada em uma almofada na cabeceira do pedestal, e ao lado dela estava Nyx, uma mulher Firenz que eu havia conhecido naquela manhã, esposa de Lorenz.

Atrás da mesa, Zosime, a esposa de Guard, que eu também havia conhecido naquela manhã, sentou-se em uma almofada.

E ao redor do pedestal, todas sentadas em almofadas, estavam minha mãe, a Rainha Mercy, Farah, Sofia, Ophelia, Elena, Ha-Lah e a precoce pupila de Elena, Dora.

Pensei que talvez Dora não devesse estar ali, mas ela não era minha pupila, então não disse nada.

Como me disseram para fazer, caminhei até o final do pedestal e Zosime e Nyx se levantaram enquanto eu o fazia.

Elas se juntaram a mim e pegaram minhas mãos enquanto me ajudavam a subir no pedestal, a me virar e, em seguida, todas as mulheres se estenderam para me ajudar enquanto eu apontava meu traseiro para o pedestal.

Uma vez no chão, caí para trás, esticando-me.

Aparentemente, o que estava sobre mim era pedra. Eu sabia disso porque era duro e não muito confortável, mesmo com toda aquela seda e as pétalas.

Mas o travesseiro era bom.

Nyx e Zosime foram para a cabeceira do pedestal enquanto Elpis

ajeitava meu cabelo sobre a borda do pedestal e, assim que as duas mulheres se sentaram, a Rainha Elpis começou a falar,

—Silence dos Dellish, Condessa de Arbor, noiva do Rei de toda a Firenze, hoje você se prepara para fazer o mais sagrado dos votos que jamais fará. Mais sagrados do que aqueles feitos a seu pai. Mais sagrados do que os de sua mãe. Mais sagrados do que aqueles feitos a seus filhos. Mais sagrados do que aqueles feitos à sua nação. Esses são os votos que você fará ao se unir a seu marido.

Apertei os lábios e deslizei os olhos para a direita, captando o olhar de minha mãe.

Ela me deu um sorriso tenso.

Respirei fundo.

—Isso vai ser frio, *mia figlia*⁹⁴— murmurou Elpis.

Depois que ela disse isso, senti o frio do gelo ao longo de minha orelha.

—Em suma— continuou Elpis, —você fica ao lado de seu marido. Em tudo, você lhe dá sua orelha. Em tudo— vi outra mão vir em direção ao meu rosto (o de Nyx) e senti o gelo em minha narina, —você lhe dá seus pensamentos. Em tudo— outra mão foi adicionada (a de Zosime) e o gelo foi colocado em meu lábio, —você dá a ele sua honestidade.

Bem, então.

Isso foi bastante profundo.

Sem falar na beleza.

—Para lembrá-los de que é isso que faz um casamento forte— Elpis entoou, —vocês usam a corrente de casamento. Você a usa diariamente. Use-a para que seu marido veja que ele pode

compartilhar qualquer coisa com você, e você o ouvirá. Ele pode estar longe, mas estará em seus pensamentos. E ele pode contar com você para contar suas verdades a ele, para que ele possa conhecer sua mente.

Sim.

Isso foi muito bonito.

—Por sua vez— continuou Elpis, —ele usará sua corrente como um voto para você ouvir, mantê-lo em seus pensamentos e compartilhar sua alma.

Oh, meu Deus.

Muito bonito.

Tanto que eu poderia até chorar.

—Você levará a corrente de meu filho em seu casamento e a guardará com carinho. Ele levará sua corrente em seu casamento e a guardará como uma bênção. Até seus últimos suspiros, ela não simboliza sua união para aqueles que a veem. Mas sua intimidade um com o outro. Ele será apenas seu, e você será apenas dele, no coração, na mente, na fala, para sempre.

Tudo bem, sim.

Talvez eu chore.

Eles me disseram como seria (embora, obviamente, não as palavras).

Mas eu não havia perguntado se poderia demonstrar emoção.

Portanto, contive as lágrimas.

—Você entende isso, Silence de Arbor?— perguntou Elpis.

—Entendo— respondi, minha voz soando rouca.

Foi então que Elpis se inclinou sobre mim e olhou em meus olhos.

Seus pensamentos sempre foram habilmente ocultos.

E eles estavam certos naquele momento.

Até que não estavam mais, e vi a ternura invadir meu olhar.

—Estou feliz, *mia figlia*— ela sussurrou. —Agora você será perfurada. Está pronta?

Com cuidado, para não soltar o gelo que me segurava e que, devo admitir, estava tão frio que chegava a ser desconfortável, assenti.

—Sendo assim, vamos começar— Elpis me disse. —Todos os quatro. De uma só vez. Assim, tudo terminará rapidamente.

Assenti novamente com a cabeça.

Foi então que vi, pela primeira vez, os olhos de minha futura sogra sorrindo para mim.

Eles desapareceram.

O gelo desapareceu.

Ouvi o barulho do líquido.

E então senti as pontas das agulhas na orelha superior, no lóbulo, na narina e no lábio.

Fé.

Eu me mantive firme.

—*Lei è coraggiosa*⁹⁵.— Isso veio em um sussurro, pensei, de Nyx.

Ela é corajosa.

Que adorável.

Respirei fundo quando as agulhas perfuraram minha carne.

Rapidamente, elas foram retiradas e senti as argolas deslizarem para dentro dos orifícios, o do lóbulo foi o último, pois Elpis estava em minha orelha, Nyx em minha narina e Zosime em meu lábio, e Elpis não podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Pouco tempo depois, cada uma foi banhada com algo que ardia.

Um espírito para manter o veneno fora.

Depois disso, o gelo estava de volta, coberto com um pano e preso aos piercings.

Eu quase não senti nada.

Apenas uma pontada e depois uma picada.

Sim.

Nada mal.

—Está feito— anunciou Elpis. — Silence de Arbor está preparada para se casar com um Firenz. Ela está preparada para ser uma boa esposa. Ela sabe o que será um bom marido. E eles servirão um ao outro com confiança e compreensão por todos os seus dias. Louvemos as bênçãos.

—Louvemos as bênçãos— murmuraram as mulheres ao meu redor.

—Louvado seja o juramento do casamento— entoou Elpis.

—Louvado seja o juramento do casamento— repetiram todas ao redor.

—Louvado seja o entendimento— disse Elpis.

—Louvado seja o entendimento— todos repetiram.

—Louvem a harmonia— terminou Elpis.

—Louvado seja a harmonia.

—Você louva essas coisas, *mia figlia*?— perguntou-me Elpis.

—Louvo— respondi.

—*Bello*— ela sussurrou. Depois, mais alto: —Traga o presente do rei.

O presente do rei?

Que presente?

Eu deveria ter um presente para ele?

Oh, meu Deus.

O gelo foi levado embora.

—Sente-se— disse Elpis. —Nós o substituiremos quando necessário. E lhe daremos uma pequena corrente de ar para ajudá-lo com qualquer dor. E, é claro, depois que você receber o presente do meu filho, vamos fumar.

Fumar?

Ninguém mencionou fumar.

Eu não podia perguntar.

Eu havia me sentado e, quando o fiz, vi que Zosime estava se aproximando com o que parecia ser uma pequena gaiola.

Ela a ofereceu a Elpis, que não a pegou, mas abriu a porta.

E eu engasguei de alegria quando um pequeno macaco com um

rosto peludo e uma cauda listrada saltou para a mão de Elpis.

Ela ofereceu a pequena e preciosa coisa para mim.

Imediatamente, estendi a mão e o peguei.

Ele se enrolou em meu dedo, que era mais ou menos da altura dele.

—É um bebê e não será maior do que a sua mão, ou seja, até a *sua* mão, Silence— disse Elpis. —De Mars, para você. O presente dele, depois que você deu a ele o seu presente de carregar a corrente de casamento dele.

Oh, pelos deuses.

Pelos deuses.

Sim, agora eu estava chorando.

Olhei para a rainha.

—Você deve dar um nome a ele, *tesoro*— disse Elpis, e percebi que seus olhos também estavam brilhantes com lágrimas não derramadas.

—Piccolo⁹⁶— declarei.

—É uma menina— murmurou Elpis.

Eu sorri para ela com os olhos úmidos.

—Piccola— emendei.

Ela me deu um leve sorriso em troca.

Dei atenção à minha nova queridinha, trazendo-a para perto de mim.

—*Allo, preciosa*⁹⁷— sussurrei.

Ela levou sua mãozinha ao meu nariz.

Comecei a rir e imediatamente me apaixonei.

Por um macaquinho.

E talvez...

Um rei.



Todas riram.

—Não é engraçado— disse Elena.

Estávamos na banheira real do jardim do palácio, que ficava muito, *muito* atrás. Ela era um pouco aberta aos elementos (sem teto, apenas a cabeceira e a extremidade da banheira eram muradas, o resto era sol e arbustos com algumas colunas robustas que sustentavam videiras floridas). Ela era revestida de azulejos em pequenos diamantes de pêssego e verde. E havia oito lounges de frente para ela.

Eu estava em um lounge com minha fumaria⁹⁸ ornamentada ao meu lado (uma engenhoca de vidro que parecia uma garrafa com uma rolha extravagante na parte superior e uma extensão de vidro onde se colocava os lábios).

A fumaça era adorável.

A fumaça, fora da minha pequena Piccola, era minha nova coisa favorita no *mundo*.

Elena estava na banheira, vestindo sua meia-calça, parecendo ágil e bronzada e como se pudesse derrubar um regimento inteiro de Firenze com seu corpo esbelto, alto e atlético.

Para meu choque, Zosime, Nyx e Farah também estavam na banheira e estavam nuas (até mesmo Zosime, e ela estava grávida!).

Ha-Lah, a rainha de Mar-el, estava na banheira e também *estava nua!*

E ela estava assim quando seu guarda não estava muito longe. Se ele olhasse (o que eu havia verificado, e ele não estava), ele poderia ver sua rainha nua!

Isso, é claro, fez com que mamãe e tia Mercy desocupassem o local.

Mas Elpis estava lá.

Ela usava um sarongue curto enrolado no tronco e nos quadris e estava sentada na lateral da banheira com os pés dentro dela, com sua própria fumaria ao lado, rindo.

Sofia estava do outro lado e abaixo de Elpis, com seu próprio sarongue. Ela tinha uma fumaria e a estava usando, mas não estava rindo, nem falando, apenas estava conosco... e fumando.

Dora tinha ido com Ophelia, mas as tenentes de Elena agora estavam conosco e uma delas, Jasmine, não estava com sua meia (embora a outra, Hera, estivesse).

Todos tinham uma *fumaria* pessoal (exceto Zosime, que me disse que não poderia fazer a fumaça quando estava grávida).

E parece que todos nós as adoramos.

—É hilário— Jasmine negou as palavras de sua princesa.

—Ele é um brutamontes— declarou Elena.

—Um bonitão— disse Zosime.

—Se eu não tivesse o meu Lorenz ou se ele permitisse que

brincássemos com gente como ele, eu não me importaria que esse brutamontes me prendesse nas paredes e dissesse que queria me beijar até eu ficar *encharcada*— acrescentou Nyx.

Eu ri novamente de onde estava reclinada, ainda usando minhas cortinas laranjas, embora não entendesse muito bem o que era esse negócio de —encharcada— sobre o qual as senhoras estavam se gabando.

Eu havia tirado a seda para que minhas pernas não ficassem cobertas.

Minha mãe ficaria escandalizada.

Mas o sol em minhas pernas era *maravilhoso*.

Diante de minha risada, a Rainha Elpis voltou seu olhar para mim e me lançou um olhar afetuoso.

Pelos deuses.

Era verdade.

Ela gostava de mim!

—Você nunca o beijaria— disse Zosime como se estivesse horrorizada.

—Eu não beijaria— concordou Nyx. —Mas eu não me importaria que ele me ameaçasse com isso.

Elpis jogou a cabeça para trás e gritou de tanto rir.

Em seguida, ela levou a fumaria aos lábios, aspirou e, por fim, abriu a luxuosa rolha do topo, absorvendo a fumaça.

Quando ela fez isso, decidi fazer o mesmo.

Eu adorava ouvir as bolhas no líquido do fundo quando eu

inspirava.

—Esses piercings são agradáveis, Silence— disse Hera depois que deixei minha fumaria de lado. —Estou pensando em fazer alguns.

—Oh, você deveria— declarei, pois me mostraram um espelho e vi as pequenas argolas de ouro em minha orelha, nariz e lábio, e como meu futuro marido tinha o mesmo (e mais!), eu os adorava. —Eles são adoráveis.

Com isso, recebi outro olhar carinhoso da minha futura sogra.

Acomodei-me em minha sala de estar, sentindo-me muito feliz.

No entanto, eles haviam levado meu macaquinho embora.

Se eu tivesse a Piccola, estaria mais feliz.

E se Mars estivesse por perto e eu pudesse lhe mostrar meu novo ouro, eu estaria mais feliz.

E se ele estivesse por perto e eu também pudesse lhe dizer o quanto eu amava meu macaquinho, eu seria mais feliz de todas!

Com o que parecia ser um cuidado, Jasmine perguntou a Farah: —True vai lhe dar uma corrente de casamento?

Parecendo que estava se certificando de não olhar para Elena, ela respondeu: —Não sei. A decisão será dele.

—Acho que você deveria pedir a ele que lhe dê uma— disse Elena em voz baixa.

Elena era tão adorável.

Farah olhou para Elena.

—Eu concordo— declarou Ha-Lah.

Ha-Lah também era muito bonita. Seu jeito era majestoso, mas gentil. E sua pele era a mais bonita que eu já tinha visto. E eu invejava seus cachos saltitantes. E, talvez um pouco, invejei sua coragem de entrar nua na água.

Pois quando ela o fazia, ficava com uma expressão estranha e atraente no rosto, como se estivesse voltando para casa.

Eu me sentia assim quando estava na água. Eu adorava tomar banho.

Mas como eu não tinha uma meia-calça e não era corajosa o suficiente para ficar nua, eu ficava em meu lounge ao sol.

Embora eu tivesse minha fumaça. Então, para mim, estava tudo bem.

Talvez em outro momento. Depois que eu me casasse e fosse Firenz, além de Dellish.

—Ele pode não tomar um ele mesmo— Elena continuou, seu olhar gentil para Farah. —Mas ele deve lhe dar um com o entendimento de que ele recebe tudo isso de você, e mesmo que ele não o use, você o recebe em troca.

Sim.

Elena era tão adorável.

Ela claramente não estava se dando bem com o príncipe Cassius (ele deveria lhe dar um macaquinho!), mas ela estava sendo muito gentil com Farah sobre True.

—Eu vou discutir isso com ele— Farah murmurou, e Elena sorriu.

—E ele vai dar um para você. Esse é o True. Se ele tiver o que dar, ele o dará. Mas se ele se importa com quem está pedindo, ele moverá o céu, a terra e o mar para entregá-lo a você.

Hesitantemente, e o que parecia esperançoso, Farah deu a Elena um sorriso de retorno.

—Até onde posso dizer, todos vocês são afortunadas— declarou Nyx. —É claro, fora da ascensão da Besta. Mas eu tive que ganhar o meu Lorenz e ele não fez isso fácil. Todas vocês *receberam* os melhores guerreiros de seus reinos sem nenhum trabalho envolvido.— Ela sorriu amplamente. —Se eu não tivesse conquistado meu Lorenz, ficaria com muita inveja.

—Não há nada para ficar com ciúmes— declarou Elena. —Pois, como mencionei, o meu é um *brutamontes*.

Todos riram novamente.

—Estou muito feliz por você ter decidido se juntar a nós nestes últimos dias, Rainha Ha-Lah— eu disse quando terminei de rir, e a rainha virou seu belo rosto para mim. —Temos muito tempo para passar juntos, e é bom conhecê-la.

—Isso é muito gentil, Silence— respondeu ela com sua voz extraordinária. —É bom conhecer você também.

—Mas seu marido me assusta— eu disse.

Foi então que ela começou a rir.

Fiz o mesmo com ela, embora não tivesse ideia de por que estava fazendo isso.

—Ele não é tão bruto quanto parece— ela me disse.

—Ele é muito grande— eu lhe disse.

Sua cabeça se inclinou para o lado e os cachos que ela havia prendido no topo da cabeça balançaram para esse lado. —E seu Mars não é? Mas parece que você não acha seu rei *assustador*.

Pensei nisso e comecei a rir.

—É verdade!— Eu gritei.

Todas riram comigo.

—Somos muito afortunadas— declarei quando terminamos de nos divertir. —De muitas, muitas maneiras. Em casa, na casa de meu pai, eu não tinha ninguém além de meu Tril. E, às vezes, minha mãe. E agora.— Estiquei meu braço para fora. —Veja!— Eu gritei. —Estou cercado de amigas.

Eu sorri, mas não recebi o mesmo em troca.

—Você estava assim tão sozinha em sua casa, *mia figlia*?— perguntou Elpis.

Balancei a cabeça com veemência. —Não é tão ruim assim. Eu gosto de ficar sozinha.

—Como todos nós, Silence— ela respondeu suavemente. —Até que não queiramos isso. E quando não desejamos isso— seu olhar passou por Sofia antes de voltar para mim, —precisamos de nossos amigos.

—E agora você os tem— declarou Farah. —Não amigas. *Sorelle*⁹⁹. É isso que nós somos. *Sorelle della Bestia*¹⁰⁰.

Irmãs da Besta.

—Ouçam, ouçam— disse Elpis, levantando sua fumaria.

—Huzzah!— Jasmine gritou, indo para o lado da banheira em direção ao seu próprio cachimbo elaborado.

Eu peguei o meu.

—Para nós!— Gritei mais alto do que jamais havia falado antes, levantando minha *fumaria*. —Irmãs da Besta!

—Irmãs da Besta!— gritaram as senhoras.

Todas nós fumamos (exceto Zosime, que apenas sorriu).

Depois, todos rimos.

Escandalosamente.

E assim, quando o fizemos, não notamos as águas da piscina, a própria terra embaixo...

Ondulando.



O Sermão

Lorde Johan Mattson

Corredor leste, primeiro andar, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

De fato.

O homem era vil.

Isso foi o que Johan pensou enquanto caminhava pelo corredor e seu futuro genro caminhava em sua direção.

Ele não usava sapatos.

E estava novamente com o couro sem mangas que havia usado no desfile.

Eles eram praticamente esculpidos em sua pele.

Era obsceno.

E seu cabelo comprido...

Piercings...

Cicatrizes...

Johan mal conseguia ficar olhando para o animal.

Pelos deuses, mesmo que sua filha não estivesse destinada a ter seu próprio nome nos tomos da história (e ele achava que o homem estava ficando tão apaixonado por Silence que Johan receberia aquele dote absurdo de volta dez vezes mais no momento em que instrísse Silence a pedi-lo), eles estariam montados em seus cavalos e fora dessa cidade imunda antes que o rude pudesse piscar.

Quando estavam perto, Johan parou e disse: —Vou lhe dar uma palavra, Mars.

O rei também parou e levantou uma sobrancelha.

—Mars?

Johan não entendeu a pergunta, pois, a menos que tivesse um gêmeo, ele era Mars.

O homem não hesitou em responder à pergunta não feita por Johan.

—Será que eu esqueci de lhe dar permissão para usar meu nome de batismo?

—Você vai se casar com minha filha em dois dias— observou Johan com exasperação.

—Sim— concordou Mars.

Ele ignorou esse ridículo e disse: —Precisamos conversar.

O homem grande balançou para trás em seus calcanhares (descalços) e cruzou os braços sobre o peito (enorme).

—E o que você quer me dizer, Johan?— perguntou Mars.

—*Lorde Johan*— ele corrigiu de forma superficial.

Ele não estava se sentindo elegante, mas um segundo depois, quando não conseguiu evitar recuar ao ver...

Seria possível acreditar nisso?

Uma explosão de chama *vermelha* real nos olhos do rei.

Pelos malditos deuses.

—Não vamos— rosnou Mars. —Tive um dia difícil. Perdi o jantar com minha noiva. Já é tarde. Eu me caso depois de amanhã e ainda há muito a ser feito. Se você quiser falar, fale— ordenou ele.

Johan levantou o queixo.

—Mandeí avisar que o restante do dote de Silence será entregue— declarou Johan.

—Isso eu sei— retornou Mars.

—Eu lhe mostrei esse respeito— disse Johan a ele.

Mars não disse nada.

—Minha filha tem vinte e três anos de idade— declarou Johan.

—Fascinante— murmurou Mars, seu olhar escurecendo, e Johan teve a nítida impressão de que o rei não estava mais nem mesmo ciente de que Johan estava ali.

Ele lutou para não bater na cara do beemote e, em vez disso, bateu com a voz: —Portanto, ela é jovem e foi muito protegida.

Mars piscou de volta para a conversa, mas apenas visualmente, não audivelmente.

—Ela recebeu esses seus piercings hoje— lembrou Johan.

—Você me parou a caminho da minha cama para me dizer uma variedade de coisas que eu sei e apenas uma que eu não sabia?— Mars questionou.

Johan estava perdendo a paciência.

—Ela também está mostrando respeito por você— ele cortou.

—É o nosso jeito.

—Não é o nosso.

—E, portanto, estou ciente, Lorde *Johan*, de que esse é um presente que ela me deu. Ela. Pois é a pele dela que carrega as argolas matrimoniais que eu preencheri com minha corrente. O que não estou entendendo é por que estou no corredor discutindo isso com você.

—Então vou lhe explicar. Gostaria que o senhor retribuísse o respeito não obrigando minha *jovem e protegida* filha a tomar banho com mulheres que não usam roupas enquanto ela se dedica a essa *fumaça* vil.

—Isso também é do meu povo— respondeu Mars.

—Silence é...

—Chega— sussurrou Mars, e não houve chama, mas seu tom, seu olhar e a estranha aparência de seu corpo ter crescido vários centímetros em altura e largura fizeram Johan lutar para dar vários passos para trás. —Eu lhe darei o que você deseja, Lorde Johan.

—Eu não desejo nada além de...

—Um pequeno baú de esmeraldas de Firenz.

Johan ofegou.

Isso foi...

Bem, valia todo o dote e mais um pouco.

—Um grande baú de ouro Airenziano— continuou Mars, para o

choque de Johan, pois isso era muito mais do que dez vezes o custo do dote. —E uma bolsa de rubis de Firenz.

De repente, Johan estava se sentindo muito mais benevolente com seu futuro genro.

—Eu não... isso é muito generoso... é...— gaguejou Johan.

—Não é generoso, embora seja uma fortuna— declarou Mars. — Mas não chega nem perto do valor de sua filha, que é o que, com essa fortuna, eu vou comprar.

Diante disso, Johan ficou perplexo.

—Você já a tem— lembrou Johan.

—Depois que todos os profetizados se casarem e eu e ela voltarmos para Firenze e seguirmos nossas vidas, você não a verá, a menos que eu permita. A mãe dela virá a pedido de Silence, sob minha guarda. Mas você não a acompanhará. Isso é de seu entendimento?

E com isso, ele não estava mais se sentindo benéfico com seu futuro genro.

Não.

Ele estava *furioso*.

—Você... você pretende... me excluir da vida da minha filha?— Johan gaguejou.

—Se ela nunca mais o vir, isso não me incomodará. Se ela quiser vê-lo novamente, eu considerarei a possibilidade. Mas não o concederei a menos que eu sinta que você pode vê-la sem prejudicá-la. Isso está entendido, não?

—Eu nunca faria mal à minha filha— disse Johan.

—Ela não conhece sua própria beleza. E minha mãe falou comigo no início desta noite e me disse que Silence compartilhou que ela não tem amigos em sua terra. Ela é próxima apenas de uma mulher que, segundo me disseram, é a criada de sua dama. Uma mulher com a inteligência e o charme de Silence deveria ter mais em sua vida do que a criada de sua senhora.

—Ela é uma esquisitice.

Johan imaginou que uma onda de vento quente atingisse toda a sua estrutura quando Mars rosnou: —Ela não é...— ele inspirou pelo nariz, —uma esquisitice.

—Ela é uma esquisitice em nossa terra— explicou Johan apressadamente.

—E como isso acontece?'

—Ela lê.

Mars piscou os olhos.

—Ela não gosta de dançar— continuou Johan.

—Eu também não gosto de dançar, mas não sou uma esquisitice— comentou Mars.

—Você não é uma mulher. As mulheres gostam dessas coisas. Roupas finas. Modismos. Avanços cortesias. Flertes. Não sei— Johan estendeu a mão, —gatinhos.

Isso pareceu preocupar o rei, pois ele perguntou: —Minha noiva não gosta de gatinhos?

—Sim, ela gosta, é claro, mas não de estatuetas deles espalhadas por seus quartos.

Levou um momento até que Mars soltasse um pesado suspiro.

Ele então disse: —Você não a entende.

—Ela não é como as outras meninas— respondeu Johan.

—Não, ela é como sua filha. E não há ninguém, além de sua mãe, que deveria entendê-la melhor do que seu pai. Em vinte e três anos de vida, eu suspeitaria que há muito a saber. Pelo que sei, em apenas alguns dias, aprendi que isso é verdade.

Johan ficou quieto.

—Você gosta de ler?— Mars perguntou.

Johan sentiu suas entranhas ficarem geladas.

—Sim— ele murmurou.

—Você gosta de cavalgar?

—Claro.

—Sua filha gosta de andar a cavalo.

—Meninas não deveriam gostar de andar em nada além de carruagens.

—É assim que você a prejudica, Lord Johan. Porque eu sei de duas coisas que você gosta e que sua filha também gosta, e você não compartilha com ela.

Johan balançou a cabeça. Johan balançou a cabeça. —Você deve saber que o papel de toda filha aristocrática é promover os meios de seu título e, como ela é, ela não podia se casar.

—Agora não é mais, pois ela se casa com um rei. E vocês sairão daqui com baús de riquezas— retornou Mars. —E com isso você pode ver, Lorde Johan, que ela não era indesejável. O senhor simplesmente não valorizava tudo o que ela tinha a oferecer, deixou isso claro para ela, mas, felizmente para sua filha, o destino a levou a alguém que

valoriza.

—Preciso pensar sobre isso— murmurou Johan.

—Se não se importa, vou deixá-lo pensar por conta própria— respondeu Mars, baixou os braços e começou a se afastar.

—Rei Mars— chamou Johan.

Em outro suspiro, Mars se virou para trás.

—Você não pode pensar que eu abriria mão do direito de ver minha filha por um baú de ouro.

—E você não pode achar que é sensato trocar por mais tesouros, pois isso não é uma oferta, é um presente de um rei por obedecer a uma ordem.

Uma ordem?

Ele não era um rei para comandar.

Pelos deuses, ele pensaria um pouco antes de obedecer a uma ordem de seu próprio rei.

Johan estava ficando irritado novamente.

—Se você ia me dar tanto por ela, por que exigiu um dote tão grande?—

—Isso foi uma troca— explicou Mars. —E seu rei não é muito bom nisso.

Depois de dizer sua frase de despedida, Mars se afastou.

E Johan o observou partir.

Ao fazê-lo, percebeu que era o pai de uma mulher que seria rainha dentro de poucos dias e que, no desfile, ele havia sido relegado

às arquibancadas, não ao pódio.

E no jantar de noivado, ele teve que se sentar com um Go'Doan, um tenente Nadirii e o conselheiro de seu rei, e *não* à mesa com a rainha Ophelia, a princesa Serena e seu próprio rei e rainha. Mas a maldita esposa de um *traidor* havia se sentado com eles.

Além disso, a filha dele tinha sido perfurada e passou a tarde toda se confundindo com *fumaça*.

E ele acabara de receber uma oferta de pagamento para nunca mais ver sua filha, exceto quando um rei estrangeiro o deixasse.

Ele também tinha acabado de suportar um sermão de um homem que nem sequer era pai sobre como ele não tinha sido um bom *pai*.

Ele era o Senhor do Arbor. Era um aristocrata. Suas veias corriam com sangue real. E era casado com a filha de um *rei*.

Sim, Johan estava furioso.

E ele esperava que sua Silence e seu bruto, Cassius e sua guerreira, o pobre True e aquela vadia com quem ele teve que se casar, e o Rei do Mar e sua noiva pudessem acabar com a Besta.

Porque depois que eles conseguissem, Johan faria o rei implorar.

E ele usaria sua filha para fazer isso.

No entanto, enquanto Johan descia o corredor na direção que o rei tomou, em direção às escadas, ele pensou que não esperaria pela derrota da Besta.

O rei Mars estava se apaixonando por sua filha.

E isso deu poder a Johan.

E ele iria usá-lo.



O Quarto do Rei

Lady Silence Mattson

Quarto do Rei, segundo andar, corredor oeste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Depois do jantar, quando subi as escadas e cheguei ao topo, não virei à esquerda para ir aos meus aposentos.

Parei e olhei para a direita.

Os quartos de Mars ficavam bem no final do corredor.

Ou o que eu sabia que eram os aposentos de Mars, agora, já que notei todo o clamor dos criados quando a rainha se mudou para o nosso lado do corredor.

E, embora eu tivesse finalmente feito um tour completo pelo palácio e estivesse lá há dias, eu nunca tinha visto seus aposentos.

E depois de amanhã, nós nos casaríamos.

Ele estava de portas fechadas em sua sala de reuniões, aparentemente algo importante (e demorado) estava acontecendo, então ele, nem nenhum dos reis ou príncipes ou a rainha Ophelia, se juntaram a nós para o jantar.

Eu não deveria fazer o que estava pensando em fazer.

E, ao pensar em fazer isso, não podia culpar a influência da fumaça. O efeito já havia passado há algum tempo.

Embora eu tivesse tomado uma taça de vinho a mais do que o normal no jantar daquela noite.

Mas também não foi isso.

Era por causa do macaquinho dela.

E o fato de que na noite de depois de amanhã eu estaria casada.

Olhei para a esquerda e depois para a direita novamente, notando que, como os convidados estavam se retirando, os criados estavam ocupados (portanto, não estavam no salão), cuidando das necessidades da hora de dormir.

Sendo assim, desci rapidamente pelo corredor, olhando por cima do ombro várias vezes.

Quando cheguei à porta fechada de seu quarto, bati (por precaução), sem fazer barulho (porque não queria que ninguém ouvisse).

Sua voz não passou pela porta, dizendo para eu entrar.

Entrei mesmo assim.

E, por um segundo, fiquei imobilizada.

Depois que percebi que estava na porta aberta do quarto dele, fechei-a atrás de mim e fiquei ali olhando.

Eu tinha uma pequena piscina perto do meu quarto.

Mas isso diante de mim...

Não era pequena.

Poderia ter todas as senhoras dentro dela, vezes três!

Era revestida de azulejos pretos e esmeralda, dentro da piscina e ao longo de todo o piso. As paredes ao redor eram de um tom pêssego quente. Havia quatro lounges nas laterais que mais pareciam divãs duplos. Havia também quatro vasos com árvores de verdade crescendo neles (embora fossem pequenas e artisticamente aparadas, ainda eram árvores). Almofadas espalhadas pelo chão. Lindos vasos de cerâmica dos quais brotavam flores frescas.

Era fascinante.

Por mais que fosse, eu não conseguia ficar parado, olhando para a piscina de Mars, que em breve seria a minha piscina.

Eu tinha que me apressar, dar uma olhada e ir embora.

Ele poderia chegar a qualquer momento e, embora eu pudesse facilmente chamar minha sombra para me esconder, não queria correr o risco de ser pega.

Então, entrei, olhei para a esquerda através de um arco e senti minha boca se abrir enquanto caminhava por ali.

Opulência.

Mais paredes cor de pêssego. Divãs macios. Almofadas. Mesas espalhadas aqui e ali. Lâmpadas espalhadas. Lustres intrincados pendurados. Sedas e veludos, peles ricas e borlas de contas esvoaçantes.

Havia muitos lugares para sentar e ler.

Muitos outros lugares para relaxar e ter centenas, milhares (mais!) de conversas entre marido e mulher.

Ou talvez eu pedisse a Nyx e a Zosime que me acompanhassem e

eu passaria um tempo com minhas novas amigas lá.

E havia uma escrivadinha na sala em um canto voltado para fora. Ela não era tão grande quanto a do andar de baixo, no escritório de Mars. Mas era grande, ornamentada e majestosa.

Fui até ela pensando que ele poderia trabalhar enquanto eu lia e, quando terminássemos, juntos poderíamos...

Parei de pensar além disso e vi que ele, de fato, trabalhava aqui em cima. Havia pergaminhos e rolos de pergaminho sobre a escrivadinha, bem como duas canetas de prata gravadas com alguns desenhos, tudo isso espalhado por cima. Três tinteiros. E quatro ceras de cores diferentes para selar, uma preta, uma vermelha, uma verde e uma dourada. Havia também dois carimbos diferentes.

Levantei um e olhei para o fundo. Era uma serpente. O outro, uma chama.

Eu me perguntava para que cada carimbo e cada cor de cera eram usados ou se ele os usava apenas a seu bel-prazer.

Eu perguntaria.

Um dia.

E ele responderia.

Porque eu seria sua esposa e deveria saber essas coisas.

E eu não podia negar que esse pensamento me deixava estranhamente *tonta*.

Naquele momento, entretanto, eu não podia ceder à vertigem. Eu tinha um outro cômodo para explorar, pois os quartos de Mars ocupavam toda a extremidade da ala oeste.

Atravessei o cômodo, vendo o que não tinha visto antes: estantes de livros encravadas em ambos os lados da parede que levava ao arco

da piscina, e elas estavam cheias de livros.

Sorri para mim mesmo, ainda mais tonto por saber que poderia examiná-los mais tarde, e atravessei o piso de ladrilhos da sala de banho, passando por algumas cortinas pretas transparentes...

E eu estava no quarto de dormir.

— *Fé*— eu respirei.

Uma cama enorme em um pódio que subia três degraus. Esses degraus eram acarpetados com um pelo branco como a neve. A cama tinha uma saliência que descia do teto pintado de preto e vermelho com detalhes em dourado. Dos cantos da saliência, caíam cortinas pretas, agrupadas para florescer um pouco mais da metade da altura das colunas da cama. Uma cabeceira acolchoada de veludo damasco. Dezenas de travesseiros na cabeceira. Luxuosas peles como coberturas.

O piso era de mármore preto e brilhava tanto que imaginei que poderia olhar para baixo e ele espelharia meu rosto.

Apoios para os pés tufados. Mais divãs. Cômodas espelhadas. Vasos com flores frescas.

Não era opulência.

Não era luxuosidade.

Era *suntuoso*.

Rapidamente, fui até os dois arcos na parede voltada para o leste e empurrei para o lado as cortinas pretas que cobriam um deles.

Mais suntuosidade.

Um quarto de vestir. Cama de dia coberta de veludo. Peles como tapetes. Prateleiras de roupas, botas e sandálias. Espelhos com bordas douradas. Tudo em preto com detalhes em dourado e vermelho.

Fui para o outro arco.

Esse seria o meu.

Eu sabia porque era o mesmo, só que muito mais feminino, em damasco com detalhes em vermelho e dourado.

Havia uma porta na parte de trás.

Provavelmente onde Tril estaria (eu esperava, pois não gostávamos de ficar longe um do outro).

Voltei para o quarto.

Então ele me deu um macaquinho.

E me deu um palácio.

E me deu sua atenção.

E ele me achava bonita.

Eu não sabia qual seria meu papel para acabar com a Besta.

Eu estava começando a pensar que, ao lado do Rei de Firenze, eu teria coragem de fazer qualquer coisa.

Com esse pensamento, ouvi a porta da câmara se abrir.

—*Bolas*— sussurrei, senti um formigamento nas costas, estendi o braço e juntei minha sombra ao meu redor, correndo pela grande sala enquanto Mars entrava, puxando sua camisa de couro pela cabeça.

Gaguejei ao ver seu peito.

Ele deixou a camisa cair no chão, olhou diretamente para mim, parou abruptamente e disse: —Silence?

Erm.

O quê?

Percebi o ar ondulando ao redor.

Minha sombra estava levantada.

Como ele sabia que eu estava lá?

—Silence— ele rosnou, caminhando até mim, com suas pernas longas, o que significa que ele chegou até mim em três vezes.

Suas mãos grandes pousaram em meus ombros e depois se moveram para cobrir as laterais do meu pescoço enquanto ele se curvava para mim.

—Está tudo bem?

Seu belo rosto com cicatrizes e piercings estava cheio de preocupação.

—Você pode me ver?— Eu sussurrei.

—Sim, *piccolina*, você está bem aqui— respondeu ele, dando um leve aperto em meu pescoço.

Deixei cair a sombra, mas, quando o fiz, as sobrancelhas de Mars se juntaram e sua cabeça se contorceu como se ele tivesse visto algo, mas não soubesse o que era.

Só *eu* podia ver o que era.

Como *ele* poderia ver o que estava acontecendo?

—Mars— eu disse, e ele voltou a se concentrar em mim.

—Seu piercing está doendo?— ele perguntou.

—Erm... não.

—Mamãe lhe deu uma solução?

Assenti com a cabeça.

—E um para esta noite, para que você possa dormir sem desconforto?— perguntou ele.

Assenti novamente com a cabeça.

—Você deve deixar as argolas, Silence— ele ordenou. —E durma de costas ou do lado esquerdo para que eles não prendam os travesseiros e lhe causem dor.

E, novamente, assenti com a cabeça.

—Seu pai o incomodou?— ele perguntou.

Balancei a cabeça, agora confuso.

—Não— respondi. —Por que ele faria isso?

—Acabei de vê-lo no corredor. Ele estava sendo irritante.

Oh, meu Deus.

O pai sendo irritante com Mars.

—O que ele fez?— Eu perguntei.

—Não importa. Agora, o que está fazendo no meu quarto?

Erm...

Como explicar isso?

—Silence— ele pediu.

—Eu queria ver— deixei escapar.

Agora era ele quem parecia confuso.

E realmente...

Como ele poderia fazer com que a confusão parecesse bonita e viril?

—Ver o quê?— perguntou ele.

—Onde eu, erm... estaria dormindo.

—Ah— murmurou ele, levantando, mas sem tirar as mãos de mim.

Ele então me estudou com uma mistura de ternura, preocupação e algo que eu não entendia.

Para impedi-lo de fazer isso, pois estava me fazendo sentir estranha, observei: —Você não mencionou o que acha dos meus piercings.

—Eles são lindos— declarou ele, deslocando a mão para segurar minha mandíbula, de modo que ele pudesse estender o polegar para tocar gentilmente a argola em meu lábio. —E ficarão ainda mais bonitos com minha corrente.

Eu esperava que ele pensasse assim.

—Você estava certo. Não doeu. Só uma pontinha— eu lhe disse.

—Hum— ele cantarolou de uma forma que senti em minha barriga.

—A cerimônia quase me fez chorar— eu disse.

Ele pareceu surpreso, mas depois tudo desapareceu de sua expressão.

Era tudo, exceto a ternura.

—Isso me alegra— disse ele suavemente.

—E a Piccola é simplesmente maravilhosa— continuei.

—Piccola?

—Meu macaquinho.

Seus olhos ficaram suaves, assim como sua boca.

E isso era ainda mais bonito.

Talvez fosse a mais bonita de todas.

—Você está satisfeita?— ele perguntou.

Acenei com a cabeça, mas admiti: —Não comprei nada para você.

—Você me deu isso.— Ele tocou seu polegar em meu aro novamente.

—Sim, eu sei. Mas para o nosso casamento.

Sua sobrancelha se ergueu. —A noiva dá um presente ao marido no casamento em seu reino?

—Não, quero dizer, sim. Ambos dão. A noiva e o noivo.

—Que estranho— ele murmurou.

Eu me animei.

—Então você não me comprou nada para que eu não tenha que correr para um bazar amanhã para encontrar algo especial para você?

Ele se inclinou para mim novamente, colocando seu rosto no meu. —Minha Silence, podemos dizer que já trocamos nossos presentes? Você ficará com minha corrente. E eu lhe dei a Piccola.

—Acho que isso seria... isso seria...— Eu não conseguia pensar em nada com seu rosto tão próximo, seu corpo tão próximo, suas mãos em mim... *em seu quarto*.

—Seria...?— ele perguntou quando me perdi na escuridão de seus

olhos.

Eles pareciam líquidos.

—Bom— forcei a dizer.

—Humm— ele cantarolou novamente, levantou-se, encostou os lábios em minha testa, senti as cócegas de sua barba, seus lábios macios, e congelei.

True beijou minha testa.

Nas raras ocasiões em que eu fazia algo que meu pai aprovava (no total, foram duas vezes em minha vida), meu pai beijava minha testa.

Quando eu era mais jovem e mais baixo, minha mãe beijava minha testa.

Eu não gostava que Mars beijasse minha testa.

—Vou acompanhá-la até o seu quarto— anunciou ele.

Eu não queria ir para o meu quarto.

Eu queria...

Eu não sabia.

—Como meu pai o irritou?— perguntei sobre a pele de seu peito.

Sua mão em minha mandíbula deslizou para baixo para acariciar meu pescoço novamente, mas seu polegar ainda se moveu, dessa vez para acariciar minha mandíbula.

—Isso não importa— ele murmurou.

Meus olhos baixaram para seu estômago e vi as músculos ali.

Como ele conseguiu isso?

Não posso dizer que tenha visto muitos peitorais de homens.

Mas nunca tinha visto nada assim.

—Não gosto que meu pai o importune— murmurei.

—Como não foi você quem me irritou, vou compartilhar novamente, *mia bellezza*¹⁰¹, não importa.

Sua beleza.

E ele seria a minha beleza.

Sem que eu quisesse, hipnotizada de alguma forma por sua carne, levantei uma mão e a toquei em uma das marcas em sua barriga.

Ele respirou fundo.

Eu não notei.

—Mas gosto de seu quarto de dormir— murmurei.

—Fico feliz— disse ele em uma voz que soou estranha - mais profunda, grossa.

Deslizei a ponta do meu dedo pela ranhura central, que era a mais profunda.

—Silence— ele sussurrou.

—Como você consegue que sua barriga fique assim?— sussurrei de volta, passando meu dedo ao longo de um mergulho lateral sob uma ondulação.

—Silence.

Não era grosso

Era rouco.

Inclinei minha cabeça para trás ao ouvir o som.

E com um olhar para ele, meu corpo pegou fogo.

—Mars— eu respirei.

—Eu vou beijar você— ele murmurou, olhando fixamente para minha boca.

—Eu gostaria que você me beijasse— sussurrei de volta, indo inexoravelmente em direção ao seu corpo.

Ele me impediu colocando o dedo sob meu queixo, inclinando minha cabeça mais para trás, abaixando a cabeça e tocando seus lábios nos meus.

Ele então se afastou.

Como outros pretendentes que se retiraram e roubaram um beijo.

Um beijo na boca.

E depois se foram.

—Oh— murmurei.

—Oh?— ele perguntou.

Olhei em seus olhos. —Eu, bem, sim. Obrigado. Foi agradável.

— *Agradável?*

Oh, meu Deus.

Ele não parecia feliz.

—Você joga jogos?— ele perguntou.

Minha sobrancelha se franziu e eu respondi. —Não.

Seus olhos percorreram meu rosto por um momento antes de ele fazer outra pergunta.

—Você realmente quer meu beijo?

Observando sua expressão, eu não tinha tanta certeza.

—Venha cá, *piccolina*— ele ordenou.

—Estou aqui, Mars.

Ele se abaixou, passou um braço em volta da minha cintura e me puxou contra seu corpo.

—Oh— eu respirei.

—Sim— ele concordou. —Oh.

Ele se sentia duro contra mim.

Não apenas seu corpo (que era duro), mas uma certa parte de seu corpo (que era dura e pressionava contra mim).

—É isso que seu toque faz em mim, Silence— disse ele.

—Tudo bem— sussurrei.

—Isso assusta você?— ele perguntou.

—Sim— admiti em voz baixa.

—Eu vou consertar isso.

Eu não sabia se isso era possível.

—Tudo bem— repeti.

—Vou beijá-la agora. Um beijo que não é... agradável.

Eep!

—Tudo bem.

Ele me puxou até a ponta dos pés enquanto sua mão em meu pescoço inclinava minha cabeça muito, muito para trás com o polegar na dobradiça da minha mandíbula.

E sua cabeça desceu.

Ele encostou seus lábios nos meus e fez isso com firmeza.

Seus lábios eram fortes, mas macios. Gostei da sensação deles. A sensação de sua barba. O cheiro dele ao meu redor. O toque de seu corpo alto e poderoso contra o meu. O calor de sua pele. Até mesmo a picada do meu piercing.

Relaxe com ele e levantei os braços para colocar minhas mãos em seus ombros.

Ele tocou a ponta de sua língua em meus lábios.

Meu corpo se sacudiu e minha cabeça voltou para trás.

Sua mão se enfiou em meu cabelo para segurar minha nuca e me manter firme.

E seus lábios voltaram aos meus.

—Abra sua boca para mim— ele murmurou contra eles.

—Por quê?— perguntei nervosa.

—Porque você vai pegar minha língua.

Vou?

Foi isso que ele quis dizer dias antes, quando me pegou para me dizer que não gostava que eu fugisse dele?

Eu pegaria sua língua em minha boca?

—Não, minha Silence— ele sussurrou, lendo meus pensamentos. —Você levará minha língua à sua boca e também levará outras partes de mim para lá.

Seu braço em volta de mim me apertou mais a ele, ou seja, uma certa parte dele, mostrando seu ponto de vista, e senti meus lábios se separarem enquanto eu olhava em seus olhos.

—Você não quer se abrir para mim— ele murmurou, olhando novamente para os meus lábios. —Mas vou aproveitar.

Ele então inclinou a cabeça, pressionou os lábios contra os meus e passou a língua por eles.

Oh, oh, oh...

Mas ele tinha um gosto...

Celestial.

Eu gemia e me derretia sobre ele, arqueando as costas, passando os dedos por seus cabelos grossos.

Ele rosnou em minha garganta, inclinou mais minha cabeça, inclinou-se mais para a frente, curvando-me sobre seu braço, levando-me até a ponta dos pés, e entrelaçou sua língua com a minha.

A dele era...

Cravejada.

Ele também tinha um piercing ali.

Eu gemi e me pressionei contra ele.

Com a mão levemente entrelaçada em meus cabelos, ele passou a língua por baixo da minha e depois sugou a minha para dentro da boca.

Oh, meu Deus.

Minha barriga caiu, minhas pernas estavam tremendo, e algo estava acontecendo entre elas.

Algo formigante, trêmulo, quente e adorável.

Como minha magia.

Mas *melhor*.

Muito *melhor*.

Ele me chupou e, em seguida, sua língua empurrou a minha para fora para invadir minha boca e eu chupava a dele.

E enquanto fazia isso, minhas mãos passeavam. Seu pescoço inclinado. Seus ombros musculosos. Seus braços grossos.

Tão quentes.

Tão elegantes.

Tão duros.

Por toda parte.

Sua mão deixou meu cabelo e se agarrou ao meu traseiro, empurrando-me para cima, moldando-me firmemente aos seus quadris.

E isso foi ainda melhor.

—*Mars*— eu respirei em sua boca.

—*Deuses*— ele respondeu, traçando os lábios ao longo de minha bochecha e enfiando o rosto em meu pescoço.

—*Mars?*— Eu disse trêmula.

Sua mão em minha bunda deslizou para meu quadril, sobre minha cintura, para dentro e para cima da minha coluna antes de se enrolar em volta da minha nuca.

Mas ele ainda me segurava com ele.

No entanto.

—Eu fiz algo errado?— perguntei.

—Não— ele gemeu. —Porra, não.

—Tudo bem, então...— Engoli. —Por que não estamos mais nos beijando?

Seu grande corpo teve um espasmo com uma risada áspera antes de ele levantar a cabeça e olhar para mim com olhos saturados de humor e desejo (eu sabia o que era agora, fé, mas eu sabia) e doçura.

—Não vamos mais nos beijar, minha noiva da alma prateada e da boca cristalina, porque se não pararmos agora, não haverá casamento, pois vou nos trancar nestes quartos pelas próximas duas semanas.

—Oh— sussurrei.

Ele sorriu. —Sim, minha Silence, *oh*.

—Isso não é... inédito... em minha terra... para uma mulher... embora eu nunca... uh...

—Calma, Silence. Eu sei.

Ele sabia

Ele sabia que eu era virgem?

Como ele sabia?

Ele continuou falando.

—E é por isso que vamos reservar algum tempo, mesmo que não tenhamos muito, para nos conhecermos dessa maneira. Amanhã à noite, depois do jantar, você virá ao meu quarto e eu compartilharei um pouco mais com você para que esteja mais bem preparada para a noite seguinte, quando compartilharemos tudo.

—Mais beijos?— perguntei.

Seus lábios se contraíram. —Sim, entre outras coisas.

Eu sorri para ele. —Eu gostaria disso.

Ele sorriu para mim. —Você não escondeu isso, *mia bellezza*.

Meu sorriso desapareceu. —Eu fui descarada?— Como eu poderia perguntar isso? Eu era completamente descarada. —Oh não!— Eu gritei. —Eu fui descarada.

Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou, segurando-me contra ele e me puxando para mais perto.

Ele inclinou a cabeça para baixo novamente e, em meio ao riso, disse: —Você foi descarada, sim. E eu gostei disso. Muito mesmo.

Senti o calor atingir minhas bochechas e murmurei: —Oh.

—E esse 'oh' eu sinto em partes de mim que mal posso esperar para ter em sua boca— ele murmurou de volta, seu olhar percorrendo todo o meu rosto (mas principalmente, é preciso dizer, meus lábios e bochechas).

—Acho que eu deveria ir para o meu quarto agora— eu disse a ele, tardiamente e com prudência.

—Acho que isso é sensato— respondeu ele, com seus olhos negros dançando.

Mas ele não me deixou ir.

Ele se inclinou novamente para mim, pressionou seus lábios com força contra os meus, depois se afastou, só então me soltando (o que não gostei).

Ele pegou minha mão (o que eu gostei).

E então nos acompanhou até a sala de banho.

Passamos por sua camisa de couro no chão e eu estava na ponta da língua para sugerir que ele a vestisse antes de me levar pelo longo corredor até meus quartos no outro extremo.

Eu não fiz isso.

Esta era a casa dele.

Seu palácio.

E agora era a minha casa.

Meu palácio.

E ele deveria ser exatamente como queria ser em sua casa.

Como ele estava me mostrando que estava tudo bem em ser... eu.

—Onde está a Piccola?— ele perguntou depois que entramos no saguão.

—A Tril está com ela. Vou ensiná-la a dormir no travesseiro ao lado do meu à noite.

—Minha Silence, como você vai dormir no travesseiro ao lado do meu, acho que deveríamos ter uma conversa sobre isso, não?

Eu estaria dormindo no travesseiro ao lado do dele.

Isso me deu outro formigamento.

—Eu não tinha pensado nisso— murmurei.

Ele deu uma risadinha e disse: —Fico muito feliz que você goste dela.

Olhei para ele enquanto caminhávamos, de mãos dadas. —Eu a amo.

Ele sorriu calorosamente para mim e apertou minha mão.

—Embora eu não goste dela em uma gaiola— compartilhei.

—Ela é muito inteligente, como sua mãe. Logo ela aprenderá a ficar perto de você.

Com isso, timidamente, apertei *sua* mão.

Eu não precisava ser tímida.

Ele novamente me deu outro sorriso caloroso.

Chegamos à porta dos meus quartos, mas antes que eu pudesse alcançar a maçaneta, ele me puxou para seus braços.

—Agora vamos dar boa noite— declarou.

Tentei não fazer beicinho.

Devo ter falhado, pois ele voltou a gargalhar.

Eu sorri para ele enquanto ele fazia isso.

Quando ele ficou sério, inclinou o queixo para mim.

—Amanhã será um dia agitado, mas não perderei o jantar com você novamente— prometeu.

—Fico feliz— eu disse a ele.

—E teremos nosso tempo depois do jantar.

Pressionei meus lábios um contra o outro, o que me causou um

arrepio.

Soltei os lábios para dizer: —Estou ansiosa por isso.

Seus dedos deslizaram ao longo de minha linha do cabelo enquanto ele dizia gentilmente: —E na noite seguinte, nós nos casaremos.

—Também estou ansiosa por isso— sussurrei.

Ele me deu outro sorriso, este suave e doce, antes de se curvar novamente e tocar seus lábios nos meus.

—Até amanhã, minha Silence— ele murmurou contra eles.

—Até lá, meu rei.

Recebi mais um sorriso, este de seus olhos, antes que ele se endireitasse e sacudisse o queixo barbudo em direção à minha porta.

Eu a abri e corri para dentro, começando a fechá-la atrás de mim com apenas um pequeno sorriso para o meu rei (que estava olhando para mim com indulgência) enquanto eu o fechava para longe de mim.

Tril saiu imediatamente de seu quarto assim que o trinco fez um clique.

—Foi esse o rei que eu ouvi?— perguntou ela.

—Sim— respondi sonhadoramente.

Ela estudou meu rosto.

Então decretou: —Ele beijou você.

—Sim— repeti, ainda mais sonhadoramente.

Eu tinha a intenção de pular e girar até a cama.

Em vez disso, flutuei até lá, virei-me para ela e caí de costas sobre ela.

Senti que ela estava deprimida e então vi o rosto de Tril acima do meu.

Ela estava franzindo a testa para minha narina. —Esse ouro está doendo?

Olhei em seus olhos.

—Não. Parece o paraíso.

Seu olhar veio até o meu.

E foi então que meu Tril sorriu para mim.



As Cartas

Princesa Elena

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Quando o sol já estava no horizonte, apenas tocando o céu com o novo dia, saí de meu quarto.

Fiz isso depois de vestir minha meia-calça roxa com alças finas e cortes altos nos quadris, sobre a qual coloquei minha túnica lavanda com detalhes em coral que tinham um pouco de dourado no decote em V e ao redor da bainha.

Amarrei essa túnica com meu cinto dourado.

Também peguei meu tapete e minhas cartas.

Andei descalça pelo palácio até os jardins ainda escuros, mas cada vez mais iluminados, em um percurso até o local no lado leste que eu havia visto no dia anterior.

Parei na pequena clareira que tinha a fonte afixada na parede do jardim, que era uma cascata de taças de pedra escalonadas, esculpidas e enferrujadas, alimentadas uma após a outra pela cabeça de uma serpente no topo.

A boca da serpente estava aberta, com as presas à mostra, a água escorrendo para dentro das tigelas e, finalmente, mergulhando em uma pequena piscina no chão.

Coloquei minhas cartas de lado, virei o tapete e me sentei com as pernas cruzadas sobre ele, de frente para a fonte.

Não fiquei surpresa, mesmo com a queda pacífica da água, quando não consegui limpar minha mente para encontrar algum contentamento.

Eu estava tensa, não estava dormindo bem, e minha cabeça era uma confusão de pensamentos e preocupações.

Mamãe havia descansado na manhã anterior, em vez de se juntar aos outros na mesa diplomática.

Isso foi bom, pois ela parecia mais pálida, estava se cansando mais rápido e não estava se alimentando bem.

E sua boca estava começando a parecer comprimida de dor.

Isso era preocupante.

Como já era uma preocupação há algum tempo.

Mas estava se tornando mais preocupante.

No entanto, após a cerimônia do piercing, ela foi chamada para as salas de reunião com os outros e ficou nelas até tarde da noite.

Era demais para ela.

Tudo isso era demais para ela.

E estaríamos viajando novamente em breve, com Silence e Mars tendo apenas alguns dias de felicidade nupcial para desfrutar em Firenze (e para minha surpresa, mas tentativa de prazer para Silence, isso parecia que seria o caso) antes de estarmos novamente em nossos

cavalos, com destino a Wodell.

Minha mãe precisava ficar quieta, conduzir alguns rituais e permitir algumas práticas de cura.

Ela não estava fazendo isso.

Isso também era uma preocupação.

Depois, havia Serena, que tinha sido tão vil com Cassius e comigo que estava além de seu nível normal de vileza.

Eu não entendia isso.

Isso também era preocupante.

Depois, é claro, havia a Dora.

O homem que matou sua mãe estava naquele mesmo palácio.

Eu não tinha a intenção de contar à minha filha que esse era o caso. Não havia necessidade de falar sobre isso.

Jamais.

Mas com Serena sendo do jeito que estava sendo, talvez eu fosse forçado a fazer isso.

Era melhor que viesse de mim do que de qualquer forma que Serena pudesse conjurar para transmitir essa informação.

E ainda havia o Cassius...

Eu não queria pensar em Cassius.

Embora ele também estivesse ocupado na mesa diplomática, mesmo durante o jantar da noite anterior, não precisei me envolver com ele ontem, nem apresentá-lo a Dora, como ele havia ameaçado no jantar de noivado.

Mas hoje era outro dia e eu precisava encontrar a equanimidade interior para lidar com o que viesse a acontecer.

Decidindo não continuar tentando meditar, soltei meu cinto e o coloquei de lado antes de tirar minha túnica.

Em seguida, endireitei ainda mais a coluna e abaixei o queixo em meu pescoço, dobrando uma mão sobre a outra na parte de trás da cabeça para aprofundar o alongamento. O mesmo aconteceu quando abaixei a cabeça para cada lado.

Em seguida, levantei um braço, caí de lado para que o antebraço oposto ficasse contra o tapete e estendi a mão sobre a cabeça.

E o outro lado.

Depois disso, fiz alguns alongamentos em rápida sucessão - sentada, em pé e torcendo - para aquecer meu corpo antes de fazê-los novamente, permanecendo neles por mais tempo dessa vez. Também fiz mais alongamentos para alongar meus músculos e aliviar a tensão da coluna, da parte de trás das pernas, da parte da frente das coxas, dos ombros, dos braços e mais do pescoço.

Feito isso (sentindo-me revigorado, mas não menos preocupado), sentei-me novamente com as pernas cruzadas, vesti a túnica, ajeitei o cinto e peguei minhas cartas.

Fiz isso com receio.

Desde que a virei, minha carta matinal não tinha sido mais o Unicórnio.

Mas o que eu estava recebendo, mesmo com a mente desordenada, não se podia negar que as cartas estavam caindo adequadamente.

A carta Vassoura do naipe silencioso (é claro, eu estava viajando e o fazia para festivais e cerimônias, o que era a indicação da Vassoura).

A carta Guerreiro do naipe intermediário (o que fazia sentido, pois eu precisava de força, para me preparar para o que viria a seguir).

A carta silenciosa da Varinha (obviamente, pois eu precisava de muita magia para o desfile).

Outra carta silenciada, o Pentáculo (embora eu pudesse entender essa carta, ainda achava difícil meditar, embora, por necessidade, eu tivesse realizado muitos rituais para atrair minha magia para dentro de mim).

Outras cartas silenciosas, o Cajado (não é uma surpresa, eu sabia que precisava ter uma mente voltada para a proteção de mim mesma e dos meus) e a Espada (pode-se dizer que a luta certamente havia entrado em minha vida, na forma de um príncipe inimigo e também de minha irmã).

Mas eu também recebia com frequência as cartas medianas de Eros (e isso me deixava ansiosa, pois prenunciava uma ligação romântica, necessidade sexual e a instrução de buscar um amante, e essa, assim como o Unicórnio, era uma carta que eu nunca havia virado antes), os Amantes (que eu não entendia, pois significava união, equilíbrio e harmonia) e o Dragão (isso era entendido, fogo, finais, poder - definitivamente entendido).

E eu tinha virado duas cartas altas.

A Estrela, que significava esperança e sonhos, embora eu tenha entendido como uma necessidade de fazer uma leitura de sonhos. No entanto, como não estava dormindo bem, não estava tendo sonhos.

E a Sereia.

Uma carta de presságio.

Uma das duas únicas do baralho e que você nunca desejava virar.

Eu também nunca a tinha virado.

Perigo.

Traição.

Falsidade.

Movimentei as cartas em minhas mãos com tudo isso em minha mente, nas últimas semanas, não mais tentando limpá-la para abrir um caminho fiel do meu eu interior até as cartas para a leitura correta, como eu costumava fazer, pois nesses tempos isso era uma impossibilidade.

Agora eu simplesmente puxava uma carta em qualquer momento em que minha mente se abrisse, mesmo que apenas por um segundo.

Foi o que eu fiz.

Coloquei o baralho de lado.

Em seguida, virei a carta que havia selecionado, permitindo que ela caísse no tapete diante de mim.

E meu coração parou de bater.

A Banshee¹⁰².

A outra carta de presságio.

Morte de um ente querido, de alguém que lhe é caro ou de alguém que está em seu coração.

Mudança colossal na vida como você a conhece.

Eu também nunca tinha virado isso.

— Boa deusa— murmurei, olhando para ela.

Isso não podia acontecer.

Porque não podia ser suportado.

—Mãe— sussurrei.

Ouvi suas botas nos mosaicos e soube que era ele.

Rapidamente, virei o Banshee, mas depois cruzei as mãos e as deixei penduradas em meu colo.

Talvez ele pensasse que eu estava meditando e me deixasse em paz.

Os sons de seus saltos nos ladrilhos se aproximavam cada vez mais.

Até que pararam bem atrás de mim.

Sua voz grave ressoou para mim.

—Quando você for minha princesa, deverá ensinar essas posições aos meus guerreiros. Vejo como elas aumentariam a força, a flexibilidade e o equilíbrio— anunciou ele.

Ele já tinha me visto alongar.

Como?

Deusa querida, ele tinha que ter quartos voltados para os jardins.

Talvez esse não fosse um lugar tão reservado quanto eu pensava.

—Estou meditando, vá embora— eu disse a ele.

—Você está lendo cartas— ele me disse.

Que droga!

Eu deveria ter enfiado as cartas debaixo do meu bumbum.

—Estou meditando sobre minha leitura— menti.

—Você está mentindo para não falar comigo.

Cerrei os dentes.

Eu o senti se aproximar, mas não ouvi seus pés baterem nos ladrilhos para contornar o tapete e ficar na minha frente.

Eu descobriria que isso se devia ao fato de ele ter vindo para cima do meu tapete.

E ele fez isso momentos antes de se agachar ao meu lado, às minhas costas, mas ao meu lado, o que significa que suas coxas longas e grossas estavam sobre mim tão perto que seus couros quase roçavam a pele do meu braço.

O que fez meu braço, de uma forma curiosa (mas não desagradável), formigar.

Isso significava que sua voz grave também estava mais próxima.

—Qual é a sua leitura?— ele perguntou baixinho.

—É particular.

Sendo o que eu estava descobrindo ser Cassius Laird, independentemente de minhas palavras, ele estendeu o braço à minha frente em direção à carta que estava diante de mim.

Eu também estendi o braço.

Para dar um tapa em sua mão.

Ele riu.

Riu!

Que a Deusa me livre.

Embora ele tenha retirado a mão.

—Você gostaria de fazer minha leitura?— perguntou ele.

—Absolutamente não.

—Eu gostaria que você fizesse a minha leitura.

—Não há necessidade. Eu posso lhe dizer qual carta você escolheria antes de selecioná-la.

—E qual carta eu escolheria?— ele perguntou.

—A Simplória.

Ele riu novamente.

Eu suspirei.

—O que isso significa, ou eu preciso perguntar?— perguntou ele.

—Significa imprudência. Imprevidência. Impulsividade. Inconsideração.

—Tudo isso?

—E também credulidade e inconsequência.

—Hmm— ele murmurou. —Vamos ver.

Nesse momento, pela primeira vez desde que ele chegou, movi a cabeça para ver que ele ainda estava agachado ao meu lado, mas agora estava pegando minhas cartas.

—Não toque nelas— exigi exatamente quando ele as pegou com seus dedos longos.

Vi que sua mão tinha veias e estava visivelmente calejada.

Ele não era um príncipe cortês.

—Coloque-as no chão— ordenei.

Apesar de serem grandes, ele embaralhou as cartas habilmente com uma só mão, claramente não era um homem estranho ao manuseio de cartas.

Eu tinha certeza de que ele participava de jogos de azar regularmente.

Eu só esperava que ele perdesse.

—O que acha disso?— perguntou ele, passando o polegar habilidoso no topo do baralho e, assim, uma carta saiu voando, virando no ar, para aterrissar em cima da que eu havia tirado.

A imagem mostrava um leão majestoso com uma juba cheia, boca aberta, asas de dragão e cauda de escorpião.

Era a manticora.

Mas é claro.

—Ele parece feroz— observou Cassius.

—A Manticora— forcei a dizer.

—E o que ele quer dizer?— perguntou Cassius.

Eu poderia inventar algo. Algo terrível. Ou incômodo.

Não fiz isso.

—Poder. Batalha. Guerra.— Eu hesitei. —Vitória.

Eu estava olhando para a carta, mas juraria que o senti sorrir.

Ele mandou outra carta voando e ela caiu diante de mim.

—Você só tem uma— gritei, virando a cabeça para olhar para ele.

Ele estava muito perto.

—Tenho?— ele murmurou, seus olhos passeando pelo meu rosto.

A maneira como ele fez isso me deixou inquieta.

Portanto, prestei atenção na carta que ele havia virado.

A maioria era azul, prata, cinza e preto.

Um guerreiro em uma intrincada armadura de batalha com pedras e detalhes azuis, parado em frente a um amplo e imponente castelo negro e escarpado situado em um penhasco negro. Havia uma árvore estéril à sua direita, e nela havia um corvo, um ser que tinha sua própria carta, uma indicação de segunda visão, a necessidade de reflexão, magia e mistério.

O guerreiro estava com a cabeça baixa, as mãos com manoplas de aço ao lado do corpo, mas a largura dos ombros, a cintura fina, a maneira como se portava - sua força não podia ser negada e não havia dúvida de que, mesmo com a cabeça baixa, essa não era uma pose de derrota.

Em outras palavras, era a carta do guerreiro.

—E ele também é feroz— Cassius sussurrou de uma forma que senti um arrepio na pele do meu pescoço.

—O Guerreiro— grunhi, e antes que ele pudesse perguntar, expliquei: —Força. Preparação.

—Hmm— ele murmurou e jogou outra carta no chão.

O punho e a lâmina de uma magnífica espada enfeitada com joias, da qual saíam raios dourados, amarelos e laranja.

—A Espada— eu disse. —Significa conflito.

—Bem, isso não é nenhuma surpresa— ele respondeu e jogou outra carta.

Que bom.

—Cassius— eu disse suavemente.

—O que é isso, Elena?— ele perguntou.

Era uma carta alta.

Uma lua cheia sobre uma noite escura em uma paisagem sombria pela qual um rio vermelho serpenteava.

Sangue.

—É uma carta alta— eu disse a ele. —Sangue. Fertilidade.— Engoli e terminei: —Família.

—Ah— murmurou ele, e se eu me permitisse admitir (o que não fiz), foi gentil que ele não se demorou nisso antes de jogar outra carta.

Fechei meus olhos.

Sua voz era como seda em meu ouvido. —E o que é isso, minha princesa?

Abri meus olhos.

Na carta, havia um homem flutuando no ar. Ele usava manoplas brancas dos pulsos até os ombros e elas saíam dali, como asas. Uma armadura em suas coxas e na virilha. O resto do corpo, fora as botas brancas e blindadas, estava nu. Um arco e uma flecha bem elaborados estavam tatuados sobre seu coração. E ele segurava um extravagante arco branco em uma mão e uma flecha na outra.

E embaixo dele, na terra, havia uma mulher de pé, mas de joelhos, que estavam bem abertos. Ela estava nua. Era bela. E um homem corpulento, de cabelos negros, estava de joelhos atrás dela, com a cabeça inclinada para o pescoço dela, com os braços ao redor dela, uma mão envolvendo seu sexo, outra mão segurando um seio nu.

O rosto dele estava escondido no pescoço dela.

Mas seu rosto tinha uma expressão de êxtase.

—Eros— sussurrei.

—Um deus dos antigos— Cassius sussurrou de volta. —Eu não preciso de uma leitura, Elena. Isso fala por si só.

—Você já terminou?— Eu perguntei.

Ele não terminou, pois jogou outra carta.

Não consegui parar de respirar.

—Pura beleza— ele murmurou.

Era ela.

O Unicórnio.

—E o que ela quer dizer?— perguntou Cassius.

—Alegria— eu disse suavemente. —Serenidade. Realização. Mudança.

Ele não disse nada a isso, mas não precisava. Eu sentia a emoção vindo dele, mas não conseguia dizer o que era.

—Podemos terminar agora?— perguntei.

Aparentemente, não podíamos, pois, embora ele tenha colocado o baralho de lado, estendeu a mão para frente e pegou as cartas que haviam caído, virando-as de modo que a minha ficasse virada para cima.

Uma carta desenhada com roxos e pretos, brancos e azuis carregados. Uma paisagem de devastação e destruição atrás de uma mulher com uma saia preta longa e larga e um avental roxo

ornamentado na frente, tudo fluindo de forma ameaçadora e decorado com relâmpagos azuis. Ela usava manoplas pretas nos antebraços e luvas nas mãos, com os cotovelos puxados para trás e os dedos em forma de garras.

Seus cabelos brancos e brilhantes esvoaçavam para cima e para fora, ela estava inclinada para a frente, com os olhos maldosos, a boca escancarada e uma expressão terrível em sua fúria.

A Banshee.

—Puxa vida, o que é isso?— perguntou Cassius.

—Um presságio. A Banshee. A morte de alguém com quem você se importa. A mudança de toda a sua vida como você a conhece— eu disse calmamente. Voltei-me para ele novamente. —Podemos parar agora?

Ele voltou seu olhar para mim.

—Eu mandei o Nero embora.

Pisquei os olhos.

—É apenas uma solução temporária para um problema preocupante— ele continuou. —Mas você e eu precisamos de tempo. Theodora precisa de tempo conosco. Há muita coisa acontecendo. Muitas mudanças.— Seu olhar azul-celeste se moveu para a carta antes de voltar para mim. —Se ela vier a me conhecer, aos meus homens, a confiança se formará. Eles são bons homens, Elena. Todos são pais de minha própria filha. Eles demonstram grande afeto e amor por Aelia. Eles farão o mesmo por sua Theodora.

—Esse é um plano bem elaborado, Cassius. Mas, primeiro, essa confiança evaporará se ela souber quem é Nero, e isso não é algo que tenha sido compartilhado com ela antes que ela se interessasse por seus homens, e possivelmente por ele. Mas eu pensei sobre isso e não gostaria que ela soubesse de forma alguma. No entanto, meu medo é

que Serena tire essa opção de mim.

—Eu cuidarei de Serena.

Olhei fixamente em seus olhos antes de perguntar: —E como você vai fazer isso?

—Deixe comigo— disse ele.

Eu não o queria ali de jeito nenhum, definitivamente não tão perto, definitivamente não lendo suas cartas (que eram reveladoras e embaraçosas) e definitivamente não conversando.

No entanto, quando ele fez um movimento para se afastar, eu me agarrei ao couro de sua camisa, apertando-a com um punho.

—Como você vai fazer isso?— Eu exigi.

—Sua irmã está sendo tratada.

No momento?

Meus olhos se estreitaram.

—Como?

—Talvez seja melhor você não saber.

—Eu serei o juiz disso— eu disse a ele.

Ele pareceu divertido (e eu desejei que não fosse, pois ele estava se saindo bem). —Você não pode ser o juiz se souber e depois desejar não saber.

—Você pretende machucá-la?— perguntei.

Seu rosto se suavizou (e eu desejei que ele também não o fizesse, porque ele usava isso melhor). —Corporalmente? Não. Seu orgulho? Tenho certeza.

Oh, minha deusa.

—Você pretende humilhá-la?— Eu sussurrei.

—Sim, embora ela seja a única que saberá. Ela, Mars e o homem que está lhe dando prazer de uma forma que ela se tornará viciada nele. E, é claro, agora você.

Pisquei os olhos.

—Você tem meu voto de que não haverá nenhum mal, exceto para ela, o que, você deve concordar, Elena, ela merece. Ninguém jamais precisou saber o papel de Nero na morte de Tiana. Qualquer pessoa que soubesse disso teria morrido com esse conhecimento. Serena não o fez. Ela o usou apenas por despeito e para causar discórdia. Para esse fim, para a proteção de Theodora e a sua, ela fará o que ele disser enquanto ele a tiver e você e Theodora estarão a salvo dele.

—Controlada por um homem?— questionei.

—Se ela gostasse de sexo com uma mulher, nós teríamos enviado uma. Conforme relatado pelos criados que a atenderam no acampamento, ela não se importava com a presença de mulheres quando se envolvia em sua versão de hedonismo, mas não aceitava nenhuma. Portanto, apenas para esse propósito, necessariamente, é um homem.

—Você pretende... fazer da minha irmã uma escrava sexual?

—Sim.

—Minha irmã? Aquela que compartilhou sua marca de sociabilidade conosco na outra noite. Princesa Serena dos Nadirii.

Seus lábios se contraíram antes de ele repetir: —Sim.

—Você sabe que isso é impossível— compartilhei.

—Não sei, pois ele a teve uma vez, anteontem à noite, e desde então ela o abordou cinco vezes e enviou dois bilhetes exigindo que ele a atendesse.

—Pela deusa— sussurrei, minha visão ficando vaga em choque.

—Sim— ele concordou, sua voz mais rica em diversão de uma forma que me fez focar nele para ver que estava sorrindo.

—Sete pedidos somente com um dia?— questionei.

—É bem possível que ele acorde hoje de manhã, se já não tiver acordado, com ela batendo em sua porta.

Olhei fixamente para os olhos mais lindos que eu já tinha visto, não apenas a cor, que era transcendente, mas o formato, a espessura e o comprimento de seus cílios escuros.

E então agarrei sua camisa com mais força enquanto minha cabeça caía para trás e eu caía na gargalhada.

Ainda assim, endireitei minha cabeça, soltei sua camisa e agarrei seu pescoço musculoso momentaneamente para me equilibrar, a fim de não cair de tanto rir. Quando consegui fazer isso, soltei-o para pressionar minha mão em seu peito sobre o coração, enquanto falava.

Ou gaguejando.

Mas, na verdade, balbuciando.

—Eu não deveria... é cruel... ela é minha irmã... minha lealdade deveria estar com... mas não consigo me conter— Inspirei fundo e soltei o fôlego, ainda rindo. —Ela pode ser muito irritante. E eu ficava mais irritado com ela quando ela se envolvia nessas atividades hedonistas muito barulhentas no acampamento, quando Dora podia ouvir. E Dora ficou chateada com elas. E então, antes do desfile...

Eu me arrastei.

Voltei a me concentrar em seus olhos.

E engoli em seco.

Fui ensinado a não temer nada além de meus próprios erros, os quais, se eu usasse minha mente antes de cometê-los, poderia contornar ou, no mínimo, aprender a nunca mais cometê-los.

Mas eu temia o que estava vendo naquele momento.

Mesmo quando fui atraída por ele.

Inevitavelmente.

Seus olhos não eram mais azul-celeste.

Eram de meia-noite.

E em seu epicentro, em vez de uma pupila negra, eles brilhavam como estrelas.

E quando ele falava, sua voz era...

Animal.

—Ela se envolveu... nessas atividades... perto de Theodora?

—Sim— sussurrei.

—E Theodora ouviu.

Senti seu coração batendo forte sob minha mão e pressionei-a, o que eu esperava que fosse calmamente.

—Eu falei com ela— prometi. —Com as duas. E Dora está bem agora. Ela tem a mim, mas também tem muito apoio. Minha mãe gosta muito dela. Melissa a adora. Hera e Jasmine são como tias adoradoras.

Quando seus olhos não mudaram, eu me inclinei para mais perto

e continuei a falar.

—Cassius, ela é uma garota forte. Ela é inteligente. Muito inteligente. E ela sabe que é amada. Ela está bem.

—Ela sabe que é amada.

—Muito mesmo.

—Ela não é de seu sangue.

Diante de suas palavras, parei de falar.

Os olhos vermelhos da meia-noite de Cassius se voltaram para minha boca.

Eu refletiria longamente sobre isso, depois que tudo terminasse.

Mas mesmo quando o fizesse, eu sabia que nunca seria capaz de determinar se foi ele quem tomou minha boca.

Ou eu que tomei a dele.

Pois parecia que, em um momento, nossas bocas estavam a vários centímetros uma da outra, comigo de pernas cruzadas e ele agachado ao meu lado.

E no momento seguinte, nossas bocas estavam travadas, sua língua estava dentro da minha, exigindo, tão exigente que chegava a ser um comando, e eu estava me empurrando em direção a ele, minha mão em seu coração deslizando até sua nuca, minha outra mão segurando a parte de trás de sua cabeça para prendê-lo a mim.

No momento seguinte, eu estava de costas, com seu peso sobre mim, suas mãos espalhando calor por todo o meu corpo.

Com uma necessidade inegável, uma necessidade de descobrir seu calor, arranquei sua camisa de couro da calça e enfiei minhas mãos dentro dela, sentindo a seda ardente e esticada de suas costas,

cravando minhas unhas.

Ele rosnou em minha garganta.

Aceitando, eu gemi na dele.

Sua mão se fechou em meu seio por cima da túnica, seu polegar se arrastando com força contra meu mamilo enrijecido, forçando-me a soltar a boca e ofegar de prazer, meu pescoço se arqueando.

Em seguida, senti o charme de sua barba, seus lábios firmes em minha garganta, ao longo de meu pescoço, enquanto ele arrastava o polegar para trás.

Baixei o queixo e disse como uma súplica: —Cassius.

Ele atendeu ao meu pedido, levantou a cabeça e tomou minha boca novamente.

Arrastei minhas unhas por suas costas.

Sua mão deixou meu peito e se abaixou sob minha túnica.

Senti seus dedos se agitarem sobre o meu calor e todo o meu corpo tremeu sob ele.

Ele rompeu o beijo e gemeu 'encharcada' contra meus lábios antes de tomar minha boca novamente, com sua língua exigindo e a minha aquiescendo.

Seus dedos mergulharam no reforço da minha meia-calça, arrastaram-se sobre o meu clitóris, e a sensação foi tão deliciosa que gemi contra sua língua, arqueando-me.

Ele esfregou.

Balancei-me contra seu dedo.

Meu estômago se contraiu.

Meu útero pulsava.

Minhas unhas se cravaram em suas costas.

E, por fim, rompi nossos lábios, meu corpo se curvando contra o dele.

—Elena— ele murmurou.

Meus lábios se separaram, meus olhos se fecharam, meus braços o abraçaram para me segurar enquanto eu me derretia em uma explosão de estrelas e me deixava levar pela meia-noite que eu tinha visto em seus olhos.

Quando me recuperei desse esplendor, não suportava mais seu peso.

Ele havia caído para o meu lado e sua mão não estava entre minhas pernas. Em vez disso, era um braço em volta de mim, que me virou para ele, e ele estava me segurando perto de seu corpo.

Seu outro braço estava apoiando minha cabeça, mas inclinado, para que também pudesse segurar meu rosto em sua garganta.

Pisquei para sua coluna de cordas.

Pela misericórdia da deusa, o que eu tinha acabado de fazer?

Eu me retesei e sussurrei um sussurro esfarrapado: —Preciso ir.

Ele se retesou, jogou uma perna pesada sobre as minhas e retornou com aspereza: —Você precisa ficar.

—Isso não deveria ter acontecido— eu disse em sua garganta.

—Talvez não no jardim, onde as pessoas do palácio podem nos ver, mas eu o escondi para que não houvesse nada para ver além de um casal se abraçando. Fora isso, deveria ter acontecido porque, eventualmente, iria acontecer. Definitivamente.

A deusa não teve piedade porque eu não havia pensado nisso.

Pessoas vendo.

Que inferno.

Percebi tardiamente que meus braços também estavam ao redor dele. Puxei-os entre nós e coloquei minhas mãos contra seu peito.

—Eu preciso ir.

—Elena.

—Preciso ver a Theodora.

Seu tom mudou para persuasivo. —Você não acha, minha guerreira, que isso é bom?

—Não.

—Eu gostei muito disso— ele declarou.

Fiquei imóvel e olhei para sua garganta.

—E você poderia falar um milênio e não me convencer de que não gostou... ainda mais do que eu.

Pela deusa, isso foi mortificante.

—Eu gostaria de ir.

—Há outras coisas que farei com você e que você vai gostar ainda mais.

Isso me fez parar, pois era uma impossibilidade.

—Sim, Elena— ele murmurou em meu cabelo e, com um aperto de seus braços, completou: —Muito mais.

—Isso foi constrangedor— eu deixei escapar.

—Não consigo imaginar por quê. Você foi gloriosa.

Eu fui?

Não pedi que ele repetisse ou explicasse isso.

Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele falou novamente, felizmente mudando de assunto, mas infelizmente mudando-o para algo mais picante.

—Vamos ver a Theodora juntos?

—Não.

—Ela precisa se encontrar comigo, Elena, e estarei em reuniões pelo resto do dia.

—Ela não está em sua melhor forma quando acorda— compartilhei.

Seu braço na parte de trás da minha cabeça relaxou, mas foi só isso que ele soltou de seu controle sobre mim.

Pelo menos eu podia inclinar a cabeça para trás para olhar para ele, uma cabeça que ainda estava apoiada em seu braço volumoso.

Não era confortável.

Mas ainda assim era confortável.

Puxa vida.

Quando olhei para cima, vi que ele estava olhando para baixo.

Seus olhos eram novamente azul-celeste.

Eu não sabia dizer se os preferia assim ou como meia-noite.

Dito isso, a meia-noite era alarmante, mas não quando se sabia que ela surgia quando ele estava se sentindo profundamente.

E ele estava sentindo profundamente que Dora tinha ficado chateada.

Uma garota que ele ainda não conhecia.

—Ela dormiria o dia inteiro se pudesse— eu o informei.

—As crianças fazem isso— ele compartilhou. —Um médico do meu reino diz que é porque elas crescem muito rápido. Seus corpos estão trabalhando muito. Portanto, elas precisam dormir.

—Isso faz sentido— murmurei.

—Eu ainda não permito que Aelia durma o dia todo.

—Como você não deveria.

Seus olhos percorreram meu rosto e sua voz ficou calma quando ele perguntou: —Chegamos a um acordo, você e eu?

Poderíamos dizer que sim.

Embora não tivéssemos chegado.

—Parcialmente— eu permiti.

—Eu gostaria muito de conhecer sua filha, Elena— ele sussurrou.

Oh, Deusa.

Não havia nada para isso e não apenas a parte em que realmente não havia.

A parte em que ele claramente desejava conhecê-la para conhecê-la.

—Quando você não estiver envolvido em reuniões— decidi. —E não estivermos ocupados em participar de casamentos reais. Quando você tiver tempo para ela e eu tiver tempo para vê-la e avaliar como

ela se sente depois que você a conhecer.

—No dia seguinte ao casamento. Mars estará ocupado. Não haverá reuniões.

Eu considereei isso.

Ele me deu uma sacudida.

—Elena? Temos outra barganha?

Eu não podia escapar disso.

Tampouco poderia proteger Dora dele.

Embora, com a maneira como ele reagiu simplesmente a ela como uma criança ouvindo minha irmã fazendo coisas de adulto, eu estava começando a me perguntar se eu precisava.

—Temos um acordo— concordei.

—Ótimo— ele murmurou, inclinou-se e passou os lábios em uma de minhas sobrancelhas (o que me aqueceu).

Depois disso, ele moveu nós dois, ajustando-me para baixo no tapete antes de se levantar.

Ele me olhou fixamente. —Espero que possamos jantar juntos, mas como os assuntos são importantes, talvez isso não seja possível.

Os assuntos eram importantes?

Como os assuntos podem ser importantes?

A Besta estava subindo.

Isso era importante, o mais importante, mas todos sabiam disso.

Estávamos todos nos unindo para acabar com a Besta.

As alianças estavam se formando por causa disso.

A história estava sendo feita.

Como isso era importante de modo que ele perderia o jantar?

De novo.

Não que eu tenha me lamentado por ele na noite passada. Embora sua ausência tenha sido notada, assim como a de todos os príncipes e reis.

Quem eu estava enganando?

Eu tinha acabado de chegar ao clímax para ele em um tapete no jardim do palácio. Meu primeiro clímax que não foi dado a mim por, bem... eu.

Não foi um desejo, mas foi... alguma coisa.

Ele interrompeu meus pensamentos e, quando o fez, senti minhas bochechas esquentarem.

—No mínimo, eu a verei quando a acompanhar ao casamento. Embora eu espere vê-lo antes.

Acenei com a cabeça para ele.

—Aproveite seu dia, minha princesa.

—Obrigada— murmurei.

Seus olhos sorriram, mesmo que sua boca não o tenha feito (ele notou que minhas bochechas tinham esquentado) e ele se virou para ir embora.

Ele tinha dado três passos quando eu chamei: —Cassius.

Ele se virou de volta para mim, com as sobrancelhas levantadas.

—Não seja muito duro com a Serena.

Ele inclinou a cabeça para o lado, me considerou por um momento e respondeu: —Veremos.

E com isso, meu príncipe foi embora.



O Namoro

Rainha Ha-Lah Nereus

Suíte de hóspedes, segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Sentei-me de pernas cruzadas na cama enquanto meu marido se movimentava pelo quarto.

Eu estava irritada.

Mas não compartilhei isso com ele de forma alguma, pois ele estava falando e o que ele dizia não deveria me deixar irritada, mas sim preocupada, aliviada e, em parte, alegre.

O problema era que meu marido havia começado a me cortejar.

E isso era muito bom.

De fato, era extraordinário.

Sem mencionar que a maneira como ele estava fazendo isso era muito doce.

Mas agora estávamos nos dando bem.

Estávamos nos comunicando.

E muito.

Ele sabia tudo sobre a vila de pescadores de onde eu vinha.

Como minha mãe pegou um resfriado quando eu tinha treze anos e morreu de forma assustadoramente rápida.

Como meu pai era marinheiro, o que significava que ele ficava fora a maior parte do tempo e, portanto, fui criado por minha tia, sua irmã, uma mulher que eu amava e considerava minha segunda mãe.

Como meu pai nunca se recuperou realmente da perda de sua amada esposa, com quem eu me parecia muito, e, portanto, ele não passava muito tempo comigo, mesmo quando estava em terra.

Eu também lhe contei como meu avô era contrabandista, seu território: Os Místicos e, às vezes, as Terras do Norte. Ele havia morrido por causa dessas atividades, em algum lugar nos Místicos. Um de seus marinheiros encontrou o caminho de casa anos depois para contar a história.

E eu lhe contei que minha avó era como minha mãe, uma grande beleza. Tanto que meu avô a havia escondido e levado em seu navio antes de se casar com ela, para que ela não chamasse a atenção do rei.

Aramus sabia que minha tia fazia redes de pesca muito boas.

Ele também sabia que eu preferia café ao chá pela manhã. Cerveja em vez de vinho, se eu não estivesse comendo, pois então eu preferia vinho.

E que eu ainda tinha dois engradados de rum contrabandeado que meu avô havia deixado para trás. E, além de minhas roupas e alguns outros pertences pessoais, porque minha avó as guardava porque eram de seu amado marido, e minha mãe as guardava porque eram de seu amado pai, essas eram as únicas coisas que eu levava para o castelo dele, pois agora eu as guardava também.

Também discutimos longamente o que estava acontecendo entre Cassius e Elena. Mars e Silence. E o que não parecia estar acontecendo entre True e Farah (embora estivesse, mas de forma amigável - esses dois não eram exatamente um casal amoroso).

Eu havia compartilhado com ele em alguns detalhes a cerimônia do piercing.

De fato, meu marido podia ficar (e ficou) deitado por horas ao meu lado, fazendo perguntas e me ouvindo falar.

O que ele não fazia era me tocar, me abraçar, me abraçar ou me beijar.

Quem já ouviu falar de um namoro que não incluísse beijos?

Até mesmo dar as mãos.

Eu não.

E eu estava descobrindo que não gostava disso.

Mas, na noite passada, ele foi ao nosso quarto com a história de que Cassius havia instigado um golpe inesperado e involuntário sem derramamento de sangue na mesa diplomática do Rei de Firenze, então eles passaram a tarde inteira e a noite inteira negociando isso.

Eles até chamaram dois Go'Doan, que eu conheci no jantar de noivado (junto com o que se chama G'Seph).

G'Jell e G'Liam eram experientes na arte da diplomacia, com Aramus compartilhando que o mais jovem, Liam, era um negociador habilidoso. No entanto, ele disse que True parecia ser o mais capaz de conter a indignação real de Gallienus.

Mas, como todo Go'Doan, Aramus não confiava em Liam.

Isso porque ele vinha recebendo apelos dos Go'Doan com uma frequência irritante para permitir a entrada deles em Mar-el, a fim de

que construíssem templos (para os deuses Go'Doan, é claro), escolas para ensinar nossas crianças e hospitais onde eles praticariam, bem como instruiriam nosso povo em seus métodos de cura avançada.

Mas todos sabiam que eles também trabalhavam para disseminar a fé em seus deuses, e os Mar-el tinham uma devoção firme aos nossos deuses e deusas dos mares e das tempestades, e eles não gostariam disso.

Portanto, Aramus recusou.

Agora, ele passaria o dia, de dez minutos a partir de então até provavelmente quando eu estivesse deitado novamente, lidando com um desafiador, mas derrotado, Rei Gallienus, seu novo regente - um príncipe que não desejava ser isso, ou de fato ser um rei - e o futuro de Airen e como evitar que ela caísse em uma guerra civil.

Nesse meio tempo, antes de deixarmos Firenze, meu marido assinaria uma proclamação (ou seis delas, uma para cada reino, bem como uma para ser registrada em Go'Doan, para mantê-lo fiel à sua promessa, não que ele não a cumprisse) para diminuir o número de anos de serviço para aqueles que estivessem em serviço de quinze para cinco.

Essa foi a parte que me deixou feliz, por motivos óbvios.

É claro que todos sabiam que não deveriam navegar nas águas de Mar-el sem a permissão de Mar-el. Eles também sabiam que, se você fizesse isso, o que poderia lhe acontecer.

No entanto.

Eu estava feliz (e também foi por isso que senti alívio) porque meu marido fez essa concessão na mesa diplomática e ela foi grandiosa. Uma concessão nobre. Não foi apenas honrosa, mas demonstrou visão de futuro e capacidade de fazer concessões.

E também, o que não é menos importante, humanidade.

E, obviamente, se ele quisesse ouvir e agir de acordo com as coisas que eram importantes para mim, ele precisaria de tudo isso.

Eu também estava preocupado porque não sabia como nosso povo reagiria à mudança que ele pretendia fazer.

Obviamente, os bounden e aqueles que não eram ricos o suficiente para mantê-los ou que não eram piratas e, portanto, desprezavam essa prática (com bastante vigor), a aceitariam de bom grado.

Entretanto, os ricos proprietários de terras e piratas, provavelmente não.

Dito isso, quando seu tataravô fez mudanças ainda mais abrangentes, embora tenha havido um período de agitação, ele foi rapidamente reprimido, pois o número de pessoas que se opunham à escravidão e à forma como as pessoas nela eram tratadas era grande e, por fim, os proprietários de terras perceberam que era sensato não despertá-las.

Além disso, muitos dos escravizados continuaram servindo a eles, em vez de embarcarem em navios para seus países de origem (embora fosse um serviço remunerado, e havia uma restrição do rei quanto ao valor que poderiam receber, de modo que era justo e equitativo para seu trabalho).

Outros simplesmente optaram por ficar, alistar-se em navios, abrir negócios, tabernas e restaurantes, casar-se entre si ou com os Mar-el, pois Mar-el era uma terra de grande beleza, os mares tinham grande fartura e, em sua maioria, éramos um povo jovial, divertido e amigável.

—Não vamos registrar e anunciar a proclamação até que estejamos em casa— disse Aramus, vestindo-se e devorando o café da manhã que um servo havia trazido. —Embora eu esteja enviando homens. Eles irão para os navios. Peguem um. Navegarão para casa. Coloquem peças no lugar para controlar os proprietários de terras que

possam causar problemas.

—Seja feita a vontade do rei— entoei o que toda criança aprendeu e o que todo adulto praticou.

E a vontade do rei foi cumprida, conforme proclamado por Tritão, nosso deus do mar, e Medusa, nossa deusa do mar, pois a lenda dizia que ambos haviam coroado nosso primeiro rei e, portanto, o rei reinava de acordo com a vontade dos deuses.

E ninguém fez nada para irritar Tritão e Medusa.

—Sim, minha rainha. Você acha que haverá problemas com isso? — ele perguntou, e minha cabeça balançou com a pergunta.

—Perdão?— perguntei em resposta.

Ele parou de levar à boca um triângulo de torrada com marmelada e olhou para mim.

—Sou capitão do mar e rei. Estou mais em meu navio do que em meu castelo. E quando estou em terra, estou mais em meu castelo com meus conselheiros do que com meu povo. Você é de um pequeno vilarejo. Pelo que sei dos relatórios de suas atividades quando estou ausente, você costuma andar pela cidade, cuidar de doentes nos hospitais, visitar crianças nas escolas. Em outras palavras, você está sempre entre as pessoas. Você já falou sobre os pensamentos e preocupações delas antes. O que você acha que vai acontecer com isso?

Ele estava perguntando...

A mim?

—Hum... bem...

Eu me arrastei.

Ele enfiou a torrada na boca e começou a passar marmelada em

outro triângulo, falando com a boca cheia.

—Espero que eles considerem essas concessões apropriadas. Não apenas porque todos sabem que somos os últimos a praticar a servidão. Mas também porque é bem sabido em Mar-el que nosso povo acha que as práticas dos Airenzianos com relação às mulheres variam de absurdas a abomináveis. Dito isso, não tenho certeza se meu povo se importa o suficiente para que as mulheres de Airen sejam libertadas de seus fardos, pois eles duram a vida inteira e são muito mais monstruosos do que aqueles em nossas terras em cativeiro. Mas, como você mencionou, é preocupante a nossa distância contínua das pessoas do continente.

Como eu havia mencionado?

Ele tinha me ouvido?

—Mas eu já negocieei a abertura do comércio de mercadores com Firenze e permiti que os navios mercantes de Firenze passassem não apenas para nós, mas para as Terras do Norte, Terras do Sul e os Místicos— ele anunciou.

Minha boca se abriu.

Ele havia permitido?

Ele não havia mencionado isso na noite passada.

Ele continuou falando.

—Em uma pequena quantidade. Eu providenciei o mesmo para mitigar parte da raiva de Gallienus e talvez amortecer o golpe em sua aristocracia. E se saberá que Cassius negociou o acordo, então sua regência será melhor aproveitada. O rei Dellish parece desinteressado. Mas conversei com True em particular e, se o rei dele conseguir tirar o dedo, farei o mesmo com Wodell. Mais mercadorias indo para os dois lados, mais dinheiro gasto nos dois lados. O suficiente para afastar as mentes de coisas que possam causar inquietação.

—Você vai...— Limpei minha garganta. —Vai impedir que os piratas tomem mais bounden?— perguntei.

—Não vou dizer aos marinheiros o que fazer— ele resmungou.

É claro que não.

Ele era um marinheiro.

—Isso vai ser bom para Cassius?— perguntei.

Ele enfiou metade de seu segundo triângulo de torrada na boca, mordeu um pedaço, deixou os restos na bandeja e olhou para mim, mastigando.

Ele engoliu.

Depois disse: —Não.

—Isso significa que estaremos em guerra com outra terra por causa dos problemas de outra terra, meu rei— eu disse suavemente.

—Prometi à minha armada— respondeu ele.

—Eu sei.

—Você não acha que é uma boa ideia— ele observou, olhando-me atentamente.

—A Besta se levanta— eu o lembrei.

—Meu palpite é que temos tempo, considerando que os tremores cessaram.

Eu não achava o mesmo.

Quem sabia o que aqueles que a invocavam estavam tramando?

—Isso será muito difícil para o nosso povo entender e se acostumar— eu disse a ele. —Mas seu tataravô também fez o que era

uma mudança radical na época. Não é algo sem precedentes. Também não foi há muito tempo. E talvez não tenhamos muito a ver com o continente, mas recebemos notícias dele. Portanto, sabemos que Ares, assim como Mars, fizeram praticamente o mesmo em suas terras. Houve conflito e violência em tudo isso. Mas ambas as nações se tornaram mais fortes por isso.

Ele inclinou o queixo.

—E eles ficarão felizes com a abertura do comércio.— Eu sorri para ele. —Mesmo em pequenas quantidades.

—Ótimo— ele grunhiu, enfiando a camisa de mangas largas e volumosas com mais firmeza sob a faixa em volta da cintura, antes de pegar o colete trespassado, jogá-lo para trás dos ombros e encolher os ombros.

Ele abotoou os quatro botões da parte de baixo (botões que iam até a base da garganta, mas ele raramente usava o casaco fechado até esse ponto) antes de pegar o cinto largo e cravejado, puxando-o por cima da faixa em volta da cintura enquanto voltava sua atenção para mim.

—Você cria laços com essas mulheres— comentou ele, afivelando o cinto.

Eu assenti com a cabeça. —Ah, sim. Silence é muito doce. Farah é mais quieta e mais contida perto de Elena, pois ela conhece os sentimentos de True pelos Nadirii. Mas Elena a está tranquilizando em relação a isso. E Elena é muito bem-humorada, quando não está discutindo Cassius.

—Cassius vai conquistá-la— disse Aramus com confiança.

Talvez.

No entanto, eu estava cansada de discutir todo o resto.

Tudo o mais.

Exceto sobre nós.

—Tenho certeza— murmurei e continuei, —Elpis é adorável, assim como Ophelia, de uma forma mais desapegada. As tenentes de Elena são parecidas, Hera é muito inteligente e séria, Jasmine é muito engraçada. Sofia me deixa melancólico. Ela se sente muito culpada por atos que não cometeu e sente muita falta da amiga, mesmo quando, muitas vezes, elas estão na mesma sala. Não consigo imaginar nenhuma delas me desejando mal.

—Você ainda terá um guarda no palácio.

Assenti novamente com a cabeça, mas contive um suspiro.

—Você não falou de Mercy e Vanka— ele mencionou.

Olhei em seus olhos. —Vanka é quieta, então não sei o que pensar dela, pois tenho a sensação de que ela não sabe o que pensar de quase tudo. Também não tenho certeza do que sinto por Mercy. Ela é atenta e parece... fria. Especificamente com os Firenz. Mais especificamente em relação à Farah.

Ele balançou a cabeça uma vez, decididamente.

—Sua guarda permanecerá. O rei Dellish é fraco e a maior parte disso se deve ao fato de ele não ser muito inteligente. Tanto que, para que ele permaneça no trono sem uma revolta, alguém está mexendo seus pauzinhos. E não tenho certeza de que seu conselheiro seja seu único mestre de marionetes. Apenas tenho a sensação de que ele não ouve seu filho, que é o único Dellish que conheci até agora a quem ele deveria dar ouvidos.

—Você parece ter criado uma afinidade com esse Dellish em particular.

—True é genuíno. Ele é inteligente. Ele está frustrado com seu

pai, o que não é surpreendente. Ele parece ter em mente o bem de todos. E tem tato. Pelo que li dele, se algo disso for falso, eu desistiria do meu navio mais veloz.

—Então True é fiel ao seu nome.

Ele sorriu para mim. —Parece que sim.

Deixei que seu sorriso me contagiasse.

Meu marido era bonito.

Ele ficava bem em suas roupas de Mar-el, as roupas de um pirata.

Ele também estava do outro lado da sala.

—Tenho que ir, Ha-Lah.

—É claro— murmurei.

Ele se dirigiu à porta, hesitou e parou, voltando-se para mim.

Meu coração deu um pulo.

—E o que você vai fazer hoje?— ele perguntou.

Com isso, meu coração se apertou.

É claro que gostei do fato de ele ter se importado em perguntar. Ele não havia se importado antes (embora talvez sim, considerando seu comentário sobre receber relatórios sobre minhas atividades quando ele estava fora, mas nunca havia me perguntado).

Portanto, isso foi um progresso.

Um bom progresso.

Mas não do tipo que eu estava desejando.

Mas minha boca respondeu.

—Silence mudou de ideia sobre seu vestido de noiva. Ela trouxe um. Mas não vai usá-lo. Começaram a costurar seu novo vestido ontem. Terminarão os ajustes hoje. Eu a atendo— Terminei com um murmúrio: —Provavelmente iremos nadar à tarde. Ela vai pegar emprestada uma meia-calça da Jasmine. Ela está animada para nadar. Ontem ela não conseguiu.

—Isso não lhe agrada?— perguntou ele.

—Vai ficar tudo bem— respondi.

—Eu poderia pedir a Mars para abrir a biblioteca dele para você— sugeriu ele.

—Eu preferiria a companhia de Silence. Farah costuma se juntar a ela. Nós vamos nos conhecer melhor.

—Como estou enviando homens para as naves, se você quiser escrever cartas para sua tia, seu pai, eles as levarão para sua família— ele ofereceu.

Isso foi ótimo.

No entanto, escrever uma carta para minha tia e meu pai provavelmente levaria apenas meia hora, não ocuparia um dia inteiro com prazer

E ele ainda estava do outro lado da sala.

—Vou fazer isso— eu lhe disse.

Ele continuou a me olhar por um momento (do outro lado da sala) antes de falar novamente.

—Se você ficar bem...— Essa declaração parecia não ter terminado.

Eu me sentei na cama.

Ele ficou do outro lado do quarto.

Venha até mim e me beije, pensei.

Me beije.

Beije-me, beije-me, beije-me.

—Espero vê-la no jantar, ou se pararmos para almoçar— disse ele.

Ele não ia me beijar.

—Eu também espero, Aramus— respondi.

—Até mais tarde, minha rainha.

— Claro, meu rei.

Ele saiu do quarto.

Fiquei olhando para a porta que ele fechou.

Fiquei imaginando qual guarda eu teria naquele dia, sem me importar muito com isso.

Meu casamento com meu rei tinha sido um espetáculo. Um vestido luxuoso. Uma cerimônia luxuosa. Um desfile luxuoso. Um banquete luxuoso.

Durante tudo isso, provavelmente dissemos vinte palavras um ao outro e, infelizmente, quinze delas para mim foram: —Aceito este homem como meu marido e meu rei e seja feita a sua vontade.

Em seguida, tivemos uma discussão colossal em frente ao nosso leito conjugal, no qual eu dormi sozinha depois que ele saiu do quarto para beber rum, fazer barulho e, por fim, dormir em outro lugar.

Como previsto, nós havíamos nos conhecido apenas no dia anterior. No santuário de Leuthea¹⁰³, a sagrada deusa do mar dos

marinheiros aflitos.

Lá nos ajoelhamos no altar, entregando nossos pensamentos a ela e sem dizer uma palavra um ao outro.

Por duas horas.

Mas eu sentia seus olhos em mim.

E encontrei meus momentos para estudá-lo.

Era assim que as coisas aconteciam, o rei de Mar-el se casava com sua rainha dessa maneira.

E agora, meses depois, eu estava recebendo o cortejo que deveria ter tido naquela época.

Mas, embora muitas vezes cativante...

parecia que meu marido não era nada bom nisso.

Suspirei, levantei da cama e fui para a sala de banho.

Ficar na água me animaria.

Eu não me transformaria, pois não era água do mar, mas a sensação seria agradável e me restauraria.

E então eu enfrentaria meu dia sem meu marido, e minha noite com ele, mas ainda sem ele.

Pensando nisso, decidi que daria um tempo a ele.

Ele era um homem, um homem muito viril, e talvez não aceitasse bem essas propostas de sua esposa.

Homens muito viris preferiam fazer tais propostas eles mesmos.

Mas amanhã, Silence se casaria com Mars e, pelo comportamento deles quando estavam na presença um do outro, eles estariam no

corredor fazendo o que meu marido de mais de sete meses e eu ainda não tínhamos feito.

Já havíamos perdido muito tempo sem nos comunicarmos adequadamente.

E havia várias maneiras de se comunicar.

Aquela cerimônia do piercing me ensinou bem.

Aramus teria meu ouvido, minha mente e minha honestidade.

Ele também iria ter meu corpo.

Mesmo que eu tivesse que me jogar em cima dele.



A Bondade

G'Drey

Ruas da Cidade do Fogo
FIRENZE

G'Drey caminhou (com dificuldade) pela cidade em direção à escola onde lecionava.

Como seu pretexto (pois seu verdadeiro propósito neste reino não era esse), em uma escola de Go'Doan ele era responsável por cinquenta e seis crianças Firenz com oito, nove e dez anos de idade.

Ele lhes ensinava a história de Tritão, um pouco de matemática, leitura, a língua do Vale e como desenhar e pintar.

E, para sua surpresa, ele descobriu que gostava de fazer isso.

Não havia começado facilmente. Ele era um professor inexperiente e os alunos eram irritantemente indisciplinados e desatentos.

Entretanto, alguns dias depois, irritado além da conta, ele foi severo.

E, de alguma forma, a partir daí, a ordem se estabeleceu (embora, com os mais velhos, ele tivesse que ser severo em outras ocasiões, mas, na maioria das vezes, depois de suas conversas, eles se

importavam).

E quando alguém se orgulhava de sua pintura ou assumia um olhar brilhante no rosto depois de conquistar a difícil conjugação de uma palavra valeriana, Drey sentia algo curioso em seu peito que não era desagradável.

Ele nunca havia pensado muito em crianças e, para falar a verdade - seus pensamentos sobre seu guerreiro, quando ele chamava Drey, seu escolhido em casa, a Ascensão e o papel que ele desempenhava nisso -, ele não pensava muito nelas agora.

A menos que estivesse com seus alunos.

Quando estava, ele achava que a inocência deles, a empolgação com coisas tolas ou a confiança implícita que tinham nele (que também era tola, embora eles não soubessem disso) eram bastante envolventes, ele tinha que admitir.

Isso fez com que Drey procurasse uma audiência com G'Liam, que viera de Go'Doan com Jell para participar das cerimônias e estar à disposição para quaisquer discussões diplomáticas que precisassem de suas habilidades.

Liam também supervisionava as escolas em todos os reinos, fazendo isso principalmente por correio e por pássaros, mas às vezes com visitas.

Drey havia informado a Liam que sua classe era, em primeiro lugar, muito grande e, em segundo lugar, que a distribuição das idades era muito longa.

Em seguida, sugeriu que as crianças de dez anos fossem transferidas para sua própria classe, pois estavam avançadas nos estudos e ficavam entediadas facilmente enquanto Drey cuidava e instruía as crianças mais novas.

E Drey havia aprendido rapidamente que uma criança entediada

não era uma criança que você desejasse ter por perto.

Depois que ele contou isso, Liam o examinou longamente.

Isso ele fez antes de dizer: —Fico feliz por você se interessar tanto pelos seus alunos. E em um período tão curto de tempo com eles. Isso diz muito sobre você. E você fala com sensatez. Vou pensar sobre isso.

Drey sentiu uma estranha sensação de orgulho com isso, pois Liam era conhecido como um personagem elevado e era respeitado pela maioria, até mesmo pelos sacerdotes da Ascensão.

Mas G'Drey só tinha visto Liam de passagem em Go'Doan, embora obviamente o conhecesse, como a maioria.

Isso se devia ao fato de Liam ser muito jovem para seu nível de responsabilidade.

Ele também tinha o passatempo incomum de examinar corpos, ou seja, cadáveres, em um esforço para entender como eles funcionavam. Como os ferimentos ou as doenças os afetavam e como identificar os males que atingiam as pessoas com causas invisíveis, usando o que encontrava nos corpos, combinando-os com os sintomas relatados antes da morte.

Ele também tinha o passatempo de preparar poções e elixires com ervas e minerais e testá-los em ferimentos, lesões e tratamentos de doenças.

Além disso, assim como Jell, Liam passava a maior parte do tempo adorando Go'Vicee, o deus do serviço. Não os deuses da obediência e da fidelidade, Go'Bedi e Go'Chas, como a maioria dos outros sacerdotes fazia.

No entanto, Drey soube que Liam havia dado uma palestra empolgante para a ordem dos sumos sacerdotes, o que causou muita discussão em Go'Doan sobre como Go'Chas era realmente uma questão de castidade, e não de fidelidade aos deuses.

Ele argumentou que o Go'Chas desejava a fidelidade entre os cônjuges e a abstinência dos solteiros, e não uma fé firme na religião, como a maioria achava que era o caso.

E assim (Drey tinha ouvido), Liam afirmou que eles deveriam abandonar seus usos mais básicos do Go'Ella e apenas tomar esposas ou se unir a maridos.

A propósito, embora ninguém tenha lhe perguntado, Drey achava que ele estava errado nisso.

E ele não estava sozinho, pois o furor que suas palavras causaram durou algum tempo.

No entanto, Drey ouviu dizer que, antes de deixar a cidade abobadada, havia um apoio crescente a essa teoria.

Por último, Drey sabia que Liam e Jell eram da Ascensão.

Eles não haviam participado de nenhuma das reuniões. E seu amante nunca falou sobre elas.

Embora Drey não pudesse dizer que não havia ficado impressionado com Liam depois de conversar com ele.

Era o primeiro dia de retorno de Drey depois de seu tempo nas catacumbas.

Ele teve a sorte (embora ele não pensasse dessa forma, mas no mais básico dos propósitos, era verdade) de Seph ter ordenado que os espíritos limpassem suas feridas (o que não foi agradável, especialmente quando ele ainda estava amarrado àquela laje, com todo o seu corpo congelado no lugar, pois ele estava lá há tanto tempo).

G'Seph também havia ordenado a aplicação de pomadas. Drey sabia que as pomadas (porque ele sentia isso) aliviavam parte da dor e aceleravam a cura.

Seph também lhe deu um pote dessa pomada para que ele mesmo a aplicasse.

Mas ele havia tirado os acólitos de Drey e ordenado que Drey ficasse sem eles até que estivesse curado.

Eles não deveriam ver seus ferimentos.

Não saberiam sobre a Ascensão e sua punição.

Agora ele enfrentava um dia de volta à sua sala de aula, outra ordem de Seph.

Pois outros haviam sido informados de que Drey havia se resfriado (como alguém poderia fazer isso nessa terra quente, ele não conseguia entender, mas Seph era talentoso em vestir sua falsa face). Era por isso que ele estava deitado e em repouso.

Mas agora ele tinha que continuar para que os outros não pedissem para vê-lo ou se perguntassem sobre seu estado.

Ele não tinha ideia de como iria ensinar a lidar com a dor. A pomada ajudava, mas ajudava mais quando ele estava deitado e não em pé. Levaria pelo menos uma semana até que ele estivesse totalmente coberto de crostas e pudesse se movimentar sem muita dor, mesmo com a pomada.

Ele não podia se sentar de jeito nenhum.

Portanto, teria de ficar em pé.

O dia inteiro.

Com dor.

Quando tinha de caminhar até a escola.

Com dor.

E assim sua reprimenda perdurou por muito tempo depois de ter sido aplicada.

Desde que recebeu sua 'punição', ele pensou muito em sua situação difícil.

De fato, era só nisso que ele pensava.

A princípio, ele pensou em enviar um pássaro ou uma carta (a última das quais levaria muito tempo, e ele desejava que sua vingança fosse muito mais rápida) para Fenn, seu amante, explicando o que havia acontecido.

Seu escolhido poderia ficar com raiva por ele ter brincado com um guerreiro Firenz (ou deixado esse guerreiro brincar com ele).

Mas ele ficaria mais irritado com o fato de Drey ter sido maltratado.

G'Drey também havia pensado muito na severidade de sua punição por uma transgressão que ele não via como uma transgressão.

Go'Doan tinha amantes regularmente. A maioria se valia de seus acólitos. Outros tinham amantes entre seus colegas sacerdotes. E outros, com frequência e abertamente, encontravam seus pares nas terras onde estavam estacionados.

Homens.

Mulheres.

Ambos.

Ele não conseguia imaginar como o fato de se permitir ser usado por um guerreiro, sua esposa e sua companheira de brincadeiras poderia colocar a trama em risco.

E se isso acontecesse, Seph poderia ter simplesmente pedido um aparte e lhe contado.

Não lhe dar um golpe na cabeça, chicoteá-lo com sangue, humilhá-lo e deixá-lo amarrado a uma laje por horas.

Ele era um soldado da Revolta.

Ele estava em harmonia com os Go'Doan, utilizando seus recrutas cuidadosamente reunidos, especificamente em Wodell, mas também em Firenze, e suas armas igualmente cuidadosamente reunidas para se erguer e assumir o controle dessas terras a fim de conquistar Airen, escravizar os Nadirii e forçar todos a adorar os verdadeiros deuses.

Sem mencionar a homenagem, em palavras e moedas, aos templos da cidade-estado de Go'Doan.

Mas ele não estava de acordo com isso.

Com esse pensamento raivoso, ele foi arrancado de seu caminho, puxado para um beco, e sua cabeça foi coberta por um capuz.

Na escuridão repentina, ele abriu a boca para gritar, mas, antes que pudesse, ouviu: —Se você fizer apenas um barulho, vai se arrepender.

Seu guerreiro.

Ele fechou a boca e sentiu o que parecia ser um cobertor grande e pesado o envolvendo. Em seguida, ele foi erguido sobre um ombro, caminhou uma pequena distância e foi jogado de barriga para baixo em um cavalo.

Ele não conseguiu parar de gritar, pois a dor em suas costas era tão forte que ele não conseguia reprimi-la.

Isso sem mencionar a dor em seu intestino, onde o chifre da sela se cravou.

—*Debole*¹⁰⁴— grunhiu o guerreiro com nojo, e Drey o sentiu subir no cavalo.

Ele não era fraco.

E estava cansado de ser usado.

E abusado.

Ele adorava Fenn mais do que qualquer um de seus deuses.

Eles cavalgaram, com muita força e muito rápido. Durante a curta jornada, a dor se tornou excruciante, e Drey sabia que estavam indo para a casa do guerreiro.

Ele também sabia que o guerreiro o levava para os fundos, pois sentiu o cheiro da madressilva que crescia esplendorosamente ao lado, antes de dar ré, desmontar, arrastar Drey sem cerimônia de seu cavalo e levá-lo para dentro.

O Firenz andou e Drey sabia que ele o estava levando para o quarto de dormir do homem (pois ele mesmo já havia andado por lá várias vezes) antes de ser jogado como um saco de nada no chão de ladrilhos.

G'Drey conteve seu grito de dor, mas ele foi tão forte que talvez não tenha saído como um grito, mas como um forte gemido.

O capuz foi arrancado e Drey sacudiu o cabelo do rosto enquanto tirava o cobertor de cima de si e olhava para o homem com ar de desdém.

—Eu enviei uma missiva— disse o homem. —Ontem. E quando você for chamado, você vem.

Sua esposa estava ao seu lado, mas Drey não olhou para ela.

—Eu não recebi nenhuma missiva— ele retrucou.

—Não minta— advertiu o guerreiro.

Drey se inclinou para frente e cuspiu: —Eu não recebi...

nenhuma... missiva.

E é provável que ele não tenha recebido porque ela foi confiscada por Seph.

Ele não compartilhou isso com o guerreiro.

Seu (atual) algoz abriu a boca para falar, mas a esposa falou primeiro.

—*Sanguina*¹⁰⁵— ela sussurrou.

Ele sangra, disse ela.

O guerreiro olhou e, antes que Drey pudesse piscar, ele estava deitado de barriga para baixo na cama e suas vestes estavam jogadas sobre sua bunda.

Ele ouviu o suspiro de choque dela.

E o grunhido surpreso do guerreiro.

Mas foi ela quem falou.

—Quem fez isso com você?— ela perguntou na língua dele.

G'Drey começou a se esforçar para se levantar. —Isso não é da sua conta.

Ele não conseguia se levantar, pois a guerreira o segurava com uma mão no meio das costas.

G'Drey sentiu a cama se abaixar ao seu lado e outro toque, mais leve, que afastou seu cabelo do rosto.

G'Drey ficou quieto.

Exceto por sua escolhida, e mesmo sua escolhida não poderia acariciar tão levemente, ele nunca havia sido tocado daquela maneira

em sua vida.

A esposa estava na cama com ele.

—Quem fez isso com você, *mio piccolo buco*¹⁰⁶?— sussurrou ela.

G'Drey olhou para as sedas.

Ela o havia chamado de *meu pequeno buraco*.

E a maneira como ela se referiu a ele dessa forma fez com que algo em seu estômago se soltasse.

Portanto, seu tom estava muito diferente quando ele ergueu os olhos para ela e respondeu: —Não sei dizer.

Ela virou a cabeça para o lado e a inclinou para trás.

—Onde você o encontrou?— ela perguntou ao marido.

—A caminho da escola— respondeu o marido.

—Cavalgando?— perguntou ela, parecendo horrorizada.

—Caminhando— disse-lhe o guerreiro.

—Isso não é muito melhor— ela respondeu.

E, da mesma forma que ela fez, algo se soltou ainda mais no estômago dele.

—Solte-o— ela exigiu.

—*Amore*— murmurou o guerreiro.

—Solte-o. Você pode estar causando dor a ele— ordenou ela.

A mão saiu de suas costas.

Drey rolou para o lado, cerrando os dentes enquanto o ferimento

se manifestava novamente.

—Não se mova, padre— disse ela em um tom gentil. —Por que você não está deitado?

—Não posso falar sobre essas coisas— disse ele a ela.

—Você deveria estar descansando— respondeu ela.

Ele balançou a cabeça.

—Você deve saber que deveria estar descansando— ela insistiu.

—Não tenho... permissão— admitiu ele.

Os olhos castanhos dela o estudaram antes que sua boca ficasse apertada e ela olhasse para o guerreiro.

—Vamos mantê-lo aqui— decidiu ela, e os olhos de Drey se arregalaram quando sua boca se abriu para protestar. No entanto, ela ainda não havia terminado: —Eu cuidarei dele e você enviará uma missiva ao templo dele avisando que eles serão avisados de uma investigação sobre esse assunto.

Drey falou em seguida, fazendo-o para exclamar: —*Não!*

Ela se virou para ele e ergueu suas elegantes sobrancelhas arqueadas. —Por que não, *piccolo buco*?

—Vocês não podem— disse ele.

—Por que não podemos?— ela insistiu.

—Vocês simplesmente não podem— ele respondeu.

Ela pareceu considerar isso.

Em seguida, seu olhar desceu pelo corpo dele antes de voltar ao seu rosto.

E seu tom foi novamente gentil quando ela perguntou: —Você gosta de estar conosco, não?

—Sim— ele resmungou.

—E nós sabemos disso, ou não o usaríamos como usamos— ela compartilhou.

Ele cerrou os dentes.

—Você nos dá muito prazer— ela sussurrou.

Com isso, o queixo dele caiu.

—Isso tem um significado para nós. Você deve saber disso— disse ela. —Um Firenz não leva para a cama alguém que não tem significado. Se você não tivesse significado, meu marido levaria seu traseiro contra a parede no quarto dos fundos de uma osteria ou em um beco enquanto eu observasse. Nós não cuidaríamos de seu prazer. E ele iria embora com a semente dele pingando de você sem pensar mais em você.

Drey tinha...

Um significado para eles?

—Os acasalados Firenz levam outros para suas camas, mas somente a pedido de seu companheiro, de acordo com os desejos de ambos e com a presença de seu companheiro— explicou ela. —No entanto, eles não dão a boca a outro que não seja o seu próprio. Portanto, nem ele, nem eu, jamais o chuparemos ou o beijaremos.

—Eu não sabia disso— murmurou ele.

Ele sabia, de certa forma.

Embora não entendesse os porquês disso.

Ela lhe deu um pequeno sorriso que era...

atraente.

—Agora você sabe— disse ela em voz baixa. —Então, agora, eu espero que, no mínimo, se você não puder nos dizer o que aconteceu com você, e isso é seu, não vamos pressionar, você nos permita cuidar de você.

Ele balançou a cabeça. —Fui instruído a atender meus alunos na escola.

—E não nos atender— o guerreiro entrou na conversa, e Drey olhou para ele.

Seu rosto estava tão feroz como sempre, mas havia inquietação em seus olhos e raiva em sua boca.

Raiva.

Sobre o que aconteceu com Drey.

E o guerreiro sabia onde sua carta havia se perdido.

Mesmo surpreso, Drey acenou com a cabeça para ele.

—Não se sabe que os Go'Doan fazem isso com os seus— afirmou o guerreiro.

—Não é... é para o pior...— Ele tinha que mentir para eles e, por alguma razão inexplicável, estava tendo dificuldade em fazer isso. —É para a pior das transgressões.

—Já tive outras bundas de Go'Doan— declarou o guerreiro. Minha esposa gosta das vestes brancas, da palidez de sua pele e do contraste com o meu pênis penetrando nela.

Como, ele não sabia, mas estava ficando duro.

—Embora nunca tenhamos usado ninguém, Go'Doan ou não, como usamos você e como usamos você é algo que ambos desejamos

há algum tempo— continuou ele.

Por que isso o fez se sentir...

Especial?

—Mas nenhum deles foi maltratado como tal— continuou o guerreiro, sacudindo o queixo barbudo em direção a Drey.

G'Drey lutou mordendo o lábio.

—Além disso, eles não podem saber como usamos você, então não pode ser isso— disse o guerreiro. —A menos que você tenha contado a eles.

—Eu não contei a eles— disse ele em voz baixa.

O guerreiro levantou a cabeça. —Então, essa transgressão, diga-me uma coisa, seja ela qual for, você é culpado dela?

Drey não admitiria isso de jeito nenhum.

—Não— declarou ele com força.

O rosto do guerreiro se transformou em pedra.

Ao ver isso, Drey não conseguiu parar de morder o lábio.

Foi então que a voz do guerreiro se tornou gentil, embora parecesse que ele havia conseguido isso com alguma dificuldade, e Drey definitivamente sentiu isso em seu pênis, até mesmo em seu traseiro maltratado, mas também em outros lugares.

—Permita que minha esposa lhe mostre bondade— ele pediu. —Eu cuidarei do Go'Doan. Você terá uma licença de ausência. Ninguém saberá o verdadeiro motivo ou onde você está. Mas você estará seguro aqui conosco.

Ele não deveria.

Ele sabia disso.

Essa lição havia sido aprendida.

Mas ele fez isso mesmo assim.

E ele também não sabia o porquê disso.

—Eu vou permitir isso.

No instante em que disse as palavras, o guerreiro se voltou para sua esposa. —Chame Persephone. Ela o sugará. O clímax o relaxará. Depois, ele poderá ser limpo, curado e receber uma bebida para dormir.

Drey não sabia nenhum de seus nomes. Eles nunca os haviam dito. Mesmo no calor da paixão.

Mas agora ele sabia que sua companheira de brincadeiras se chamava Persephone.

— Persephone não— Drey deixou escapar.

O guerreiro olhou para ele por um momento antes de voltar sua atenção para a esposa.

—Saturn— ele grunhiu e depois olhou novamente para Drey. — Ele é um soldado. Jovem. Forte. Nós o usamos quando minha esposa quer ver os outros brincando ou eu trabalhando no traseiro de um guerreiro. Ele gosta de buracos, bocetas e de tomar pênis. Ele terá prazer em chupá-lo, amigo. E depois que você se curar, quando precisar de um eixo em seu traseiro com uma mão de ordenha em seu pênis, ele lhe dará isso também.

—Meu nome é G'Drey— ele sussurrou.

—Não é— respondeu o guerreiro. —Qual é o seu verdadeiro nome?

Drey ainda estava sussurrando quando disse um nome que não dizia, ou ouvia, ou pensava, há anos: —Tedrey. Eu sou Tedrey Swensson dos Dellish.

O guerreiro acenou com a cabeça. —E eu sou Lorenz Chronis, e esta é minha amada, Nyx, como você sabe, dos Firenz. E agora você não é apenas de nossa cama, mas de nossa casa, o que significa que está sob minha proteção. E isso significa que ninguém mais fará mal a você.

E, com isso, o guerreiro saiu em disparada.

Drey o observou fazer isso, testemunhando a rigidez de seu andar, o que significava o controle de sua fúria.

Ele estava furioso.

Por Drey.

—Você verá que ele é superprotetor, *caro*— disse a esposa, Nyx. —Embora isso às vezes cause problemas, na maioria das vezes é bastante encantador.

Ele olhou para ela.

—Tenho preocupações— admitiu ele, com a voz começando a tremer.

Ela ergueu a mão e a colocou de leve na lateral do rosto dele, seus olhos se aquecendo.

—Não pense nelas, *mio piccolo buco*. Lorenz é astuto e minucioso. Você está seguro. Você será bem cuidado.— Ela deu um sorriso encantador. —E agora você é realmente nosso, então nós dois cuidaremos de você.

Ela deixou a mão cair e, estranhamente, Drey sentiu falta quando ela o fez.

Ela então se afastou da cama e olhou para ele com severidade.

—Descanse aqui por enquanto. Não coloque suas vestes sobre você, pois elas agravarão os ferimentos. Vou chamar Saturn. Peça a ele que o atenda. Peça que ele traga Faunus. Enquanto eles vêm até nós, cuidarei de seus ferimentos. Tenho uma pomada especial que é anestesiante. Ela deve lhe proporcionar algum alívio.

De repente, ela sorriu um sorriso com o qual ele estava acostumado, mas do qual nunca havia gostado.

Até agora.

—Saturn ficará muito excitado ao chupá-lo e, portanto, precisará de seu próprio pênis, provavelmente na parte de trás. Vou pedir licença a Lorenz. Ele normalmente não a concederia para mim, mas no seu estado, acho que ele será generoso. Assim, depois que Saturn terminar de engolir sua semente, nós os veremos juntos brincando enquanto a corrente de ar adormecida trabalha em você. Isso certamente lhe proporcionará bons sonhos.

Eles os observariam juntos?

Como...

Amigos?

Ela se inclinou na direção dele com um olhar perverso, que ele também achou bastante atraente.

—Faunus é muito bruto, caro, e Saturn é quase tão grande quanto meu marido. É uma visão e tanto, pois ele gosta muito de uma foda forte e completa. E quando ele jorra sua semente— ela arregalou os olhos em êxtase, revirando-os apenas para que ele visse que estavam dançando, —tanto, que você vai achar que ele nunca vai parar de chegar ao clímax. Ou é isso que você espera. Se desejar, se não lhe causar dor, faremos com que ele o faça em sua boca.

—Eu desejo— sussurrou Drey com fervor.

Oh, ele desejava.

Ele não se importava se isso causasse dor.

Ela lhe deu um sorriso indulgente.

—E assim ele fará. Assim, serão doces sonhos de fato, meu Tedrey.

Com isso, ela se retirou.

E G'Drey ficou deitado na cama macia, em suas sedas macias, sem dor no traseiro, pois não se movia, e olhou para a porta pela qual ela havia entrado, percebendo que acabara de ser reivindicado por um marido Firenz e sua esposa.

Ele era deles.

Para usar.

Para se divertir.

Para proteger.

E para cuidar.

Ele nunca havia tido isso em sua vida.

Nem mesmo, na verdade, de seu escolhido, pois Drey estava lá e definitivamente desprotegido.

Por isso, pela primeira vez desde que seu pai lhe deu uma surra de habilidade ao flagrar o filho tomando pênis de um fazendeiro nos estábulos, isso antes de mandá-lo embora com ordens para nunca mais voltar, Drey começou a chorar.



Seria algum tempo depois, deitado de costas, com o traseiro sobre almofadas macias, a cabeça também, a boca cheia de um pênis grosso, seu próprio pênis estava duro novamente depois de um clímax anterior e agora recebia outra chupada ardente.

E seus olhos observavam um enorme pênis sendo empurrado com força entre duas bochechas esculpidas de um traseiro de pele marrom.

Ele tentou, mas descobriu que não podia mais se conter.

Assim, Drey fechou os olhos com relutância enquanto disparava sua semente em uma boca quente que a engolia.

Seu clímax terminou, seu pênis foi liberado e ele sentiu os grunhidos ferozes contra suas bolas do guerreiro que estava chupando, pois ele estava de quatro, mas agora estava ajoelhado com o traseiro erguido e descansando a bochecha barbada contra a coxa de Drey.

Isso antes de o saco de Drey ser capturado em um aperto úmido e quente, atraído pela boca do guerreiro, e ele gemeu longa e esplendidamente em torno dele enquanto Drey engolia com prazer um pouco, mais, mais e mais da semente salgada e quente que inundava sua garganta.

De repente, ele sentiu seu saco ser liberado e um peito pressionado em sua barriga, enquanto o guerreiro sobre ele arqueava seu grande corpo e gritava: —Foda-se!— exatamente quando o guerreiro acima de Drey se encaixou dentro dele e rugiu seu próprio clímax.

Surpreendente.

Ele nunca havia tido isso.

E ele esperava tê-lo novamente.

Embora talvez fosse ele quem estivesse de joelhos.

G'Drey continuou a sugar o eixo em sua boca.

Enquanto o fazia, Saturn cantarolava enquanto lambia alternadamente o pênis amolecido e as bolas gastas de Drey e dava um impulso suave.

O Faunus acabou se afastando dele e Saturn retirou seu pênis de entre os lábios de Drey e se ajoelhou sobre ele.

Ver aquela bunda musculosa recebendo o pênis tinha sido melhor.

Embora o simples fato de ver sua magnificência pairando sobre ele não fosse algo de que Drey pudesse se queixar.

—Você gostaria de lambar Faunus dele?— ele ouviu Nyx oferecer.

Drey sentiu um arrepio com essa oferta, mas, infelizmente, em seu estado, com dois clímaxes e depois de tomar uma bebida para dormir, ele não podia.

—Muito sonolento— ele murmurou.

—Que pena— murmurou a voz profunda de Saturn, divertida.

Em seguida, ele passou sua poderosa perna por cima da cabeça de Drey, se remexeu na cama, inclinou-se sobre Drey e segurou seu pênis e saco com uma mão grande, mas gentil.

—Descanse bem e se recupere rapidamente, padre. Você me deve isso— provocou Saturn, mesmo que o olhar em seus olhos dissesse que ele estava falando sério.

G'Drey olhou para suas feições marcantes e lhe deu um sorriso sonolento. —Tudo bem.

Depois de dar um sorriso de lobo em troca, o rosto de Saturn desapareceu, assim como, infelizmente, sua mão, e o rosto atraente do Faunus tomou seu lugar.

—Você não me deve nada, eu ainda estou transando com você— disse ele com um sorriso brincalhão nos lábios cheios.

A mente de Drey se encheu de visões do enorme pênis de Faunus.

—Tudo bem— respondeu ele.

—Muito bonito— murmurou Faunus, seu olhar percorrendo o rosto de Drey, e Drey piscou para ele. —Eu poderia mantê-lo cheio de mim por dias. Você será lindo se atirando diante de mim, comigo me movendo profundamente dentro de você.

E o estômago de Drey se soltou ainda mais.

Nem mesmo seu amante havia lhe dito palavras tão admiradas e afetuosas.

—Ficarei feliz em lhe dar isso— murmurou ele, enquanto a bebida continuava a fazer sua mágica.

—Terei prazer em aceitá-lo— murmurou o Faunus em retorno. —Até lá— disse ele antes de encostar sua boca na de Drey (tocar sua boca). A brincadeira havia retornado quando ele se afastou e terminou: —Ou até sentirmos a necessidade de usar Saturn novamente. Vou dar a isso, talvez, um dia— e com isso e uma piscadela alegre, ele se afastou.

Apenas para Nyx estar lá.

—Role, *mio buco*— ordenou ela em voz baixa. —Está na hora de você descansar.

Como ordenado, mais do que satisfeito, Drey rolou para a frente.

Ela cuidadosamente puxou as sedas da cama até os ombros dele

(uma cama em outro quarto que era muito bonita, onde ela o havia conduzido antes de cuidar de suas costas com mãos carinhosas).

Ela então se sentou ao lado dele e acariciou seus cabelos.

—Durma, Tedrey— disse ela.

—Sim— ele murmurou.

—Você está seguro— disse ela, ainda acariciando os cabelos dele.

—Sim— ele repetiu.

—Você está em casa, querido— sussurrou ela.

Drey fechou os olhos e adormeceu.

Mas, ao fazê-lo, outra lágrima escorreu pela ponte de seu nariz.

Pois ele sentiu exatamente isso.

Pela primeira vez em sua vida.

Tedrey estava em casa.



Nyx Chronis

Quarto de hóspedes, Mansão de Lorenz, Capitão dos Confiáveis,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Nyx observou a lágrima cair.

E ela se lembrou dos olhos avermelhados dele quando ela voltou para ele mais cedo, depois de mandar um servo buscar Saturn e Faunus.

Lembrou-se também da maneira como ele desviou o rosto para que ela não visse suas bochechas molhadas.

Ela havia sido informada sobre esse sacerdote, seu uso para ela e seu uso diferente para seu marido.

Ela não se importava muito em se envolver em tal engano, mas faria qualquer coisa por seu Lorenz e por seu reino.

Além disso, ele era muito agradável.

Mas agora, seu peito ardia.

Sua cabeça estava muito cheia.

E ela sabia que a do marido fazia o mesmo.

Mesmo sentindo-se assim, ela acariciou os cabelos sedosos e dourados de seu brinquedo, contemplou o rosto dele, macio e bonito durante o sono, e somente quando soube que o sono dele era profundo, ela se levantou da cama e saiu do quarto.

Seu marido estava ocupado no palácio.

Mas ele viria quando ela o chamasse.

Em seguida, ele a pegaria violentamente para que ela pudesse descarregar um pouco de sua ira (e de sua excitação pelo que acabara de testemunhar).

Depois disso, ele ouviria suas palavras.

E ela tinha certeza de que ele concordaria.

Persephone tinha seus próprios objetivos.

Assim como Saturn e os Faunus.

Mas esse desistiria de suas vestes brancas.

Porque este, eles estariam mantendo.



O Bisbilhoteiro

Lady Silence Mattson

Segundo andar, corredor leste, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

Corri pelo corredor, segurando meu roupão sobre a meia de Jasmine.

A prova do meu vestido de noiva estava completa e eu estava encantada com o resultado. Havia alguns últimos retoques, mas os servos de Mars estavam claramente honrados em ajudar Tril em um projeto tão importante para seu amado rei e futura rainha. Eles tinham o resto do dia e a maior parte do dia seguinte, e eram muitos, por isso eu sabia que o trabalho seria concluído a tempo.

E seria perfeito.

Eu mal podia esperar para ver sua aparência final.

Além disso, considerando a reação dele ao meu vestido vermelho, eu mal podia esperar para estar usando-o quando Mars o visse.

Por enquanto, eu mal podia esperar por outra coisa.

Tomar banho na piscina do jardim com Farah e Ha-Lah.

Elena, Hera e Jasmine disseram que nos encontrariam lá mais

tarde. E minha futura sogra disse que tentaria se juntar a nós, mas com os preparativos do casamento e todos os convidados que estavam chegando, ela estava bastante ocupada, então isso seria improvável.

Sofia havia implorado para não ir, dizendo que queria que nós, meninas mais jovens, passássemos um tempo juntas sem a presença de uma velha rabugenta (embora ela não tenha usado a palavra 'rabugenta').

Eu não concordei com isso. Ela era bem-vinda conosco a qualquer momento. Mas com seu jeito, que estava ficando cada vez mais triste à medida que o tempo passava e Elpis permanecia distante, eu não disse nada.

Não podia fazer nada a respeito.

Mas isso me deixou triste.

Eu estava pensando no meu vestido de noiva, na reação de Mars a ele, nas minhas núpcias iminentes e em uma tarde adorável na piscina sob o sol com minhas novas amigas enquanto corria pelo corredor, então não estava pensando em mais nada quando, do lado de fora do quarto do rei e da rainha, ouvi:

—Isso não pode ser tolerado. Seu filho está cometendo traição.

E isso foi dito por Carrington, o conselheiro de meu tio.

Ao ouvir essas palavras, palavras que eu supunha terem sido ditas sobre True, palavras que não poderiam de forma alguma estar corretas, fiquei extremamente chocada e completamente perturbada, e imediatamente cobri-me com minha sombra e fui para a parede para que ninguém que estivesse indo ou vindo esbarrasse em mim.

Foi então que percebi o que havia feito, bem no meio do corredor, e meu olhar se desviou para o final, onde geralmente havia um ou dois criados para atender aos convidados do palácio.

E o número de convidados do palácio estava aumentando. Os personagens importantes de Firenze estavam chegando para assistir à cerimônia de casamento do rei, que aconteceria amanhã, no início da noite. Eles também apresentariam seus presentes de casamento ao rei (e a mim, sua futura rainha) amanhã de manhã.

De fato, jantaríamos com alguns deles naquela noite.

O que eu esperava que significasse que Mars não estaria em reuniões. Algo assim seria muito mais fácil de fazer ao lado dele.

Havia um garoto lá, embora ele estivesse curvado, amarrando a tira de sua sandália, de modo que não viu minha sombra.

Olhei para o outro lado do corredor e não vi nenhum criado.

Dei um suspiro de alívio, mas me engasguei quando Carrington continuou: —Se Cassius puder usurpar o trono de seu pai, não pense, meu rei, que True não terá as mesmas ideias.

Cassius usurpou o trono de Gallienus?

Quando isso aconteceu?

Como isso aconteceu?

Mantive meu olhar no servo enquanto ele se endireitava, satisfeito por ver que ele estava olhando para o corredor, mas estava claro que ele não me viu.

Minha sombra não estava defeituosa como na noite passada.

Talvez tenha sido a minha agitação por ter sido pego nos aposentos de Mars que fez com que ela me abandonasse.

—Nosso príncipe já prometeu usar seus exércitos nessa loucura que Cassius está instigando— prosseguiu Carrington.

Loucura?

Que loucura Cassius poderia estar instigando?

Ele não parecia ser um sujeito do tipo 'louco'.

—E ele fez isso sem o seu consentimento. Sem sequer discutir o assunto com você. E isso é traição— concluiu Carrington.

—Não chega a ser traição— ouvi tia Mercy murmurar. —Talvez tenha sido mal orientado, pois ele se deixou levar pelo discurso. Mas não é traição.

—Acho que prometer os exércitos de seu rei a outro país para se envolver no que certamente será uma guerra civil é algo bem diferente de simplesmente equivocados— disse Carrington.

—Cuidado com o que diz à minha esposa— ordenou tio Wilmer com uma voz afiada que eu nunca o ouvira usar.

Mas, em defesa de sua esposa, eu gostei.

Ou, na verdade, eu gostava dele, demonstrando que ele tinha alguma coragem.

—Receio não estar em mim, Vossa Graça, tal é o meu estado de preocupação com o que está acontecendo— respondeu Carrington com acidez.

Houve um breve momento de silêncio antes que o tio Wilmer retornasse com o que parecia ser um suspiro: —Vou conversar com True.

—Como será isso? Eles estão preparando as proclamações agora e você já concordou em assiná-las— replicou Carrington.

—Talvez essa guerra civil não venha a acontecer— sugeriu Wilmer.

Ouvi Carrington zombar do ar expelido.

—Você acha por um segundo que a nobreza de Airen apoiará seu novo regente exigindo que eles dissolvam suas milícias? Sem mencionar que os homens daquela nação certamente terão algo a dizer sobre dar às mulheres o direito de possuir propriedades. Erradicar os limites de sua educação e profissão. Estabelecer uma remuneração mínima para seu trabalho em valores muito mais altos do que os que estão recebendo atualmente. E, o pior de tudo, oferecer a elas o privilégio de se reunir— comentou Carrington com desgosto.

Cassius pretendia fazer tudo isso?

E ele assumiria o governo, se tornaria regente, para fazer isso?

Oh, minha... *fé*.

—Meu marido manteve-se neutro em relação a essas questões de gênero no passado, Carrington, mas sempre fomos aliados de Airen— observou tia Mercy. —Nosso povo não achará surpreendente que tenhamos oferecido nosso apoio aos desejos de seus soberanos.

—De fato, oferecemos. Neutros ao governo de *Gallienus*— replicou Carrington. —Para isso, sempre que uma de suas fêmeas entra em nossas terras em busca de refúgio e eles exigem seu retorno, nós o concedemos. Em outras palavras, isso não é neutro. Trata-se de uma reviravolta.

—E há muitos em Wodell que não gostam do fato de essa ser a política *do rei*— retornou a tia Mercy, enfatizando a palavra '*do rei*' de uma maneira que afirmava que não era a política do rei de forma alguma.

E eu sabia que isso era verdade. True havia me contado. O retorno de mulheres refugiadas para Airen era um assunto espinhoso entre o rei do meu país e seu filho. True sempre aconselhava seu pai a conceder asilo. Carrington aconselhou que não seria bom irritar o rei Gallienus ou os membros de sua nobreza que comandavam exércitos permanentes.

—O suficiente para que eles estejam dispostos a permitir que seus filhos morram por isso?— respondeu Carrington.

—Não sei— retrucou Mercy. —Mas seria meu filho a serviço de seu reino e de seu rei, que lidera os exércitos do rei e conhece a mente dos homens do rei, e eu me perguntaria o que eles prefeririam. Cavalgar para ajudar um novo governante a fazer mudanças justas em seu reino ou cavalgar para uma loucura a fim de aumentar o cofre de seu rei.

—Mercy— murmurou o tio Wilmer em tom de advertência.

—Sinto muito, meu marido— declarou ela, como se não estivesse. —Mas não vou me calar e permitir que alguém chame meu filho de traidor.

—O cofre do seu rei também é seu, minha rainha, e ele está ficando baixo— Carrington falou como se minha tia não soubesse.

—E por que isso acontece, Carrington?— ela perguntou baixinho.

Eu sabia que era por causa das campanhas contra Firenze.

Houve silêncio e, enquanto eu esperava, com o coração batendo loucamente, ele deu um pulo, assim como todo o meu corpo, quando ouvi uma porta se abrir no final do corredor.

Virei-me para lá.

E minha boca se abriu.

Serena dos Nadirii estava correndo pelo corredor.

E ela estava usando as roupas de uma mulher Firenz.

Um sutiã laranja enfeitado com miçangas amarelas, vermelhas e salmão, saias laranjas transparentes que mostravam suas pernas com uma cintura elaboradamente deslumbrada que passava pelos quadris e caía em pingentes e franjas de miçangas.

Ela não estava se apressando.

Ela estava correndo, com os olhos correndo para um lado e para o outro, como se temesse que alguém a visse (e, felizmente, ao fazer isso, ela não *me viu*).

E eu imaginava que ela tivesse visto, pois *nunca* imaginei que a veria com aquela roupa.

Mas que diabos?

Será que o mundo virou de cabeça para baixo?

—Podemos salvar essa situação, Vossa Graça— Carrington estava falando novamente, parecendo ter se acalmado.

Serena deu a volta na esquina em direção às escadas e eu a perdi de vista.

Mas eu teria voltado minha atenção para o que estava acontecendo no quarto do meu rei e da minha rainha, independentemente das travessuras de Serena.

Pois eu, assim como minha tia, não gostava que alguém chamasse minha prima de traidora.

—Aramus prometeu sua armada para a cruzada de Cassius— continuou Carrington. —Ophelia não faria um voto vinculativo neste momento para oferecer armas aos Nadirii, mas, como você sabe, se o que Cassius pretende fazer for instigado, ela obviamente oferecerá apoio e, se for necessário, os arcos e cajados de seus guerreiros. O mais importante é que *Firenze* prometeu seus cavalos para a cruzada de Cassius.

Com a oferta de True do exército de Dellish, isso significava que todo o Tritão apoiaria Cassius.

Isso me aqueceu por dentro.

Especialmente porque Mars também havia oferecido o seu.

—No entanto— continuou Carrington, —quando Airen cair no caos, como acontecerá, e a armada de Mar-el navegar para suas costas, os guerreiros de Nadirii se alinharem atrás de sua princesa, que será a princesa do usurpador de Airenz, e os cavalos de Firenze vierem em auxílio, enviaremos nossos exércitos para Firenze. Com os guerreiros de Firenze ocupados em sua fronteira nordeste e todos ocupados em outros lugares, retomaremos nossa fronteira sudoeste, que Firenze nos roubou com facilidade. E assim que o fizermos, continuaremos para o sul.

Arfei, mordi a parte interna de minhas bochechas e estudei novamente o servo.

Mas ele estava bem no final do corredor e não tinha uma audição tão boa quanto a minha, então não fez nenhum sinal de que havia me ouvido.

—Você está dizendo para quebrar a promessa que o Rei Wilmer fez a todos os reinos para garantir uma mina de rubi e um campo de açafraão?— perguntou a tia Mercy com escárnio.

—A promessa que o Príncipe True fez— corrigiu Carrington.

—Não será o nome de True que estará no pergaminho, Carrington — retrucou tia Mercy.

—Então, sim. Rubis. Açafraão. E riquezas ao sul— afirmou Carrington com confiança.

—Você não acha que Mars enviará seus guerreiros para o oeste assim que souber disso?— perguntou meu tio.

—Sim, acho. Mas quando ele o fizer, se o que planejei se concretizar, será tarde demais— respondeu Carrington. —Portanto, com sua permissão, enviarei um corvo e um cavaleiro em sua cauda. Começaremos a recrutar imediatamente. Aumente nosso número

agora. Comecem o treinamento. Preparem-se para nossa campanha. Desta vez, vamos dominá-los com nossa força. E como temos meses para planejar, estaremos prontos.

—E usar o que, exatamente, para pagar esses novos soldados, Carrington? A poeira nos baús de nosso rei?— perguntou tia Mercy.

—Esses baús eles saberão que serão muito mais ricos quando recuperarmos o que é nosso por direito— disse Carrington.

—Então prometemos pagar a eles, só que... mais tarde?— Tia Mercy zombou. —Se algum deles for tolo o suficiente para concordar com isso, como o armaremos, forneceremos armadura e, digamos, comida?

—Há pessoas em nossas terras férteis que nos ofereceriam empréstimos— sugeriu Carrington.

—Ah, sim, ficar em dívida com nossa aristocracia e comerciantes. Em uma busca que novamente se mostrará infrutífera, então teremos de cobrar impostos de nossos cidadãos para pagar seus filhos derrotados e oprimidos e quitar nossas dívidas. Essa é uma excelente ideia— murmurou a tia Mercy.

—Quando a senhora estiver cheia de riquezas e peles, não tenho dúvidas de que terá mais confiança em meu plano— retornou Carrington.

Eu não tinha certeza se ela teria. Tia Mercy não era o tipo de mulher que gosta de riquezas e peles.

Ela deixou isso claro para Carrington.

—Tenho certeza de que você sabe que essa área de terra que tanto deseja, Carrington, era de Firenze, há cinco séculos. Nós a tomamos deles. Eles a tomaram de volta, há sete gerações. Não acha que é hora de esquecer isso e se concentrar nos pontos fortes de Wodell, bem como negociar o comércio e a passagem marítima segura com Mar-el

enquanto temos o rei deles aqui e na mesa diplomática pela primeira vez na história registrada?

—O que eu sei é que os Dellish querem sua riqueza de volta— respondeu Carrington.

—Eu não concordo— retornou tia Mercy.

—Parem com isso— exigiu meu tio, cansado. —Vocês dois. Vocês estão me causando uma dor de cabeça terrível.

—Você precisa pensar sobre isso, meu rei— insistiu Carrington. — Com urgência.

—Não tenho feito nada além de pensar há dias— reclamou o tio Wilmer.

—Precisamos agir rapidamente. Preciso enviar um pássaro assim que...

Meu tio interrompeu seu conselheiro. —Vou pensar no assunto, Carrington. Já chega. Falaremos no final da tarde.

—Vossa Graça...

—Hoje à tarde.

Houve silêncio, depois um suspiro pesado, despedidas murmuradas, e eu contraí a barriga sem nenhum propósito quando a porta do quarto se abriu e eu vi Carrington saindo.

Ele fechou a porta atrás de si e se dirigiu para as escadas.

Fiquei ouvindo por algum tempo antes que a tia Mercy falasse.

—Seu filho não é um traidor, Wilmer.

—True não deveria ter prometido meus exércitos sem falar comigo.—

—Seu filho não é um traidor.

Apertei os lábios com força diante do tom com que a tia Mercy reiterou sua afirmação.

Embora eu tivesse que concordar com ela. Em todas as suas frustrações, True teve muitas oportunidades de romper com seu pai, seu rei.

Ele nunca o fez.

E agora, quando todos os reinos estavam se alinhando para uma mudança positiva, parecia-me imprudente que Wodell decidisse fazer algo que só serviria para perturbar talvez todos os reinos.

Mas, sem dúvida, o mais rico e poderoso do continente.

—Peço que converse com seu filho, meu marido, e o ouça antes de falar com Carrington novamente— declarou minha tia.

—Preciso de um momento para fechar os olhos e clarear as ideias — murmurou o tio Wilmer.

—Prometa-me que fará o que eu pedir primeiro— insistiu a tia Mercy.

—Só meia hora.

—Wilmer.

Dei um pulo quando o tio Wilmer disse: —Meia hora, mulher!

Houve um momento de silêncio antes de a tia Mercy dizer suavemente: —Claro, marido.

Não demorou muito para que eu a visse sair.

E apertei meus lábios com mais força ainda ao ver a fúria fria em seu rosto quando ela saiu.

Eu não conhecia minha tia muito bem.

Já havia estado em sua presença muitas vezes.

Ela simplesmente não era uma pessoa acessível.

Apressadamente, corri de volta para a porta, abri-a, deixei cair a sombra e saí, como se tivesse estado lá dentro o tempo todo.

Sorri para o criado que estava me observando com curiosidade, pois provavelmente ele havia me visto começando a andar pelo corredor alguns minutos antes e ficou surpreso ao me ver de volta.

Eu não podia dar importância a isso.

Eu precisava falar com alguém.

Só não sabia quem.

Embora eu soubesse que meu pai não era uma opção, nem minha mãe.

No entanto, ocorreu-me a ideia de que eu conhecia alguém sábio, que tinha em mente os melhores interesses de Wodell e Firenze e que também tinha experiência com a volatilidade da política.

Portanto, fui diretamente para a porta do quarto de Farah, esperando que ela ainda estivesse lá dentro, pois não queria falar com ela na frente da Rainha Ha-Lah.

Bati e fiquei animado quando, em um instante, a porta se abriu.

Mas não era Farah.

Era Sofia.

—Desculpe-me por incomodá-la. Eu estava procurando a Farah. Estamos indo tomar banho— eu disse com um sorriso que eu podia sentir que estava tremendo. —Ela está?

Sofia, sábia em muitos aspectos também, não percebeu meu sorriso trêmulo e, portanto, não respondeu à minha pergunta.

Ela fez a sua própria pergunta.

—Está tudo bem, jovem Silence?

—Sim. Apenas pensei que poderíamos caminhar juntos até o banho.

—Não tenho ideia se ela já foi embora, criança. Você deveria ir ao quarto dela— sugeriu.

Eu estava confusa. —Este não é o quarto da Farah?

Algo lhe ocorreu e ela assentiu com a cabeça. —Era. Peço desculpas. Como você se arrumou hoje de manhã, provavelmente não percebeu. Quando a rainha se mudou, como meu outro quarto era... mais próximo do dela, decidimos esta manhã... hum...

Eu não a fiz terminar.

—É claro que você trocou. Eu não sabia disso. Peço desculpas também. Vou até lá para encontrar sua filha.

Sofia acenou novamente com a cabeça antes de inclinar a cabeça para o lado. —Você parecia preocupada, minha futura rainha. Há algo em que eu possa ajudá-la?

Balancei a cabeça e menti um pouco: —Não. Está tudo bem. Apenas, talvez, um pouco ansiosa com o fato de o rei ainda estar em reuniões durante o jantar.

O rosto de Sofia se suavizou e ela estendeu a mão para tocar minha mão brevemente.

—Você vai encantá-los, com ou sem o nosso grande rei, Silence. Isso porque você é muito charmosa, cara. Então, por favor, não se preocupe.

Ela era realmente tão adorável.

—Obrigado, Sofia— sussurrei.

—Vá embora. Encontre Farah. Relaxe nos banhos. E eu o verei no jantar e, enquanto isso, verei você encantar toda Firenze.

Eu lhe dei um sorriso que ficou muito mais brilhante quando ela fechou a porta.

Em seguida, corri pelo corredor até o antigo quarto de Sofia, que era, de fato, mais próximo do quarto da Rainha Elpis, que agora estava naquela extremidade, e não na outra.

Ao bater à porta, quando ninguém respondeu, percebi que tinha um problema e que teria de resolvê-lo sozinho.

Mas, na verdade, eu não precisava me preocupar.

Eu sabia exatamente o que fazer.

Assim, mudei de direção, corri pelo corredor, levantei meu roupão e desci correndo as escadas. Virei à direita, uma direção que raramente tomava, pois era ali que ficavam as salas formais onde o rei tratava de seus negócios e, exceto no início, Mars nunca foi formal comigo.

Como vinha acontecendo há dias, a sala estava repleta de homens.

Os Confiáveis de Mars.

A guarda pessoal de True.

O mesmo para Wilmer, Gallienus, Cassius e Aramus.

Fui direto ao Alfie, o tenente mais próximo de True.

Sua atenção se voltou para mim no momento em que subi as escadas, assim como a de Kyril e a de Guard, os homens de Mars.

—Condessa— murmurou Alfie quando cheguei até ele.

—Sir Alfie— murmurei de volta. —Nosso príncipe ainda está atrás dessas portas?— Perguntei, olhando para as portas fechadas da sala de reuniões onde estavam tendo suas discussões diplomáticas.

—Ele está, minha senhora.

—Gostaria de falar com ele, por favor— solicitei.

Ele ficou abertamente surpreso e, portanto, falou com cuidado. —As conversas são assim e não devem ser interrompidas.

—Eu entendo.— E eu certamente entendia, com todos os acontecimentos que havia escutado. —Mas isso é importante.— Fiz uma pausa na esperança de acrescentar o significado necessário à minha ênfase. —Muito importante.

Senti uma presença ao meu lado, virei a cabeça e vi Kyril ali.

—Vou buscar meu rei— afirmou Kyril imediatamente.

—Ela pede seu príncipe— respondeu Alfie.

—Ela não tem príncipe. Ela tem um rei— anunciou Kyril implacavelmente.

Oh, meu Deus.

—Quero falar com meu primo, Kyril— eu disse a ele.

—E você falará. Assim como seu rei— disse-me Kyril.

Bolas!

Kyril se virou e se dirigiu para as portas duplas.

Alfie me lançou um olhar de certo tipo e o seguiu em seus calcanhares.

Lutei, torcendo as mãos, pois isso não estava indo bem.

Eu poderia contar a True. True precisava saber.

Não podia contar a Mars o que tinha ouvido.

Embora, é preciso dizer, ele também precisava saber.

Parece que eu não tinha escolha. Ou eu tinha que guardar para mim, esperar que True ficasse sozinho e contar a ele mais tarde, inventando algum outro motivo pelo qual eu precisava falar urgentemente com meu primo, interrompendo assim discussões políticas de grande importância.

Ou eu teria que compartilhar com True e Mars.

Pois ambos estavam me perseguindo naquele momento.

Bem, True não estava me perseguindo. Ele estava caminhando com propósito.

Mars, no entanto, estava definitivamente me perseguindo.

—Está tudo bem?— exigiu meu pretendente quando estava a um metro e meio de mim.

—Eu... bem, eu...— Olhei para ele, para True, para ele.

Os dois chegaram até mim, parando bem perto, abaixando o queixo para me encarar.

E, naquele momento, lembrei-me de Sofia.

Ela não sabia o que seu marido pretendia fazer.

E pelas palavras da cerimônia do piercing, fiquei imaginando se ela soubesse, o que teria feito.

Aquela cerimônia declarava que sua primeira lealdade era para

com seu marido, não para com seu reino.

Mas se ela soubesse que seu marido assassinaria pessoalmente seu rei...

Se ele tivesse dito isso a ela, ele a teria colocado em uma posição insuportável.

E eu estava mais ou menos na mesma situação naquele momento.

Só que eu sabia o tipo de homem que meu primo era.

Eu também sabia que, na noite seguinte, eu seria a rainha de Firenz.

Eu tinha alianças com os dois lados.

E uma delas era com meu (que em breve seria) marido.

Portanto, eu entendia o que tinha de fazer.

—Podemos conversar em particular?— solicitei.

Mars pegou minha mão imediatamente, e eu corri com ele enquanto ele caminhava pelo corredor até uma porta. Ele a abriu e me puxou para dentro.

True o seguiu e a fechou atrás dele.

Era sua sala de recepção, envolta em sedas ousadas e mobiliada com almofadas e divãs.

Gostei muito daquela sala, uma sala que eu usaria no futuro para fazer minha própria recepção com e sem meu rei.

Por outro lado, eu gostava de tudo no palácio que seria meu.

Isso me animou, esse lembrete de quem eu era e de quem eu seria nesse palácio.

Pensando nisso, endireitei meus ombros e levantei meu olhar para meu rei e meu príncipe.

—Silence, *mia piccola*, há assuntos de...— Mars começou.

Antes que eu perdesse a coragem, eu o interrompi.

—Ouvi Carrington falando com o rei Wilmer. Nos aposentos do rei. Ouvi o que ouvi, e foi chocante. E preocupante. Tanto que você... você...— Levantei meu queixo. —Vocês dois precisam saber.

—Silence— murmurou True, claramente sentindo seu próprio choque.

E preocupação.

—Carrington chamou você de traidor— eu disse a True e vi os olhos do meu amado primo se arregalarem de uma forma estranha que eu nunca tinha visto.

Isso os fez parecer impossivelmente mais verdes.

E era impossível, porque elas já eram muito verdes, mas agora pareciam vivas com o verde, como uma folha florescente que se desenrola em um ritmo fantástico.

Os assuntos eram tão importantes que desviei meu olhar daquela maravilha e olhei para Mars.

—E ele aconselhou o Rei Wilmer a renegar nossa promessa de ajudar Cassius em seus esforços e, em vez disso, quando todos cavalgarem e navegarem em auxílio de Airen, ele invadirá Firenze em sua fronteira noroeste.

Mars olhou para True.

True se voltou para Mars.

—O rei está pensando nisso— acrescentei, e os dois homens

olharam para mim. —Tia Mercy estava lá e me aconselhou a não fazer isso. No entanto, vocês deveriam... eu senti que vocês dois deveriam... — Engoli. —Vocês dois deveriam saber.

Houve um momento preocupante em que eles ficaram em silêncio.

True falou primeiro.

—Você fez o certo e fez bem, Silence— disse ele gentilmente. —Agora não pense nisso. Nós sabemos, mas eles não saberão como nós sabemos.

—Com certeza não saberão— rosnou Mars.

—Mas nós cuidaremos disso a partir daqui— continuou True. Seu olhar se voltou para mim. —Você parece estar preparado para algo agradável. Vá em frente e faça isso, minha prima. E faça isso sabendo que a decisão que tinha de ser pesada foi tomada corretamente.

Acenei com a cabeça para ele.

True olhou novamente para Mars.

— Voltem. Vou demorar um pouco e me juntarei a vocês— disse Mars ao meu primo.

True acenou com a cabeça para Mars, olhou para mim, pareceu hesitar, e eu sabia que ele pretendia me tocar, provavelmente para beijar minha testa, mas ele percebeu que não poderia com Mars ali.

Eu teria que discutir isso com minha intenção. Sentia falta do carinho de meu True.

Eu não poderia dizer que ele era abertamente demonstrativo, mas quando o fazia, era caloroso e genuíno e, de certa forma, era o único tipo de afeto que eu recebia.

—Obrigado, Silence— ele sussurrou com um sentimento grave.

Meus ombros caíram de alívio.

Eu tinha feito a coisa certa.

—De nada, meu primo— sussurrei de volta.

Ele inclinou a cabeça, virou-se e saiu da sala.

Levantei meu olhar para meu noivo.

—Ele está certo. Você agiu corretamente, meu macaquinho— declarou ele.

Eu sorri para ele. O sorriso estava novamente trêmulo, desta vez de alívio, mas à medida que eu o fazia, ele se tornava mais forte.

—Você também foi incrivelmente tolo, e farei com que você jure agora mesmo nunca mais fazer isso— ordenou Mars.

Meu sorriso morreu e eu pisquei.

—Eu... sinto muito?

—Escutando a conversa de um rei?— perguntou ele.

Que horror.

—Mars...

—Eu estava errado. Isso não foi tolice. Foi imprudente. E perigoso. E você não fará isso de novo, Silence— ele repetiu um pouco.

Não foi perigoso (precisamente).

Ele não sabia sobre minha sombra.

Ninguém sabia.

E era verdade, muito verdade, que eu estava começando a me

importar com ele (muito).

Mas eu não estava nem perto de estar pronta para compartilhar isso (e tudo o que isso poderia significar).

—Ninguém me viu— assegurei.

—Isso não importa— ele respondeu.

—Mas Carrington chamou True de traidor— eu disse. —Eu conheço meu primo, Mars. Ele não é um traidor. E ele estava sugerindo cavalgar contra o que será o meu país. Ou, erm... meu outro. O que eu deveria fazer?

—Não ouvir— retrucou ele, aproximou-se, segurou minha mandíbula com as duas mãos e abaixou-se para encostar seu rosto no meu. —Você precisa prestar atenção nisso, *piccolina*. Seriam necessários filósofos muito mais sábios do que eu para determinar se é o homem ganancioso ou o desesperado que é mais perigoso. Esse conselheiro, pelo que True me disse e pelo que testemunhei, tem algo de estranho. Ele não tem rei nem pátria em seu coração quando oferece seu conselho. Ele deseja algo para si mesmo ou prometeu algo a alguém que seria mais perigoso do que seu próprio rei se ele não cumprisse a promessa.

O rosto de Mars se aproximou ainda mais antes de ele continuar.

—E ouça isso, meu macaquinho— disse ele suavemente. —Se minhas terras e meus povos fossem atacados, eu os defenderia com meu último suspiro. Mas se alguém fizesse algo contra a minha rainha, eu lançaria um fogo de vingança que jamais seria esquecido em toda a história. As poderosas florestas e os campos férteis de toda Wodell seriam cinzas. Portanto, eu lhe peço, por favor, não dê motivos para que homens ou mulheres me obriguem a fazer isso.

Ele faria isso por sua rainha?

Por *mim*?

Se ele fizesse isso por mim, eu já deveria lhe contar sobre minha sombra.

Ele precisava saber.

E ele seria meu marido, portanto, deveria saber.

Olhei em seus olhos e decidi que faria isso.

Mais tarde.

Mas, por enquanto...

—Eu prometo, Mars.

Ele assentiu, se aproximou ainda mais, encostou sua boca na minha e depois se afastou, suas mãos deslizando para o meu pescoço enquanto ele levantava a cabeça, mas continuava me olhando.

—Parece que vou jantar com minha noiva e meus convidados hoje à noite— ele anunciou.

Isso me fez sorrir totalmente para ele.

—Você vai tomar banho?— ele perguntou.

Assenti com a cabeça.

—Hum— disse ele, seu olhar percorrendo meu corpo.

—Eu uso a meia-calça da Jasmine— eu disse a ele, sentindo minhas bochechas rosadas.

—Hum— ele cantarolou novamente, seus olhos voltaram para os meus e, quando chegaram, havia uma escuridão neles que era maravilhosa e assustadora.

—Eu devo ir. Acredito que Farah esteja me esperando— eu disse a ele. —E provavelmente a Rainha Ha-Lah também.

—Então, sim, você deve ir. Mas antes, quero sua boca.

Isso foi maravilhoso e assustador também, e eu fiquei congelada, olhando para ele, imaginando qual das duas opções prevaleceria enquanto ele se curvava e beijava minha boca com força, tocando sua língua em meus lábios.

Eu os abri.

Sua língua deslizou para dentro.

Muito bem.

Foi simplesmente maravilhoso.

Eu me derreti sobre ele, envolvendo meus braços ao seu redor enquanto nossas línguas dançavam e Mars segurava minha cabeça por trás e, com um braço sobre mim, me puxava mais para dentro de sua estrutura.

Ele quebrou o beijo cedo demais, se afastou e beijou meu nariz.

—Até o jantar, minha Silence, e depois— ele murmurou.

Depois.

Mais beijos.

Novamente, maravilhosos.

—Sim— sussurrei.

Seu olhar ficou suave, ele colocou minha mão em seu cotovelo e me levou para fora da sala.

Ele me entregou a Kyril com a ordem: —Acompanhe-a até o banho no jardim.

Kyril pegou minha mão quando Mars a ofereceu e, em seguida, eu

estava em seu cotovelo.

Olhei para trás e vi Lorenz se aproximar de Mars antes de entrar na sala de reuniões.

—Você conheceu a Farah?— Kyril perguntou, e eu me virei para ver para onde estávamos indo.

—Sim. E Ha-Lah. E talvez mais tarde, Elena, Hera e Jasmine.

—Ah, estar nos banhos com as mulheres mais bonitas do palácio, em vez de ficar vagando pelos corredores, sem fazer nada— murmurou Kyril, provocando.

Eu me arrisquei, com meus novos amigos, estando em um lugar onde parecia que todos gostavam de mim.

E a chance que tive foi de provocá-lo em troca.

—Só para dizer que, se você quiser oferecer uma sessão particular à Jasmine, eu não a conheço bem, mas pelo que sei, ela não se oporia a isso.

—E qual é ela?

—A tenente de Elena com cabelo castanho.

—Uma apresentação no jantar— ele proclamou instantaneamente, e eu dei uma risadinha.

—Vou providenciar isso.

—Muito obrigado, minha futura rainha— respondeu ele, sorrindo para mim.

Em seguida, ele me levou até a piscina com o mesmo tipo de brincadeira provocante e doce durante todo o caminho.

Foi adorável.

Ele era adorável.

E se alguém me fizesse mal, meu futuro marido incendiaria um país inteiro.

Eu deveria achar isso assustador.

Mas não achei.

Achei totalmente *maravilhoso*.



Rei Mars Laches

Primeiro andar, corredor oeste, ala estadual, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

—Você já ouviu falar que isso aconteceu antes, Mars?— Lorenz lhe perguntou.

—Nunca— murmurou Mars, olhando para um espaço sobre o ombro de seu general.

—Eu também não.

Mars olhou para seu homem. —Isso não é um ardil? Algo para ganhar sua piedade? Diminuir suas defesas?

—Pelo estado de seus ferimentos, não posso acreditar que seja— respondeu Lorenz. —Já vi os resultados de um chicote. Eu já usei um chicote. Nunca vi nada parecido. Ele devia estar em agonia.

Isso não fazia sentido.

—Os Go'Doan não punem seus sacerdotes como tal. Geralmente é aconselhamento e, se as transgressões continuarem e forem

insuperáveis ou insustentáveis, expulsão. A punição corporal é abominada por essa religião.

—Esse também é o meu entendimento— concordou Lorenz. —Embora ele tenha dito que era assim para as piores transgressões. Mas em tudo o que ele disse, essa foi a única vez que eu soube que ele estava mentindo.

—Então você não pode confiar nele— comentou Mars. —Você o manipula, mesmo que isso seja extremo, ele pode ter entendido sua intenção e estar manipulando você.

—Não vou confiar nele, por enquanto, mas você deve saber que Nyx confia. Ela quer ficar com ele.

Mars levantou uma sobrancelha.

Nyx demonstrava menos confiança do que Lorenz. Ela não tolerava tolos. E as paredes em chamas ao redor da Cidade do Fogo piscariam antes que ela fosse enganada.

—Ela achava que a arrogância dele nos Tebes era imaturidade e bravata— explicou Lorenz. —Desde então, ela tem uma queda por ele. Foi ela quem sentiu que ele iria gostar da peça que apresentamos. E ele gosta. Mas hoje...— Ele balançou a cabeça. —Mars, não posso ficar aqui e lhe dizer que o homem com aqueles ferimentos, a maneira como ele respondeu a uma gentileza que qualquer pessoa lhe faria em seu estado, está jogando qualquer coisa.

—Não baixe a guarda— alertou Mars.

— De acordo,— declarou Lorenz. —Mas, meu rei, uma coisa parece clara. Alguém no Go'Doan fez isso com ele. Portanto, há algo em andamento. Ou alguém está se tornando desonesto.

—E ele pode fazer parte disso— observou Mars.

—Minha amada não vai querer enganá-lo. Ela o colocou sob sua

proteção. —

Mars suspirou.

E se Nyx lhe desse sua lealdade, ela morreria por isso.

—E você?— Mars perguntou e viu o rosto de seu guerreiro ficar duro.

—Você não viu o que eu vi. Você não sentiu o medo dele quando Nyx exigiu uma investigação. Ele está em minha casa, dormindo depois de uma sessão com Saturn e Faunus. E é aqui que Nyx pretende que ele fique, e eu também, pois não consigo imaginar alguém de bom coração mandando-o de volta para enfrentar uma repetição. Ou pior. E isso não tem nada a ver com o fato de minha esposa e eu gostarmos de sua bunda. Pelo que vi hoje, algo me chama a atenção no homem. Acho que há algo nele e acho que, se ele recebeu o que parece nunca ter tido, será ele quem retribuirá nossa bondade. Só não sei como isso aconteceria.

Isso significava mais para Mars do que até mesmo os instintos de Nyx.

—E Saturn e Faunus? Mars perguntou. —Você já falou com eles?

—Não, mas Nyx relata que Faunus, em especial, o conquistou.

Faunus, como Saturn, era um prostituto. Ele transava com qualquer coisa. Se ele não fosse tão bom com uma espada larga, seria uma atração popular no Distrito Heden¹⁰⁷ da Cidade do Fogo.

Mas ele tendia a se desviar para os buracos e não era raro que aceitasse uma amante por algum tempo se algo lhe chamasse a atenção.

Ele também desejava ser um Confiável.

Assim como Saturn.

E talvez essa fosse uma maneira de eles começarem a conquistar seu lugar entre essa elite.

—Quero que ele continue a ser manipulado— decidiu Mars. —Traga Faunus e Saturn.

—Nyx não vai gostar disso— Lorenz o advertiu.

—É uma ordem de seu rei. Mas se ele for o que você acha que ele é, ou se não for, no final, de qualquer forma, será como deve ser.

Lorenz levantou o queixo e se afastou.

Mars respirou fundo em seu nariz.

Ele não queria lidar com as maquinações desconhecidas do Go'Doan quando tinha que lidar com a fraqueza do rei Dellish e a pomposidade do rei Airenziano.

Mas, principalmente, o que ele realmente desejava era não pensar em nada além da mulher que em breve seria sua esposa e onde ele levaria seus ensinamentos em seu quarto naquela noite.

Mas seu pai fazia malabarismos com tudo isso, com dezessete problemas mais terríveis, e ainda sorria e beijava sua esposa como se nada estivesse errado quando se sentava ao lado dela no jantar.

Esse seria o rei que Mars seria.

E seria o marido que ele seria.

Então, foi isso que ele começou a fazer.



A Escolha

Rainha Mercy Axelsson

Loft do Palácio do Catrame, esquina mais a nordeste, terreno do
Palácio do Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

O corvo voou, e Mercy imediatamente virou a cabeça e acenou com a cabeça.

O homem alto ao lado dela levantou a pequena bandeira verde e a agitou antes de retirá-la rapidamente.

E, assim, o homem em um cavalo a duzentos metros de distância saiu galopando.

Isso significa que o corvo seria abatido do céu antes de deixar a Cidade do Fogo, e o cavaleiro ficaria à espera do mensageiro em sua montaria, que certamente o seguiria.

Lamentável.

Os corvos eram nobres, sábios e cheios de magia. Se ela fosse uma rainha com mais do que apenas o nome, faria com que ferir um corvo fosse uma ofensa punível.

Entretanto, ela deveria fazer o que tinha de ser feito.

E Mercy fez isso.

Ela esperou.

O homem ao seu lado esperou.

E os homens a cavalo, à distância, esperaram.

Mas, tão certo estava de que tinha imunidade para fazer qualquer coisa, Carrington desceu correndo do pombal dos corvos e, sem olhar em volta, voltou para o palácio.

—Esperem aqui. Se um homem leal a Carrington chegar para despachar outro pássaro, envie o sinal. E mantenha Carrington sob vigilância rigorosa. Quero relatórios sobre todas as suas associações mais próximas com os homens de meu marido. E terei todas as comunicações dele, Bram. Seja como for que ele as envie. No instante em que você puder obtê-las. Não me importo se forem entregues a mim durante um casamento real.

—Sim, minha rainha— murmurou Bram.

Ela saiu de sua posição isolada e voltou para o palácio.

Realmente não importava qual era a mensagem enviada por Carrington. Mesmo que fosse uma traição, seu marido talvez não se importasse. Carrington parecia ter a habilidade perturbadora de conseguir se safar de qualquer coisa.

E Wilmer gostaria de saber por que Mercy estava usando seus homens (ou os homens de True, ela não podia confiar que os homens de Wilmer eram realmente de Wilmer) para atirar nos pássaros de seu conselheiro mais próximo do céu.

Entretanto, as coisas estavam progredindo em um ritmo alarmante e, para Wodell, seu amado marido e seu amado filho, elas não estavam indo na direção certa.

Talvez ela tivesse que fazer uma escolha.

Seu rei.

Ou seu filho.

Na verdade, não havia escolha.

Ela amava seu marido. Amava muito.

Mas ele era fraco.

Ela estava cansada de apoiar um homem que era fraco.

Ser sua esposa significava ter de sustentá-lo por toda a vida.

E ela pretendia ver seu filho sentado no trono de Wodell.

Mesmo que morresse para isso.

Não, não havia escolha.

Mercy escolheria True.



A Oferta

Princesa Elena

Grande escadaria, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

— Se me permite, Vossa Graça, posso falar com você.

Eu me virei para ver o Go'Doan me chamando.

Qual era o nome dele?

G'Liam.

Parei onde estava no patamar e abaixei o queixo.

—É claro, Liam, como posso ajudá-lo?

—Você tem um momento para falar em particular?

Estudei seu rosto.

Ele estava sem graça.

Não revelava nada.

Mas não se desperdiçava a oportunidade de obter pelo menos alguma coisa de um Go'Doan.

Ou eu não desperdiçava, pois achava fascinante cada detalhe do quebra-cabeça que eram eles.

—Talvez um dos quartos informais do Rei Mars— murmurei.

Ele deu um passo para o lado e levantou um braço, com a longa manga de alabastro de sua túnica caindo quase até o joelho.

E ele era alto.

Também era bonito. Magro. Traços proeminentes que eram másculos, mas não agressivos. Olhos cor de avelã com cílios pontiagudos.

Os acólitos de Go'Ella provavelmente faziam fila para serem selecionados por ele.

Esse pensamento fez meu estômago revirar com um certo tipo de nojo.

Mesmo assim, eu o precedi, descendo as escadas, e olhei para o fundo quando não queria olhar para a direita.

Eu simplesmente não conseguia me conter.

E, é claro, embora nos últimos dias eu raramente o visse, Cassius estava do lado de fora das salas de reunião, parecendo muito perturbado, um de seus homens ao seu lado, o rei Aramus ao outro, todos ouvindo True, que tinha Alfie ao seu lado.

E, é claro, o olhar de Cassius veio até mim como se ele pudesse sentir minha presença perto dele.

Seus olhos me observaram e, em seguida, se voltaram para o Go'Doan.

—Por aqui, princesa?— Liam sugeriu.

Eu me afastei do príncipe e acenei com a cabeça para o sacerdote.

Nós nos voltamos para o corredor leste, descemos o corredor e entramos em uma sala com uma porta aberta que estava vazia.

Liam fechou a porta atrás de nós.

—Está tudo bem, G'Liam?— perguntei, entrando mais no cômodo.

—Acho que não— respondeu ele, vindo em minha direção, e com isso como único preâmbulo, anunciou: —Sua mãe está gravemente doente.

Meu estômago se revirou e meu sangue esfriou, mas, apesar disso, eu esperava que minha expressão fosse tão branda quanto a dele na escada.

E fiquei feliz em saber que minha voz estava neutra e firme quando respondi.

—Ela está bem, Liam. Por que você sugeriria algo diferente?

—Ela está doente, Princesa Elena, e lamento dizer, mas pelo que eu soube de sua condição, ela não vai se recuperar.

Oh, meu Deus.

Uma dor perfurou meu peito.

Mas eu não conseguia pensar naquele ferimento.

Eu não sabia como ele sabia que ela estava doente ou o que ele sabia sobre sua 'condição', pois eu nem mesmo sabia de sua condição.

Eu só sabia que, a menos que ela falasse sobre isso com um de seus tenentes, ela não falava nada sobre isso.

E seria seguro presumir que, especialmente em um momento como esse, ela não queria que ninguém soubesse disso.

Você só é tão forte quanto seu líder.

Melisse não me ensinou isso.

Foi minha mãe.

Por essas razões, acrescentei calor ao meu tom quando exigi: — Por que você diria essas coisas?

—Porque eu estudei isso, assim como meu mentor antes de eu entrar no Go'Doan. Nós temos poções. Para ajudar com a dor. Para ajudar a manter o apetite saudável. Acreditamos que ambas não apenas ajudarão a aliviar a fadiga, mas também prolongarão a vida com uma qualidade que seja... tolerável.

Tolerável.

—Mais uma vez, enfatizo que minha mãe não está doente. Mas, de modo geral, e espero que não se ofenda, Liam, mas Nadirii trata Nadirii— lembrei-o.

Ele falou como se eu não tivesse falado.

—Não posso dizer que estou fazendo grandes avanços. Seriam necessários muitos outros interessados nesse estudo, mais indivíduos para estudar e seria importante supervisionar os efeitos dos tratamentos por um período de tempo mais longo. O que posso lhe dizer é que o que notei até agora é promissor.

Não tive tempo de responder quando a porta se abriu e o Príncipe Cassius entrou.

Eu o estudei enquanto ele entrava.

Realmente, ele tinha que ser tão alto?

E ele tinha que encher seus couros daquele jeito?

Além disso, ele tinha que abotoar a camisa de couro até a garganta para que a tinta saísse pelo lado esquerdo do pescoço e desaparecesse na barba, subindo pela bochecha e contornando o olho?

E ele poderia ter pelo menos uma barba irregular? Não uma barba cheia, espessa e máscula que você quisesse pegar com seus dedos e puxar.

Por último, ele não poderia ser apenas um pouco estranho? Testemunhar seu passo de soldado confiante e de pernas longas enquanto ele vinha até nós era muito irritante.

Em breve, eu não ficaria irritada.

Ficaria atônita e imóvel quando ele não simplesmente chegasse ao nosso pequeno grupo e parasse.

Ele chegou ao meu lado, passou um braço ao redor da minha cintura, seus dedos se enroscaram no meu quadril e me puxou para o seu lado com tanta força que minha cabeça balançou no meu pescoço.

—Está tudo bem, minha princesa?— ele rosnou de uma maneira que já sabia a resposta para essa pergunta: não estava tudo bem, ele não gostava muito disso e pretendia arrancar a cabeça de alguém de seus ombros por causa disso.

—Está tudo bem— eu lhe disse.

Ele fez uma careta para mim.

E realmente.

Será que ele precisava fazer uma carranca tão magnífica?

—Vou deixar vocês dois passarem algum tempo juntos. Não há muito tempo juntos hoje em dia— ofereceu Liam, seus olhos em mim. —Mas vou mandar alguns frascos para seus aposentos com instruções sobre como usá-los e o que procurar, caso algum efeito adverso comece a acontecer. Não é comum, mas é bom saber, por via das dúvidas.

—Isso não é necessário— eu disse com firmeza.

—O que não é necessário?— perguntou Cassius, ainda irritado. — E que frascos?

Foi exatamente por isso, presumi, que minha mãe não queria que as pessoas falassem sobre sua situação difícil e, certamente, que não soubessem sobre ela.

Porque uma vez que a conversa começa, ela tende a se espalhar.

—Eu os enviarei de qualquer forma— disse-me Liam. —Se você mudar de ideia.

—Que frascos?— Cassius repetiu.

Mas G'Liam estava fazendo uma reverência para mim, para o príncipe, depois se virou e saiu da sala.

Quando a porta se fechou atrás dele, fui eu que me virei e, como eu estava aprendendo que Cassius costumava fazer, isso não foi por minha vontade.

Mas não tive coragem de protestar quando a minha frente foi pressionada contra a frente dele.

Inclinei minha cabeça para trás.

—Que frascos, Elena?— ele exigiu.

—Não é nada. Não importa. Se ele os enviar, eu estarei me desfazendo deles.

—Se não importa, então você não deveria ter nenhum problema em me dizer o que são.

—Não importa, então não vale a pena perder tempo falando sobre isso.

—Se seu marido quiser saber algo, você deve contar a ele.

Eu estava perdendo a paciência.

—Primeiro, Cassius, você não é meu marido... ainda. Mas quando for, se quiser saber algo que eu, como meu marido, desejo guardar para mim, você deve permitir que eu faça isso.

—Isso não faz um casamento saudável.

Ele saberia. Pelos relatos, ele teve um casamento muito saudável.

E terminou em angústia.

Portanto, suavizei minha voz quando respondi: —Não pretendo causar nenhum dano quando digo que você deve estar ciente e entrar nisso desde o início, entendendo que nosso casamento não será como o seu último.

Ele respondeu instantaneamente.

—Você é loira, ela era ruiva. Você é alta e elegante, ela era pequena e rechonchuda. Você cavalga como o vento, ela tinha medo de cavalos. Ela se deliciava com o voo de um pardal, enquanto você provavelmente o mataria a duzentos metros de altura.

Fiquei profundamente ofendido.

—Eu não mataria um pardal— respondi.

Ele balançou a cabeça uma vez, ao mesmo tempo em que seu braço se apertou e ele me sacudiu.

—Acho que você entendeu o que eu quis dizer.

Eu fiz isso.

Ainda assim, fiquei ofendido.

—Eu nem sequer como carne— informei.

Sua cabeça balançou de surpresa. —Você não come carne?

—Você se sentou ao meu lado no jantar da outra noite, Cassius. Eu comi o assado?

—Pensei que seu apetite estivesse diminuído por causa das travessuras de sua irmã.

—Não. A maioria dos Nadirii não come carne. No entanto, devo observar que minha irmã é uma das que comem.

—Isso é um absurdo— declarou ele.

—Por quê?

—Porque o corpo precisa de carne.

—Não precisa, pois nunca em minha vida comi carne e, como você pode ver, estou muito bem.

Ele parecia estar considerando esse conhecimento e, ao mesmo tempo, achando-o fascinante.

Eu não tinha tempo para que ele ficasse fascinado.

Também não tinha tempo para me divertir vendo-o ficar fascinado.

Eu tinha coisas para fazer.

Entre elas, tomar banho com meus tenentes e minhas companheiras Irmãs da Besta, enquanto minha mãe doente negociava o que quer que fosse com quatro países com os quais não nos dávamos muito bem, um com o qual guerreávamos constantemente e outro que mal conhecíamos.

Eu não sabia que Airen tinha banhos no estilo de Firenz.

E Cassius havia me pedido para ensinar meus trechos aos seus

soldados.

Mas eu temia que uma vida inteira se desenrolasse à minha frente, na qual as coisas que eu fazia para preencher meus dias e que tinham significado e propósito não existissem mais, e que o meu futuro fosse ficar em banheiras (ou algo parecido).

Assim, eu lhe disse: —Pode me soltar. Devo me encontrar com as outras mulheres nos banhos.

—Sei que você não é ela.

A maneira como ele disse isso, firme, mas pensativo, fez com que eu me concentrasse em seu rosto.

—Você precisa entender isso, Elena. Ela se perdeu anos atrás. Não vou fingir que não a desejei. Não vou fingir que ela não está em meus pensamentos nas muitas vezes em que ela vem a mim e estará no futuro. Mas ela se foi. Eu não. Você é o meu destino. Minha filha precisa de uma mãe. Sua pupila precisa de um pai. É assim que deve ser, e precisamos encontrar uma maneira de seguir em frente com isso.

—Você se importa se, talvez, levarmos mais de um dia para encontrar a maneira como faremos isso?— perguntei.

Seus lábios se contraíram.

—Não. Não me importo— ele permitiu, e depois disse: —Você pode ficar com o hoje e o amanhã também.

E realmente.

Ele também tinha que ser engraçado?

Eu o encarei.

Seus lábios se contraíram novamente.

Eles pararam quando ele perguntou: —Por que sua irmã estava

usando roupas Firenz?

Foi então que o encarei.

—Eu não a vi— ele continuou. —Mas meu homem a viu e disse que ela estava vestida com os melhores trajes femininos de Firenz.

Eu não conseguia imaginar isso.

Não conseguia nem imaginar.

—Serena?— Perguntei sem fôlego.

Ele acenou com a cabeça. —Sem dúvida. Ela é bastante notável, especialmente se estiver vestindo as calças e o sutiã de uma Firenz.

Céus.

—Você acha que sua... *pessoa* é...?

Não terminei a pergunta.

Seu outro braço me envolveu e ele caiu na gargalhada.

E...

Sério.

Será que ele tinha que ficar tão bonito achando graça de alguma coisa?

—Parece que ela recebeu uma instrução— disse ele entre risos.

—E assim, ela andou pelo Palácio Catrame com roupas que certamente fizeram sua pele arder?

—Eu diria que, como isso foi há algum tempo, agora sua pele está definitivamente queimando de uma forma ou de outra, minha guerreira.

Minha pele começou a queimar, ou seja, minhas bochechas.

Fiquei olhando para sua garganta.

Não foi uma boa escolha.

Optei por sua orelha.

—Elena— ele murmurou.

Eu me forcei a olhar em seus olhos.

—Vou me juntar a você no jantar.

Por que isso fez meu coração ficar leve?

—Vou alertar os arautos— brinquei.

Seus olhos dançaram.

Isso aconteceu logo antes de sua boca tomar a minha (dessa vez foi ele que tomou a minha, e não o contrário).

Ele enfiou a língua dentro da minha boca de uma forma reivindicatória que deveria ter me indignado.

Isso não aconteceu.

Em vez disso, levantei meus braços para envolvê-los em seu pescoço e inclinei a cabeça para que ele pudesse ter mais de mim.

Cassius aceitou.

Seus braços se apertaram, puxando-me para cima até a ponta dos pés e mais profundamente em seu corpo, e eu passei a mão sobre seus cabelos curtos que roçavam em sua testa, seguindo esse caminho com a mão, depois para baixo, onde fiz o que eu queria muito fazer.

Peguei a barba em sua mandíbula e a puxei.

Em resposta, ele mordiscou meu lábio inferior com os dentes.

Gemi com a picada agradável da mordida, meus olhos se arregalaram apenas o suficiente para absorver o calor do seu corpo e minha boca foi capturada novamente enquanto ele pressionava a dureza de seus quadris em minha barriga.

Fazendo-o assim, sentindo-o evidente e orgulhoso contra mim, sentindo uma inundação correspondente entre minhas pernas, rompi nosso beijo e sussurrei: —Cassius.

Sua barba raspou minha pele quando ele encostou os lábios em meu ouvido.

—Depois do jantar, você vai me encontrar no meu quarto— ele murmurou.

Oh, pela deusa.

—Não posso. Tenho que cuidar de...

Ele me encaixou mais confortavelmente em seus quadris.

—Você encontrou alívio esta manhã, minha guerreira. Eu não— ele me lembrou.

Oh, céus.

Ele não encontrou.

Puxei minha cabeça para trás, ele levantou a dele e eu fixei seus olhos.

—Sinto muito— sussurrei. —Eu não pensei. Foi egoísmo de minha parte.

Ele me olhou fixamente, o desejo recuando, a contemplação se infiltrando.

Finalmente, ele falou. —Está longe de ser o fim do mundo, Elena. E quando você se juntar a mim esta noite, primeiro conversaremos e, depois, você deve saber que não faremos nada que você não deseje.

—Você parece ser capaz de me fazer fazer uma variedade de coisas que não desejo— murmurei.

—Isso é porque você as deseja, minha princesa— ele respondeu. —Você pode não querer desejá-las, mas deseja.

Eu não podia argumentar contra isso.

Eu queria poder.

Mas não podia.

—Nós nos casaremos em menos de três meses— ele me lembrou. —Precisamos encontrar nosso tempo para aprender um com o outro.

—O que eu acho é que você é irritante— deixei escapar.

Ele ergueu as sobrancelhas. —Isso se deve ao fato de eu estar certo na maior parte do tempo.

—'Na maioria' não é a palavra correta. Nós nos conhecemos há apenas alguns dias. É impossível, neste momento, saber se essa palavra é relevante.

Ele sorriu para mim.

E então ele fez o que era conhecido por fazer muito bem em um campo de batalha. Algo que causou muitas reclamações à minha irmã.

Em nossas brincadeiras, com meus lábios inchados por seus beijos e meu corpo pressionado perto do dele, ele perpetrrou um ataque sorrateiro.

—De que frascos Go'Doan estava falando, Elena?

—Por favor, não me pergunte isso— eu disse suavemente.

Ele me estudou.

—Você está certo— eu me permiti. —Precisamos compartilhar. Devemos fazer isso abertamente. Mas não me peça muito rapidamente, Cassius. Você foi um marido. Você já... se entregou.

O reflexo deixou seu olhar enquanto o humor voltava.

—De fato, eu me entreguei, minha guerreira— ele murmurou.

—Eu não.

Ele ficou sério.

Continuei a falar.

—Minha mentora, Melisse, me ensinou que, se você encontrar um rio furioso que precisa atravessar, pode conseguir se der um grande salto. No entanto, é mais provável que você caia nas águas e se perca nelas. Mas, se você não tiver pressa e estudar a margem do rio, acabará encontrando uma passagem segura.

—Sua mentora parece sábia.

—É por isso que ela é uma mentora.

Ele me apertou com os braços, dizendo: —Você terá o que deseja, minha princesa. Eu lhe darei hoje, amanhã e no dia seguinte também.

Eu não queria sorrir para ele. Lutei contra isso.

Mas tinha quase certeza de que parte dele vazou.

Cassius me soltou com um braço e colocou meu cabelo atrás da orelha antes de me soltar completamente.

Ele foi até a porta, mas não a abriu.

Voltou-se para mim.

—Compartilharei em meu quarto esta noite, quando tivermos privacidade garantida. Mas muita coisa está acontecendo que, se você não sabe, precisa saber. Para isso, seria muito mais cataclísmico agora do que normalmente seria se Serena assumisse o reinado dos Nadirii.

De repente, não consegui respirar.

Sua voz ficou mais calma quando ele terminou: —Os Go'Doan, especialmente G'Liam, conhecem muitas formas de cura. Peço que você considere a possibilidade de usar esses frascos. Por mais que isso possa ser repugnante para você, aconselho que os teste primeiro em um animal. Se forem seguros, então use-os. Com o que está acontecendo, todos nós precisamos de mais tempo com aqueles que têm cabeças sábias e compostas.— Sua voz ficou bem baixa quando ele concluiu: —E eu suspeitaria que a pessoa que mais precisaria desse tempo seria você.

Depois de dizer isso, e com uma breve reverência, ele abriu a porta e passou por ela.

Estudei-a depois que ele a fechou, sentindo um arrepio em minha pele.

Eu sabia o que esse calafrio significava.

Minha mãe não estava escondendo nada.



Princesa Serena

Suíte de jogos particulares, Dahlia Rooms¹⁰⁸, Distrito de Heden,
Cidade do Fogo
FIRENZE

Havia um grande espelho diante dela.

Suas roupas estavam no chão.

As taças de seu sutiã estavam empurradas para baixo, levantando seus seios, com os picos rosados enrijecidos e salientes pela necessidade.

Seu cinto largo de miçangas e franjas estava em seus quadris, os pedaços pendurados a enlouqueciam, pois roçavam constantemente sua pele sensível.

Os cachos entre suas pernas estavam parcialmente expostos aos olhos.

Seus braços estavam bem acima dela, amarrados nos pulsos com tiras de camurça.

Havia uma ferramenta enfiada entre suas pernas, longa e bulbosa, que descia até uma extremidade estreita com um cabo que podia ser visto. Ele a estava preenchendo tão bem que permaneceria no lugar por si só. No entanto, as paredes de sua boceta estavam se contorcendo em torno dele de forma incontrolável.

E ele ficou ao lado dela, examinando sua bunda como se fosse um médico vagamente interessado em um paciente.

Serena observou quando ele se virou para trás e desferiu um forte golpe em sua bochecha já dolorida, com a franja de miçangas entrando, e seus olhos se reviraram na cabeça enquanto sua boceta espasmava novamente.

Outro tapa forte e ele se segurou, agarrando a carne maltratada e fazendo-a balançar.

Em seguida, alguns golpes mais leves que quase pareceriam carinhosos, se ela não abrisse os olhos e visse que ele estava mais empenhado em abrir a braguilha de seu couro com a mão livre do que

nela.

—Por favor— ela sussurrou, precisando da atenção dele. Precisando de um olhar de admiração. Uma indicação de que ela estava se comportando corretamente. Que ele gostasse do que estava vendo. Que ele quera o que ela estava lhe dando.

Que ela o estava agradando.

Ele pegou o pênis com a mão esquerda e se deslocou ligeiramente para que pudesse pegar o cabo da ferramenta dentro dela com a direita.

Com isso, ele a fodeu enquanto se acariciava, voltando seu olhar para o espelho para observar suas ministrações entre as pernas dela.

Seu estômago se retesou, seu pênis latejou, seus mamilos doeram.

Deusa, ela precisava de liberação.

Os olhos dele se voltaram para os dela.

—Veja-me foder você— ele ordenou sem emoção.

Imediatamente, Serena olhou para baixo, vendo a madeira lisa e escorregadia desaparecer dentro dela e depois reaparecer. E de novo. De novo. De novo.

Era mortificante ser usada dessa forma.

Mas também era lindo.

—*Por favor*— ela implorou.

Ele o empurrou para cima, deixou-o dentro dela e se virou totalmente para ela, mudando as mãos da esquerda para a direita enquanto continuava a se acariciar, mas agora sem tocá-la.

—Você sabe meu nome?— perguntou ele.

Ela desviou o olhar de sua magnífica haste e o ergueu até seu rosto.

—Eu...

—Eu lhe disse meu nome quando nos conhecemos. Você o sabe?

—Você é Shen, dos Confiáveis— disse ela.

—Esse é o nome que a pessoa que você perguntou sobre mim foi instruída a dar. Esse não é meu nome verdadeiro. Aquele que eu lhe dei quando nos conhecemos.

Ah, não.

—Sinto muito— sussurrou Serena. —Nossas relações eram tão boas que não pensei em nada além do que você me deu e tudo o mais me passou pela cabeça.

Ele soltou o pênis e bateu na bunda dela, uma bochecha, a seguinte, de volta, de novo e de novo, os seios dela balançando, os mamilos desconsiderados em agonia, até que a dor subiu pela buceta, convulsionou o clitóris, a cabeça dela caiu para trás e ele agarrou as duas bochechas e apertou com força.

Ela gemeu de pura *necessidade*.

Ele soltou a bunda dela e tirou a ferramenta de dentro dela, deixou-a cair no chão e enfiou o pênis na fenda dela, deslizando-o pelos lábios molhados.

Ela forçou o olhar de volta para o espelho e viu a cabeça do pênis escorregadia emoldurada por seus cachos e pelas contas.

Ao vê-lo e senti-lo, Serena se arrepiou toda.

—Você mente— ele rosnou em seu ouvido, passando o eixo para frente e para trás entre as pernas dela, mas não dentro.

Ela mentiu.

Ela mentiu.

Ela não se lembrava do nome dele, pois quando o conheceu, não achou que valeria a pena lembrar.

E ela não sabia se queria continuar mentindo e deixá-lo mais furioso, esperando o que ele poderia lhe dar, ou se deveria ser honesta e admitir isso.

Ela queria agradá-lo.

Ela só queria agradá-lo.

Mas não sabia como.

Misericordiosamente, ele lhe disse.

—Se você for honesta, receberá uma recompensa.

—Eu menti— disse ela instantaneamente.

E então, enlouquecedoramente, ele continuou a montá-la sem montá-la.

Mas ele também estendeu a mão e puxou os mamilos dela.

A cabeça de Serena caiu para trás, bateu em seu ombro, e ela gemeu.

Cruelmente, ele torceu os dedos.

—Veja-me trabalhar em você— ordenou ele.

Foi preciso muito, mas ela fez com que seu olhar voltasse para o espelho.

Ainda em seus seios, ele puxou o eixo para trás, deslocou os quadris e ela sentiu seus olhos se arregalarem quando ele tocou um

dedo em seu buraco.

Seus lábios se abriram quando ele fez pressão ali, abrindo-a, abrindo-a. Ela nunca tinha feito isso.

Ela nunca havia feito isso.

Não o fez porque nunca havia desejado isso.

—Eu vou foder você aqui— disse ele em seu ouvido.

—Sim— ela sussurrou sem hesitar, desejando, precisando obter qualquer coisa dele.

O dedo dele desapareceu e ele deslizou entre as pernas dela, mas, dessa vez, ele abaixou os joelhos e entrou na buceta dela.

—Sim— ela sibilou, convulsionando-se contra ele, contra as amarras, inclinando os quadris para obter mais.

Ele penetrou com força e profundamente, ainda atormentando os mamilos dela.

—Qual é o meu nome?— perguntou ele, com os quadris batendo nas bochechas aquecidas do traseiro dela, provocando dor aguda a cada investida, deixando um rastro de prazer.

Ela estremeceu.

—Qual é o meu maldito nome?— ele exigiu.

—Eu não sei.

Ele se retirou.

Ela ofegou e gritou: —Não!

Ele foi até onde as amarras estavam presas em um gancho na parede, soltou-as, deixou-as frouxas e exigiu: —De joelhos.

Serena se ajoelhou imediatamente.

Ele prendeu novamente a camurça de forma que os braços dela ainda estivessem sobre a cabeça, caminhou até a frente dela e enfiou o pênis em seu rosto.

— Culpe— grunhiu ele.

Ela não gostou do gosto de si mesma. Ela havia aceitado sem pensar a vez em que ele a comeu antes, mas dessa vez, a duração da brincadeira, a atenção que ela estava recebendo, juntamente com a desatenção...

Ele agarrou o cabelo dela, puxou sua cabeça para trás, com os braços ainda esticados sobre a cabeça, e a dor percorreu seus ombros.

—Culpe!— ele gritou.

Ela abriu a boca.

Ele soltou o cabelo dela, passou entre seus lábios e fodeu seu rosto.

Ela o chupou, esperando dar a ele o que ele queria, ganhar sua recompensa.

Em vez disso, ele usou sua boca por tanto tempo que ela sabia que ele iria novamente inundar sua garganta com sua semente e ela o queria dentro, mas em outro lugar.

Quando ela já havia perdido as esperanças, ele se retirou, colocou as mãos nas amarras, soltou-as, mas antes que ela pudesse soltar os braços para retomar o controle, ele as puxou para baixo, torceu-as para trás e depois para cima, de modo que ficaram contorcidas de forma não natural.

Ela grunhiu, forçada a avançar contra ele agora, enquanto ele os segurava com um punho, amarrava-os novamente e empurrava a

cabeca dela para baixo, com a face voltada para o chão.

—Fique— ele ordenou.

Oh, Deusa.

Ele se mexeu.

De volta ao arco, ela gemeu quando ele tirou toda a folga, alongando seus braços, puxando-os para trás.

Em seguida, ele se moveu novamente, ajoelhou-se entre as panturrilhas dela e a penetrou, penetrando em sua buceta.

Sua recompensa.

—Sim, por favor, sim, *por favor*— ela sussurrou.

Ele empurrou com mais força e mais rápido, grunhindo com o esforço, batendo na bunda dela enquanto o fazia, agarrando-a com força.

Ela ofegou, gemeu, aceitando cada investida, com a franja do cinto passando por sua pele, uma agonia de felicidade, ela ia chegar ao clímax só de bater.

Mas ele se retirou novamente e, com um suspiro pesado, liberou sua semente por toda a bunda dela.

Ela soltou a respiração, mantendo cada centímetro do corpo imóvel, esperando, pois sabia que tudo o que ele precisaria fazer era mexer em seu clitóris e ela explodiria.

Ele bateu em sua bunda com as duas mãos e novamente a agarrou com força.

—Você não chegará ao clímax até saber meu nome correto.

Com isso, ele soltou o traseiro dela e se levantou.

Ela desviou os olhos para o lado, olhando para ele em desespero enquanto ele enfiava o pênis na calça.

—Mas...

Olhando para ela, ele levou o dedo aos lábios.

Serena se aquietou.

Ele deixou o dedo cair e terminou de fechar a braguilha enquanto dizia: —Você fala quando é solicitada, Vossa Graça.

Ela assentiu com fervor.

—Ratinho— disse ele suavemente. —É isso que você será. Está me entendendo?

Ela não entendeu.

Tudo o que ela sabia era que precisava entender.

Ela balançou a cabeça.

—Você é minha, princesa. Em todos os momentos. Mesmo quando não está comigo. Você dorme. Você come. Você respira. Você espera que eu lhe chame. Quando eu lhe chamar, você faz exatamente o que eu lhe ordenar. Você não fala de mim para ninguém. Você não chama a atenção para si mesma. Você se conecta com os outros apenas o quanto for necessário.— Ele se curvou ligeiramente na cintura. —E você não se toca. De jeito nenhum. A menos que tenha minha permissão— Ele se endireitou. —E se você for um ratinho bom, quieto e obediente, receberá sua recompensa.

—Tudo bem— concordou Serena.

—Tudo bem, o quê?

Ela fechou os olhos.

—Não tire os olhos de mim a menos que eu ordene.

Ela abriu os olhos.

—Tudo bem, o quê?— ele exigiu.

—Sinto muito, senhor, mas não sei seu nome.

—Você saberá. E vai esperar para sabê-lo até que eu o diga. Mas em tudo que eu for para você, a maneira correta de se dirigir a mim, eu sou o Mestre.

Oh, Deusa.

Ela não conseguia falar essa palavra.

Não podia.

Mas ela falaria.

Ela precisava fazê-lo.

Para conseguir o que precisava.

—Diga— ele ordenou.

—Receberei uma recompensa?— ela barganhou.

Ele se curvou profundamente e mordeu: —*Diga!*

—Mestre— ela sussurrou.

Ele se moveu para trás dela, ajoelhou-se novamente e se inclinou. Segurando-a pelos quadris, ele enfiou o rosto entre as coxas dela, sugou com força o clitóris e a fez chegar ao orgasmo em cinco segundos.

De forma ofuscante.

Valeu a pena.

Valeu por tudo.

Completamente.

—Agradeça-me, ratinho— ele murmurou, acariciando suavemente seu interior com dois dedos.

—Obrigada— disse Serena com sentimento.

— Perdão?

Ela engoliu em seco.

E ela lhe deu o que ele era para ela.

—Obrigada... Mestre.

Ele se levantou. —Você será tratada.

E então, para sua humilhação, deixando-a ainda tremendo de orgasmo, ajoelhada, amarrada, prostrada, com a semente dele escorrendo pela parte de trás de suas coxas, Serena dos Nadirii esperou para ser libertada.

Mas, na verdade, mesmo que ele tivesse acabado de usá-la, ela esperava ser chamada para servir novamente.

E esperava que fosse.

Em breve.



O Crescimento

Príncipe True Axelsson

Sala das Lanternas, primeiro andar, corredor leste, Palácio Catrame,
Cidade do Fogo
FIRENZE

True estudou sua noiva enquanto ela estava de pé nas janelas com tela, olhando para fora.

Ela era incrivelmente linda.

Adorável na quietude. Adorável ao refletir. Mais linda ainda quando sorria.

Cassius tinha sido conquistado por Elena.

Ele fez isso com um olhar pensativo para ela do pódio no desfile.

Ele sabia disso, pois sentiu sua perda naquele instante, como se ela estivesse fisicamente ligada a ele e tivesse sido arrancada.

E agora ele tinha que esconder essa dor de uma bela mulher com olhos gentis e tristes.

Uma mulher que estava se apaixonando por ele.

—Você vai confrontá-lo?— ela perguntou na tela.

Ele havia lhe contado sobre Carrington e seu pai.

E Silence.

Mars sabia.

E Farah não podia desejar nada além do que era melhor para Firenze e o que seria seu reino de Wodell, portanto, não era um risco compartilhar o conhecimento com ela.

Independentemente de tudo isso, ele confiava nela.

Não porque ela estivesse se apaixonando por ele.

Porque ele sentia, acima de tudo, que ela era digna de confiança.

—Isso pode expor Silence— ele respondeu.

Ela virou a cabeça para ele.

Sim, ela era incrivelmente adorável.

—Se eles estivessem falando de uma forma que pudesse ser ouvida, qualquer um poderia ter relatado isso a Mars e a você. Principalmente Mars. Há pelo menos um criado naquele corredor o tempo todo.

True confiava em Farah.

Mas ele não contou que havia notado que sua prima tinha uma habilidade não natural de ouvir coisas que os outros não ouviam. Portanto, ele não podia saber que qualquer pessoa poderia ter ouvido essa conversa.

O que ele sabia era que sua prima podia.

Silence tentava esconder isso, e ela tinha sido tão negligenciada em sua casa e pelas pessoas ao seu redor que ele achava que ela tinha conseguido.

Mas ela não havia escondido isso dele.

—Não quero correr esse risco, e Mars definitivamente não quer.

Ela deu um pequeno sorriso. —Ele não faria isso. Ele é muito encantado por ela.

—Minha prima é encantadora.

O sorriso que ela recebeu não foi pequeno.

Ele se desvaneceu quando ela se virou totalmente para ele e caminhou até ele.

Ela parou perto o suficiente para estender a mão e tocá-lo. Mas não o fez.

Mas não fez isso.

—Posso falar francamente?— ela pediu.

—Em todas as coisas— ele concedeu.

Seus belos olhos amendoados se suavizaram.

—Você precisa negociar a saída desse conselheiro— disse ela.

—Eu sei disso, meu doce— respondeu ele. —Mas ele tem um controle sobre meu pai que não é saudável. Se eu sequer começar a sugerir isso, ele encerra nossa conversa.

—Essa influência doentia— ela começou. —Você acha que ele sabe algo sobre o rei que o faz cumprir suas ordens?

—Chantagem?

Farah deu de ombros desconfortavelmente.

—Isso me surpreenderia— disse ele a ela.

—Mas não está fora de questão.

—Há momentos, Farah, em que o papai não segue o conselho de Carrington. São caprichos, ou quando ele se cansa da irritação de Carrington, ou quando eu suspeito que minha mãe tenha lhe dado ouvidos. E Carrington não gosta muito disso. Se ele soubesse algo sensível sobre meu pai, ele seria apenas um fantoche.

—Hmm...— ela murmurou, seu olhar se desviando.

—Conhecemos o plano dele e, mesmo que ele convença meu pai e siga em frente com ele, partiremos para Wodell em poucos dias. A viagem para Notting Thicket¹⁰⁹ dura menos de três semanas. Ele teria pouco tempo para dar plenitude a seus esquemas e, estando mais perto do desenrolar deles, eu poderia ficar de olho, descobri-los e assumir em meus próprios ombros o que quer que caísse quando eles fossem expostos.

Ela voltou sua atenção novamente para ele.

—Sobre seus ombros— disse ela calmamente.

—É a coisa certa a fazer.

—É a verdadeira coisa a fazer.

Seu nome era estranho e, em mais de uma ocasião, causou alguma confusão.

Mas True não estava confuso com seu significado atual.

—Eu posso carregar isso em meus ombros— sugeriu ela.

True piscou os olhos.

Lentamente.

—Perdão?— ele perguntou.

—Quando chegarmos à sua capital, e devo dizer que uma capital chamada Notting Thicket é um lugar que eu gostaria muito de conhecer, na esperança de que a cidade seja tão encantadora quanto seu nome— disse ela com um sorriso no início. Um sorriso e palavras que tinham o objetivo de desviar a atenção dele do perigoso absurdo do que ela diria a seguir. —Vou fingir que ouvi algo, ou vi algo, e fiz o que Silence fez, embora ninguém saiba que ela fez isso. Eu contaria ao meu príncipe... e ao meu rei.

Ela não faria nada disso.

—Você não fará isso, Farah— afirmou ele.

—Ninguém questionaria isso.

—Isso faria com que você ficasse visível.

—E eu não sou visível agora?

True sentiu uma queimação em sua garganta.

Pois ela era.

Mesmo que aqueles que a consideravam muito visível estivessem fingindo que ela era invisível.

Carrington ainda não a havia reconhecido.

Mas isso não importava.

Sua mãe, seu pai, sua tia Vanka e seu tio Johan disfarçavam muito mal a antipatia que sentiam por sua futura esposa.

Era mais do que grosseiro, chegava a ser doentio.

—Vou conversar com minha mãe, Farah— disse ele gentilmente.

Ela balançou a cabeça. —Não, True. Nós já conversamos sobre isso.

Falaram.

Descobriram que havia muito pouco em que não concordavam.

Exceto isso.

—Ela será sua sogra— observou ele.

—Muitas vezes a sogra não gosta que seu filho seja levado por outra mulher, não é?

Não era isso e ambos sabiam disso.

—Eu vou falar com ela, Farah.

—Eu gostaria que você não o fizesse.

—Por quê?

—Porque a única maneira de fazer com que alguém que não gosta de você por motivos que não têm nada a ver com você, mas apenas com os preconceitos ou, desculpe-me, True, a ignorância deles, é provar que estão errados.

Ele não respondeu porque não tinha uma resposta.

Ele não saberia.

Mas ele suspeitava que ela estava certa.

—Não ajudará em nada e poderá atrapalhá-los se você se envolver — ela continuou. —De qualquer forma, você tem o suficiente para ocupar seu tempo. Essa é a menor de suas preocupações.

Ele tinha algo a dizer sobre isso.

—Minha futura esposa não é a menor de minhas preocupações, Farah— ele retrucou. —Você precisa marcar isso, meu doce. Você pode não ter a consideração de minha mãe ou de meu pai e,

infelizmente, isso é verdade. Mas você tem a minha. Você é linda, gentil e sábia, e meu desejo é tirar a tristeza de seus olhos e lhe dar pelo menos paz, mas eu me esforçaria para ser feliz.

Ela o fitou, com os lábios atraentes e inchados ligeiramente entreabertos e os olhos como topázio em chamas.

Sim.

Ela estava se apaixonando por ele.

Ele sentiu aquele olhar em sua virilha.

Ele queria saboreá-la e essa necessidade aumentava a cada momento que compartilhava com ela.

Ele simplesmente não faria isso até que ela soubesse que o homem que queria sua boca, ou qualquer parte dela, queria apenas a dela, sem que a perda daquele que o destino arrancou estivesse fresca em sua mente.

Ele temia que ela fosse pouco respeitada no lugar para onde estava indo.

E, na verdade, além de Mars, sua mãe, Silence, Ha-Lah, Elena e suas mulheres, ela tinha pouco respeito no lugar onde estava agora.

Portanto, ela teria o dele.

Em todas as coisas.

—Permitirei que isso continue, por um tempo— ele lhe disse. — Mas, Farah, eu enfatizo que será por um tempo. Você não fez nada para merecer essa grosseria. Vou tolerar isso por sua causa, a seu pedido. Mas chegará um momento em que não o farei. Temos um acordo?

Ela suspirou e disse: —Acho que sim.

Ele sorriu para ela e respondeu: —Minha mais profunda gratidão.

Ela desviou os olhos para o lado brevemente em sua marca de revirar os olhos, com os lábios curvados para cima nas extremidades.

—Venha— disse ele, estendendo a mão e pegando a mão dela para colocá-la em seu cotovelo. —Precisamos nos preparar para o jantar. Como as reuniões foram concluídas, a Rainha Elpis decidiu fazer as apresentações esta noite, em vez de amanhã. Temos menos tempo para nos prepararmos.

Ele a conduziu até a porta e a atravessou.

O corredor estava movimentado.

—Há muita coisa acontecendo— disse ela sem respirar. —E, estranhamente, eu temo mais isso do que o surgimento da Besta.

—Tudo vai se resolver no final— garantiu ele.

Ela olhou para ele no momento em que ele os levou para as escadas.

E, em troca, confiou plenamente nele, olhando-o enquanto ele a guiava até as escadas, seguindo seu exemplo sem olhar para onde seus pés estavam caindo.

Havia algo de gravemente afetuoso nisso.

Tanto que também fez sua garganta arder.

—Como você poderia saber?— ela perguntou.

Ele cruzou a mão sobre a dela em seu cotovelo.

—Porque, no final, a Besta está se erguendo. Ninguém vai pensar em comércio, proclamações, guerras e regentes. Quando o derrotarmos, não haverá nada além de alívio por aqueles que ainda estão respirando estarem de fato respirando. O resto se encaixará no

lugar como deve. Bom e justo.

Eles chegaram ao patamar superior enquanto ela murmurava: — Isso é muito verdadeiro.

True a conduziu até a porta e se inclinou para beijar sua bochecha.

—Envie um criado quando estiver pronta para ser escoltada para baixo— ordenou ele depois de se endireitar, embora não precisasse. Desde que a conheceu, quando estava jantando, ele fazia o mesmo. — Eu a acompanharei.

Ela lhe lançou um olhar de topázio brilhante, com o amor nascente brilhando em seus olhos.

E sim.

Ela era tão adorável.

Ela também era dele.

E ele era dela.

E ele não desejava nada naquele momento além de querer ser dela.

Eventualmente.



As Apresentações

Lady Silence Mattson

Sala do Trono, primeiro andar, corredor oeste, ala estadual, Palácio
Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

Sentei-me em uma pilha de almofadas ao lado do trono de Mars.

A pilha era quase tão alta quanto seu assento.

Mas não era uma cadeira.

E não tinha encosto.

Era difícil ficar empoleirada em almofadas, sem poder se reclinar. Eu sabia disso porque era assim que eu tinha que me sentar, em minha pilha de almofadas, durante todo o desfile.

Embora dessa vez Mars tenha notado isso com um estreitamento de olhos praticamente no segundo em que apoiei meu traseiro nelas, e depois de alguns instantes em que me sentei dessa forma, ele resolveu o problema me puxando para o lado para que eu pudesse me apoiar no braço de sua cadeira.

Isso também permitiu que ele tivesse acesso à parte de trás do meu pescoço exposto, algo de que ele se aproveitou, acariciando-o levemente com o dedo.

A princípio, a sensação foi agradável.

Isso foi notado por seu pessoal.

Tudo foi percebido por seu pessoal.

E a maneira como eles notaram que Mars estava me tocando não era algo que eles pareciam gostar.

Portanto, embora ele continuasse fazendo isso, e era adorável, infelizmente não me senti tão bem.

Eu havia sido informada sobre as apresentações, embora achasse que tinha até a tarde seguinte para me preparar para elas.

Mas Elpis queria que isso fosse feito antes do jantar daquela noite e também para liberar a agenda e ter mais tempo para me preparar para o grande evento do dia seguinte. Quando as discussões na mesa diplomática terminaram no início daquela tarde, ela teve sua chance e a aproveitou.

Então, lá estava eu, vestindo o vestido de noiva Dellish que Tril confeccionou meticulosamente ao longo de nossa jornada com o tecido requintado que tivemos a sorte de encontrar quando fomos à cidade para montar meu enxoval com urgência.

Fiquei feliz com a chance de usá-lo em uma ocasião importante para o bem de Tril. Todo aquele trabalho árduo seria um triste desperdício.

E fiquei feliz em usá-lo porque era importante que eu desse o meu melhor nessa cerimônia, não apenas para representar Mars, mas Wodell.

Pelo menos esses eram meus pensamentos, no início.

Muitos metros e metros de material diáfano em um rosa tão pálido que era quase branco. O bordado era tão delicado que parecia

quase uma renda. Ele ficou mais pesado na bainha recortada. Um decote em V também recortado e discreto e mangas graciosas e cheias que se fechavam bem nos pulsos com uma fita de cetim e se alargavam em um babado dramático de bordado.

Meus cabelos estavam presos em cachos macios com uma fina fita de cetim rosa-claro.

E eu usava minhas argolas de corrente do casamento.

A saia larga do vestido com aquele bordado ficou linda disposta em uma queda ao redor de minhas almofadas e cobrindo o chão do pódio tronal.

Mas eu sabia, logo no início da cerimônia, que não haveria lançamento de pétalas de flores ou de moedas com esse grupo.

Os homens Firenz que entraram naquela sala para fazer suas apresentações ao rei não gostavam de mim.

E eu não tinha certeza de que eles também gostaram das outras coisas que viram.

Mesmo com a rainha Ha-Lah, Farah, Elena, Serena, Sofia, a rainha Mercy, minha mãe e meu pai, Jell, Liam, Seph e a rainha Elpis sentados em cadeiras ao lado, alguns membros da guarda pessoal circulando, a sala do trono era tão grande que não estava nem perto de estar cheia.

Mas o pódio do trono estava lotado.

Aramus sentou-se em uma grande cadeira à direita de Mars.

Wilmer sentou-se à direita de Aramus, com True de pé atrás, à direita da cadeira do pai.

Ophelia sentou-se em uma cadeira à esquerda de Mars.

Mas Cassius sentou-se à esquerda de Ophelia com Gallienus,

parecendo amotinado, em uma cadeira que estava à esquerda de Cassius, mas cinco centímetros atrás.

Esses cinco centímetros eram importantes.

E os homens que entraram na sala não perderam isso.

Eu só não conseguia entender como eles estavam reagindo a isso.

Lorenz, o capitão da Mars, estava à nossa frente, mas um pouco afastado, e anunciava cada novo homem que entrava, dizendo seu nome e seu clã.

Ele então ordenava: —Em comemoração ao casamento deles, faça sua apresentação ao seu rei e à sua futura rainha, Silence, Condessa de Arbor.

Notei que ele mencionou meu título, mas não mencionou que eu era Dellish.

No entanto, eu sabia que isso não estava sendo esquecido e não simplesmente porque já era conhecido.

Cada homem então colocou um pequeno baú ou uma bolsa nos degraus em frente a Mars. Depois de colocá-lo, sem demora, eles se curvaram profundamente na cintura e saíram sem dizer uma palavra.

Os homens eram conhecidos como barões e eram os chefes dos vários clãs de Firenze.

Havia dezessete deles.

Vi que apenas dois deles eram idosos, a maioria tinha aproximadamente a idade do meu pai, e apenas três tinham a idade de Mars (que eu soube, naquele mesmo dia, que era trinta e dois anos).

Elpis me avisou que nem todos se davam bem (a'tall).

Ou apoiavam Mars como soberano.

Eles foram seguidos pelos chefes das tribos nômades que vagavam por Firenze. Eles eram chamados de chefes. Todos esses homens tinham a idade do meu pai ou eram mais velhos.

Havia seis deles.

Segundo consta, eles também não se davam bem.

Ou todos apoiam Mars.

Para os barões, as apresentações eram qualquer coisa, desde pequenos baús com moedas de ouro, pequenos baús com esmeraldas, ametistas ou topázios de Firenze, ou uma bolsa com rubis de Firenze.

Em conjunto, ou mesmo separadamente, era uma oferta extraordinária.

Quando os chefes das tribos chegavam, as apresentações mudavam.

Baús com moedas de prata. Adagas cerimoniais. E um deles jogou duas peles grandes de pelo denso, mas curto, de algum animal que eu desejava ter visto antes de sua pele ser levada (e desejava que a pele não fosse levada - eu tinha que admitir que podia desfrutar de uma pele grossa em uma noite fria de Dellish, mas ela ainda me dava uma sensação de pena, então eu tendia a procurar um cobertor).

Vi uma vaga surpresa, e até mesmo uma leve aprovação, pelo fato de eu usar minhas argolas conjugais.

Mas não houve nada além de censura ao meu lindo vestido.

Por mais lindo que fosse, tinha sido um erro.

Os Firenz conheciam a moda dos Dellish e nossa tendência a cobrir o corpo.

O vestido vermelho que usei no desfile foi um sucesso, pois indicava meu desejo de me adaptar ao meu novo país, de ser uma

rainha dos Firenz para meu novo rei.

Este dizia o contrário.

Era estranho como algo tão inconsequente, especialmente para uma mulher, dizia tanto.

Seu povo provavelmente não se importaria nem um pouco com o que Mars usava. Ou True, Aramus, Cassius.

Mas eu, de alguma forma, falava muito ao vestir um vestido que eles desaprovavam.

Isso me aborreceu.

Embora também tenha sido uma lição que aprendi bem.

E fiquei feliz por ter optado por um vestido de noiva diferente.

Talvez eu ganhasse alguns deles na noite seguinte.

Independentemente de minhas dúvidas, Mars havia me ensinado uma lição diferente em nosso primeiro encontro, e Elpis a reiterou quando explicou o que aconteceria nessa cerimônia.

E minha pequena participação nela.

—Você será rainha, Silence— disse ela, segurando minha mão e olhando em meus olhos. —De Firenze. O trono é tão poderoso quanto o homem que o ocupa, sua força, sua coragem, sua inteligência. E isso inclui a mulher que ele escolhe para sentar-se ao seu lado.

Ela apertou minha mão, chegou mais perto e terminou.

—Você encontra olhos, todos os olhos, Silence. Eles serão seu povo, mas também serão seus súditos. Você não se curvará a eles de forma alguma. Eles se curvam a você. E isso é tudo.

Eu assenti com a cabeça.

Mas, no momento, achei difícil encarar os olhos e olhares sombrios dos homens altos e formidáveis que estavam diante de mim.

Embora eu tenha conseguido.

Depois que as apresentações foram concluídas, Mars pegou minha mão como havia feito com a de Farah, dias antes, quando o vi pela primeira vez, e me puxou das almofadas.

Ele então colocou minha mão ao lado de seu peito. Levantei minhas saias com minha mão livre.

E descemos os três degraus que levavam ao pódio.

E enquanto Ha-Lah se encontrava com Aramus atrás de nós, Farah se encontrava com True, Elena se encontrava com Cassius, e com Elpis na liderança depois deles, os outros saíram em ordem de importância depois dos noivos (Rainha Ophelia, Rei Wilmer e Tia Mercy, Rei Gallienus, Sofia, Serena, minha mãe e meu pai, etc.), nós nos dirigimos ao salão para a curta caminhada até a sala de jantar formal.

—Não foi tão ruim, não?— Mars murmurou, claramente lendo meu humor.

—Eu usei o vestido errado— murmurei em resposta, não querendo muito sentar na frente da sala com todos os outros convidados, sendo o centro das atenções.

Embora fosse mais do que isso.

Senti algo curioso se formando no fundo da minha barriga e senti que não tinha nada a ver com o que havia acontecido durante as apresentações ou com o que aconteceria em seguida.

—Seu vestido é lindo— ele respondeu.

Ele havia dito que meu outro vestido era —transformador— e, embora se possa discutir a semântica de cada palavra, não se pode

discutir o tom com que ele as disse.

Sim, eu estava feliz por ter desenhado um novo vestido de noiva.

—Você se saiu bem lá dentro— disse ele, pressionando minha mão em seu peito de uma forma que me fez chegar mais perto dele. —Estou, como sempre, orgulhoso de você, macaquinho.

Isso me fez sentir melhor.

Sob os olhares de muitos, entramos na sala de jantar. Os barões e chefes foram recebidos por suas esposas, filhos mais velhos (como na minha idade) e tenentes. Havia também outros personagens importantes, e isso significava que a sala estava dez vezes mais cheia do que na noite do jantar de noivado.

E eu senti todos os olhares voltados para mim.

Mars me guiou até o degrau onde ficava nossa longa mesa, e fiquei aliviada ao ver que os assentos dos casais dessa vez não estavam separados. Eu estaria sentado ao lado de Aramus, o que significava estar mais perto de Ha-Lah, e isso me animou.

Minha taça de vinho foi enchida quase no segundo em que Mars terminou de empurrar minha cadeira depois que me sentei.

Desviei o olhar da minha taça para a multidão que também estava sendo servida de vinho pelos criados que seguravam bandejas carregadas de taças. Eles estavam se movimentando, procurando seus assentos designados, mas também não estavam me observando furtivamente.

Foi a primeira vez, nesse elegante salão com mesas circulares incrustadas com minúsculos azulejos quadrados de madrepérola, com bandejas espelhadas cheias de velas vermelhas acesas, buquês altos de rosas vermelhas requintadas agrupadas em vasos, grandes carregadores de prata e talheres de prata reluzentes em cada lugar, que percebi que Firenze não era a Firenze do Palácio de Catrame e da

cosmopolita Cidade do Fogo.

Era a Firenze que havíamos atravessado para chegar lá.

Era a Firenze das histórias contadas por Tritão.

As filas de camelos, cavalos e pessoas das tribos nômades caminhando sobre as dunas.

As cidades de tendas misturadas com prédios de adobe e fachadas de lojas abertas cheias de lanternas, painéis brilhantes, alqueires de grãos, cestas de especiarias, frutas ou legumes, tapetes trançados, artigos de vime (e coisas do gênero), cheias de gente.

Eram homens altos, grandes, perfurados e ferozes que usavam kilts de couro ou sarongues curtos com cintos grossos na cintura que carregavam adagas ornamentadas. Esses eram usados com camisas finas e mantos nos ombros que iam até a parte de trás dos joelhos.

E eram mulheres exóticas, belas e exuberantes, usando roupas finas com miçangas, lantejoulas e joias incrustadas, e saias que expunham mais do que cobriam, correntes de ouro ou alfinetes elaborados ou flores luxuosas no cabelo, pingando joias e com piercings magníficos, com olhos grandes e escuros que falavam mais do que as palavras poderiam dizer.

Era uma terra que se chocava com conflitos violentos entre si.

Uma terra que, décadas atrás, era considerada selvagem.

Ela não era minha.

Não era para mim.

E estavam me dizendo, se não por atos, mas pelo olhar, que eu não pertencia àquele lugar.

Definitivamente, não ao lado de seu rei.

Tomei um gole de vinho com esse pensamento perturbador, minha mente consumida pelo que eu poderia fazer para mudar a deles.

Meu vestido de noiva era fabuloso.

Mas não conquistaria o amor de um país inteiro.

Além disso, eu tinha pouco tempo. Eu me casaria no dia seguinte. Mars e eu tínhamos apenas alguns dias juntos (e eu tinha a sensação de que esse tempo seria corrido, algo em que eu não pensava, ou que seria enervante e estimulante, e eu não conseguia me concentrar em nenhum dos dois no momento).

Isso seria apenas dois dias antes de partirmos em uma longa jornada até Wodell para ver Farah e True se casarem. Só depois disso é que viajaríamos para Airen.

E quem sabia o que poderia acontecer nos meses em que o rei e a nova rainha, um que nem todos apoiavam e o outro que eles não aprovavam, estivessem fora.

Minha mente estava tão consumida por esses pensamentos que, quando a sensação curiosa no fundo da minha barriga mudou sem aviso para algo mais extremo, eu ofeguei.

—Silence?— Mars, ouvindo meu suspiro, chamou meu nome.

Abaixei meu vinho, recompus minha expressão e olhei para ele.

—Você está bem?— ele perguntou.

—Sim. Apenas pensei em algo que preciso lembrar para o dia seguinte— menti.

Ele estudou meu rosto.

Eu odiava mentir, mas não precisava entrar em uma discussão sobre a sensação repentina de que algo estava queimando meu

estômago com Mars, que ficaria preocupado, possivelmente ao extremo, talvez me levando embora para me ver, quando eu não poderia absolutamente ser levada embora na frente de seu povo.

Eu certamente não venceria essa disputa por estar desmaiada e enjoada, incapaz de participar de um jantar sob a atenção deles.

—Devo enviar um servo para compartilhar com sua dama de companhia o que você não quer esquecer?— Mars ofereceu.

E essa era a minha intenção.

Eu poderia ter um desafio muito maior em minhas mãos para o meu futuro do que deixar que a emoção da descoberta de um palácio fabuloso, uma cidade empolgante e um homem bonito com o qual eu passaria a me importar fortemente em um curto período de tempo me cegasse para a plenitude dele.

Mas pelo menos eu tinha Mars.

Então, eu lhe dei um sorriso. —É algo que não esquecerei novamente, Mars.

—Que bom— murmurou ele, inclinou-se para mim, encostou a boca na minha, e eu permiti porque gostei da sensação, da proximidade, do perfume picante que ele tinha naquela noite e das cócegas de sua barba.

Eu estava sorrindo de novo, mais largo dessa vez, quando ele se afastou.

Seus olhos brilharam ao perceber isso e ele se voltou para seu vinho.

Eu também peguei o meu, exatamente quando a queimação voltou.

Mais forte dessa vez.

Mas também, dessa vez, senti algo mais.

Virei a cabeça para a esquerda e vi Farah inclinada para a frente, com o olhar fixo em mim.

Quase no mesmo instante em que a vi, Ha-Lah se inclinou para a frente.

Ela olhou para Farah e depois para mim.

Depois de ver meus olhos, Ha-Lah olhou para além de mim.

Virei a cabeça para aquele lado e Elena estava inclinada para frente, sua atenção se movendo entre todos nós.

Meu coração se apertou com tanta força que senti o sangue correndo por mim.

Porque eu sabia disso.

Eu sabia exatamente o que estava sentindo.

Nós estávamos sentindo.

Éramos irmãs da Besta.

E a Besta estava se levantando.



O Início de Tudo

Lady Silence Mattson

Segundo piso, Grande Escadaria, Palácio Catrame, Cidade do Fogo
FIRENZE

—Seus aposentos são *por aqui*, Silence— meu pai chamou bruscamente enquanto Mars me guiava para a direita depois que chegamos ao patamar, em direção ao corredor oeste, não à esquerda, em direção aos meus aposentos.

Eu me virei para olhar para ele por cima do ombro.

Mars também o fez.

— Sim, Mars respondeu, mesmo que meu pai estivesse falando comigo. —Boa noite, Johan— finalizou ele de forma incisiva.

—Boa noite, papai. Mamãe— eu chamei.

Minha mãe, ao lado do meu pai, parecia preocupada.

Meu pai parecia furioso.

Nenhum dos dois nos deu boa noite.

Mars se virou para frente e continuou calmamente a me guiar naquela direção.

Eu não estava calma.

O jantar transcorreu sem incidentes e, durante ele, Mars se levantou e fez um breve brinde aos seus barões e líderes tribais. Ele os agradeceu pelos presentes e, em seguida, proclamou prontamente que, imediatamente após nosso casamento, eles seriam transferidos para o tesouro de Firenze para serem usados no avanço do país. Ou, no caso de adagas cerimoniais (e coisas do gênero), elas seriam exibidas no Museu Real na Cidade do Fogo.

Isso causou um alvoroço.

Mas Mars ignorou o fato, virou-se para mim e terminou o brinde com: —E à minha noiva. Meu destino. Meu futuro. Que o amanhã chegue rápido— Ele então sorriu um sorriso de lobo que não poderia ser mal interpretado, pois estava falando sobre o jantar: —Mas primeiro, vamos aproveitar esta noite.

Não consegui resistir ao meu rubor.

Isso só fez Mars sorrir ainda mais.

E essa foi uma das três únicas vezes em que senti algo remotamente parecido com a aprovação de seu pessoal.

Uma delas foi com minhas argolas de casamento, é claro.

A outra foi quando o jantar terminou e a Piccola foi trazida para mim.

Como ela me foi dada, encontramos nossos momentos para brincar e eu me certifiquei de que Tril me permitisse alimentá-la, pois eu queria que ela soubesse quem era sua mãe.

Eu não poderia dizer que ela ainda estava acostumada comigo.

Mas, naquela sala lotada, ela se agarrava ao meu dedo ou ao meu pescoço, e eu ficava feliz com sua presença, sem falar que ela me

distraía.

E, aparentemente, mesmo que as peles fossem jogadas nos degraus do trono, meus instintos maternos para com um macaquinho eram vistos com bons olhos.

Ela ainda estava comigo, segurando as vieiras na lateral do meu decote enquanto eu acariciava suas costas minúsculas enquanto caminhávamos para os quartos de Mars.

Ela não ficaria comigo por muito mais tempo, pois, quando nos aproximamos de seus aposentos, Mars ordenou: —Tire Piccola de sua futura rainha.

O servo que ainda estava presente veio correndo até mim enquanto eu tirava meu animal de estimação do vestido.

Mars nos deteve, e eu a aproximei de meu rosto.

Seu rosto era minúsculo.

Mas seus olhos negros eram tão *inteligentes*.

—Até o café da manhã, minha pequenina— murmurei e a encostei na minha bochecha.

Ela deu um chilreio em resposta antes que eu a entregasse.

O menino se dirigiu para o outro lado e Mars imediatamente nos colocou em movimento novamente.

E, assim, imediatamente tive algo novo com que me preocupar.

Não contei a ele sobre a sensação em minha barriga que eu sabia que compartilhava com os outros.

Ele veio.

Era forte.

Mas assim que todos nós a reconhecemos entre nós, ela desapareceu.

Eu havia observado e notado que nenhuma das outras compartilhava com suas prometidas.

Assim, decidi que convocaria todos nós no início do dia seguinte para discutir o assunto antes de discuti-lo completamente com Mars, compartilhando com ele também o que os outros pensavam.

Agora eu tinha que considerar o que viria a seguir.

Mars nos levou para seus aposentos, fechando a porta atrás de nós, e imediatamente notei que eles estavam muito mudados.

Os abajures baixos em cada canto da piscina estavam acesos, mas o lustre acima dela e as lanternas sobre as mesas não estavam, como na noite anterior, quando eu estava lá.

Além disso, um brilho suave vinha da sala de estar com escritório, mas não estava acenando, como antes. Era fraca e significava que estava se retirando, não trabalhando, lendo ou se comunicando.

Mas Mars não tinha interesse em nenhum desses cômodos.

Eu sabia disso quando ele me conduziu diretamente ao seu quarto de dormir.

Ele afastou as cortinas para nós dois e nos conduziu para dentro, declarando: —Não se preocupe.

Havia tantas coisas com que se preocupar que eu não sabia a que ele estava se referindo.

—Sobre o quê?— perguntei enquanto ele me soltava quando estávamos completamente dentro da sala.

Ele colocou as mãos no casaco preto, sem mangas e de cauda longa, que estava sobre a camisa de seda preta que ela usava.

Ele deu de ombros.

Minha boca ficou seca.

—Os clãs e as tribos— respondeu ele. —E o que eles pensam de você.

Ele então se virou e foi em direção ao arco do seu camarim.

Fiquei enraizada onde ele me deixou.

Não conseguia me mover, mas felizmente não conseguia falar.

—Por que você diz isso?

Ele não havia desaparecido por trás das cortinas que cobriam o arco, eu podia ver sua sombra se movendo no espaço pouco iluminado.

E assim, observei quando ele jogou o casaco no sofá-cama.

—Porque eles não me têm em grande conta.

—Sua mãe disse que nem todos o apoiavam.

—Nem todos— ele concordou, enquanto eu observava suas mãos se moverem para os botões da camisa. —Apenas três.

Isso me surpreendeu.

—Três?

—Três. Meu clã direto. O clã real do qual meu pai nasceu. Além disso, meu clã materno. Aquele do qual minha mãe é descendente. E, por último, o clã de Sofia.

Eu havia notado esse último com certeza.

Naquela noite, Sofia e Farah finalmente receberam algum apoio. Pelo menos de um lado. Um clã liderado por um homem da idade do

meu pai que, junto com a esposa e o que Mars compartilhava como filho e filha, olhava para Farah com gentileza enquanto ela se sentava à mesa principal. Eles se sentaram com Sofia, atraindo-a para uma conversa calorosa.

Eu havia me enganado antes, senti a aprovação em outra ocasião.

Vindo da mesa de Sofia, de seu clã, depois que eles notaram que eu estava me envolvendo de forma amigável com Farah.

—Fiquei feliz em ver Sofia entre os seus— eu disse a ele.

—De fato— respondeu ele, tirando a camisa e jogando-a de lado. —Principalmente por se tratar de um clã poderoso. Fora da minha linha direta, é o mais poderoso do reino.

Suas mãos foram então para as calças.

Oh, minha fé.

Eu me afastei.

—Por que o... hum, anúncio de que você daria as oferendas ao seu país foi uma surpresa tão grande?— perguntei.

—Isso nunca foi feito.

Isso não me surpreendeu, pois se Wilmer fosse mais jovem e tivesse acabado de se casar com Mercy, eu sabia que ele não hesitaria em colocar isso em seu próprio peito.

—Eles certamente devem estar contentes com os avanços— observei, olhando para a cama dele, que provavelmente não era um bom lugar para colocar meus olhos.

Portanto, eu os movi para a cômoda curta e espelhada ao lado da cama.

Melhor.

—Os nômades não se importam. Eles vagueiam. Educam seus próprios filhos. Adoram em seus tapetes sob o sol. Praticam suas próprias técnicas de cura. Lutam suas próprias lutas. Quando há guerra em Firenze, é raro que eles enviem seus homens.

—Ah— murmurei alto quando ele não continuou a falar.

—Os clãs, eles vacilam dependendo de onde eu decido concentrar a moeda. Se for para melhorar suas escolas e hospitais, construir templos e monumentos em suas vilas e cidades, o que significa que seu povo está trabalhando e recebendo a moeda das coroas, eles ficam felizes. Eles não entendem a criação de estradas retas e de fácil acesso ou a irrigação de rios, que é algo que meu pai começou e eu continuo. Mas se o povo deles for remunerado por isso, eles não reclamam. Mas se for de outros...

Ele não terminou, mas eu entendi.

—Eles ficam de olho e protestam contra o favoritismo com frequência— concluiu Mars.

—Você joga com os favoritos?— Perguntei, apenas para ter algo a dizer, pois não conseguia imaginar que ele tivesse.

Sua voz estava se aproximando quando ele respondeu como eu esperava: —Não.

Voltei-me para sua voz.

Ele estava com sua calça de painel de seda, este par em um tom profundo de vinho.

Seu peito estava nu.

Piercings brilhando no cômodo muito mais iluminado (mas ainda menos iluminado do que da outra vez em que estive lá).

Tudo bem, talvez eu não estivesse pronta para aprender mais

sobre o que o casamento significaria entre mim e Mars.

Parece que eu não tinha escolha.

Pois ele veio direto até mim, pegou minha mão e, caminhando lentamente, levou-me até a cama.

Engoli a saliva de uma boca subitamente cheia.

No topo dos degraus, ele se virou, sentou-se na beirada da cama, abriu suas longas pernas e me guiou para que eu ficasse entre elas.

Em seguida, pegou minha outra mão e, segurando ambas, inclinou a cabeça para trás para olhar para mim.

—Você está nervosa— ele sussurrou.

Olhei fixamente para os olhos escuros que eram suaves com ternura e empatia.

E senti a tensão diminuir em meus ombros.

—Um pouco— sussurrei em resposta.

—Nós vamos nos beijar mais, minha noiva. E isso é tudo, se você estiver pronta para isso.— Ele me puxou um pouco mais para perto. — E saiba disso, Silence, pois me refiro a esta noite e amanhã e pelo tempo que precisar para se acostumar com essa intimidade que compartilharemos. Eu estou pronto. Eu o desejo. Quero conhecer seu gosto. Seus mistérios. Mas se você não estiver, isso significa que nós não estamos. Isso é algo que você entende?

Sim.

Era algo que eu entendia.

E algo que achei incrivelmente generoso.

E lindo.

—Sim— respondi.

—Então me beije, Silence, e guie nosso caminho esta noite.

Eu poderia beijá-lo?

Ele soltou minhas mãos e ficou sentado ali, com os olhos fixos em mim, nosso tempo juntos foi breve, apenas um instante no que eu esperava que fosse uma vida inteira de conhecimento mútuo.

Mas ele não havia me mostrado nada além de interesse, respeito, bondade, proteção, gentileza e desejo.

Assim, eu me inclinei para frente, apoiando minhas mãos em seus ombros largos, sentindo o calor de seu corpo, a força de seus músculos, e encostei meus lábios nos dele.

Mars permitiu isso.

Mas ele não tomou conta de meu corpo.

Ele não pressionou nada de mim.

Foi quando toquei a ponta da minha língua em seus lábios.

Eles se abriram.

Eu deslizei para dentro.

Ele tinha um sabor quente, almiscarado e delicioso.

Ele também fez um barulho baixo que senti nas regiões ao sul de minha barriga.

Então, pressionei meus lábios com mais força contra os dele, inclinando a cabeça, deslizando minha mão para o seu cabelo na parte de trás.

Ele colocou as duas mãos nos meus quadris.

Gostei do peso delas. Seu calor. A sensação de firmeza delas.

Eu não sabia como, mas, mesmo assim, tentei levar sua língua à minha boca.

Mars não me obrigou a trabalhar para isso.

Ele a deu para mim.

Eu a chupei mais profundamente.

E deuses, mas eu adorava aquele pênis em sua língua.

Um ruído mais baixo e áspero ressoou em minha boca enquanto sua língua brincava com a minha.

Dei a ele mais do meu peso com a mão em seu ombro, o que fez com que suas mãos deslizassem para a parte inferior das minhas costas, uma delas subindo pela minha coluna.

Eu gostava de seu toque.

Tanto que tremi. E foi um tremor que me pareceu maravilhoso.

Dobrei meu cotovelo e lhe dei mais peso.

Mars caiu para trás, envolvendo seus braços ao meu redor, de modo que caí com ele, aterrissando em seu peito.

Ah.

Todo aquele homem duro embaixo de mim.

Tão, tão...

Adorável.

Afastei meus lábios dos dele e sussurrei: —Mars.

Ele me rolou para que eu ficasse de costas e ele parcialmente

sobre mim.

Oh.

Nossa.

Tão lindo, aquele homem duro em cima de mim.

—Mars— eu respirei.

E ele me beijou.

Foi mais profundo, mais doce, suas mãos percorrendo minhas laterais, meus quadris, minhas dobras.

Eu me pressionei contra ele, tentando dizer que queria mais.

Ele, por sua vez, pressionou-se contra mim e eu senti. Algo que eu poderia temer, mas naquele momento, com ele como ele era, nós como éramos, eu não temia.

Isso me fez sentir poderosa, bonita e feminina.

Então, encontrei a dureza de seus quadris com meu corpo, arqueando-me contra ele.

—Silence— ele rosnou contra meus lábios.

—Mars— sussurrei contra os dele.

Estávamos olhando nos olhos um do outro.

Notei um vermelho incomum nos olhos dele, que devia ser o reflexo de uma lanterna, antes que a pergunta que ele estava fazendo fosse respondida e eu pegasse mais do seu peso.

Também recuperei sua boca.

Sua língua.

E essa não era mais uma dança gentil e exploratória.

Havia fome.

Eu soube o que era instantaneamente.

E era totalmente *encantadora*.

Eu a atendi com a boca e o toque, nossas línguas duelando, minhas mãos vagando pela pele de suas costas, rastreando os declives, cavalgando as depressões, não descobrindo, reivindicando.

Ele rolou, puxando-me para cima, endireitando-nos na cama, caindo de costas e me puxando para cima dele.

E havia *tanto* dele.

Eu já havia experimentado sua boca.

Eu queria mais.

Abaixei a cabeça e peguei seu mamilo liso e marrom.

—*Porra*— ele grunhiu.

Ah, não.

Eu tinha feito algo errado.

Minha cabeça se levantou.

Suas mãos passaram por baixo de meus braços e me puxaram para cima antes que ele tomasse minha boca novamente, seus dedos mergulhando em meu cabelo. Eu podia sentir os grampos se soltando, os cachos caindo, a fita deslizando para fora, mas apenas vagamente.

Meu noivo não estava com fome.

Agora ele estava *morrendo de fome*.

E sentindo isso nele, sabendo que eu o havia deixado assim, ele me levou até lá com ele.

Eu explorei seu pescoço.

Ele explorou o meu.

Minhas mãos eram urgentes sobre ele.

Suas mãos estavam urgentes nos botões da parte de trás do meu vestido.

Com os lábios em meu ouvido, ele resmungou: —Quantas dessas malditas coisas existem?

—Muitas— eu respirei.

E eram.

Muitos mesmo.

Minha pele estava quente, ardendo.

O vestido tinha que ir embora.

Ele se sentou e eu subi com ele, montada em seus quadris, meus joelhos lutando contra o material.

Ele puxou minhas saias.

Eu também puxei.

—Malditos *acres*— resmungou ele.

Eu quase dei uma risadinha.

Não dei risada.

Minha pele estava quente demais.

Eu precisava tirar aquele vestido *de mim*.

E Mars em *mim*.

Imediatamente.

Por fim, eu o afastei pelo decote e o levantei.

Mars me ajudou, puxando-o para cima.

Levantei os braços e ele juntou as dobras, livrou-me do vestido, jogou-o de lado...

E eu me sentei montada nele apenas com meu espartilho de renda branca e minha calcinha.

De repente, eu precisava do meu vestido de volta.

Até que os olhos de Mars se voltaram para o meu corpo.

Aquele vermelho voltou, e senti minhas sobrancelhas se franzirem com a visão antes que eu não pensasse em nada.

Eu estava de costas e Mars estava ao meu lado, puxando minha calcinha pelas pernas.

—Mars— eu disse trêmula.

Ele olhou das minhas pernas para o meu rosto.

E seus olhos estavam em *chamas*.

—Eu prometo— disse ele, guturalmente.

Eu não sabia o que ele havia prometido.

Só sabia que ele estava falando sério.

Acenei com a cabeça.

Ele se abaixou, rolou sobre uma de minhas pernas, afastando a outra, então ele... ele...

Gentilmente as separou, abaixou a cabeça...

E se alimentou de mim.

O toque de sua boca era tão belo, o toque daquela língua cravejada era pura felicidade, minhas costas se arquearam, meus dedos dos pés se curvaram, eu gritei, incapaz de conter o prazer que estava sentindo.

Mars jogou minhas pernas sobre seus ombros, segurou meus quadris com suas mãos grandes e me penetrou.

—Oh, pelos deuses— eu respirei, passando minhas unhas pelo cabelo dele contra seu couro cabeludo, segurando a glória do que ele estava fazendo comigo, —Oh, deuses, Mars. Não pare. Por favor, não pare.

Mas então, aconteceu.

Cravei meus calcanhares em suas costas enquanto lutava contra a grandeza das sensações que pareciam ao mesmo tempo impressionantes e ameaçadoras.

—Por favor. Você precisa...— Comecei, mas antes que eu pudesse completar com 'parar', aquilo me dominou.

Me envolveu.

Eu me sacudi sob ele enquanto o fogo me consumia, meu corpo, meu sexo, minha visão, minha mente. Eu estava me contorcendo em um inferno de prazer e êxtase.

Não.

Não estava sendo consumida.

Eu estava me alimentando das chamas.

Eu não sabia que isso existia. Não sabia que isso era algo que se podia ter.

O que eu sabia na época era que eu adorava aquilo com cada parte de mim, agora que eu tinha conseguido.

Vagamente, quando comecei a simplesmente flutuar em seu calor, senti Mars me lambendo suavemente.

Isso antes de ele subir pelo meu corpo, beijando minha barriga. Minha barriga. Meu peito. A base da minha garganta.

E então seu peso estava sobre mim, quente, pesado, mas não esmagador, e sua barba fazia cócegas em meu pescoço enquanto sua boca se movia para lá.

Será que eu deveria estar envergonhado com o que acabou de acontecer?

Se eu deveria, naquele momento, eu não tinha coragem.

Mars beijou abaixo de minha orelha, onde sua argola no lóbulo me perfurava.

E sua voz era adorável e áspera quando ele disse: —Acho que vamos parar por aqui esta noite.

Fiquei feliz com isso, pois não tinha certeza se conseguiria me mover.

Eu estava errada.

Quando ele ordenou: —Coloque seus braços em volta de mim, Silence— eu fiz o que ele mandou. E quando ele continuou: —Envolva suas pernas nas minhas— eu também fiz isso.

Ele era sábio.

Isso era melhor.

Muito melhor.

Sua boca se moveu para o meu pescoço, seus dedos se apoiaram no meu quadril nu, e pude perceber que ele estava sustentando parte do seu peso no outro antebraço. Eu sabia disso porque, do jeito que ele estava me tocando, do jeito que ele queria que eu me envolvesse com ele, se ele pudesse usar aquela mão para me tocar mais, ele o faria.

Eu me sentia pequena debaixo dele.

Minúscula.

Mas, sabendo o quanto ele gostava de me sentir, eu também me sentia preciosa.

—Não— ele sussurrou em minha garganta ao passar para o outro lado do meu pescoço. —Não importa se os clãs e as tribos gostam de você.

Ele levantou a cabeça e eu olhei atordoada para seu belo rosto.

—Porque eu gosto de você— concluiu.

—Eu também gosto de você— murmurei.

Ele sorriu. —Você demonstrou isso.

—Receio que eu seja descarada— admiti.

Seu corpo grande se moveu sobre o meu por um tempo antes que sua risada fosse audível.

—Não tenha medo, *piccolina*. Isso me faz feliz.

—Bem, isso faria— murmurei.

Ele apenas sorriu para mim com carinho.

Continuei murmurando, pois não tinha capacidade para mais nada. —Seu peso é agradável.

—Isso é bom, você vai senti-lo bastante.

Eu estremeci.

Seu sorriso ficou maior.

—E você é muito quente— eu disse a ele.

—Tudo isso é bom para você, minha Silence. Nossos dias são quentes, nossas noites são frias.

—Eu notei isso.

—Silence?

—Sim?

Ele tirou a mão do meu quadril para que pudesse usar o polegar para passar pela minha maçã do rosto.

E então ele disse: —Obrigado.

Foi isso que ele disse.

Senti que iria chorar.

Sua cabeça veio em direção à minha, mas quando pensei que ele iria me beijar (e devo dizer que eu queria muito que ele me beijasse), ele deslizou sua bochecha com cerdas pela minha bochecha macia e continuou em meu ouvido: —Sua confiança significa muito para mim. Eu a valorizo muito. Mais do que qualquer baú de ouro ou bolsa de joias. Seu prazer, oferecido tão livremente, também significa muito para mim, e eu também o valorizo. Não tanto quanto sua confiança, mas é importante que saiba que isso significa muito para mim.

Sim, eu definitivamente poderia chorar.

—Mars— sussurrei.

—Vamos escolher sabiamente quando trouxermos outros para nossa cama.

Pisquei para a saliência escura.

—Mas, a princípio, por um tempo, eu só terei você antes de tomar outra. E você só terá a mim antes que eu permita que outro tenha você.

Outros?

Para tê-lo?

E a mim?

Oh, Deuses.

A maneira Firenz de se casar.

Não.

—Agora— disse ele, levantou a cabeça, encostou a boca na minha, depois se inclinou para cima, levando-me com ele, —é hora de levá-la para sua própria cama antes que eu tenha mais ideias.

Ele me puxou para fora da cama, em direção ao local onde havia jogado meu vestido.

E eu me movi com ele.

Automaticamente.

Ele pegou minha calcinha e a entregou a mim.

De repente, me senti totalmente exposta e rapidamente me curvei para vesti-la.

Quando me endireitei depois de alisá-las nos quadris, vi que ele estava lutando com os —acres— de material do meu vestido.

—Mars, hum... os outros— comecei.

Ele se virou para mim com as saias do meu vestido amassadas de forma que pudesse puxá-lo sobre minha cabeça.

E foi o que ele fez, obrigando-me a passar os braços pelo vestido para chegar à abertura superior.

Parece que ele tinha prática em fazer isso.

Minha barriga se retorceu.

Ele realizou essa tarefa enquanto falava.

—Vou pegar uma bunda para você, se é isso que deseja ver. Embora normalmente não seja minha escolha. Sou como Lorenz. Se isso te excita, fará o mesmo por mim. Embora os Confiáveis, Silence, devam saber que não estão disponíveis para você, exceto Basil, se ele for do seu agrado, pois ele não a levará, somente a mim. Mas se houver um guerreiro meu...

Ele se afastou, virando-me depois que enfiei minhas mãos nas mangas e ele começou a fechar os botões nas minhas costas.

Eu estava olhando para o abajur aceso na cômoda daquele lado da cama dele, meu olhar se desviou, notando que no pêssego das paredes havia um motivo um pouco mais escuro, quase imperceptível.

Parecia uma flor de cerejeira.

Ou flores de alguma coisa.

Quando terminou de colocar meus botões, ele me virou novamente e emoldurou meu pescoço com suas mãos.

—Você entende isso?— perguntou ele, olhando para mim.

Eu não entendi.

Nada disso.

—Sim— murmurei.

Ele sorriu e observou: —Devo me lembrar desse estupor em que você cai depois de atingir o clímax. É muito cativante, mas se eu não terminar com você, a espera será excruciante.

Clímax.

Então era assim que se chamava.

Apropriado.

De fato.

—Vou me esforçar para... da próxima vez... me recuperar muito mais rápido— afirmei, soando afetada e não eu mesma.

Ele se inclinou, encostou os lábios nos meus, depois no meu nariz, na minha testa, antes de se afastar um centímetro, novamente sorrindo para mim.

—Não faça isso. Se eu conseguir tocá-la tão profundamente a ponto de você se comportar como uma morta-viva, eu sairei e matarei um dragão.

—Matar um dragão?

Seu olhar se aqueceu (ou se aqueceu ainda mais). —Seu prazer me fortalece, *piccolina*.

Isso foi bom.

Não tão bom quanto deveria ter sido.

Mas foi bom.

—Eu a acompanharei até seu quarto, meu macaquinho— ele ofereceu. —Eu faria isso de qualquer maneira, mas você pode se perder nesse estado.

Isso deveria ter sido divertido.

Eu não ri.

—Seus chinelos, Silence— ele comentou.

Eu pisquei para ele.

Ele se contorceu na cintura e estendeu a mão para dentro da cama, resgatando meus chinelos que haviam caído.

Ele então se ajoelhou na minha frente, e eu levantei minhas saias e ofereci meus pés um a um enquanto ele os calçava.

Observei sua grandeza, seu poder, tudo isso se curvou diante de mim e fiz isso novamente, pensando que poderia chorar.

Mas depois de calçar meus pés, ele fez exatamente o que disse que faria, endireitando-se, colocando minha mão contra seu peito e nos levando para o outro lado da sala.

—Basil?— forcei.

—Sim. Ele só aceita homens.

—Eu sei, mas ele é seu tenente.

—Sim, e todos eles já tiveram um ao outro. Faz parte da cerimônia para se tornar um Confiável. Os laços formados por meio de tal intimidade e conhecimento do outro são cruciais para essa irmandade. Todos os meus guerreiros se envolvem dessa forma. Livrementemente. E eles são incentivados a fazer isso. Mas eu não gostaria que um dos meus homens olhasse para você com desejo. Isso não promoveria a união. E Basil não faria isso.

Todos eles já tiveram um ao outro.

E Mars teria Basil comigo lá, se eu desejasse.

E ele teria outras mulheres, se quisesse.

Outras mulheres, não eu.

Em outras mulheres, ele colocaria sua boca entre as pernas delas, dando-lhes o que ele acabou de me dar.

Mulheres que não eram eu.

E colocaria outras coisas entre suas pernas.

Pernas que não eram minhas.

—Silence?— ele chamou, e quando o fez, percebi que estávamos bem no final do corredor.

Olhei para ele.

Sua expressão se tornou gentil e, quando ainda estávamos caminhando, ele se curvou e beijou o topo da minha cabeça.

Quando se endireitou, murmurou: —Minha noiva teve uma noite cheia. Preciso levá-la para a cama para que ela esteja pronta para a próxima.

Era verdade.

Eu tinha tido uma noite inteira.

Mas, naquele momento, eu estava com a cabeça cheia.

Eu estava em Firenze.

Eu seria a rainha deles.

Que era a esposa do rei deles.

Era isso que eles faziam.

Eu tinha ouvido falar sobre isso e me lembrei de minha mãe dizendo que eles não eram fiéis a seus cônjuges.

Mas eu havia me esquecido.

E na cerimônia do piercing, falou-se da intimidade de ouvir, pensar e ser honesta com seu marido.

Nada, porém, foi mencionado sobre o corpo. Essas intimidades eram apenas do coração e da mente.

Isso era tudo.

Eu não havia pensado nisso na época.

Mas estava pensando nisso agora.

À minha porta, Mars me abraçou e me beijou profundamente e, por um momento glorioso, esqueci o que tinha acabado de lembrar.

Lembrei-me novamente quando ele se separou e disse: —Vejo você no café da manhã, *amore*.

—Sim— respondi.

—Boa noite, minha Silence.

—Boa noite, Mars.— Oh, meu Deus. Qual seria a regra? Tinha de haver alguma regra de etiqueta depois que alguém lhe dava um clímax. —E obrigado também— tentei.

Isso me rendeu outro grande sorriso e olhos dançantes antes de ele responder: —Sempre que quiser— seus lábios se aproximaram novamente dos meus e ele rosnou: —Quantas vezes você quiser, *mio ardente*¹¹⁰.

Ele roçou nossos lábios, se afastou, abriu minha porta e me fez

passar por ela com uma mão em meu traseiro.

Como na noite anterior, ele estava me olhando com indulgência enquanto eu fechava a porta.

Quando a fechei, encostei minha testa nela.

Senti Tril vindo em minha direção.

—Silence, você está bem? As coisas correram bem com seu noivo?

—Eu gostaria... de me preparar para dormir sozinha esta noite, Tril— eu disse baixinho para a porta.

Senti sua mão leve em minhas costas.

—Oh não, minha menina— ela sussurrou, parecendo perturbada.
—Ele a machucou?

—Não, foi lindo.

—Seu cabelo está desgrenhado. Será que ele...?

—Por favor, Tril— eu implorei.

—Eu não...

Virei minha cabeça para ela. —Você pode me desabotoar? E depois preciso estar em meus pensamentos.

Seu rosto se contraiu. —Ele assustou você?

—Não.

—Silence, amor, fale comigo.

Eu balancei minha cabeça. —Eu realmente preciso pensar. Esta noite foi um pouco difícil. Este país não é como o nosso, Tril. E esta noite, isso ficou muito claro para mim.

Ela examinou meu rosto, felizmente encontrou o que precisava encontrar e depois assentiu.

—Vou ajudá-la com seus botões. Venha para o vestiário. Vamos arrumar sua roupa. E depois, se precisar de mim, como sempre, estou aqui ao lado.

Eu adorava minha Tril.

Ela pegou minha mão e caminhamos juntas até o vestiário.

E, assim como Tril, ela me deu o que eu precisava, desabotoou meu vestido e me deixou.

Fiz minha toalete, vesti uma camisola e entrei no meu quarto, vendo que Tril havia deixado apenas as lâmpadas ao lado da minha cama para apagar.

Fiz isso uma a uma e depois me estiquei sob as sedas, olhando para o teto escuro.

Eu não tinha nada para dar.

Vim com um dote de que Mars não precisava, pois ele tinha ouro, prata, joias e peles a seus pés.

Eu não tinha um palácio.

Não tinha nenhum título que ele quisesse.

Certamente não tinha um reino.

Eu era apenas uma garota com um pouco de magia que, segundo as profecias, poderia fazer algo extraordinário.

Ao lado de seu rei.

Não era apenas eu que faria isso.

Mas eu era uma parte de Mars, e uma parte de outros seis.

Eu não era nada.

Eu também não era nada.

Eu nunca tinha sido nada.

Na verdade, eu não era nada.

Sem amigos.

Poucos pretendentes.

Até mesmo meu pai só encontrou utilidade para mim depois de vinte e três anos, quando uma maldição parecia estar se formando sob a terra.

E Mars havia me dito que gostaria apenas de mim por um tempo.

Depois, ele queria outras.

E ele os teria porque era Firenz. Ele era o rei. Este era seu país, seu mundo, seu jeito.

Eu teria de vê-lo com outras mulheres, tocando-as como ele me tocava, beijando-as como ele me beijava, colocando sua boca onde ele havia me dado tanto naquela noite.

O mundo estava de fato de cabeça para baixo.

A Besta se erguendo.

A regência de Cassius.

A convivência de Carrington.

Uma Nadirii para se casar com um Airenziano.

Dois Dellish para se casarem com Firenz.

Mas, apesar disso, eu tinha Mars.

E, daqui para frente, eu ainda o teria.

Mas ele não seria meu.

Eu havia chegado a Firenze sem nada que fosse meu.

E, mesmo casada com um rei poderoso, eu seguiria em frente sem nada que fosse meu.

Com esse pensamento, as lágrimas começaram a cair.

E com elas ainda rolando pelas minhas têmporas, virei-me de lado, enrosquei-me em mim mesma, deixei-as fluir e adormeci apenas com a companhia delas.



Durante toda a minha vida, não dormi bem nem mesmo em minha cama em Arbor.

Embora, depois dos primeiros dias lá, eu tenha dormido bem em minha cama no Palácio Catrame.

Portanto, eu não sabia o que havia me acordado naquela noite. Sentia-me angustiada. Perturbada. Inquieta depois de chorar.

Eu estava feliz por ter feito isso.

Mesmo que isso tenha mudado tudo.

Tudo em relação a mim.

Tudo sobre tudo.

Mas minha única outra opção de resultado naquela noite foi não ser respeitada.

O que ouvi foi o sussurro da tela na janela sendo baixada.

Mas foi a sensação do ar que me fez congelar.

Isso antes de eu gritar bem alto: —*Tril! Peça ajuda!*

Em seguida, rolei da cama na direção oposta à que ouvi o barulho (que, infelizmente, estava mais longe da porta).

Aterrissei de joelhos e, ao mesmo tempo, estendi a mão para a cômoda ao lado da cama, onde eu guardava uma pequena adaga que True havia me dado.

Ela tinha um belo véu de malaquita¹¹¹ no cabo.

E True havia me dito para nunca ficar sem ela.

Eu não a carregava comigo.

Mas eu sempre a mantinha por perto, principalmente, até aquele momento, simplesmente porque tinha sido um presente de True.

—*Peça ajuda, Tril!*— gritei, esperando por todos os deuses que ela tivesse me ouvido, começando a abrir a gaveta.

Não consegui colocar minha mão na adaga.

Um homem estava em cima de mim.

Gritei quando ele me jogou de costas, me dominou e suas mãos se fecharam em volta do meu pescoço.

Foi então que me engasguei, arranhei seus braços, chutei meus pés, balancei os quadris, com a boca bem aberta, tentando respirar.

Tentei me torcer, virar, ouvindo vagamente os pés baterem no chão.

Vindo pela janela.

Não apenas ele.

Outros.

Abri e fechei a boca, lutando para respirar e para gritar.

E ouvi o barulho alto e bem-vindo de aço batendo em aço.

Tril conseguiu ajuda.

Oh, eu amava minha Tril.

A sala se encheu de uma luz coral, como uma explosão de estrelas, antes de começar a desaparecer, e os sons de uma luta de espadas renovaram minhas forças.

E quando outra explosão estelar encheu o ar, mais sons de aço se chocando ecoaram por ele, concentrei toda a minha concentração em tirar aquelas mãos do meu pescoço, quando, de repente, senti uma emoção subir pela minha espinha.

Uma que eu não chamei.

E o homem que estava sobre mim grunhiu de surpresa antes de me soltar.

Inspirei um fôlego ardente e muito necessário.

O homem acima de mim estava levantando as mãos à sua frente.

Isso bem antes de elas explodirem em chamas.

Eu teria ficado olhando em choque.

Mas isso foi apenas um segundo antes de sua cabeça deixar os ombros.

O sangue jorrou sobre mim antes que o peso de seu corpo sem cabeça caísse sobre mim.

Ele foi empurrado quase que instantaneamente, uma mão puxou meu braço, me levantando, e ouvi Elena gritar: —Corra, Silence, *corra!*

Em outra explosão de coral, ela me soltou, mas eu fiquei congelado diante de tudo o que estava acontecendo. Assim, eu a vi lutar com um homem mais alto e maior do que ela, ele estava vestido de preto, uma máscara cobria sua cabeça e rosto, exceto os olhos, e suas espadas cortavam o ar e se conectavam.

E outra explosão estelar mostrou Serena na ponta da cama, enfrentando dois homens vestidos de preto.

E também Ophelia dentro da porta, aparentemente segurando quatro.

Aramus passou correndo por Ophelia, com um sabre longo em uma das mãos e uma lâmina curva que parecia uma foice de mão na outra. Ele chegou cortando com uma e esfaqueando com a outra qualquer coisa que se movesse e que estivesse vestida de preto.

E a sala estava cheia de homens de preto.

Com mais entrando pela janela.

Aquele com quem Elena estava lutando caiu no chão aos meus pés e ela gritou: —Silence, corra!— enquanto pulava na cama, atravessava-a, saltava e enfrentava um vilão do outro lado.

Foi então que True invadiu a sala com uma espada larga balançando.

Foi quando me virei para a minha cômoda, abri a gaveta, tirei a adaga e, como Elena havia feito, pulei na cama (provavelmente não tão graciosamente), quase caí correndo sobre ela...

Em seguida, apunhalei o homem com quem ela estava lutando no ombro, arranquei-o, apunhalei de novo e de novo, rapidamente.

Ele urrou, virou-se, um braço forte me atingiu e eu bati na cabeceira, batendo meu crânio contra a parede.

Elena aproveitou a oportunidade para cortá-lo.

Outro flash de coral encheu a sala e, vagamente, percebi o quanto isso era inteligente, pois fiquei temporariamente cega com ele, assim como qualquer pessoa, exceto os Nadirii, certamente estava. Isso lhes deu uma visão da sala ao mesmo tempo em que incapacitava seus oponentes, ainda que momentaneamente, mas de forma eficaz.

Vi no clarão do flash o homem que Elena cortou, caindo para frente.

Outra morte para os Nadirii.

Oh, Deuses.

No entanto, ele fez isso quando um homem que acabara de entrar pela janela às costas de Elena começou a erguer sua espada de duas mãos em direção ao teto.

Abri minha boca para gritar um aviso...

Mas um rugido de animal explodiu pela sala enquanto o ar se iluminava com as estrelas de um céu claro à meia-noite.

Cassius havia entrado na briga, lutando contra Elena.

Mas, graças aos deuses, True já estava lá.

Ele pegou o golpe para baixo que visava a Nadirii.

Ela girou e, enquanto True erguia a espada do vilão com a sua, ela puxou o braço para trás e atingiu o patife no estômago, levantando-se.

Naquele momento, soltei um grito ao ser arrancada da cama, com um braço em volta de minha garganta pelas costas, que me arrastou para trás.

Levantei minha adaga por cima do ombro e a abaixei, experimentando novamente a sensação repugnante quando ela atravessou a carne de seu ombro.

Ele me derrubou e eu estava despreparada, então, quando meu peso atingiu meus tornozelos, eles cederam e eu caí de joelhos.

O aço se chocou.

Homens e Nadirii grunhiram.

O coral brilhava no ar.

As estrelas brilhavam à meia-noite, enquanto as bordas da sala começavam a se arrastar com trilhas de um verde peculiar, como vinhas se desenrolando, e eu tinha certeza de estar enlouquecendo, pois não estávamos nem perto da água, mas podia jurar que ouvi ondas batendo.

O homem me curvou para mim, e eu me abaixei para fugir dele, esfaqueando-o na panturrilha.

Ele uivou, prendeu meu cabelo, me puxou para cima e eu gritei novamente, desta vez de dor, quando ele começou a me arrastar em direção a uma janela com tela, bem no momento em que a tela se rompeu e outro homem vestido de preto entrou.

—Silence!— True gritou.

Fiz a única coisa que podia fazer.

Golpeei tudo com minha adaga, atingindo a carne, mas não o suficiente.

Ele estava quase chegando à janela, levantando-me pelos cabelos como se fosse me jogar para fora.

Foi quando o verde desapareceu.

As estrelas piscaram.

A explosão de estrelas de coral cessou.

O som das ondas quebrando acabou.

E a sala se iluminou intensamente.

Acendeu-se em vermelho-sangue com o que pareciam ser erupções de lambidas de chamas.

Lampejos de chamas que irromperam no ar.

Isso aconteceu logo antes de um rugido alto e estrondoso rasgar o ar.

O homem que estava comigo *congelou*.

Parecia que o mundo inteiro havia congelado.

E então Mars estava lá. Com seu corpo enorme segurando uma espada gigantesca, ele girou na cintura e voou, cortando o homem que estava comigo *ao meio*.

Ao.

Meio.

O tronco despencando para um lado, os quadris e as pernas caindo para o outro, obviamente seu aperto no meu cabelo se soltou e, assim, Mars me pegou por baixo do braço e me girou para que eu ficasse de costas para ele.

Eu me enrolei, com os braços em seu pescoço e as pernas em seus quadris, segurando-me com tanta força que deixei cair minha adaga, achando que sua intenção era me tirar daquela loucura.

Mas com golpes poderosos de sua espada na luz carmesim, ele cortou tudo o que estava vestindo preto.

Tudo.

Ouvi um grito feminino enfurecido e virei a cabeça em sua direção, temendo que Elena, Serena ou Ophelia tivessem sido feridas, apenas para ver que Cassius estava segurando Elena em sua frente. Ele estava lutando para chegar à porta e também lutando contra ela, pois ela estava se debatendo como uma gata infernal para se livrar do controle dele.

Ele conseguiu chegar à porta e ela emitiu um grito de indignação quando ele a jogou para fora com um forte empurrão.

Com o corpo.

Não vi mais nada enquanto Mars girava ao redor, cortando a carne - braços, coxas, meio do corpo, pescoços, homens caindo em pedaços, espalhados pelo chão.

Ele simplesmente passou por cima deles para chegar ao próximo.

E o próximo.

Enfiei meu rosto em seu pescoço.

Ele continuou matando.

As batidas nauseantes pararam, os grunhidos de esforço, os de dor, os estrondos de aço, e percebi que o peito de Mars estava se agitando sob meus braços, mas ele havia parado de se mover.

Levantei minha cabeça.

Estávamos no corredor.

Todos nós.

Elena e Cassius.

Uma Ophelia coberta de sangue, com uma Serena igualmente

encharcada de sangue, parada não muito perto, mas não muito longe de sua mãe.

True, também coberto de sangue (assim como Elena e Cassius, a propósito), estava com Farah, que não se importava com o sangue. Sua frente estava pressionada ao lado de True, com os braços em volta dele.

Aramus estava no mesmo estado, com Ha-Lah à sua frente, apertando-se com força, os braços dela na cintura dele e os dele nos ombros dela.

Chu, Kyril, vários dos homens de Cassius e Aramus, bem como os tenentes de True, Wallace, Luther e Florian. Todos empunhavam espadas ou adagas ensanguentadas.

No final do corredor, vi alguns dos barões e chefes, também segurando espadas, algumas de suas lâminas manchadas de sangue.

Tril estava encostada na parede oposta, vestindo sua camisola, com as duas mãos cobrindo a boca, como se estivesse tentando não passar mal.

Ou segurando um grito.

A Rainha Elpis estava se aproximando apressadamente do final do corredor, e Guard, que eu suspeitava estar segurando-a, a seguiu.

A cabeça do rei Wilmer estava espreitando pela porta, mas tia Mercy estava no corredor.

Meu pai estava fora, minha mãe ainda estava lá dentro, e eu não conseguia vê-la.

Carrington também estava apenas com a cabeça para fora da porta de seu quarto.

Homens vestidos de preto jaziam no chão onde haviam morrido,

embora não passassem de um pequeno rastro ao longo do corredor. Talvez umas duas dúzias.

Mais alguns.

Duas dúzias de homens mortos.

Ou mais alguns.

Olhei de volta para o meu quarto.

O chão estava coberto de corpos (e partes deles).

O brilho vermelho havia desaparecido.

Eu ia passar mal.

Ou gritar.

Meus braços se soltaram.

Até que Mars rosnou: —Não me solte, porra.

Achei prudente segurar firme.

—Chame o Lorenz— ordenou ele, de forma brusca.

Chu se virou e saiu correndo pelo corredor.

—Eles entraram pelas janelas?— perguntou ele a Kyril.

—Vou obter um relatório— respondeu Kyril, virou-se e correu pelo corredor.

—Se houver mais, quero um deles vivo!— Mars gritou atrás dele.

Kyril apenas levantou a mão para indicar que tinha ouvido e desapareceu na esquina em direção às escadas.

—Se for você, eu o verei caminhar até o poço, assim como sua

rainha e a minha— continuou Mars, sua voz terrível em sua fúria silenciosa.

Olhei para seu perfil e vi que seus olhos estavam voltados para meu tio.

—Eu nunca faria isso.— Meu tio, percebendo que a ameaça havia terminado, entrou no salão.

—Sim, você faria, e se não fizesse, seu conselheiro faria— disse Mars.

O rosto do tio Wilmer ficou vermelho.

—Calúnia!— Carrington gritou, também entrando no saguão.

—Vamos ver— disse Mars.

—Posso me soltar?— Perguntei suavemente.

—Não, porra— respondeu Mars, nem mesmo virando a cabeça para me olhar.

Eu me segurei.

—Onde está a Sofia?— perguntou Elpis.

Fiquei imóvel.

Mars ficou sólido.

Farah soltou True e correu pelo corredor.

—Farah!— True gritou, correndo atrás dela.

Ela chegou antes de True, abriu a porta...

E soltou um grito de gelar o sangue que fez minhas veias gelarem.

Ela então começou a correr para dentro, mas True a pegou pela

cintura e a puxou para trás.

Foi então que Mars se mexeu, tirando-me de suas costas e me jogando na direção de Luther, que me pegou, e fez isso levantando um dedo na cara do homem de True e avisando: —Se algo de mal acontecer a ela, você morre.

Ele então seguiu o caminho de True e Farah.

Finalmente, meus pés estavam novamente no chão.

Embora estivessem no chão a cerca de 30 centímetros de distância de onde jazia um homem morto.

—Feche a porta— ordenou True a Cassius, que havia chegado em seguida.

Vi Elena olhar em volta de Cassius e ficar pálida.

—*Feche a maldita porta!*— True gritou, tendo problemas para conter uma Farah agora histérica.

Mars chegou a tempo de dar uma olhada enquanto Cassius entrava com o que parecia ser uma cautela, segurando Elena com um braço forte, e fechava a porta.

—Juro pela maldita deusa, Cassius ...— ela começou, sua voz tremendo de fúria.

—Conversaremos mais tarde— Cassius grunhiu.

—Nós vamos, *porra*— ameaçou Elena.

Mas eu estava observando Mars.

Sua cabeça estava inclinada, com os olhos fechados.

Meu coração se afundou.

Ele parecia...

Aflito.

Elpis tinha chegado até eles e estava com as mãos em Farah, tentando ajudar True a acalmá-la, mas sua atenção estava em seu filho.

—Mars?— ela perguntou trêmula quando Basil saiu correndo pelo corredor.

Mars olhou diretamente para ele.

—Arranje um maldito encantador de serpentes— ele disse.

Basil parou, com a cabeça balançando em choque, depois deu quatro passos para trás antes de se virar e correr novamente, desta vez na direção oposta.

—Uma dúzia deles!— Mars gritou em suas costas.

Serpentes?

Farah caiu no chão.

Elpis caiu com ela, puxando-a em seus braços, com lágrimas caindo pelo rosto e sons de choro saindo de seus lábios.

Puxei os braços de Luther.

—Condessa— ele murmurou.

Eu olhei para ele.

—Farah— sussurrei.

Ele tomou a decisão correta diante da expressão em meu rosto, pegou meu braço e me guiou até ela.

Ajoelhei-me e fiz o possível para puxar tanto ela quanto Elpis para

os meus braços, pois elas haviam desabado uma sobre a outra, soluçando.

Mas olhei para cima quando Cassius murmurou: —Aramus— quando Aramus abriu a porta do quarto de Sofia.

Uma serpente negra com olhos de esmeralda deslizou em direção à liberdade, mas foi apanhada pela ponta da foice de Aramus, levantada apenas um centímetro e caindo em duas partes pela lâmina afiada.

No local onde ela se separou, havia uma fraca faísca de luz amarela.

Ele fez o mesmo com outra.

E obteve a faísca.

E outra.

Com a faísca.

Magia.

Olhei para além de seu corpo volumoso.

Só para ver a cama coberta de corpos negros deslizantes e reluzentes, olhos de esmeralda que não piscavam, e Sofia quase enterrada sob eles, olhando fixamente para o teto.

Fechei meus olhos com força.

—Cassius, não vá...— Elena começou.

Abri os olhos apenas para ver a porta se fechar para Cassius com Elena do outro lado.

Vi um movimento e virei meu olhar para ele.

Mars estava agachado ao lado de um corpo vestido de preto, tirando o capuz apertado, levantando a cabeça pelos cabelos escuros e olhando para o rosto.

Ainda segurando-a, seus olhos vieram até mim.

E eles eram o que eu pensei ser um truque de luz antes.

Mas não era um truque.

Eram chamas gêmeas ardendo em mim.

Eu nunca tive medo dele.

Na verdade, não.

Eu sabia disso até aquele momento.

Porque, naquele momento, ele me aterrorizou.

—Agora você vai, meu macaquinho— ele começou, sua voz era uma coisa física, deslizando para mim ameaçadoramente como uma daquelas serpentes de olhos esmeralda¹¹², —aprender o que realmente significa ser um Firenz.

Abracei as mulheres que soluçavam contra mim, mas agora o fiz tremendo.

Foi então que me balancei poderosamente para trás, Farah e Elpis balançando comigo, Ha-Lah, que estava se movendo em nossa direção, jogando os braços para fora para se equilibrar.

O chão se moveu mais e mais, sacudindo-nos, as paredes, os lustres no teto.

A porta do quarto de Sofia se abriu e Cassius e Aramus saíram em disparada, Aramus batendo a porta atrás de si, os braços longos de Cassius puxando Elena para ele, enquanto Aramus corria para Ha-Lah.

Isso enquanto True se agachava sobre Farah, Elpis e eu.

Mas Mars se aproximou de mim com passos longos e seguros, levantando-me, virando-me para ele, dobrando e levantando minhas pernas enquanto seus joelhos se dobravam.

Ele caiu de costas, curvando-se sobre mim com seu corpo e me segurando com força no momento em que o gesso se soltou do teto e começou a chover sobre nós.

Ouvi gritos, pessoas correndo, um lustre no corredor caindo no chão.

E então ele veio, baixo no início, mas cresceu, cresceu, enchendo o ar ao nosso redor de tal forma que você estava respirando.

Era como um trovão vindo de baixo, sacudindo a terra, o palácio, o próprio planeta, à medida que éramos envolvidos por um rugido baixo e mais alto e, em seguida, por um rugido final ensurdecador e furioso que era tão forte, tão aterrorizante, que forcei minhas mãos através do pequeno espaço entre mim e Mars e cobri meus ouvidos.

Ele não parou de repente.

Ele diminuiu de volume à medida que o tremor ao nosso redor se estabilizava.

Até que ambos desapareceram ao mesmo tempo.

Esse foi o pior.

O pior terremoto, *de longe*.

E nunca, nem uma vez, tínhamos ouvido aquele rugido.

Mars se encolheu, ainda me segurando perto de seu peito.

Olhei para ele.

Ele estava olhando para True.

Eu me virei para True, apenas para ver os olhos arregalados de Farah em mim.

Eles brilhavam em topázio.

—A Besta está quase chegando— sussurrou a Rainha Ophelia.

Oh.

Deuses.

Fim da primeira parte

Continua...





Continent of Triton

Seil Sea



AV950

A tradução foi feita por GT como forma a propiciar acesso a obra que não tem previsão de publicação no Brasil, sem de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

Em havendo publicação veiculada por editoras brasileiras retirada com o intuito de preservar os direitos autorais dos autores.

O leitor fica ciente que o download da presente obra é exclusivamente pessoal e privado, não devendo ser disponibilizada em rede social ou tornar público o trabalho de tradução.



Lançamento em parceria com



Notes

[←1]

O continente ao oeste das Terras do Norte e Terras do Sul, e ao leste de ‘Os Místicos. É cercado pelo Mar Verde a leste, o Mar de Tritão a oeste, o Mar de Seil a norte e o Mar de Fotiá a sul. Consiste de uma grande massa de terra sobre o tamanho da Austrália e uma grande ilha (Mar-el) a nordeste. Países incluem Airen, Os Encantamentos, Firenze, Mar-el, Wodell e a cidade-estado de Go'Doan

[←2]

Casa do Rei de Airen. Localizado na Baía do Céu.

Floresta no centro do continente de Tritão com árvores feitas magicamente alto e robusto a fim de abrigar a Irmandade Nadirii em suas casas nas árvores. Protegido por magia feroz, Os Encantamentos não pode ser violado por qualquer outra pessoa que não seja uma da Irmandade ou a menos que dada permissão Nadirii. Independentemente da intensidade de magia que a protege, é patrulhada constantemente por guerreiras Nadirii.

Irmandade de guerreiras que vivem em uma floresta encantada (Os Encantamentos) sem homens. O véu ao redor desta floresta foi levantada depois que as mulheres de Airen se revoltaram contra seus opressores, encantando-os para dormir, cortando suas gargantas e escapar, roubando para a noite para a floresta encantada recém-estabelecida. Ninguém pode entrar sem permissão de Nadirii.

Firenze-(Fir-ehn-ZAY): País de Firenze situado em todo o sul do continente Tritão. O maior país em Tritão. A maior parte do país é deserto ou dunas de areia com o meio do país tendo uma cadeia de montanhas muito grande com picos altos que recebem grandes quantidades de neve. Quando esta neve derrete, inunda o Lago do Fogo, perto da Cidade do Fogo, e leva a um grande número de rios e afluentes que cortam o deserto e dunas com faixas de oásis férteis

[←6]

País de Wodell situado no noroeste do continente Tritão. Muito fértil e verde, constituído por de terrenos agrícolas, florestas, colinas, colinas e charnecas.

[←7]

País de Mar-el, nação ilha situada a nordeste de Tritão (ao largo da costa de Airen). Composta por rochas escuras ao redor das margens, praias, terra fértil no interior. A maioria da população trabalha em alguma forma de comércio marítimo.

País de Mar-el, nação ilha situada a nordeste de Tritão (ao largo da costa de Airen). Composta por rochas escuras ao redor das margens, praias, terra fértil no interior. A maioria da população trabalha em alguma forma de comércio marítimo.

[←9]

Outro nome para a cidade-estado de Go'Doan, nomeado como tal, é conhecido por seu ouro abundante.

[←10]

(1) Religião em Tritão com templos em todo o continente onde as pessoas adoram seus deuses **ou** (2) Cidade-estado de sacerdotes, estudiosos e curandeiros com templos, arquivos da história Tritão e uma universidade. Também conhecida como Cidade da Cúpula.

Acólito é um assistente ou seguidor (feminino ou masculino) que ajuda o celebrante em um serviço religioso ou procissão. Em muitas denominações cristãs, eles auxiliam os ministros ordenados nas ações litúrgicas

[←12]

Área na Pequena Floresta de Thicket do país de Wodell onde os rituais eram (são) conduzido, incluindo o sacrifício humano.

Floresta na fronteira leste do país de Wodell, fronteira oeste de Airen. As partes dele em Airen são conhecidas como a Floresta de Argyll. Dentro dela em Wodell fica o antigo campo de rituais.

[←14]

Um 'coven' é um termo que se refere a um grupo de bruxas ou praticantes de bruxaria que se reúnem para realizar rituais, feitiços e outras práticas mágicas.



Círculo de Pedras na Floresta na fronteira ocidental de Airen, onde se encontra com Os Encantamentos e a cidade-estado de Go'Doan. Composta por cinco pedras permanentes e uma laje sacrificial/ritual.

Floresta na fronteira ocidental de Airen, local de Os Encantamentos, a cidade-estado de Go'Doan e Wodell. As partes dele em Wodell são conhecidos como a Pequena Floresta de Thicket. Localização do Silbury Henge.

Proveniente do país de Wodell

[←18]

Proveniente do país de Firenze

Proveniente do país de Airen

Em termos místicos 'A Cabeça' frequentemente simboliza a autoridade de governar, ordenar e instruir.

[←21]

‘O Cristal’ simboliza a transição entre o mundo dos sentidos e o mundo místico.

[←22]

Em termos místicos 'O Guerreiro' representa a coragem, a força e a determinação.

‘A Sombra’ representa tudo o que é irreal, fugaz e sujeito a mudanças. Também simboliza alma, imagem e o que não pode ser visto claramente, aquilo que permanece escondido, oculto.

[←24]

‘O Sábio’ simboliza a capacidade de ver através do obvio e encontrar a verdadeira sabedoria.

Misticamente 'O Coração' simboliza o centro da vida, da coragem e da razão.

‘O Galo’ está associado à bravura e à tenacidade na luta. Como alguns seres da mitologia universal, nomeadamente os deuses guerreiros. Eles também são um símbolo de orgulho, coragem e honestidade

A Esfera é um símbolo da totalidade do Universo e de Deus. Traduz a perfeição, o poder e a expansão e, por essa razão, foi escolhida como o símbolo dos imperadores e dos reis em muitas nações.

Gogmagog era um gigante lendário na galesa e mais tarde na mitologia inglesa. Ele era um habitante gigante de Albion, jogado de um penhasco durante uma partida de luta livre com Corineus.

As sereias são consideradas ‘Semideuas do Mar’

O estúdio é basicamente um loft, a diferença é que neste estilo ainda existem algumas divisões internas, como a de um quarto ou escritório e eles tendem a serem menores em relação ao espaço.

[←32]

Lago muito grande localizado no sudeste do país de Airen

Marijuana (ou maconha). Usado principalmente em Firenze, mas disponível em todo Tritão.

Casa do rei de Mar-el. Localizada em Nautilus, a capital

Cidade capital de Mar-el, localizada na costa sudoeste

[←36]

Baleias-íbex-(baleias-EYE-Bex): Baleias das quais os touros têm presas enormes e estriadas que se parecem com as de um íbex.

[←37]

Angmostros-(Aing-MO-stros): Criaturas marinhas na forma de enormes enguias, com cerca de cem metros de comprimento, com duas cabeças com pescoços longos, bocas muito grandes e dentes muito afiados.

Bounden: Aqueles levados ao serviço em Mar-el como punição por navegar nos mares de Tritão sem permissão do rei de Mar-el. Esta punição é conhecida e quem navega nos mares arrisca se for apanhado fazendo isso. O serviço do bounden dura uma quantidade especificada de tempo e aqueles tomados nele são guardados sob restrições significativas, como pela lei a respeito de seu tratamento. Uma vez que o serviço é feito, muitos do bounden permanecem em Mar-el para fazer suas vidas lá

[←39]

Coldre ou estojo sem tampa em que se guardavam e transportavam as setas (flechas) e que era carregado nas costas, pendente do ombro.

[←40]

Deus do mar, adorado em Mar-El.

Deusa do mar. Adorada em Mar-el.

Os dois continentes a leste de Tritão através do Mar Verde. (Na série Fantasyland é chamado de Northlands e Southlands)

Corpo de água a leste do continente de Tritão.

O continente ao oeste de Tritão através do Mar de Tritão.

[←45]

País que ocupa a parte norte das Terras do Norte (Northlands). Governado pela Rainha Aurora (*personagem da série Fantasyland*).

A maneira como os lunwynianos (pessoas de Lunwyn nas Terras do Norte) descrevem um nome ou como o conhecemos como cristão ou primeiro nome.

[←47]

Rio Tebes-(TEH-behz): Grande rio que flui da cordilheira Sheeonee em Firenze, em direção ao norte o país de Wodell

Corpo de água a oeste do continente de Tritão.

São os novos sacerdotes (ou padres)/sacerdotes estagiários.

[←50]

São os sumos sacerdotes.

[←51]

São os padres avançados, muitas vezes são enviados para fazer o trabalho missionário ou ensinar em escolas Go'Doan em toda Tritão.

Cidade capital de Firenze. Localizado ao norte da Cordilheira de Sheeonee que ocupa a centro de Firenze.A Cidade do Fogo está perto do Lago do Fogo, o maior lago em Firenze.

[←53]

A expressão 'toga, via' é uma combinação de palavras em italiano que pode significar algo como 'tire a Toga' em português.

Língua de Firenze (muito parecido com o italiano)

A expressão 'bocca' é uma palavra italiana que significa 'boca' em português.

A expressão ‘Labbra, mia gazzella’ é uma combinação de palavras em italiano que poderia ser traduzida como ‘Meus lábios, minha gazela’ em português.

A expressão 'Forte, mio toro' é uma combinação de palavras em italiano que pode ser traduzida como 'Meu forte touro' em português.

A expressão 'labbra' é uma palavra italiana que significa 'lábios' em português.

A expressão 'Non dentro, mio amore. Solo per me' é uma combinação de palavras em italiano que pode ser traduzida como 'Não para dentro, meu amor. Somente para mim' em português.

[←60]

A expressão 'esci' é uma palavra italiana que significa 'sair' ou 'saia' em português.

A frase ‘Attento, falso prete’ é uma expressão italiana que pode ser traduzida para o português como ‘Cuidado, falso padre’ ou ‘Atenção, falso sacerdote’.

Corrente conjugal: forma Firenz de aliança de casamento. Começa na parte superior da orelha, desce até o lóbulo, atravessa a narina e desce até terminar em um arco na lateral da boca. Na maioria dos casos, se indicar casamento, é usado do lado direito. Significa ouvir seu cônjuge, mantê-lo em mente e comunicar-se honestamente com ele.

País no meio das Northlands, ao sul de Lunwyn, ao norte de Fleuridia, governado pelo Rei Noctorno e Rainha Cora (*personagens da série Fantasyland*).

Cidade em Hawkvale nas Northlands (*série Fantasyland*).

A expressão 'mio amore' é italiana e significa 'meu amor' em português.

[←66]

A expressão 'mio buco' é uma combinação de palavras em italiano que significa 'meu buraco' em português.

Floresta no centro do continente de Tritão com árvores feitas magicamente alto e robusto a fim de abrigar a Irmandade Nadirii em suas casas nas árvores. Protegido por magia feroz, Os Encantamentos não pode ser violado por qualquer outra pessoa que não seja uma da Irmandade ou a menos que dada permissão Nadirii. Independentemente da intensidade de magia que a protege, é patrulhada constantemente por guerreiras Nadirii.

[←69]

Trocadilho com o nome do personagem ‘True’ que significa ‘Verdade’

Palácio Real do Rei de Firenze. Localizado na Cidade do Fogo.

A expressão 'Mio re' é italiana e significa 'meu rei' em português.

[←72]

A expressão ‘Alzati’ é em italiano e significa ‘Levanta-te’ ou ‘Levante-se’ em português.

[←73]

A expressão ‘piccolina’ é uma palavra italiana que significa ‘pequenina’ ou ‘muito pequena’ em português.

[←74]

Rosa – no sentido de *rubor*

[←75]

Encantador ou fascinante (italiano)

[←76]

A frase 'Sì, mio re' é italiana e pode ser traduzida para o português como 'Sim, meu rei'.

[←77]

A frase está em italiano e pode ser traduzida como ‘Salve, Protetor dos Mares’ em português

[←78]

A frase está em italiano e pode ser traduzida como ‘Salve, A Gande Beleza do Mar’ em português

A frase 'Lei mi ha sorriso! La Grande Bellezza mi ha sorriso' está em italiano e pode ser traduzida para o português como 'Ela sorriu para mim! A Grande Beleza sorriu para mim'.

Falange, no contexto militar, é uma formação retangular de infantaria grega antiga, tipicamente composta por lanceiros. Os falangistas mantinham uma formação cerrada, com as armas das primeiras linhas

[←81]

O ciclâmen é considerada uma planta de sentimentos duradouros e carinho sincero

Lago do Fogo: Lago muito grande a leste da Cidade do Fogo no país de Firenze formado por escoamento de neve derretida das Cordilheiras Sheeonee

A expressão 'sorellina' é italiana e significa 'irmãzinha' em português.

[←84]

A guarda de elite que é comissionada com a segurança do Rei e Rainha de Firenze. Também conhecido como 'Os Confiáveis'

[←85]

Ashesh (droga semelhante ao ópio. Disponível em todo o Tritão. Cultivado em Firenze

Feito nos meninos e meninas aos treze anos em Firenze, é a cerimônia onde o ouvido direito é perfurado na parte superior e lóbulo, bem como a narina e o lado do lábio superior. É onde a corrente conjugal é rosqueada depois de um Firenz é casado. Pequenos aros são usados nestes piercings até que uma pessoa é casada e leva a sua corrente.

A freesia, plantas bulbosas floríferas, cujos cachos de flores exalam perfume agradável, e que são largamente cultivadas nos jardins.

[←88]

‘Sì, signore’ é uma expressão em italiano que significa ‘Sim, senhor’ em português.

A expressão 'Sì, signore. Subito' é uma combinação de italiano e italiano que significa 'Sim, senhor. Imediatamente' em português.

[←90]

A expressão ‘adesso’ é uma palavra italiana que significa ‘agora’ ou ‘agora mesmo’— em português.

[←91]

A expressão ‘Bere, principessa?’ em italiano que significa ‘Bebida, princesa?’ em português

A expressão 'Scintille, per favore' é italiana e pode ser traduzida para o português como 'Brilho, por favor' [algum tipo de bebida borbulhante, tipo Champagne]

A expressão ‘mia piccolina’ é uma palavra italiana que significa ‘minha pequenina’ ou ‘minha pequena’ em português.

A expressão ‘mia figlia’ é italiana e significa ‘minha filha’ em português.

[←95]

A expressão está em italiana e pode ser traduzida como ‘Ela é corajosa’ em português.

[←96]

A expressão ‘piccolo’ é uma palavra italiana que significa ‘pequeno’ em português.

[←97]

A expressão está em italiana e pode ser traduzida como ‘Olá, preciosa’ em português

Fumeria-(Foo-mare-EE-ah): Cachimbo de água. Semelhante a um bongo de maconha, mas muito mais elegante e ornamentado

A expressão 'sorelle' é uma palavra italiana que significa 'irmãs' em português

[←100]

A expressão 'Sorelle della Bestia' é uma combinação de palavras italianas que pode ser traduzida como 'Irmãs da Besta' em português.

[←101]

A expressão ‘mia bellezza’ é italiana e significa ‘minha beleza’ ou ‘minha bela’ em português

Banshee é um ente da mitologia celta conhecida como um ser maligno. As banshees eram como seres que previam a morte, seu grito poderia ser ouvido a quilômetros de distância

A expressão 'debole' é uma palavra italiana que significa 'fraco' em português.

A expressão 'sanguina' é italiana e significa 'sangue' em português

[←106]

A expressão ‘mio piccolo buco’ é uma combinação de palavras em italiano que significa ‘meu pequeno buraco’ em português

Bairro da Luz Vermelha na Cidade do Fogo, Firenze. Onde encontrar prostitutas (masculino e feminino), para participar em orgias ou outros jogos sexuais e jogar, consumir fumo (maconha) ou *ashesh* (droga semelhante ao ópio. Disponível em todo o Tritão. Cultivado em Firenze) ou *koekah* (Droga semelhante à cocaína. Disponível em toda Tritão. Cultivado e fabricado em Firenze) e outras formas de decadência.

[←109]

Capital do país de Wodell, localizado a leste da Grande Floresta de Thicket.

[←110]

A expressão ‘mio ardente’ é uma combinação de palavras em italiano que significa ‘meu coração’ em português

[←111]

A malaquita é conhecida por suas faixas ou estrias verdes distintas que a tornam uma pedra atraente para a criação de joias e é apreciada por sua associação com propriedades metafísicas e espirituais.

[←112]

Serpentes de Firenze. Preta com olhos cor de esmeralda. Altamente venenosa